FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

FAIANÇAS PORTUGUESAS DA CASA DO INFANTE, PORTO

(Dos finais do século XVI a meados do século XVII)

José Miguel Marques da Costa Oliveira

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

Abril/2013

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica de Rosa Varela Gomes

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à Daniela Viela por todo o seu apoio, sapiência, espírito crítico, companheirismo e carinho. Obrigado por me ouvires, aconselhares e me aturares.

À minha família e amigos pelas suas palavras de confiança e apoio que tanta força me deram para conclusão desta Tese

À minha orientadora Rosa Varela Gomes, por toda a sua sabedoria, ilimitada paciência e dedicação.

Ao António Manuel Silva por toda a sua orientação, disponibilidade, apoio e manifesto interesse em todo o processo de elaboração deste trabalho.

À Tânia Casimiro, Anabela Sá, Manuela Ribeiro, Rudi Martins e Arquivo Histórico e Municipal do Porto peço seu apoio, acessibilidade e orientação.

RESUMO

Faianças portuguesas da Casa do Infante, Porto
(Dos finais do século XVI a meados do século XVII)

José Miguel Marques da Costa Oliveira

PALAVRAS-CHAVE: faiança portuguesa, Casa do Infante, séculos XVI-XVII, Arqueologia Moderna, Porto

Esta dissertação tem como objecto de estudo a identificação, análise e registo de 8425 fragmentos de louça estanífera, provenientes da intervenção arqueológica da Casa do Infante, Porto, materiais resultantes de três depósitos bem datados, nomeadamente 203 do **Depósito 1**, de finais do século XVI, 523 do **Depósito 2**, 1º terço do século XVII e 7692 do **Depósito 3**, 3º terço do século XVII.

O objetivo a que nos propusemos foi o de identificar as formas e motivos decorativos mais comuns, traçando um quadro cronológico e evolutivo deste tipo de produções no arqueossítio analisado. Para tal foi criada uma amostra com cerca de 209 peças cuja descrição pormenorizada se encontra estruturada neste trabalho. Através da análise de tonalidades de pastas e seus constituintes, cruzados com a identificação de usos de trempes na cozedura ou de eventuais craquelês, ensaiámos ainda a identificação dos principais centros produtores que abasteceram este edifício durante o período em estudo.

Concluímos que a Casa do Infante, entre finais de Quinhentos e meados de Seiscentos, consumia principalmente louça de servir à mesa, sendo pratos a maioria das formas identificadas, seguindo-se as taças e tigelas. São atribuídas às olarias de *Vila Nova*, na margem sul do rio Douro, mais de metade das peças aqui analisadas.

ABSTRACT

Portuguese faience of Casa do Infante, Porto
(From the late sixteenth century to the mid-seventeenth century)

José Miguel Marques da Costa Oliveira

KEYWORDS: Portuguese faience, Casa do Infante, 15th - 16th century, Modern Archaeology, Oporto

This thesis has as subject the identification, analysis and registration of 8425 fragments of tin-glazed earthenware, from the archaeological excavation of Casa do Infante, Porto. These were divided into three well-dated deposits, 203 from **Deposit 1**, from the end of the sixteenth century, 523 from **Deposit 2**, 1st third of the seventeenth century and the 7692 from **Deposit 3**, 3rd third of the seventeenth century.

The objective we set was to identify the most common forms and decorative motifs, tracing a chronological framework and evolution of such productions in the analysed archaeological site. To do this we created a sample of about 209 parts whose detailed description is structured in this work. Through the analysis of the clay`s color and their constituents, crossed with the identification of uses in cooking trivets or any craquelês, we commit ourselves further to identify the main production centres that fuelled this building during the study period.

We conclude that the Casa do Infante, between the end of 16th century and the mid of 17th century, consumed mainly serving dishes to use on the table, and most forms identified are dishes, followed by cups and bowls. More than half of the pieces analysed here are attributed to the potteries of *Vila Nova*, in the southern riverside of Douro.

[DECLARAÇÕES]

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, 15 de Abril de 2013

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

A orientadora,

Lisboa, 15 de Abril de 2013

Índice

Capítulo I - Introdução **1**

I.1. Metodologia **4**

Capítulo II – A Casa do Infante **11**

II.1. A história do edifício **11**

II.2. A intervenção arqueológica **15**

II.3. O estudo do espólio arqueológico **17**

Capítulo III: O Estudo da faiança de depósitos bem datados **19**

III.1. Caracterização dos depósitos **19**

III.2. Universo e quantificação das faianças **26**

III.2.1. Análise das pastas 30

III.2.2. Análise de conjunto 35

III.2.3. Análise das formas 37

Capítulo IV: Resultados e discussão **48**

IV.1. Estudo da Amostra **48**

IV.1.1. Pastas 49

IV.1.2. Formas 56

IV.1.3. Motivos decorativos 68

IV.1.4. Grupos de fabrico 94

Conclusão **105**

Bibliografia **110**

Anexo: Catálogo de Peças

Capítulo I - Introdução

A ideia de fazer uma dissertação de mestrado sobre faiança portuguesa de finais do século XVI e do XVII surgiu como um grande desafio. Estudar este tema tão complexo é estudar toda uma dinâmica tecnológica, estética, económica, cultural e social que abrange todo o período histórico moderno, auge da expansão portuguesa no mundo. Sendo um tema sensível e ainda relativamente pouco estudado em contextos arqueológicos foi um estímulo para mim poder aplicar todo o meu esforço e saber numa tese que pudesse vir a ajudar ao estudo geral daquele tipo de faiança.

A possibilidade de estudar a faiança portuguesa do arqueossítio da Casa do Infante, cujos responsáveis tanto interesse e disponibilidade me transmitiram, despertou em mim um grande sentido de responsabilidade. Trata-se sem sombra de dúvida do maior projeto arqueológico alguma vez realizado na cidade do Porto. Um projeto levado a cabo por reputados investigadores, cujo profissionalismo, competência e conhecimento são uma referência para todos aqueles que, tal como eu, estão a dar os primeiros passos na área da investigação.

Aquele projeto audacioso, realizado entre os anos de 1991 e 2001, tornou-se uma referência para muitos de nós, pois foram utilizados métodos e técnicas ao nível de metodologia de escavação, de registo e de análise de dados amplamente utilizadas pelos arqueólogos profissionais na atualidade. Entrando nas instalações da Casa do Infante onde estão depositados todos os registos desta intervenção é notória a quantidade de informação acumulada. Infelizmente, o projeto terminou sem que fosse possível compilar e publicar todos os resultados da intervenção, permitindo não só uma visão geral do desenvolvimento histórico e arquitectónico do sítio, ao longo dos séculos, mas também a possibilidade de várias visões particulares do diverso espólio quotidiano e excepcional que daqui foram recolhidos. O estudo da faiança portuguesa provenientes de depósitos bem datados, cuja selagem está comprovada por documentos históricos e dados arqueológicos, começou durante o período de intervenção da Casa do Infante, em meados dos anos 90 do século XX. Pretendeu-se obter o maior número de informação possível de todos os fragmentos, pelo que se utilizaram várias técnicas de análise. A observação macroscópica focou-se em vários aspectos, da composição da pasta às formas das peças, ao tipo de esmalte e à pintura e

sua composição. Os dados disponíveis até então foram publicados em diversos trabalhos, mas sobretudo num artigo fundamental para o estudo da faiança da Casa do Infante: "200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII", da autoria de Paula Barreira, Paulo Dórdio e Ricardo Teixeira nas Atas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval realizadas em de Tondela e publicadas em 1998.

Uma tese de mestrado é um estudo que pretende sempre dar um contributo novo ao objecto que se pretende estudar, queremos assim, com esta dissertação, retomar o que já foi conseguido, e juntar-lhe os novos dados que tivemos a oportunidade de recolher. Os nossos objectivos passam em primeiro lugar por limitar o nosso objecto de estudo. A princípio queríamos apenas destacar a produção de faiança entre finais do século XVI, início da produção de faiança pintada portuguesa, até finais do século XVII, abarcando o auge e posteriormente o início de decadência deste tipo de produção. No entanto, a limitada presença de faiança portuguesa nos dois primeiros depósitos (depósito de finais do século XVII e do 1º terço do século XVII) "obrigou-nos" a entrar também no estudo da faiança esmaltada estanífera sem decoração, ou com decoração a azul simples, conhecida como louça malagueira, termo adoptado das produções espanholas, andaluzes e do Levante. Sendo, por vezes, considerado um parente pobre da faiança, ou mesmo não sendo considerado como tal até muito recentemente, visão alterada principalmente após o estudo de Rafael Salinas Calado sobre a faiança da Casa Museu Guerra Junqueiro (CALADO, 2003), este tipo de produção, sendo pouco estudado, é muito difícil de definir a origem da sua produção. O mesmo acontece nas louças malagueiras da casa do Infante das quais não podemos identificar se o seu centro de produção tinha origem em Portugal, dado que vinham a ser fabricadas em Lisboa desde meados do século XVI (SEBASTIAN, 2011) ou de outro país Europeu. Apesar destas produções apresentarem paredes mais grossas, esmaltes espessos e pouco cuidados, além de formas distintas como o prato com ônfalo, são certamente as produções que mais contribuíram para o ponto de partida da produção de faiança pintada em Portugal. Neste estudo vamos analisar a evolução deste tipo de faiança nos dois primeiros depósitos em relação à faiança tradicional, ou seja o nosso objecto de estudo nesta tese de mestrado é a faiança portuguesa. Julgamos que designação de faiança feita pela investigadora Tânia Casimiro (CASIMIRO, 2010) "*A Faiança Portuguesa nas Ilhas Britânicas*" a mais

adequada como conceito. Ou seja, a faiança é toda a cerâmica que, independentemente da sua forma, seja revestida por um esmalte estanífero, e produzido em Portugal desde a segunda metade do século XVI (CASIMIRO, 2010, p. 2 a 3). Podemos acrescentar apenas que normalmente estas peças eram fabricadas com argilas com grande percentagem de carbonato de cálcio proveniente de regiões calcárias que resultam em pastas claras mesmo após a cozedura. Quanto maior for a pureza da argila mais clara fica a pasta, variando entre o branco, bege, amarelo e cinzento claro. A importância de utilização destas argilas deve-se ao facto de após a primeira cozedura existir uma melhor relação química para colocação do esmalte estanífero, impedindo o deslocamento do vidrado (SEBASTIAN, 2011, p. 198 a 199). Em muitos casos e por uma questão prática e económica, as margas, como são designadas as argilas constituídas por carbonato de cálcio, eram misturadas com argilas ditas figulinas. Estas últimas têm uma tonalidade vermelha, adquirida pelos óxidos de ferro que fazem parte da sua constituição, sendo normalmente utilizado nas olarias convencionais de barro vermelho. Muitas peças de faiança têm um cerne rosado ou mesmo vermelho que resulta precisamente da mistura de argilas caulinas com argilas figulinas.

Em relação aos exemplares que nos propomos estudar, efetuámos após uma quantificação de todos os fragmentos, divididos por depósitos bem datados histórica e arqueologicamente, e fizemos uma subdivisão por tipo de pasta. Com isto pretendemos determinar possíveis centros produtores e evolução de técnicas produtivas ao longo do espaço temporal em estudo. Dentro de cada depósito foi feito um trabalho de colagem que nos permitiu identificar e catalogar diversas peças. Vão ser estas peças que em princípio nos darão maiores informações sobre vários aspectos, como determinar os formas deste tipo de produções que estiveram em uso na Casa do Infante. Tentaremos compreender a evolução artística presente nas pinturas das peças, e se essa arte estará ligada a um centro produtor específico ou se evoluiu ao mesmo tempo independentemente do seu local de produção. Para tentar concretizar estes objectivos foi necessário não cair no erro de catalogar apenas as peças mais completas, muitos fragmentos soltos foram catalogados como peça pois apresentavam à partida um estilo decorativo representativo para o seu depósito.

Deste modo, tentaremos, ao longo das páginas seguintes, apresentar todas as formas representadas nas faianças deste arqueossítio, os tipos de pasta de fabrico, os

estilos decorativos presentes, e com isto, conjugar todos os dados para uma linha cronológica evolutiva e estilística da faiança em uso na Casa do Infante desde o final do século XVI até à segunda metade do século XVII.

I.1. Metodologia

A Arqueologia Moderna é ainda uma área recente no campo desta disciplina. Contamos ainda com poucos estudos de coleções de faiança exumados em sítios arqueológicos bem definidos para os séculos XVI e XVII. Como tal, serviu-nos naturalmente de apoio e inspiração, o estudo e resultados publicados das intervenções de Silves (GOMES; GOMES, 1996), Funchal (GOMES; GOMES, 1998), São João de Tarouca (SEBASTIAN; CASTRO, 2008), Palmela (FERNANDES; CARVALHO, 1998), Alcoutim (GRADIM, 2005), e naturalmente a Casa do Infante no Porto (BARREIRA; DORDIO; TEIXEIRA, 1998). O crescimento da Arqueologia, nomeadamente em contextos urbanos, estará sem dúvida a produzir resultados que de futuro poderão vir a ser bastante relevantes para o estudo da Faiança.

O facto da coleção que estamos a estudar ser proveniente de um arqueossítio tão importante, com dados completos e publicados, sendo mesmo um caso de estudo obrigatório para todos aqueles que pretendem fazer investigação nesta área, condicionou a nossa estratégia. Senão, como seguir um modelo, se estamos a estudar o mesmo objecto desse modelo? Foi com esta ideia em mente que formulámos os nossos objectivos, como ir um pouco mais além. E se por um lado os resultados apresentados pelos investigadores da Casa do Infante centraram-se na quantificação e divisão por grupos de fabrico de toda a cerâmica proveniente de quatro depósitos bem datados com o objectivo de identificar centros de produção e escalonar a distribuição e uso de cerâmica na cidade do Porto durante os séculos XVI a XVIII (TEIXEIRA; DÓRDIO, 1998) os nossos objectivos diziam respeito, apenas, aos depósitos do século XVI e XVII focando-nos no estudo da faiança. Com o objecto e espaço temporal definidos, iniciámos o estudo dos depósitos que pretendíamos estudar. Fizemos, assim, uma recolha de dados arqueológicos e históricos que identificaram o período de funcionamento e de selagem destes depósitos assim como a função que tiveram. Dentro destes depósitos identificámos as Unidades Estratigráficas que lhes

pertenciam e dentro dessas unidades começamos a recolher todas as faianças que correspondiam ao seu número de identificação. Como resultado, obtivemos o número de fragmentos de faiança proveniente de cada depósito bem datado.

Com isto avançamos para a criação de um capítulo dedicado à quantificação. Neste capítulo fizemos uma separação simples por grupos de fabrico facilmente distinguíveis numa observação macroscópica cuidada. Foram assim criados os grupos da louça malagueira, louça pintada, louça importada e biscoito ou chacota. Trabalhando sempre com faianças pertencentes ao mesmo depósito, representamos em número e percentagem as contagens referentes a cada grupo, relacionando com o total de fragmentos de cada depósito e comparando-os com os resultados obtidos nos diferentes depósitos. Com este trabalho, não só contabilizamos a totalidade do nosso objecto de estudo e fizemos uma primeira triagem dos tipos de fabrico, como começamos a identificar diferentes tendências nas pastas e pinturas para os diferentes depósitos.

O processo de quantificação contribuiu também para a identificação e a atribuição de um "número de peça" que individualizasse cada indivíduo, na linha da metodologia já adoptada na instituição. Deste modo além de peças semi-completas ou restauradas temos também presentes "peças", não são mais do que pequenos fragmentos, cuja atribuição foi feita apenas pelas características estilísticas da sua pintura. Embora avisados que os restantes fragmentos já tinham sido todos experimentados para colagens, fizemos na mesma o nosso trabalho e para cada depósito tentamos reconstituir algumas peças. Conquanto, realmente tal não tenha dado muitos resultado, acabamos por identificar mais peças, constituídas por apenas um fragmento, que pela característica da sua forma ou estilo artístico na pintura, julgamos serem interessantes para a reconstituição da evolução tecnológica e estilística das faianças pertencentes à coleção da Casa do Infante.

O passo seguinte do trabalho foi naturalmente o de analisar morfologicamente, de forma macroscópica, as características físicas de cada fragmento ou peça. Com esta triagem mais completa julgávamos que poderíamos obter bons dados quanto ao estudos das pastas e das formas e que fazendo uma comparação alargada aos diferentes depósitos iríamos obter a evolução técnica e dinâmica de fabrico de faiança de finais do século XVI até ao 3º terço do século XVII. Por outro lado, também

sabíamos que apesar destes depósitos se apresentarem bem datados do ponto de vista histórico e arqueológico, as faianças neles incluídas podem ter um âmbito temporal relativamente longo, pelo que julgamos ser possível, através da análise dos motivos estilísticos de pintura das peças, traçar uma cronologia evolutiva com margens temporais mais definidas.

Em relação à análise macroscópica, esta foi feita primeiramente aos fragmentos soltos. Julgamos que a contagem de fragmentos, separando bordos, fundos, asas e bicos poderia dar-nos alguns dados quanto ao número mínimo e máximo de peças presentes em cada depósito. Para tal, privilegiámos a contagem de bordos e fundos (ORTON; VINCE, 1993; ARCELIN; TUFFREAU-LIBRE, 1998). Como os bordos são uma parte mais frágil da peça, tendem-se a desintegrar-se em mais pedaços relativamente aos fundos, que são das partes mais duras das peças. Deste modo, numa tentativa de obter um número de peças, usamos a contagem dos bordos como número máximo e a contagem dos fundos para número mínimo de indivíduos (NMI) por forma, técnica similar à utilizada durante a intervenção arqueológica da Casa do Infante para obtenção de dados desta natureza, se bem que aqui contando bordos e fundos para aproximação ao NMI (TEIXEIRA; DÓRDIO, 1998).

Outra separação feita com todos os fragmentos soltos e peças visou a distribuição por cores de pasta, tendo estas sido divididas por pastas brancas, beges, cinzentas, amarelas, laranjas, rosas e vermelhas, utilizando como referência o catálogo de cores *Munsell Soil Color Chart* (MUNSELL, 1975). As leituras, devem ,no entanto entender-se apenas como aproximadas. Julgámos que obtendo estes dados, os poderíamos comparar com trabalhos de referência sobre os centros produtores (SEBASTIAN, 2011; CASIMIRO, 2010), e daí obter pistas sobre o tipo mais comum de pasta presente em cada centro produtor.

O factor mais importante para cumprirmos os objectivos a que nos propomos será, no entanto, feita com a análise das peças que separamos em cada depósito. Para obtermos o maior número de informação possível sobre cada peça organizamos um catálogo tendo os seguintes pontos:

- A cada entrada foi associada a sua forma e um código de identificação onde está representada o ano em que foi recolhida, a sua unidade estratigráfica e o seu número de arrumação. No caso das entradas criadas no decorrer do nosso trabalho, em vez de um número associado estará uma letra.

- Foi feita uma observação e descrição funcional de cada peça tendo em conta a sua forma. Elementos como bordos, fundos, asas e bicos foram também considerados. A nomenclatura de referência utilizada foi retirada das *Normas de Inventário – cerâmica utilitária* (CRUZ; CORREIA, 2007)

- A análise macroscópica da peça terá em consideração a dureza, compacticidade e homogeneidade da pasta numa apreciação essencialmente empírica, e a sua cor, usando como referência aproximada o catálogo de cores *Munsell Soil Color Chart* (MUNSELL, 1975). Foi ainda considerado a existência ou não de elementos não plásticos e sua dimensão aferidas por exame macroscópico.

- A qualidade do esmalte presente em cada peça será referenciada tendo em conta o seu bom ou mau estado de conservação, coloração que apresenta e toque de superfície. Teremos em conta as marcas de uso de trempes na cozedura, assim como os de fragmentação, conhecidos como *craquelé*.

- De seguida foi feita uma análise pormenorizada ao estilo decorativo representado abrangendo todos os seus elementos e modo como se distribuem. Quando se tratarem de famílias estilísticas conhecidas utilizaremos a nomenclatura utilizada essencialmente por Rafael Salinas Calado (CALADO, 2003).

- Por último foi feita uma medição da peça tendo em conta o diâmetro do bordo e/ou fundo, a espessura média das paredes e, em caso pertinente, de outros elementos da peça.

Os dados sobre os fragmentos soltos serão analisados e avaliados durante o capítulo **III. O Estudo da Faiança de Depósitos Bem Datados**, sendo posteriormente feita uma síntese sobre os resultados na **Conclusão**. Neste capítulo será feita uma contagem de fragmentos, onde se incluíra o número de bordos e fundos, e uma separação por grupos de fabrico seguindo o critério de coloração da pasta. O elevado grau de fraccionamento destas cerâmicas, impediu-nos de incluir neste capítulo uma análise de formas precisa, pois os resultados dificilmente seriam muito conclusivos, serão no entanto indicados as formas mais comuns. Por uma questão metodológica apenas as peças predefinidas para catálogo serão sujeita a uma análise macroscópica intensa, enquanto que os fragmentos serão apenas divididos por depósitos.

As peças serão alvo de estudo no capítulo **IV. Resultados e Discussão**, subdividido em quatro pontos, Análise das pastas, Estudo das formas, Motivos decorativos e Grupos de fabrico. Para o primeiro ponto usaremos o mesmo método utilizado para os fragmentos, apresentando os resultados obtidos em gráficos. Para o estudo das formas vamos tentar indicar quais os tipos de louça presentes neste arqueossítio e suas características, e apresentar um número de formas presentes por Depósito e qual a sua evolução cronológica. O terceiro ponto será dedicado aos motivos decorativos. Usaremos apenas o método da observação e comparação, visto que não dispomos de outros métodos. Vamos tentar identificar e distinguir os diferentes motivos de forma ascendente, dos depósitos mais antigos para os mais recentes, e tentar traçar uma evolução de motivos e delimitar temporalmente o período de utilização de cada um. Este exercício, presente em muitos dos estudos publicados sobre faiança, será apoiada pela observação de peças datadas em catálogos de coleções de museus, em resultados de escavações arqueológicas cujas datações estão bem limitadas e em exercícios de periodização feitas por Reynaldo dos Santos (1970), Baart (1988), José Pedro Monteiro (1994), Steven Pendery (1999), Tânia Casimiro (2010) e Anabela Sá (2011). O quarto ponto será dedicado à organização das peças de acordo com os seus possíveis centros produtores. Para atingirmos tal objetivo serão usados critérios de distinção que denunciam, à partida, a sua origem.

Conjugando as colorações das pastas, a qualidade de esmalte, o nível de gradação da pintura, assim como com os defeitos de fabrico observáveis, *craquelê* e marcas de uso de trempes, tentaremos traçar uma média percentual de peças por centro produtor

O objectivo final passa por podermos traçar uma visão da evolução do abastecimento de faiança na Casa do Infante e o seu grau de ascendência ao longo de um determinado período temporal, usando como critérios os centros oleiros que a abasteciam e as formas e motivos decorativos mais pretendidos

Em anexo, nesta tese, será exposto o catálogo das peças presentes em estudo, com fotografia e descrição pormenorizada.

Capítulo II – A Casa do Infante

II.1. A história do edifício

A Casa do Infante, conhecida por este nome devido à tradição popular de aí ter nascido o Infante D. Henrique, caracteriza-se por um conjunto de edifícios de construção por ordem régia, que foram sendo erguidos e sobrepostos ao longo do tempo, mediante as necessidades. Atualmente sede do Arquivo Histórico Municipal do Porto, a sua construção inicial deu-se no reinado de D. Afonso IV, entre os anos de 1325 e 1354, com a edificação de duas torres unidas por um pátio central, para servirem de armazém régio, ou alfândega (REAL, DÓRDIO, TEIXEIRA, MELO 1995, p. 174).

O Rei justificou esta construção pelo crescente desenvolvimento comercial que a barra do Douro proporcionava. O afluxo de navios nacionais e estrangeiros à cidade foi motivado pela sua situação geográfica ideal, para escoamento de produtos da região. A crescente cobrança de impostos de portagens sobre os bens aqui transaccionados levou a uma longa disputa entre o episcopado do Porto e o poder régio. Em 1120 a Rainha Dona Teresa doou o Burgo do Porto ao seu bispo, na época D. Hugo, sendo este, protetor e detentor dos seus direitos. Reconhecendo a importância económica que esta zona ribeirinha proporcionava, o Rei D. Afonso III, detentor da serventia do rio, decreta em 1254 que só metade das mercadorias estrangeiras desembarcariam na cidade episcopal, sendo que outra metade seria feita no lado esquerdo do rio, na Vila de Gaia, onde o rei alegava ser seu detentor e senhor. Em resultado de uma queixa enviada ao Papa, pelo Bispo, foram restituídos os direitos eclesiásticos, alegando que a Vila de Gaia pertencia aos domínios do bispado. No entanto, em 1255, o Rei cria e concede foral a Vila Nova, também na margem esquerda do rio, obtendo assim os direitos alfandegários que pretendia. Longe de terminar, esta disputa arrasta-se até ao século seguinte. Motivado pelo crescimento urbano da cidade, que galga as suas muralhas estendendo-se pela sua área ribeirinha, o poder Real viu aqui uma oportunidade para estender para a outra margem o seu ímpeto de controlo dos direitos aduaneiros. Argumentando que o couto episcopal apenas abarcava o seu termo original, o morro da Sé, pelo que toda a área extramuros

da zona ribeirinha se encontrava sobre alçada do poder régio. Assim, em 1325, por ordem do Rei D. Afonso IV, inicia-se a compra de casas, hortas e almoínhas numa zona sobranceira ao Rio, junto ao Convento de São Francisco, precisamente numa área que o rei considerava fora da tutela do Bispado e próximo do local onde os navios acostavam. De nada valeram as diversas queixas lançadas pelo Bispo e o Cabido dado que, nesse mesmo ano iniciou-se a construção do primeiro edifício régio da cidade (TAVARES, 1990), p. 39.

Em 1354 os armazéns régios estariam praticamente concluídos. Datado daquela altura é um memorando do Rei em que este põe praticamente um ponto final na disputa com a Igreja, que termina definitivamente em 1405, com a transferência de jurisdição do burgo do Porto para o Rei. Neste documento justifica a necessidade de existir um grande armazém para descarga e armazenamento das fazendas que chegavam a este porto, que de outro modo seriam distribuídas pelos mosteiros e casas particulares, estando sujeitas a possíveis fogos e furtos. Reafirma ainda que os terrenos onde estão edificados os ditos armazéns não pertenciam ao domínio episcopal (TAVARES, 1990, p. 39 a 40). Como edifício de grande envergadura para a época, a alfândega tornou-se um elemento organizador do urbanismo da zona. Com uma localização privilegiada em relação à nova muralha e ao cais de descarga, foi preponderante para que novos edifícios começassem a ser construídos em seu redor. Tal não impediu, no entanto, que ao longo dos anos o poder régio fosse comprando mais casas anexas ao edifício principal para novas ampliações e funções.

Durante a regência de D. Fernando, provavelmente em 1369 (FERRAZ, 2008, p. 50 a 53), entra em laboração a Casa da Moeda, em instalações contíguas à alfândega provavelmente na sua parte traseira. Desde os inícios do século XV, a Casa da Moeda instalara-se num novo corpo adornado à alfândega pelo lado nascente, compreendido por um pátio enquadrado por duas alas de construção. Todo o complexo passou assim a formar uma área murada bem delimitada, com o edifício principal junto à atual rua da Alfândega e, nas traseiras, duas alas de construções. Naquela altura já albergava, além da alfândega, armazéns e casa da moeda, diversas oficinas e habitações para funcionários régios. A abertura da Rua Nova, no reinado de D. João I dá um grande impulso à urbanização da zona nobilitando esta área e articulando-a de forma mais efetiva com a malha urbana da cidade.

Como edifício de prestígio de cariz régio, a própria família real poderia ter aqui os seus próprios alojamentos quando se deslocava ao Porto, o que reporta a tradição de nesta casa ter nascido o Infante D. Henrique, em 1394. No século XV, com o aumento do comércio marítimo na cidade são acrescentados novos armazéns para fazer face às novas necessidades. Deste modo são acrescentados novos corpos ao edifício, aumentando a zona de armazenagem para sul, enquanto a fachada principal avança em direção à rua. Aliás o problema de espaço para guarda da fazenda foi sempre o maior problema do bom funcionamento do armazém, o que justificou diversas obras de alargamento ou melhoramento ao longo dos séculos XV e XVI.



Fig. 1 – Representação da Alfândega e Casa da Moeda no século XVI (Fonte: DMAH/CMP).
Legenda: 1 e 2 – Torres Norte e Sul da Alfândega; 3 - Portaria; 4 - Pátio ; 5 – Habitações e Casa da Balança (?); 6 e 7 - Oficinas ; 8 – Porta de acesso à Torre Norte.

É no período a seguir à Restauração da Independência, entre 1656 e 1677 que os vários edifícios sofrem uma grande reestruturação à custa de demolições e acrescentos que deram ao edifício, o seu aspecto atual. As primeiras, a mando do Conde de Cantanhede, Vedor da Fazenda do Reino, resultaram na expansão do

edifício para o espaço ainda disponível nos extremos ocidental e oriental. A fachada principal expande-se para a sua localização atual obrigando ao desvio da entrada principal para Sul. No entanto é em 1677 que todo o edifício sofre uma remodelação total, resultado direto da promulgação do novo Regimento das Alfândegas dos Portos Secos, Molhados e Vedados lançado por D. Pedro II. O objectivo tornou-se em dotar as instalações, até então construídas à de custa ampliações no espaço disponível, num corpo coerente e unificado, respeitando as novas exigências de funcionamento desta instituição, e ao mesmo tempo enriquecer o seu aspecto arquitectónico. As torres quatrocentistas são em grande parte demolidas e constroem-se alpendres cobertos de um único arco em torno do pátio central original, que se mantém. A cota do pátio e edifício foram alteados de modo a uniformizar todo o espaço. No corpo principal, onde se incluí a fachada, são acrescentados dois novos pisos, aumentando a imponência do edifício. O espaço traseiro é amplamente modificado. Novas construções unem em três naves os armazéns no que antes era um espaço aberto ladeado por armazéns, oficinas e a casa da moeda, que passa a funcionar num novo espaço no interior do armazém principal a partir de 1688. A nova fachada em frente ao pátio recebeu um brasão encimada na sua porta que celebra esta nova construção feita a cargo do Marquês de Fronteira sobre as ordens de D. Pedro II no ano de 1677 (TAVARES, 1990, p. 51 a 53).

Nos séculos seguintes não há notícia de obras de grande envergadura. Sabe-se apenas que na segunda metade do século XVIII o que deveria sobrar das antigas casas da moeda foi demolido (BARREIRA *et al*; 1998, p. 145). A exiguidade da alfândega velha tornou-a obsoleta, o que levou a que na primeira metade do século XIX se começasse a projetar uma nova Alfândega. Assim, em 1869, os serviços alfandegários são transferidos para o novo e imponente edifício entretanto construído na zona de Miragaia.

O espaço, pertencente ao Estado, foi sendo deixado progressivamente ao abandono, embora alguns dos seu corpos tivessem sido arrendados. O edifício perdeu as suas funções, mas nunca perdeu o seu prestígio como imóvel de referência para os portuenses. É assim, que em, 1924 o complexo de edifícios que constituí a Casa do Infante é classificada como Monumento Nacional, e no final da década de 1950 a extinta Direção Geral de Monumentos Nacionais enceta uma grande campanha de

obras de restauro. Por esta altura a Direção Geral entrega a tutela da Casa do Infante ao município que instala aqui os serviços do Arquivo Histórico Municipal.

II.2. A intervenção arqueológica

A intervenção arqueológica na Casa do Infante foi motivada diretamente pela necessidade de ampliação e de modernização do Arquivo Histórico e Municipal, o que naturalmente teve der precedido de um intenso estudo histórico e arqueológico do local, com a intenção de preservar e valorizar os vestígios históricos da Alfândega Velha, quer os já conhecidos, quer os que pudessem ocorrer. A extensiva intervenção arqueológica que precedeu e acompanhou a execução do projeto arquitectónico de ampliação do Arquivo Municipal decorreram na última década do século XX, permitindo identificar uma sequência longa de ocupação deste edifício, desde a Época Romana até à atualidade, identificando todos os momentos construtivos referentes a cada período.

As escavações arqueológicas da Casa do Infante desenrolaram-se entre os anos de 1991 e 2001, com algumas interrupções pontuais. Esta intervenção, coordenada por Manuel Luís Real e dirigida por Paulo Dórdio Gomes e Ricardo Jorge Teixeira, teve a participação de uma equipa multidisciplinar nas áreas da geofísica, sedimentologia, osteologia, conservação e restauro, e análise e registo de materiais. Apoiada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Fundação Calouste Gulbenkian, além da própria Câmara Municipal, teve ainda cooperação de outras entidades em campos como o tratamento de materiais e a análise química de pastas cerâmicas

A complexidade de uma escavação arqueológica numa área tão vasta e rasgada por uma evolução construtiva em tantos períodos históricos, que se sobrepõem, levou à concepção de uma estratégia complexa que determinou a seleção de áreas próprias delimitadas por problemáticas específicas. A **figura 1**, apresentada em baixo, expõe a seleção estratégica das zonas intervencionadas divididas principalmente em três áreas específicas determinadas pela sua cronologia construtiva:

- Pátios e cobertos (Espaço da Alfândega do século XIV: Torre Sul, Torre Norte e Entrada e Pátio Central).
- Salão Central (Expansão do edifício durante os séculos XV a XVII).
- Viela e Pátios exteriores (Casa da Moeda e a sua articulação com a expansão do edifício durante os séculos XV a XVII)

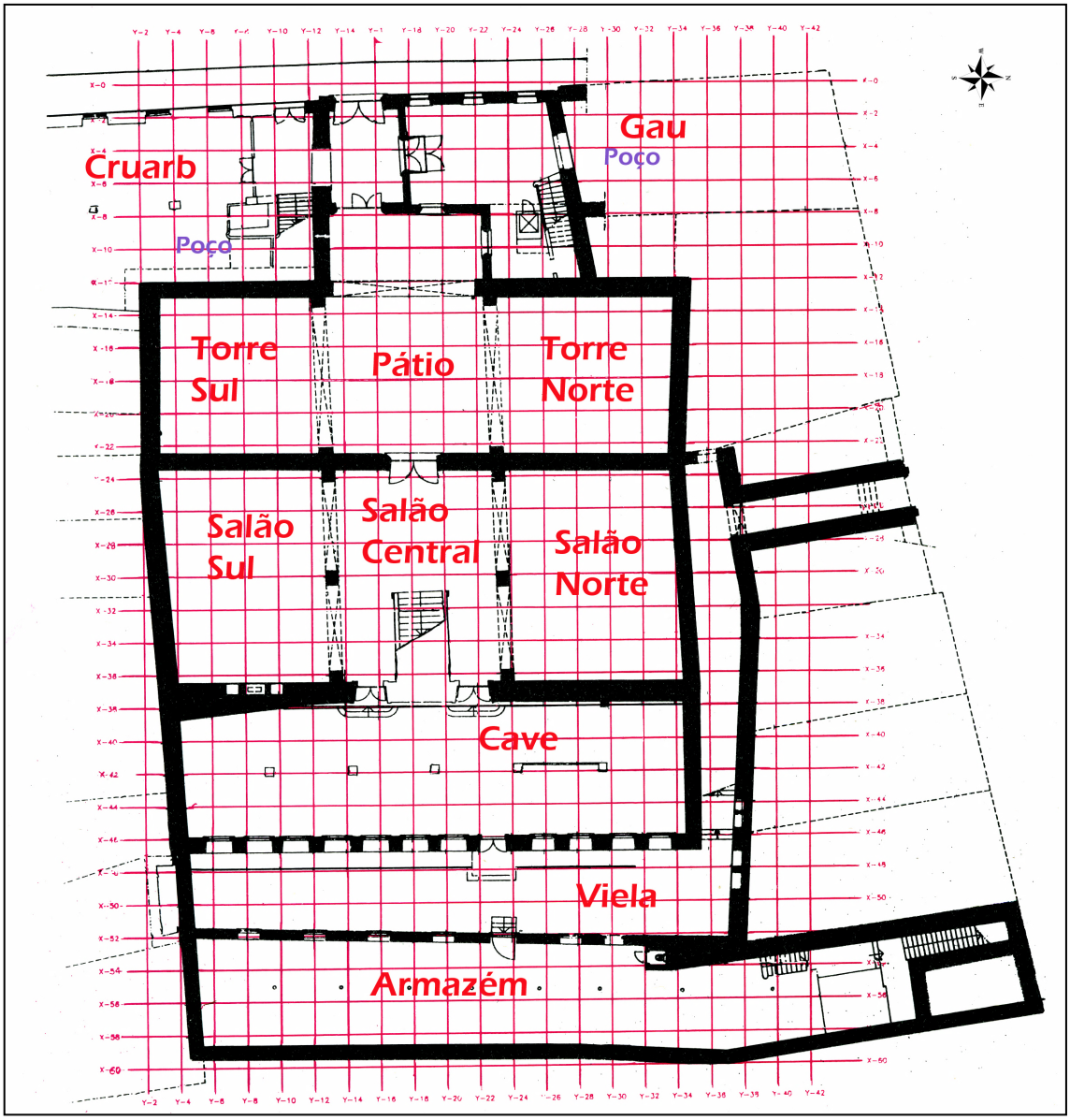


Fig. 2 – Planta dos sectores intervencionados na campanha arqueológica da Casa do Infante (Fonte: DMAH/CMP)

A rede de quadrícula foi orientada tendo em conta os eixos maiores do edifício e utilizando um sistema decimal. Cada quadrícula apresenta um comprimento de dois metros por dois metros. O ponto 0 tem origem no exterior do cunhal sudoeste (REAL, DÓRDIO, TEIXEIRA, 1992). Com a estratégia definida, em Janeiro de 1991,

iniciaram-se os trabalhos de escavação, no espaço da Torre Sul, construída no século XIV. O sistema de registo utilizado foi uma adaptação da metodologia em Matriz de Edward C. Harris (1979). Todo o espólio exumado foi prontamente tratado e numerado num laboratório montado no mesmo espaço físico da escavação. A intervenção terminou no ano de 2001 com toda a área prevista escavada. Estes trabalhos permitiram sequenciar cronologicamente a ocupação do espaço e desvendar os diversos edifícios que fizeram a História do sítio. Posteriormente, os trabalhos de restauro previram a musealização dos elementos arquitectónicos mais prementes que incluíram os períodos romano, medieval e moderno. Todos os espaços musealizados estão integrados no espaço físico da Casa do Infante mantendo as suas especificidades.

Todavia, embora seja vasta a bibliografia relacionada quer com a evolução histórica do complexo, integrando algumas informações arqueológicas (REAL *et al*. 1993, 1994, 1995a, 1995b; GOMES; TEIXEIRA; MELO, 1994; DÓRDIO; TEIXEIRA; LOPES, 1997), quer com o estudo do espólio cerâmico, não foi possível, pela dimensão do projeto arqueológico e por algumas vicissitudes ocorridas nos últimos anos, estabelecer o faseamento estratigráfico de todas as áreas escavadas. Este facto implicou algumas limitações ao nosso trabalho que adiante abordaremos.

II.3. O estudo do espólio arqueológico

A divulgação dos resultados da intervenção arqueológica e do seu espólio foi um dever fundamental levado muito em conta por parte da equipa responsável pela intervenção. Ainda durante o decorrer dos trabalhos arqueológicos, foram editados diversos artigos em revistas e publicações da especialidade, sobre o vasto material que foi exumado, e que abarca os diversos períodos cronológicos que atravessam a Casa do Infante. Sobre a temática da faiança do século XVI e XVII destacamos seis artigos, que são obviamente a base para qualquer estudo sobre o tema, quer da Casa do Infante quer da cidade do Porto, e que a presente dissertação não foge à regra[1]. Em 1995 é

[1] Da vasta bibliografia dedicada ao espólio e resultados arqueológicos da Casa do Infante, apenas foram destacados estes seis artigos, pois os restantes não fazem referência ao tema em estudo neste trabalho.

[2] AHMP (Arquivo Histórico e Municipal do Porto), Índice de Tombos, f. 315, cit. Por BARREIRA,

publicado "*Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica da Casa do Infante, Porto: elementos para uma sequência longa (Sécs. IV-XIX)*" (REAL; DÓRDIO; TEIXEIRA; MELO, 1995) onde é dada a primeira notícia sobre extenso espólio cerâmico exumado na intervenção arqueológica da Casa do Infante que abrange períodos tão distintos que vão desde a época romana até ao século XIX, dando conta obviamente da faiança portuguesa do século XVI e XVII. Em 1998 com o artigo "*200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII*" (BARREIRA; DÓRDIO; TEIXEIRA, 1998) é referido pela primeira vez a existência dos depósitos bem datados que albergavam as cerâmicas do século XVI e XVII. Esta publicação expõe o resultado do estudo da faiança exumada dando a conhecer os dados que comprovam a datação histórica e arqueológica dos depósitos, o número de fragmentos existentes em cada um, o estudo da sua pasta e separação por grupos de fabrico, o estudo das formas existentes em peças catalogadas e também as suas decorações. Nesse mesmo ano é também publicado o "*Como pôr ordem em 500 000 fragmentos de cerâmica? Ou Discussão da metodologia de estudo da cerâmica na intervenção arqueológica da casa do Infante (Porto)*" (TEIXEIRA; DÒRDIO, 1998), estudo que expõe de forma clara a metodologia criada e aplicada com que se fez a contabilização dos fragmentos cerâmicos, e posterior separação pelos seus grupos de fabrico no decorrer desta intervenção. Em 2001 publica-se "*Faianças do Porto e Gaia: o recente contributo da arqueologia*" (DÓRDIO; TEIXEIRA; SÁ, 2001) na qual são relatados todos os achados de faiança portuguesa conhecidos em intervenções arqueológicas dentro das cidades do Porto e Gaia, e onde se incluí, obviamente, o vasto conjunto estudado da Casa do Infante. Em 2003 são apresentados os primeiros resultados das análises químicas feitas a uma pequena amostra de cerâmicas e faianças da Casa do Infante no artigo "200 anos de cerâmica na Casa do Infante - Porto (séc. XVI a meados do séc. XVIII): identificação visual e química dos fabricos" (CASTRO; DÓRDIO; TEIXEIRA, 2003). Por último destacamos um trabalho ainda não publicado, mas que é o primeiro do género na aplicação de uma periodização cronológica das faianças do século XVII da Casa do Infante de acordo com os motivos estilísticos distinguíveis na pintura, "*Elementos para a caracterização da Faiança Portuguesa do século XVII: a tipologia de Pendery aplicada à realidade da Casa do Infante (Porto)*" (SÁ; no prelo 2011).

Capítulo III: O Estudo da faiança de depósitos bem datados

III.1. Caracterização dos depósitos

Este estudo sobre faianças portuguesas dos finais do século XVI até meados do século XVII, centra-se num grupo de cinco depósitos bem datados que nos permitem realizar um sequência evolutiva segura (Fig. 3).

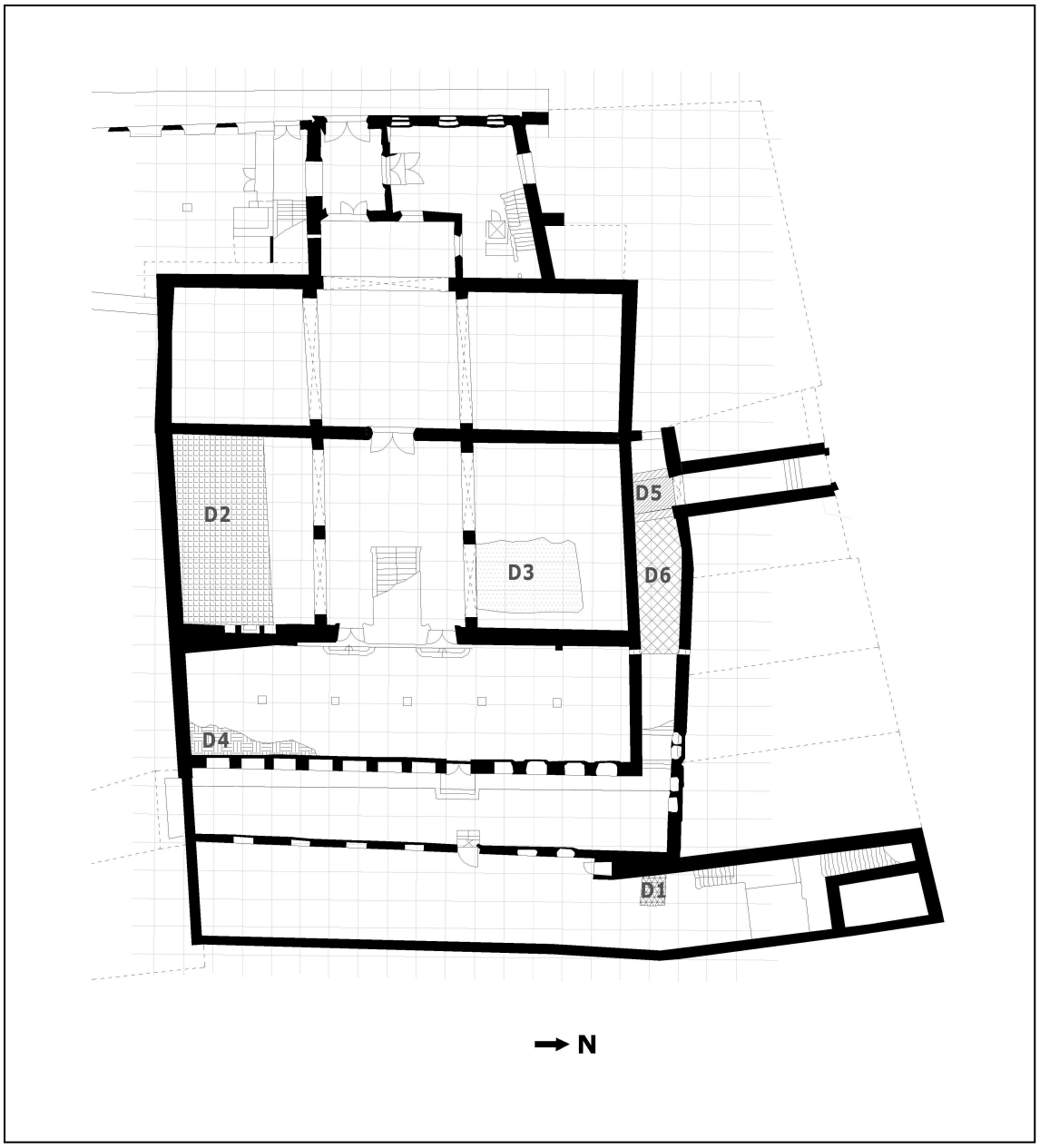


Fig. 3 – Planta da Casa do Infante com localização dos depósitos estudados
(Fonte: Sá, no prelo)

Neste contexto, propomo-nos a caracterizar todas as faianças recolhidas nos depósitos denominados 1, 2 e 5, cronologicamente atribuíveis ao período em estudo. Os depósitos 3 e 6, datáveis da segunda metade do século XVII, serão também incluídos neste trabalho, pois algumas das faianças recolhidas apresentam características morfológicas e estilísticas que nos permitem apontar para o período em questão. O depósito 4 é o único que não será alvo de análise, pois, este está arqueologicamente e documentalmente atribuído a meados do século XVIII, sendo que todas as faianças observadas se encaixam perfeitamente nesse século.

O **Depósito 1** (D1) encontra-se localizado no Armazém Norte da Casa do Infante. Não existem quaisquer referências documentais nos Arquivos Históricos da Câmara Municipal do Porto a obras que justifiquem a criação deste depósito. Os dados arqueológicos indicam, no entanto, a abertura de uma fossa no saibro preenchida com enchimentos de várias naturezas entre as quais o conjunto de faianças que nos propomos agora a estudar. Esta fossa encontrava-se selada por um pavimento de terra batida datável do século XVI, no interior da Casa da Moeda **(alteamento da Casa da Moeda Norte**). As últimas referências de laboração da Casa da Moeda datam de 1587/90 sendo que o seu ato de extinção oficial surge apenas em 1607, segundo documento citado (BARREIRA, *et al*, 1998, p.149).

A figura 3 representa o desenho do corte do depósito 1 onde está representada a fossa aberta no saibro e as valas e paredes construídas posteriormente após 1614, altura em que esta área da Casa da Moeda foi cedida a terceiros para expansão de uma construção vizinha[2]. Esta obra não afectou totalmente este depósito selando-o até aos nossos dias. Não podemos, dentro dos dados arqueológicos e arquivísticos do depósito 1, indicar com exatidão a abertura e fecho da fossa, no entanto, o estudo do espólio arqueológico parece à partida apontar para a segunda metade do século XVI . As moedas recolhidas neste depósito assim como no 2 e 3 não balizam uma datação para os mesmos, pois as cronologias apresentam uma grande disparidade, desde a Época Romana até aos reinados da 1º e 2º dinastia.

[2] AHMP (Arquivo Histórico e Municipal do Porto), Índice de Tombos, f. 315, cit. Por BARREIRA, DÓRDIO, TEIXEIRA, 1998, p. 150)

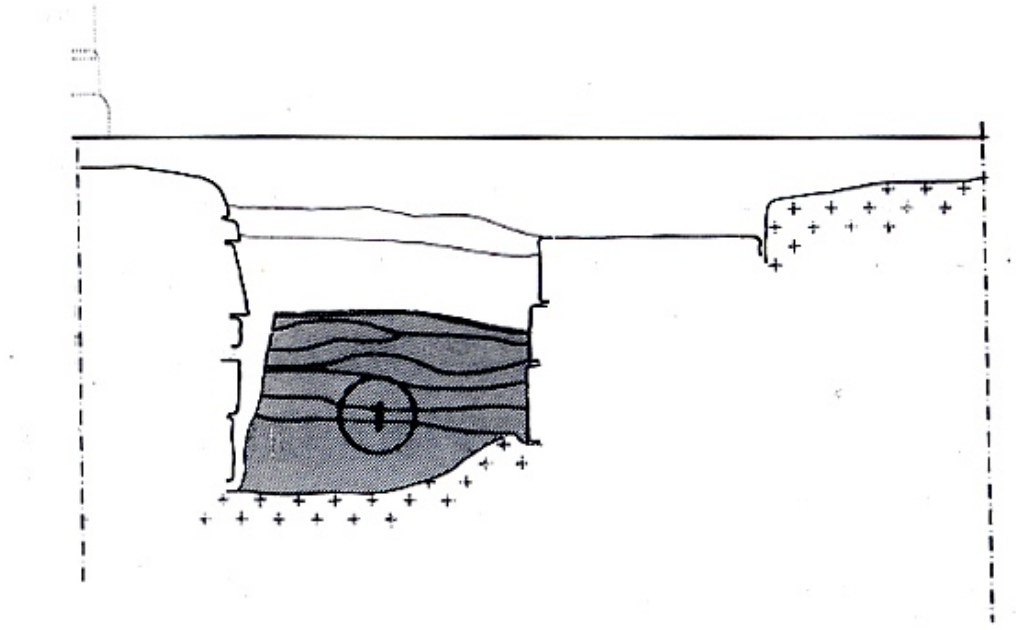


Fig. 4 – Corte estratigráfico do Depósito 1 (Norte/Sul X=56; Y=35/Y=40)
(Fonte: BARREIRA, DÓRDIO, TEIXEIRA 1998)

O **Depósito 2** (D2) encontra-se relacionado com uma grande campanha de obras nas Casas da Moeda datada de 1628 que resultou, entre outras transformações, no alteamento de cerca de um metro do pavimento das casas do lado sul do Bairro da Moeda. As referências documentais com relevância para datação deste depósito indicam que em 1607, tal como já foi referido, a Casa da Moeda é extinta oficialmente. Entre os anos de 1607/1608 é feita um pedido por parte da Câmara Municipal do Porto ao Rei para que as antigas Casas da Moeda sejam utilizadas como terreiro para se recolher "... o pão da terra e do mar que se vende, e pelos muitos inconvenientes que há de se meter em lojas de pessoas particulares, e de se vender na rua pública à chuva e ao vento..." (BARREIRA, DÓRDIO, TEIXEIRA, 1998)[3]. Em 1621 um outro documento, *Memória das obras que são necessárias nesta cidade*, refere "*...que na casa da moeda se faça serventia pera a rua da fonte dourina, e casas, almazens que se arendem pera pão e asucres que rendão pera a cidade e com pouca despesa se pode fazer boa renda...*" (BARREIRA, DÓRDIO, TEIXEIRA, 1998)[4]. A referência mais importante é sem dúvida a de 1628 em que a Câmara do Porto torna público a arrematação das obras que de transformação das Casas da Moeda em terreiro para venda e armazenamento de pão e açúcares (BARREIRA,

[3] pp. 149 (BASTO 1937: 312 cit. AHMP, Livro 4 das Próprias, fls. 202)
[4] pp. 149 (AHMP, Vereações, Livro 43, fl. 287v – REAL 1989: 11-12)

DÓRDIO, TEIXEIRA, 1998)[5]. É esta a intervenção responsável pelo alteamento que selou e preservou este importante depósito arqueológico, preenchido com diverso espólio datável do 1º terço do século XVII (cerca de 1600 a 1628).

O espólio arqueológico recolhido neste depósito, assim como no depósito 3, apresenta uma grande quantidade de chapas metálicas não cunhadas assim como diversos cadinhos de fundição e copelas que atestam bem a fase de destruição da Casa da Moeda após a sua extinção (BARREIRA, *et al*, 1998, p.146). A faiança portuguesa, ainda em número reduzido de fragmentos, recorre, na sua decoração a elementos decorativos típicos do 1º terço do século XVII.

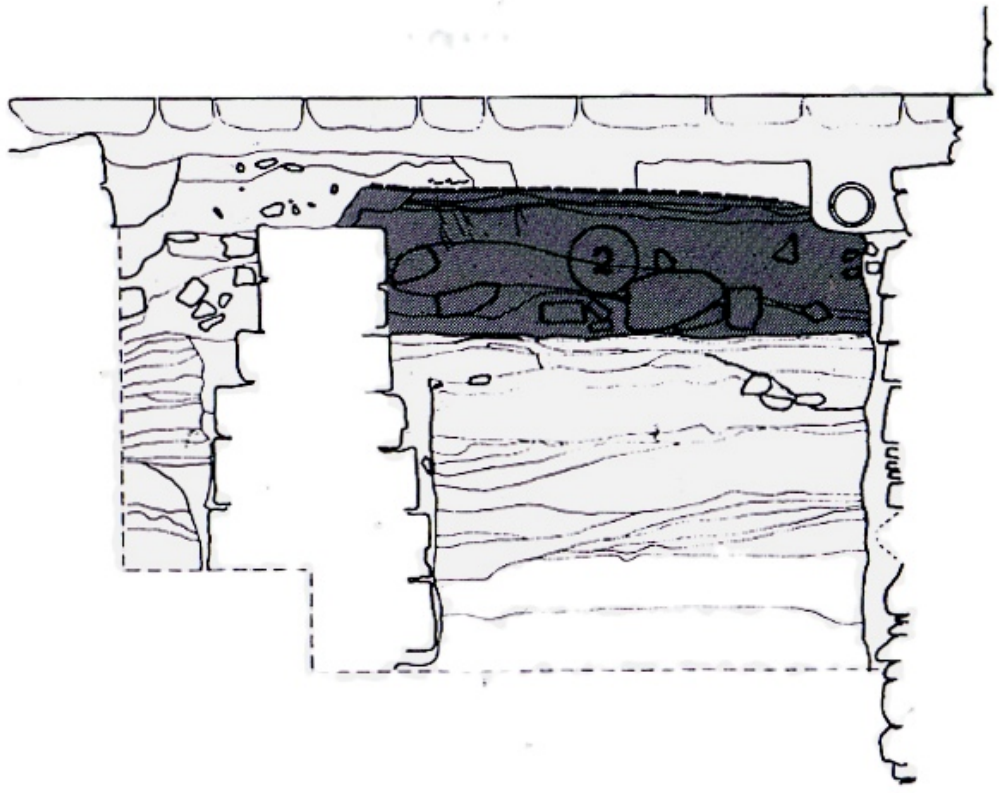


Fig. 5 – Corte estratigráfico do Depósito 2 (Oeste/Este Y=6.20; X=30/Y=46)
(Fonte: BARREIRA, DÓRDIO, TEIXEIRA 1998)

O **Depósito 3** (D3) encontra-se localizado num espaço onde anteriormente existia o Pátio da Moeda. Foi formado a partir de uma nova campanha de obras para construção da denominada Alfândega Nova, num período entre 1656 e 1677. Na

[5] pp. 149(AHMP, Vereações, Livro 46, fl. 291 fls. 297-298) ; arrematada a obra de carpintaria da Casa da Moeda (AHMP, Obras Públicas, Arrematações, Livro 3, fls. 286-286v) ; arrematada a obra de pedreiro da Casa da Moeda (AHMP, Obras Públicas, Arrematações, Livro 3, fls. 280-281)

segunda metade do século XVII, alguns anos após a restauração da independência nacional, a Alfândega do Porto, motivada por um forte dinamismo comercial que se fez sentir neste período, teve necessidade de aumentar o seu espaço de armazenamento. As referências documentais indicam que a 16 de Maio de 1656 o Conde de Cantanhede, Vedor da Fazenda, ordena a mudança da Alfândega para a Casa da Moeda e põe rapidamente em pregão público as obras da Nova Alfândega (BARREIRA, *et al*, 1998, p.149). O edifício da Alfândega expande-se assim para leste ocupando os espaços outrora das casas e pátio da moeda. Outras obras importantes reestruturaram grande parte deste complexo de edifícios. A publicação régia do Novo Regimento das Alfândegas, em 1668, cria novas regras de funcionamento e organização do espaço de todas as alfândegas do reino. A Casa do Infante teve assim que se tornar num edifício mais uniforme e funcional para ir de encontro às novas medidas. Devido à necessidade de expansão da área de armazenamento, e à remodelação do espaço de acordo com as novas regras reais, este período de obras, de 1656 a 1677, trouxe grandes mudanças a este complexo de edifícios, aproximando-o da sua configuração atual. Em 1677, para celebrar o fim das obras é instalada uma inscrição comemorativa na porta do pátio (que passa a funcionar como uma segunda fachada), com o brasão real de D. Pedro II, promotor da obra. Em 1688 é reativada a Casa da Moeda na Alfândega. Para adaptação da nova estrutura a este espaço, no extremo sudoeste do reformado armazém, foram necessárias novas obras para a construção de um forno com chaminé e duas forjas. Estas estruturas encontram-se atualmente bem visíveis no edifício.

As referências arqueológicas indicam que este depósito foi formado pela necessidade de se obterem saibros e argamassas, para esta grande campanha de obras. Abriu-se assim, em período de obra, uma grande cavidade no solo do atual Salão Norte para extração desses materiais. Posteriormente este foi entulhado com materiais de diversas naturezas incluindo as faianças portuguesas datáveis da final da 1º metade e 3º terço do século XVII. A formação deste entulho que preencheu esta cavidade deve-se ter formado naturalmente com o decorrer das obras, como "lixo" contemporâneo que se foi acumulando como resultado dos trabalhos de reconstrução.

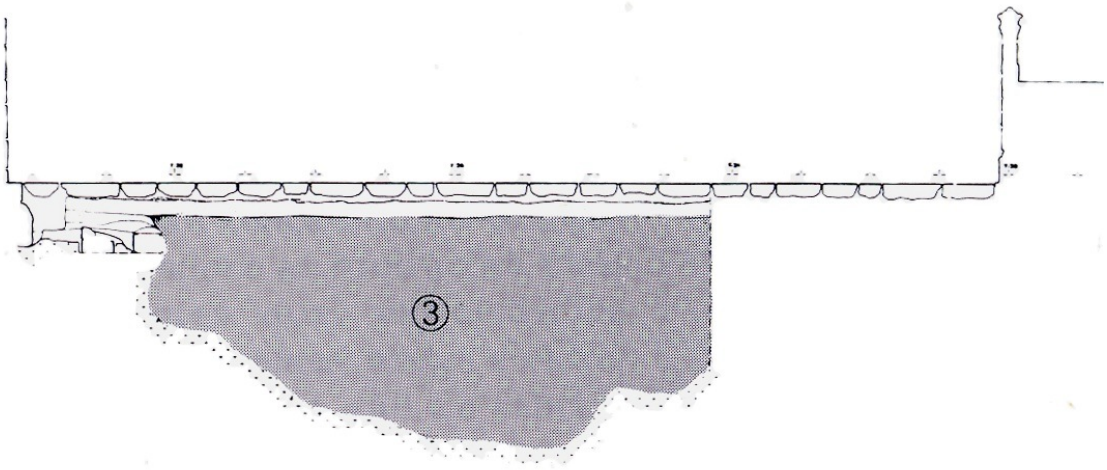


Fig. 6 – Corte estratigráfico do Depósito 3 (Norte/Sul X=33.70; Y=4/Y=34)
(Fonte: BARREIRA, DÓRDIO, TEIXEIRA 1998)

O **Depósito 5** (D5) está cronologicamente relacionado com o depósito 2. Este encontra-se localizado na denominada viela norte, no interior do complexo da Casa do Infante. Não existem quaisquer referências documentais que indiquem uma intervenção construtiva que justifiquem a criação deste depósito. Por outro lado os dados arqueológicos sugerem que este depósito foi criado pela necessidade de altear uma plataforma entre dois muros para criar um acesso a uma porta recentemente construída, muito provavelmente relacionada com a grande intervenção de 1628. A faiança portuguesa exumada neste pequeno depósito apresenta elementos decorativos similares aos do primeiro terço do século XVII, tais como as que encontramos no depósito D2. Importa referir também, que algumas das peças que apresentamos neste trabalho, e que podemos perante os dados que dispomos data-las do primeiro terço do século XVII são de fragmentos provenientes quer do D2 quer do D5. Ao que tudo indica, no período de obra de 1628, o entulhamento de áreas que se pretendia altear, foi feito à custa do mesmo tipo de entulho nas quais se incluíam algumas faianças portuguesas e de importação.

O **Depósito 6** (D6) relaciona-se cronologicamente com o depósito D3. Este encontra-se localizado na viela norte e foi formado durante a grande campanha de obras de construção da denominada Alfândega Nova durante o período de 1656 a 1677, ou seja a mesma da formação do depósito D3. A formação deste depósito deveu-se à necessidade de se criar um aterro para a construção de umas escadas localizadas na viela norte. Mais uma vez, a simples observação macroscópica das

faianças recolhidas no D3 e D6 permitiu concluir que se tratavam de faianças do mesmo período, 3º quartel do século XVII, pois apresentavam motivos decorativos bastante similares. Mais ainda se verificou que fragmentos de faianças do D6 correspondiam perfeitamente a peças ou fragmentos do D3, concluindo-se que o entulho utilizado para preencher estes depósitos vinha do mesmo sítio e que as obras foram feitas ao mesmo tempo. Este facto, fundamental para o nosso estudo, permitiu-nos reconstruir algumas peças e motivos decorativos, para um período arqueologicamente bem datado.

O **Depósito 4** (D4) encontra-se cronologicamente relacionado com obras de demolição das antigas casas da moeda medievais e reformulação do espaço da alfândega, datáveis de meados do século XVIII (Barreira *et al*, 1998, p.146). Não foi, por esta razão, incluído neste estudo que pretende apenas reportar às faianças portuguesas de finais do século XVI até à 1º metade do século XVII.

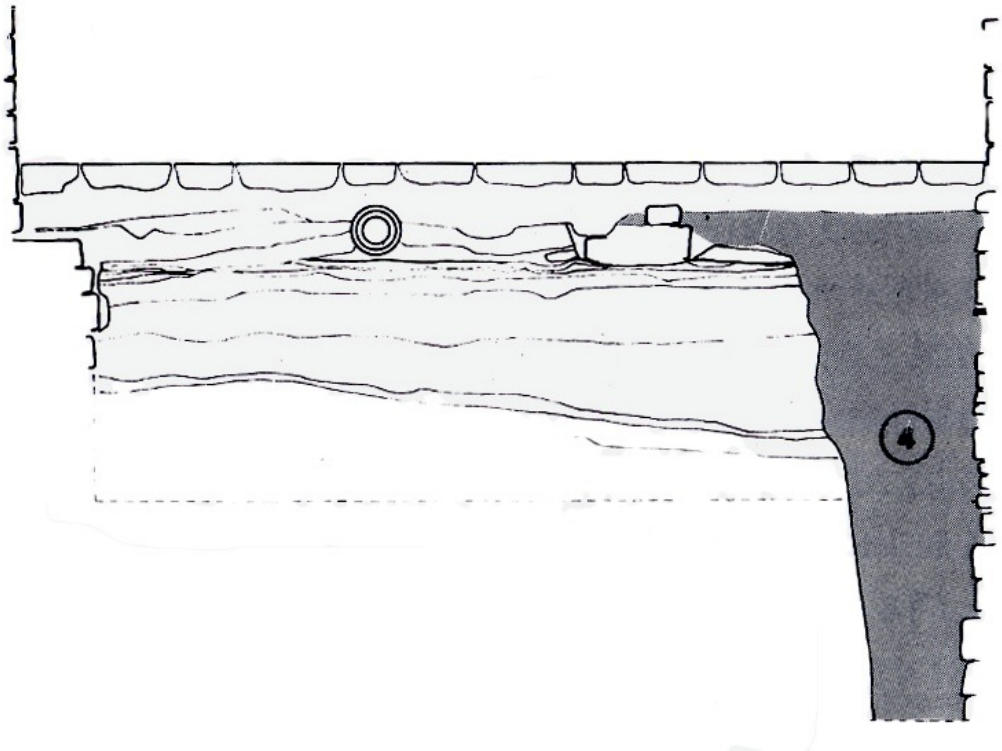


Fig. 7 – Corte estratigráfico do Depósito 4 (Oeste/Este Y=6.20; X=30/Y=46)
(Fonte: BARREIRA, DÓRDIO, TEIXEIRA 1998)

III.2. Universo e quantificação das faianças

A quantificação do universo cerâmico recolhido na grande intervenção arqueológica da Casa do Infante entre 1991 e 2001 iniciou-se, conforme já mencionámos, ainda durante o trabalho de campo, sendo posteriormente revisto em laboratório. Os resultados dessas contagens, referentes aos Depósitos em estudo, foram publicados nas *Actas das 2.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval* com o título "*200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do século XVIII*" (BARREIRA; DÓRDIO, TEIXEIRA, 1998). A publicação destas atas foram feitas no ano de 1998 pelo que a intervenção realizada nos depósitos em estudo já se encontrava terminada, sendo que os dados nele expostos sãos os definitivos. Julgamos ser de grande conveniência apresentar neste trabalho os resultados apresentados pela equipa responsável pela intervenção arqueológica da Casa do Infante até ao ano de 2001 e posteriormente comparar com os nossos dados estudados durante o ano de 2011/2012.

Os dados publicados em 1998 (BARREIRA, DÓRDIO, TEIXEIRA, 1998) apresentam um estudo quantificativo completo de todo o universo cerâmico resgatado dos quatro depósitos histórico e arqueologicamente bem datados. Nele estavam incluídos 57 512 fragmentos divididos pelos vários grupos cerâmicos que se incluíam a cerâmica preta, a cerâmica vermelha, vidrado de chumbo, Faiança, Porcelana e Grés. Após um estudo macroscópico e químico foi possível aos Autores classificar as cerâmicas vermelhas e pretas pelos seus centros produtores.

O nosso objecto de estudo, grupo da faiança de finais do século XVI e XVII, está presente nos três primeiros depósitos e nela incluem-se as peças de louça branca não decorada, malagueira, louça pintada, que associamos diretamente à faiança, assim como louça cuja origem não foi identificada. No **Quadro 1**, apresentamos os resultados da quantificação da Faiança feita ainda durante a intervenção arqueológica, cujos dados foram publicados em 1998 (BARREIRA *et al*, 1998).

Grupos	Depósito 1 (séc: XVI)		Depósito 2 (séc: XVII, 1º terço)		Depósito 3 (séc: XVII, 3º quartel)	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Louça Malegueira	161	76%	167	46%	1 492	19%
Louça Pintada	19	9%	109	30%	6 045	77%
N/identificada	32	15%	87	24%	314	4%
Total	212	100%	362	100%	7851	100%

Quadro 1: Quantificação e distribuição de grupo de faiança por Depósito
(Fonte: BARREIRA, DÓRDIO, TEIXEIRA, 1998 pp. 150 a 152)

Nesta nossa adaptação dos dados dividimos os fragmentos por grupos, louça malagueira, louça pintada e louça não identificada, distribuídos pelos três depósitos em estudo. Num total de 8425 fragmentos constata-se logo à partida que o depósito 3 é aquele em que foram recolhidos o maior número de fragmentos dos três grupos , num total de 7851 seguido a uma grande distância pelo depósito 2 com 362 fragmentos, logo seguido do depósito 1 com 212. Os depósitos 1 e 2 apresentam um maior número relativo de louça malagueira em relação ao seu número total de fragmentos, 76% e 46% respectivamente, enquanto que o depósito 3, apesar de em números absolutos ter cerca de 1492 fragmentos de louça malagueira estes apenas representam 19% do total de fragmentos presentes neste depósito. Quanto à louça pintada, faiança pintada a azul ou a azul e vinoso, verifica-se o lógico crescendo do número total de fragmentos à medida que nos aproximamos para a segunda metade do século XVII, auge da produção deste tipo de cerâmica. Assim de 19 fragmentos, 9% do total do depósito 1 (finais do século XVI), passamos para 109, 30% no primeiro terço do século XVII (Depósito 2), para de seguida darmos um salto enorme em termos de números, para 6045 (77%) fragmentos exumados no depósito 3 do terceiro quartel do século XVII. Temos de ter em conta que estes números não representam a evolução de produção de faiança em Portugal durante o século XVII. Não obstante o facto de a partir de meados do século XVII a sua produção e uso tenham aumentado exponencialmente tal não significa que nos finais do século XVI e primeiro terço do século XVII esta seja quase nula. O facto de estarmos a estudar apenas um arqueossítio implica que apenas estamos a lidar com os dados dele retirados, pelo que neste caso específico a utilização de louça faiança apenas foi introduzida em grande número no final da primeira metade do século XVII.

Durante os anos de 2011/2012 fizemos uma nova contagem de todos os fragmentos de faiança pertencentes às Unidades dos depósitos 1, 2 e 3. Com este trabalho não quisemos, naturalmente, pôr em causa a fiabilidade do estudo feito anteriormente, mas sim atualizar os dados disponíveis, uma vez que o estudo inicial foi feito nos anos 90 do século XX e que entretanto todo este espólio foi guardado em contentores, que já tinham sido mudados várias vezes de edifício. Assim, com estas contagens apenas quisemos fazer uma revisão do universo de faiança ainda existente nas instalações do Arquivo Histórico Municipal e verificar se entretanto alguns desses fragmentos se perderam. Não esperamos com este trabalho ter o número exato dos dados apresentados em 1998 mas obter um valor muito aproximado para que o nosso estudo cronológico e estilístico das faianças portuguesas de finais do século XVI e XVII presentes na Casa do Infante seja considerado válido. O **Quadro 2** representa a recontagem feita para a dissertação desta tese de mestrado.

Grupos	Depósito 1 (séc: XVI)		Depósito 2 (séc: XVII, 1º terço)		Depósito 3 (séc: XVII, 3º quartel)	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Louça Malegueira	161	79,31%	122	23,33%	1151	14,97%
Louça Pintada	17	8,37%	372	71,13%	6290	81,76%
N/identificada - Importada	25	12,32%	29	5,54%	251	3,26%
Total	203	100%	523	100%	7692	100%

Quadro 2: Quadro de quantificação e distribuição de grupo de faiança por Depósito

A contagem do universo cerâmico em estudo teve em conta várias premissas. O facto de termos disponíveis os dados feitos pela equipa da intervenção arqueológica durante o projeto de requalificação do Arquivo Histórico Municipal pode à partida influenciar os dados aqui obtidos. Tentamos fazer com que tal não acontecesse embora tenhamos utilizado os mesmos métodos que consistiram na contagem sistemática tendo em conta vários parâmetros. Fizemos em primeiro lugar uma separação por depósitos e dentro desses depósitos uma separação por Unidade Estratigráfica representativas desse momento de criação destes depósitos. Dentro de cada unidade dividimos os fragmentos por quatro grupos de fabrico, à partida fáceis de identificar macroscopicamente, louça malagueira, louça pintada, louça não identificada ou de importação, e no caso do Depósito 2, fragmentos de cerâmica não

esmaltada, comummente designada por biscoito. Apesar de termos designado um grupo como "louça pintada" este não inclui os fragmentos ou peças de louça malagueira que se apresentam decoradas com simples pinceladas em azul. A distinção destes grupos é de cariz mais tecnológico apesar dos termos que utilizamos na sua caracterização.

Após esta contagem já foi possível comparar com os dados anteriores e perceber o que podíamos trazer de novo ao estudo das faianças exumadas na Casa do Infante. Os resultados obtidos para o Depósito 1 não diferem muito das contagens dos anos 90 não obstante o facto de no tempo presente apenas termos contabilizado 203 fragmentos, menos 9 do que obtido anteriormente. A diferença de valores encontra-se principalmente nos fragmentos não identificados, menos 7, e o facto de termos contabilizado menos 2 fragmentos de faiança portuguesa. O Depósito 2 trouxe-nos mais surpresas. Contabilizamos mais 161 fragmentos do que as contagens que nos precederam o que comparativamente faz com que os números das diferentes contagens divirjam muito. Temos agora menos fragmentos de louça malagueira e de louça não identificada e mais faiança. O Depósito 3 apresenta também algumas disparidades, se primeiramente tinham sido contados 1492 fragmentos de louça malagueira, agora contamos com menos 340. O mesmo se passa com o grupo da louça n/identificada – importada que conta com menos 63 fragmentos em relação à anterior contagem. O grupo da louça pintada é o único, que nas nossas contagens, apresenta mais fragmentos que o contabilizado anteriormente, 245.

Numa segunda fase optámos por fazer uma contagem e separação mais restrita tendo em conta as especificidades visíveis numa análise macroscópica mais detalhada. Tivemos em conta a cor da pasta e o número de bordos, fundos assim como asas e bicos. Esses dados são no entanto matéria para o capítulo 3.

O objectivo desta contagem, além de nos permitir obter um número quase exato do universo cerâmico separado por grupos de fabrico que pretendemos estudar, é o de nos possibilitar fazer um estudo sobre a disseminação e declínio do abastecimento e utilização de faiança na cidade do Porto. Por outro lado estamos conscientes dos limites e problemas que os resultados destas contagens acarretam, exatamente as mesmas que sentiram os investigadores do projeto arqueológico (BARREIRA; *et al*, 1998, p. 147; TEIXEIRA, DÓRDIO, 1998). Sabemos que, não

obstante os dados percentuais, todas as informações que delas podemos retirar são subjetivas e podem não ser representativas da real evolução do mercado da Faiança na cidade do Porto. No entanto é um exercício justo que pode no futuro ser comparado com outros dados de intervenções arqueológicas na cidade, confirmando ou corroborando os dados aqui obtidos.

III.2.1. Análise das pastas

O estudo e caracterização da pasta das faianças estudadas foi realizada com recurso a uma análise macroscópica cuidada. Os dados aqui representados são o resultado de uma observação individual feita a cada um dos 8409 fragmentos que constituem o total de faiança presente nos três depósitos aqui estudados. Este tipo de exercício implica sempre a existência de uma margem de erro, pois enquadrar características de pastas numa malha restrita resulta sempre em resultados subjetivos, além do facto de o discernimento humano após longas horas de observação poder tornar-se dúbio.

Separadas por depósitos e posteriormente dividida em grupos tecnológicos, a cerâmica estudada sofreu ainda uma terceira distinção. Aquando do processo de quantificação foi possível determinar um conjunto de peças, constituídas por vários fragmentos colados ou por apenas um cujas características se destacam como representativo de uma forma ou estilo. Sendo o número de fragmentos soltos bastante elevado, geralmente de pequena dimensão e indefinível quanto à sua forma ou estilo decorativo, optou-se apenas por fazer uma triagem tendo em conta a cor da sua pasta, ainda que de forma generalizada. As peças catalogadas, por sua vez, e tendo em conta o grau de informação mais completo que nos podiam fornecer, foram, além de separadas por depósitos, grupos tecnológicos e tonalidades das pastas, consideradas o calibre dos seus elementos não plásticos (ENP`s), a dureza, compacticidade e homogeneidade das suas pasta constituintes. Desta forma conseguimos catalogar, embora de uma forma elementar, os fragmentos soltos constituintes de cada depósito. Do mesmo modo, utilizamos as peças como uma amostra cujos resultados podemos comparar com os fragmentos soltos. Os valores apresentados usam o método de observação macroscópica de coloração de pastas com base no catálogo de cores *Munsell Soil Color Chart* (1975) e devem ser considerados apenas como aproximados

Os resultados expostos em baixo dizem apenas respeito aos fragmentos considerados soltos e encontram-se divididos por Depósitos.

O Depósito 1, balizado cronologicamente de finais do século XVI, contém cerca de 203 fragmentos divididos por três grupos tecnológicos. No primeiro grupo, louça malagueira, foram contabilizados cerca de 161 fragmentos, dos quais 126 se encontravam soltos, estando aqui representados. Dos restantes, 22 foram agregados ao catálogo e 13 são constituintes de duas peças que se encontram em exposição no núcleo museológico da Casa do Infante.

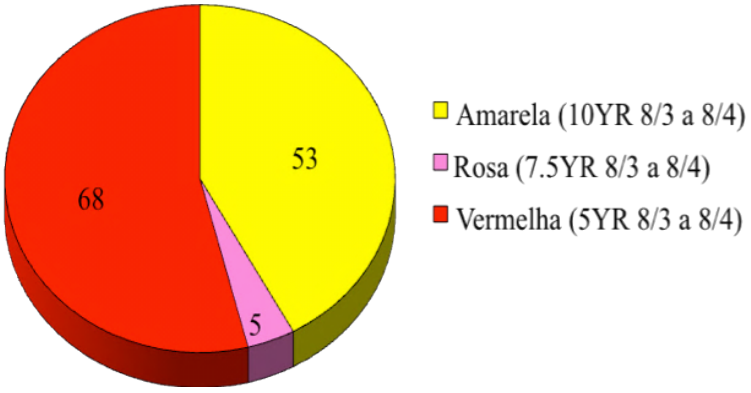


Gráfico 1 – Depósito 1: Louça Malagueira

Deste total, 53 fragmentos apresentam uma pasta com coloração amarelada (10YR 8/3 a 10YR 8/4), 68 com uma coloração em tons de vermelho (5YR 7/3, 5YR 7/4, 5YR 8/3 a 5YR 8/4) e apenas 5 com um tom rosado (7.5YR 8/3). O grupo das faianças de produção portuguesa deste depósito resume-se a 17 fragmentos contabilizados. Não obstante o facto de serem escassos e de reduzida dimensão, retirando deles a possibilidade de se obter informações relativas à sua forma e tipologia decorativa, optou-se por inclui-los a todos no catálogo.

Esta opção deve-se ao facto de serem os únicos modelos que temos do depósito mais tardio. Dentro destes 17 fragmentos temos 8 fragmentos de tonalidades amareladas, variando entre o 10YR 8/3 a 8/4 e 2.5YR 8/3,

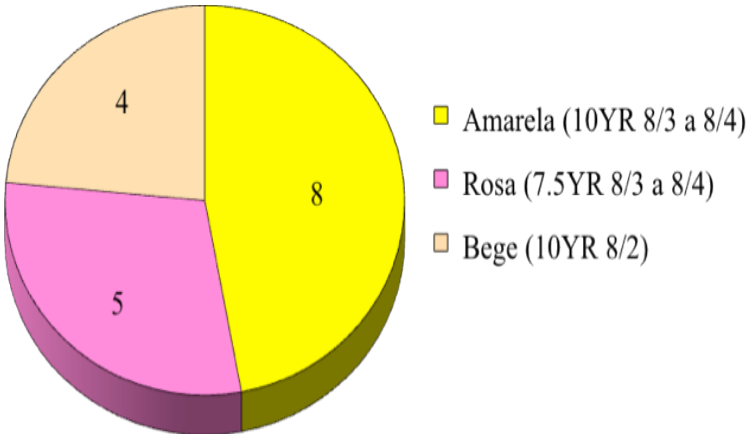


Gráfico 2 – Depósito 1: Faiança

5 fragmentos em tons de rosa 7.5YR 8/3 a 8/4, e 4 bege, 10YR 8/1 a 8/2. A faiança importada encontra-se representada por 25 fragmentos, estando 12 deles representados em 10 peças do catálogo. De referir que apenas 7 de um total de 25 se referem a faiança enquanto que as restantes 18 fragmentos são louças malagueiras.

O Depósito 2, cronologicamente associado ao 1º terço do século XVII, contém um total de 523 fragmentos de cerâmica esmaltada dentro dos três grupos tecnológicos já referidos. No grupo da louça não identificada acrescentamos apenas 13 fragmentos de cerâmica em estado de chacota, ainda não esmaltada, pelo facto de ser um indício da presença de alguma olaria de faiança próxima deste local. O facto destes fragmentos serem de tamanho reduzido não permitiu identificar nenhuma forma. No entanto, estes, apresentam uma pasta homogénea e compacta em tons de amarelo (10YR 8/4).

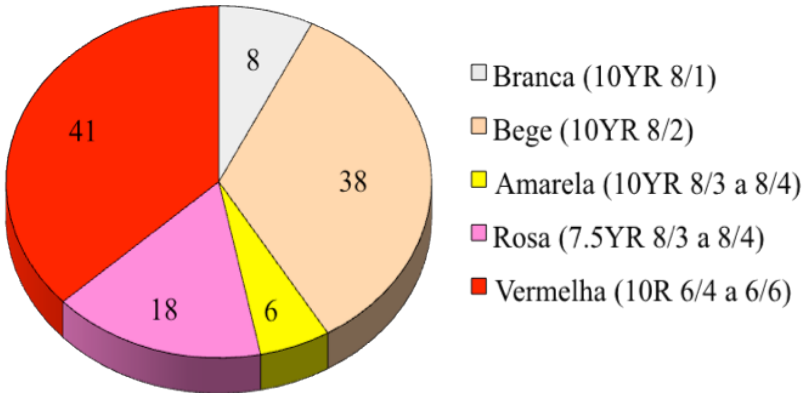


Gráfico 3 – Depósito 2: Louça Malagueira

As louças malagueiras estão representadas em 122 fragmentos, sendo que 11 estão incluídas nas 5 peças do catálogo. Deste pequeno universo de 111 fragmentos, 38 apresentam uma pasta de cor bege (10YR 8/2) e 8 branca (10YR 8/1), 6 de tons amarelos (10YR 8/3 a 8/4), 18 de cor rosada (7.5YR 8/3 a 8/4) e 41 em tonalidades vermelhas (10R 6/4 a 6/6). A faiança identificada como sendo portuguesa é o grupo tecnológico mais representativo deste depósito perfazendo um total de 372 fragmentos. Destes, 300 encontram-se soltos, onde se incluem 208 de pastas de cor amarela (10YR 8/3 a 8/4) e 6 de tom amarelo pálido (25YR 8/2). A faiança de pasta rosada é constituída por 77 fragmentos (7.5YR 8/3 a 8/4). Dentro das pastas mais claras identificamos 7 fragmentos de pasta bege (10YR 8/2) e 1 de pasta branca (10YR 8/1). Do total deste fragmentos apenas 1 caracteriza-se por ter uma pasta vermelha (10R 6/6). A faiança de importação, não foram caracterizadas quanto à sua cor de pasta pois estas tinham uma dimensão muito reduzida e encontravam-se num mau estado de conservação. Do depósito 2 obtivemos 27 peças de faiança, sendo

que duas se encontram em exposição, e mais 5 peças de malagueira decoradas com filetes a azul, fazendo um total de 32 peças no catálogo.

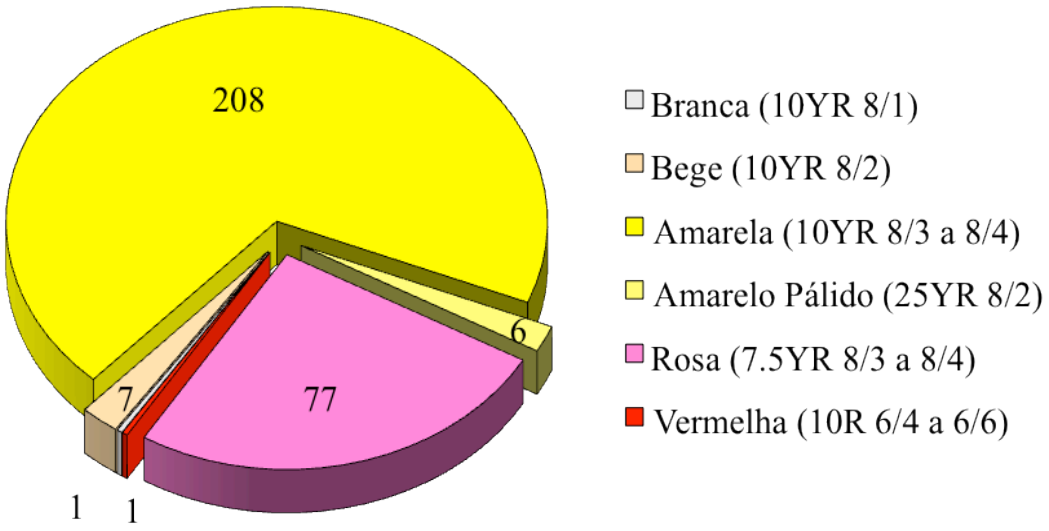


Gráfico 4 – Depósito 2: Faiança

O Depósito 3, cronologicamente enquadrado no terceiro terço do século XVII, abarcando o auge produtivo e estilístico deste tipo de objetos, é aquele que contém o maior número de fragmentos, 7692. Dentro das quais incluímos 1151 fragmentos de louça malagueira. A cor de pasta predominante deste conjunto é a amarela (10YR 8/3 a 8/4), com 884 fragmentos, seguindo-se os tons rosa (7.5YR 8/3 a 8/4) com 241 fragmentos. Em menor número temos as cerâmicas de pasta bege (10YR 8/2) em número de 12, a pasta branca (10YR 8/1) com 6 e a pasta vermelha (10R 6/6) também com 6. Por último distinguimos apenas 2 fragmentos que apresentavam um tom de amarelo escuro alaranjado (10YR 8/6), similares às que já tínhamos identificado no depósito 2. Deste conjunto podemos destacar outra característica, que não tem tanto a ver com a pasta mas sim com o tratamento de superfície, 202 fragmentos deste conjunto encontram-se decorados com simples pinceladas a azul. Destas destacamos 2 peças que incluímos no catálogo.

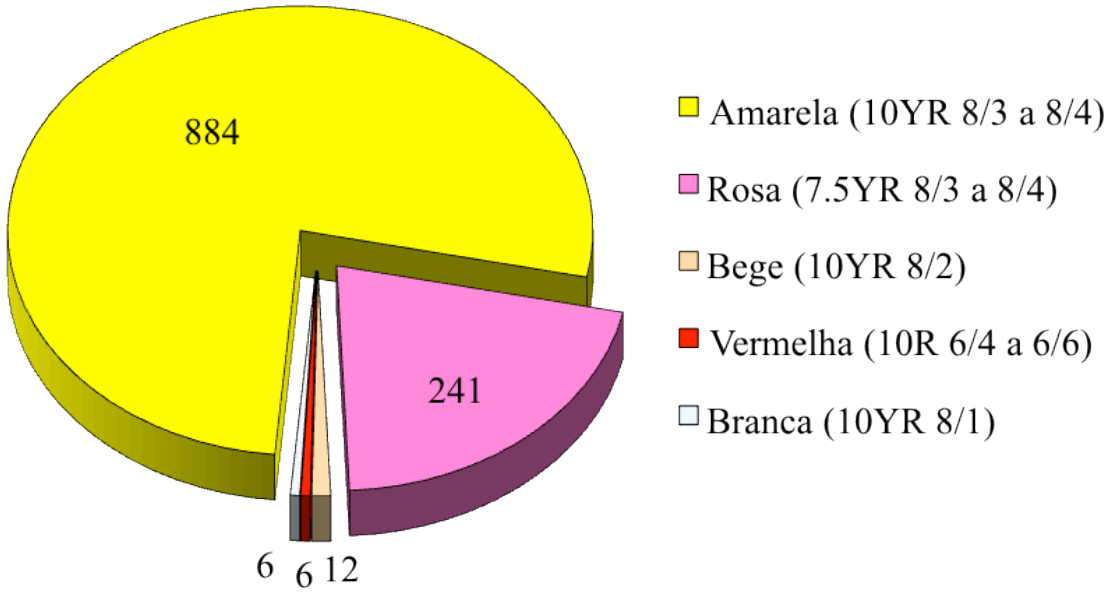


Gráfico 5 – Depósito 3: Louça Malagueira

O grupo tecnológico das faianças de produção nacional é representado por 6139, distribuídos entre fragmentos ou colagens de peças. Ao contabilizarmos apenas aos fragmentos considerados soltos ficamos com um universo de 5182. Entre a cor de pasta mais dominante temos o tom amarelo (10YR 8/3 a 8/4) presentes em 2852 fragmentos contabilizados, com cerca de 53% do total do nosso conjunto. Os fragmentos em tom rosa (7.5YR 8/3 a 8/4) contam com um número de 1733, o segundo grupo mais representativo da nossa contagem. Os fragmentos de pasta bege (10YR8/2) ascendem aos 499, os de pasta branca (10YR 8/1) atingem apenas os 18 fragmentos, as faianças de pasta tendencialmente cinzenta (25YR 8/2) estão representadas por 25 fragmentos. Deste conjunto contabilizamos também 22 fragmentos de pasta cor de laranja (7.5YR 8/6), e 33 em tons visivelmente avermelhados (10R 6/6)

A faiança não identificada e/ou importada é constituído por 251 fragmentos, alguns dos quais presentes em peças coladas que foram incluídos no catálogo.

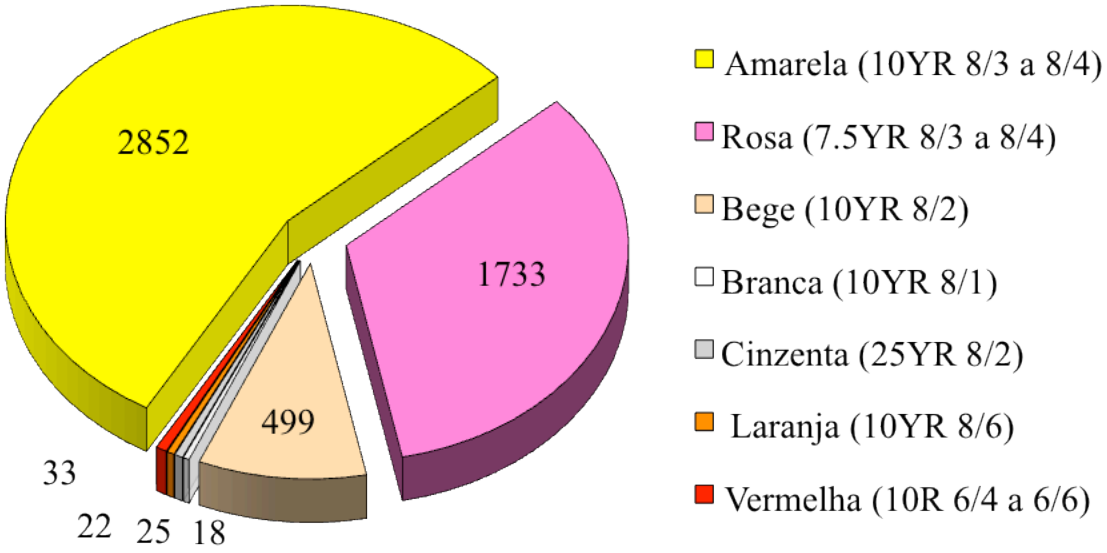


Gráfico 6 – Depósito 3: Faiança

III.2.2. Análise de conjunto

Com este capítulo pretendemos usar um método simples de obtenção de uma média de peças presentes em cada um dos depósitos, tendo em conta o grupo tecnológico a que cada fragmento pertence. O processo de contagem mais plausível que encontramos foi o da contagem do número máximo de indivíduos, usando a contagem dos bordos e fazendo a média com o número mínimo de indivíduos, contabilizando o número de fundos (ORTON; TYERS; VINCE, 1993, p. 172). Este exercício poderia ter sido mais proveitoso se a partir de cada bordo ou fundo tivéssemos conseguido identificar a forma a que cada um pertencia. Se em muitos casos isso era perfeitamente possível, noutros, devido à grande fragmentação em que se encontravam não era possível de todo. Razão ainda mais válida para o caso dos fundos, pois podem ser muito parecidos em formas distintas como pratos ou taças. No entanto, e apesar desta contagem poder oferecer resultados muito subjetivos, não quisemos deixar de realizar este ensaio, que embora naturalmente discutível, poderá ser proveitoso para uma quantificação de números de peças presentes nos trâmites cronológicos apresentados.

Os números representados no quadro X incorporam apenas os fragmentos considerados soltos. As peças incluídas no catálogo, algumas com mais de vinte fragmentos, serão apenas consideradas no capítulo **IV. Resultados e discussão**. Tal significa que no grupo tecnológico de louça malegueira do D1 não estão representados os 35 fragmentos que compõe as 19 peças do catálogo, no D2 não estão incluídos 11 fragmentos de malegueira (5 peças) e 72 de faiança (27 peças) e para o D3, 4 fragmentos de malegueira (2 peças) e 957 de faiança (139 peças). Ou seja os resultados que podemos retirar deste capítulo dizem somente a respeito à parte do conjunto que não foi incluída na amostra representada em catálogo. Nesta lógica não foi contabilizado para o Depósito 1 o grupo das faianças pois foram na sua globalidade consideradas amostra.

	Depósito 1	**Depósito 2**		**Depósito 3**	
	Malagueira	**Malagueira**	**Faiança**	**Malagueira**	**Faiança**
Parede	89	82	211	803	3531
Asas	0	0	0	2	12
Tampas	0	0	0	1	4
Bordos	33	17	23	229	1082
Fundos	4	12	26	112	553
Média aritmética	18,5	14,5	24,5	170,5	817,5
Peças em catálogo	19	5	27	2	139

Quadro 3 – Média de peças por Depósito (a cinzento escuro) tendo em conta o número de bordos e fundos (a cinzento claro)

Ao analisarmos o **Quadro 3** podemos ver os resultados da média de bordos e fundos para os grupos dos três depósitos. O Depósito 1 oferece uma média de 18,5 peças para louça malagueira. O Depósito 2, 14,5 para louça malagueira e 24,5 para faiança. O Depósito 3, 170,4 para louça malagueira e 817,5 para faiança. Não nos podemos esquecer que a maior parte desses fragmentos apresentam uma dimensão muito reduzida se compararmos com a dimensão dos fragmentos presentes nas peças. No entanto é possível ver alguma proporcionalidade no número de peças em relação aos fragmentos pertencentes a cada Depósito.

III.2.3. Análise das formas

Ao observarmos a louça estanífera dos séculos XVI e XVII, verificamos que não existe uma grande variedade de formas, pelo menos se comparado com louça mais tardia de produção industrial. As formas existentes deste tipo de produções em Portugal tiveram até finais do século XVI influências dos oleiros espanhóis (CASIMIRO, 2010, p. 580). Este fenómeno deve-se obviamente ao facto dos primeiros oleiros portugueses terem utilizado as mesmas técnicas de fabrico da chamada louça malagueira produzida na Andaluzia. Ao utilizarem os mesmos processos e modos de produção passaram a copiar fielmente o mesmo tipo de formas, sendo as mais recorrentes e comuns as tigelas carenadas e os pratos com fundo em ônfalo. O domínio da técnica de produção de louça estanífera por estes oleiros amadureceu com a entrada de uma nova influência. A importação de porcelana chinesa no mercado europeu por parte dos portugueses trouxe um novo gosto aos consumidores dos inícios do século XVII. Estas novas produções certamente causaram um grande impacto quer no produtor quer no consumidor, isto porque rapidamente as olarias passaram a produzir a louça estanífera pintada a azul cobalto utilizando diretamente o mesmo estilo decorativo que se utilizava na porcelana chinesa do período *Wanli* (1573-1639). Não só o estilo decorativo influenciou os oleiros como certamente conquistou os consumidores, que assim poderiam adquirir louça ao estilo de porcelana chinesa a um preço muito mais competitivo. Deste mesmo modo, passaram a ser produzidas tipologias de faiança que derivam de forma direta da porcelana, como é o caso dos pratos ou das tigelas. Estes abandonam as características que os identificam, prato com fundo em ônfalo ou tigelas carenadas, para passarem a ter uma forma estética mais leve e elegante. No entanto muitas formas não existentes na porcelana chinesa deste período foram criadas em Portugal pelos oleiros. Isto porque teriam obviamente de criar peças que satisfizessem os usos e hábitos de consumo de cariz cultural de Portugal e da Europa deste período. E neste contexto passaram-se a produzir em faiança peças que habitualmente eram manufacturadas com outra técnica de cerâmica ou metal, como as escudelas, jarros, pichéis, bilhas ou mangas de farmácia. As principais funções destas produções são obviamente, e principalmente, a preparação e serviço à mesa de alimentos líquidos e sólidos, embora surjam naturalmente peças cujo função é meramente decorativa e em

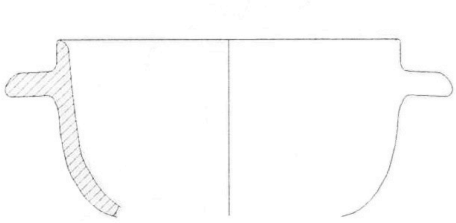
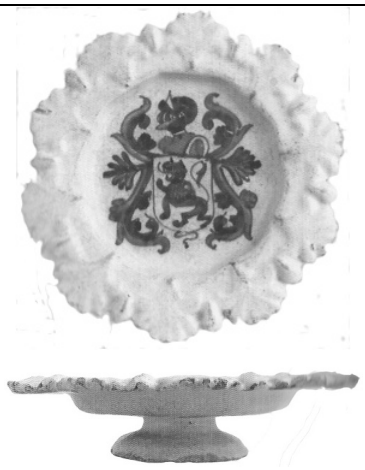
outros casos ligados à higiene e cuidados pessoais, ou até mesmo dedicadas a ofícios como a farmácia.

A necessidade sentida em conhecer melhor todo este considerável universo de tipologias de faiança, e acima de tudo a nomenclatura utilizada para cada peça, levou-nos a adoptar um *corpus* terminológico. Todos as entradas aqui enumeradas têm como base conceitos criados e largamente utilizados por investigadores como Rafael Calado (2003), Tânia Casimiro (2010) e Isabel Fernandes (2001). Tratam-se apenas de peças mais comuns presentes apenas entre o espaço temporal de finais do século XVI e 2ª metade do século XVII, pelo que produções mais raras podem não estar representadas. Optamos por organizar este *corpus* por ordem alfabética em detrimento de uma organização meramente funcional ou cronológica.

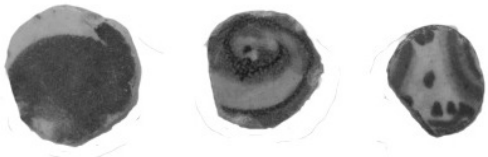
Almofia – Recipiente de grandes dimensões de forma troncocónica. Semelhante a um alguidar de pequena dimensão (CALADO, 2003, 102). Imagem: CMGJ - Casa Museu Guerra Junqueiro	
Almotolia – forma fechada, bojuda, de gargalo estreito, com ou sem bico, sempre com asa no sentido oposto. Destinava-se a conter líquidos. Similar à bilha, mas de dimensões mais reduzidas (FERNANDES, 2001, p. 38). Imagem: MNSR – Museu Nacional Soares dos Reis	

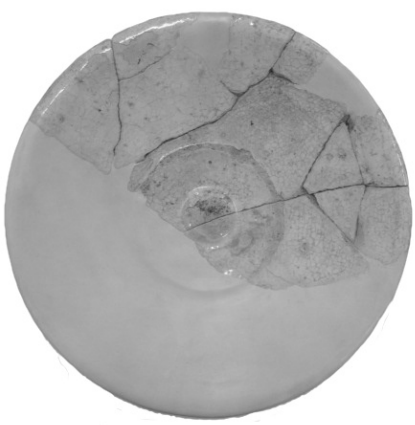
Aquamanil – recipiente fechado cuja função é conter água. Na Faiança Portuguesa é comum apresentarem a forma de animais ou animais fantásticos como a carpa da coleção do Museu Nacional de Arte Antiga ou a sereia e o cão da coleção Carmona e Costa (CASIMIRO, 2010, p. 582). Imagem: MNAT - Museu Nacional de Arte Antiga	
Bacios /Vaso de Quarto – forma fechada, destinada a ser utilizada no quarto como vaso sanitário, possuindo uma ou duas asas (CASIMIRO, 2010, p. 582). Imagem: MCL - Museu da cidade de Lisboa	
Bilha – forma fechada, bojuda, de corpo globular, gargalo alto, destinada a conter água, com uma asa (CASIMIRO, 2010, p. 583). Imagem: CMMOS - Casa Museu Marta Ortigão Sampaio	
Boião / Botica – forma fechada, cuja função seria a de conter ervas ou unguentos destinadas a serem usadas na indústria farmacêutica (CASIMIRO, 2010, p. 583). Imagem: ACP - Ateneu Comercial do Porto	

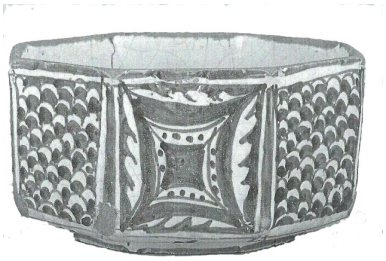
Bule – Vasilha de forma cilíndrica ou esferoidal, de paredes que convergem para a boca, com ou sem borda, apresenta sempre um bico e uma asa diametralmente oposta. Sempre com asa. Tinha a função de servir chã ou água quente (FERNANDES, 2001, p. 40) Imagem: MMC - Museu Machado de Castro	
Caixa – forma fechada podendo apresentar uma grande variabilidade de formas desde quadradas, a hemisféricas ou hexagonais destinadas a guardar bens no seu interior. Surgem quase sempre acompanhadas por uma tampa (CASIMIRO, 2010, p.583). Imagem: MNAA – Museu Nacional de Arte Antiga	
Covilhete – forma aberta que se traduz numa taça de pequenas dimensões (CASIMIRO, 2010, p. 583). No século XVIII-XIX este termo passa a designar uma espécie de taça sempre com tampa, como a terrina (FERNANDES, 2001, p. 42 a 43). Imagem: (Almeida, 2012, p. 438)	

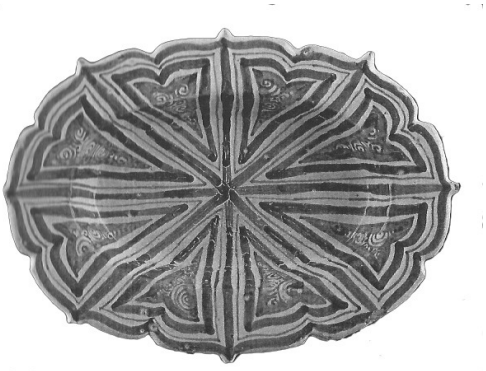
Escudela – forma aberta inserida na tipologia das taças, mas apresentando duas pequenas asas laterais (CASIMIRO, 2010, p. 583). Imagem: (Almeida, 2012, p.460)	
Estatuária – formas esculpidas a partir de um bloco de barro. Era na sua maioria religiosa, com a representação de santos, nossas senhoras e anjos. No entanto, mais raramente, surgem outras formas (CASIMIRO, 2010, p. 583). Imagem: CAC - Colecção António Capucho	
Floreira – Vaso ou recipiente, de variados formatos próprio para conter flores ou plantas ornamentais (CALADO, 2003, p. 106). Imagem: MNAA - Museu Nacional de Arte Antiga	
Fruteira – Recipiente circular, geralmente com bordo recortado, tendo a forma de uma taça funda assente sobre um pé muito destacado. Destinado a conter fruta (CALADO, 2003, p. 106). Imagem: CMGJ - Casa Museu Guerra Junqueiro	

Garrafa – forma fechada, de corpo globular ou ovóide e gargalo alto e estreito, destinada a conter líquidos que seriam servidos à mesa. Apresenta uma enorme variabilidade de formas que podem ser hemisféricas, piriformes, cilíndricas, com carena no bojo, cilindrica com carena no colo, tipo cabaça, ou de secção quadrangular (CASIMIRO, 2010, p. 584). Imagem: MNSR - Museu Nacional Soares dos Reis	
Jarro – forma fechada, de corpo bojudo, com asa e geralmente com bico, destinada a conter líquidos como água e vinho. Similar ao Pichel, mas de formas menos elegantes que o Gomil (CALADO, 2003, p. 107). **Jarro com bico / Gomil –** forma fechada, de corpo globular, gargalo alto, provido de asa, destinada a conter líquidos que serviriam à mesa ou encheriam as bacias de quarto. Por vezes surgem associados a pratos que seriam colocados por baixo do mesmo (CASIMIRO, 2010, p. 584). Imagem: MNSR – Museu Nacional Soares dos Reis	

Malha de jogo – de forma cilíndrica, com contorno circular ou sub-circular e diferentes diâmetros destinadas a serem utilizadas em tabuleiros de jogo (CASIMIRO, 2010, p. 584). Imagem: CI - Casa do Infante proveniente do Depósito 2	
Manga ou Canudo de farmácia – forma fechada, cilíndrica mais ou menos cintada destinada a guardar produtos farmacêuticos. Também designada por albarrada ou arredoma (CALADO, 2003, p. 108). Imagem: CMGJ – Casa Museu Guerra Junqueiro	
Pote – Recipiente de base reduzida, alto, bojudo, com diversas dimensões destinado a armazenar diversos produtos domésticos ou boticários quer sejam líquidos ou sólidos (CALADO, 2003, p. 109). Imagem: MNAA - Museu Nacional de arte antiga	

Prato – forma aberta, geralmente sub-troncocónica ou com fundo em ônfalo, de paredes baixas, assente em fundo de pé anelar, destinada a ser utilizada individualmente à mesa, no consumo de alimentos. Apresenta uma enorme variabilidade de diâmetros e o bordo pode ser recortado. As primeiras produções, em meados de quinhentos, apresentam paredes oblíquas e fundo em ônfalo, de influência hispânica, evoluindo para formas subtroncocónicas a partir de finais do século XVI, de influência italiana e oriental, que perduram até ao século XVIII (CASIMIRO, 2010, p. 585). Imagem: prato de fundo em ônfalo CI – Casa do Infante; prato subtroncocónico CI – Casa do Infante	 
Púcaro – recipiente fechado, com corpo globular e pequenas dimensões, provido de asa, destinado a ser utilizado individualmente no consumo de líquidos, sobretudo água (CASIMIRO, 2010, p. 585). Imagem : MNAA – Museu Nacional de Arte Antiga	

Taça – forma aberta, geralmente hemisférica ou carenada, assente em fundo de pé anelar, destinada a ser utilizada individualmente à mesa, no consumo de alimentos, mencionada como malga na documentação do século XVI. Inicialmente apresenta formas semelhantes às produções sevilhanas, com corpo carenado, assente em pé destacado e anelar, evoluindo, em inícios do século XVII para formas hemisféricas que perduram até ao século XVIII quando a produção de formas pequenas e abertas começa a ser dominada pelos covilhetes (CASIMIRO, 2010, p. 585). Imagem: Taça/Tigela carenada CI – Casa do Infante; Taça ortogonal MNAA – Museu Nacional de Arte Antiga	 
Tampa – de forma hemisférica ou troncocónica, apresenta uma pequena pega no centro superior e surge nas mais diversas dimensões. Serviria para tapar jarros, garrafas, caixas ou mesmo taças (CASIMIRO, 2010, p. 585). Imagem: CI - Casa do Infante	

Terrina – forma oval, sempre com tampa e esporadicamente com duas asas . Geralmente utilizadopara serviço de sopa ou ensopados à mesa (FERNANDES, 2001, p. 50) Imagem: MNAA – Museu Nacional de Arte Antiga	
Tigela – forma aberta, geralmente de forma troncocónica, destinada a ser utilizada individualmente à mesa, no consumo de alimentos CASIMIRO, 2010, p. 585). Imagem: CI - Casa do Infante	
Travessa – forma aberta, geralmente oval, destinada a servir alimentos à mesa (CASIMIRO, 2010, p. 585). Imagem: MNSR – Museu Nacional de Arte Antiga	

No caso concreto da Casa do infante, edifício público que servia como alfândega e sede do poder régio na cidade do Porto, os serviços de louça em faiança tinham uma função mais prática ao invés de peças com funções específicas ou de aparato. Assim, neste contexto, a maioria das peças exumadas são maioritariamente destinadas à preparação ou serviço de alimentos como pratos, taças, tigelas e escudelas. Estas conclusões foram apenas tiradas pela simples observação de fragmento a fragmento, no qual esporadicamente fomos identificando pedaços de asas, bicos, tampas e até peças de jogo ,o que implica a existência de outras formas descritas no *corpus* terminológico apresentado neste capítulo. A sua escassez em comparação com os fragmentos de pratos e taças indica, no entanto, que estas seriam uma minoria. No capítulo IV.1.3. Formas. foi possível determinar, para as peças assinaladas como amostra, o grupo funcional a que pertenciam. Neste caso, tal foi possível por se tratarem de fragmentos colados ou de grandes dimensões que representavam uma parte substancial da sua forma inicial.

Capítulo IV: Resultados e discussão

IV.1. Estudo da Amostra

Consideramos como amostra, uma parte do conjunto vasto de fragmentos de cerâmica esmaltada, exumado dos três depósitos bem datados em estudo, cujas características foram devidamente selecionadas como sendo representativas dos seus grupos tecnológicos. Foram assim separados conjuntos de fragmentos colados pertencentes à mesma peça, cuja pasta, forma e tipologia decorativa fossem bem expressivas do período cronológico a que pertenciam. A circunstância de incluirmos fragmentos soltos neste universo é justificável com o facto de também estes apresentarem uma forma ou modelo decorativo bem representativas do seu grupo, não identificados noutros fragmentos com a mesma dimensão.

Este estudo sobre faianças está centrado em três depósitos bem datados, o que nos permite logo à partida fazer uma distinção cronológica entre peças. Neste capítulo vamos aproveitar essa distância temporal analisando as características que as peças de cada depósito e grupo tecnológico nos oferecem, nomeadamente quanto ao tipo e composição das suas pastas e esmaltes, tipos de formas e figurações decorativas. Estes dados serão fundamentais para fazermos uma análise evolutiva deste tipo de produções, assim como para a identificação de diferentes centros produtores.

A amostragem com que vamos aprofundar o estudo das faianças da Casa do Infante é constituída por um total de 26 de peças de louça malagueira, 183 peças de faiança e 16 peças de louça não identificada ou importada. Para o Depósito 1 optamos por representar 19 peças de louça malagueira, por este ser o grupo tecnológico mais representado, 17 peças de faiança e 10 de louça não identificada ou importada, que são um bom mostrador dos tipos de mercados que abasteciam a cidade. Importa referir que cada peça de faiança representa apenas um fragmento de pequena dimensão, não obstante é possível em alguns dos casos distinguir os motivos decorativos neles representados. O Depósito 2 é composto por 5 peças de louça malagueira e 27 de faiança cuja popularidade de consumo começa a fazer-se notar. O Depósito 3, cujo o universo cerâmico é claramente superior aos restantes depósitos, está representado por 2 peças de louça malagueira e 139 de Faiança. Este depósito

abarca o auge deste tipo de produções existindo uma maior variedade formas e de estilos decorativos.

Nos pontos em estudos seguintes, a organização das análises será sempre feita tendo em conta o Depósito e o grupo tecnológico a que pertencem. No capítulo dedicado às técnicas decorativas utilizamos também como factor organizacional os diferentes motivos ornamentais fazendo uma representação aproximada do período em uso desses motivos usando como termo de comparação outros estudos sobre o mesmo tema. No ponto **IV.1.4. Grupos de fabrico**, agregamos todos os dados compilados dos capítulos anteriores com o objectivo de, e mais uma vez comparando com outros estudos sobre o tema, identificarmos os possíveis centros produtores que abasteceram a Casa do Infante desde finais de Seiscentos até meados de Setecentos.

IV.1.1. Pastas

A análise das pastas foi feita a partir de uma análise macroscópica cuidada que teve em consideração factores como as tonalidades, homogeneidade e compacticidade. A indicação de existência de elementos desengordurantes na composição das mesmas só foi feita em casos em que os mesmos eram visíveis a olho nu, pois tal distinção desses elementos só seria possível com a utilização de uma lupa binocular. A descrição do esmalte da faiança teve em conta sempre que distinguível a olho nu a cor, brilho, aderência, espessura e a existência de marcas degradação, *craquelê*, ou de fabrico, trempes.

O Depósito 1 tem presente nesta amostragem, 19 peças de louça malagueira, nas quais foram distinguidas 7 tonalidades diferentes. A mais representada é a 10YR 8/2 (tom bege) com 8 peças, seguindo-se a 10YR 8/6 (tendencialmente laranja) com 4 e a 7.5YR 8/3 (rosada) 3 peças. Estas pastas apresentam-se quase todas como sendo compactas, homogéneas e porosas, contendo ENP`s (elementos não plásticos) micáceos e quartzosos de pequena e média dimensão. Em apenas sete casos é visível á adição de cerâmica moída como desengordurante, seis deles nas pastas mais escuras. O esmalte apresenta-se tendencialmente esbranquiçado, principalmente nas pastas mais claras, pouco brilhante e com alguma aderência, embora não seja muito espesso e esteja a desprender-se da maioria das peças. Há no entanto a registar peças com um

esmalte em tons de pastel, rosadas e até mesmo com tendências azuladas ou esverdeadas. Em pelo menos três peças são claramente visíveis marcas de *craquelé*. Uma das peças encontra-se decorada com dois filetes paralelos concêntrico a azul junto ao fundo em ônfalo. Além de verificarmos que as pastas mais claras têm normalmente o esmalte mais esbranquiçado não existe mais nenhuma tendência ao nível da pasta, esmalte ou até mesmo da forma que seja indicadora de um tipo de produção

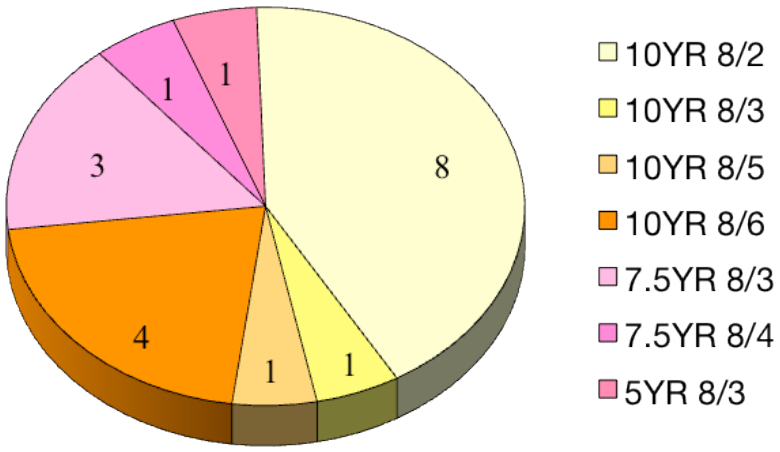


Gráfico 7 – tonalidades representadas nas peças de Louça Malagueira do Depósito 1

Para as faianças temos 17 peças, das quais 7 têm uma cor amarelada divididos em dois tons distinguíveis em número de 5 e 3 respectivamente (10YR 8/3 e 10YR 8/4). Cerca de 4 peças têm uma pasta clara enquadrada no 10YR 8/2, e cerca de 5 apresentam tons rosados 7.5YR 8/4. As pastas apresentam-se homogéneas e compactas, sendo no entanto, em alguns casos, ligeiramente porosas. Os ENP`s são de grão fino a muito fino distinguindo-se no entanto o brilho de partículas micáceas e quartzosas. O esmalte apresenta-se no geral brilhante sendo que em 4 casos podemos considerá-los muito brilhante. É bastante aderente, de cor branca (apenas uma peça apresenta um tom ligeiramente rosada no seu esmalte) e de boa qualidade, não existindo marcas de *craquelé* nas superfícies analisadas.

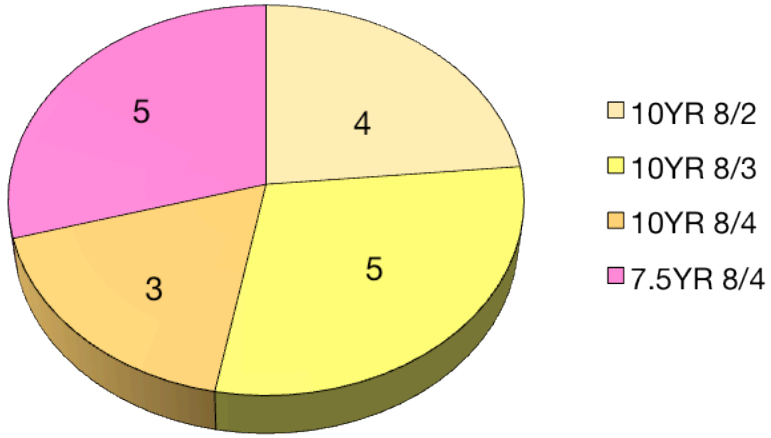


Gráfico 8 – Tonalidades representadas nas peças de Faiança do Depósito 1

Para este Depósito foram também catalogadas para amostra 10 peças de louça considerada não identificada ou como sendo de importação. Deste conjunto, 3 podem ser consideradas como louça Malagueira, duas delas cobertas com um esmalte estanífero verde, cujo vidrado já praticamente se descolou das peças, que têm umas pastas em tons de 10YR 8/2 (bege) e 7.5YR 8/4 (rosado). A outra peça tem um esmalte azul espesso com uma pasta bege (10YR 8/2). As outras peças são tecnologicamente catalogadas como faiança, 3 delas apresentado pastas beges (10YR 8/2) e as restantes rosadas (7.5YR 8/2 a 8/4). Destas, 2 apresentam um esmalte branco com decoração a azul cobalto, quatro com pinturas na superfície policromáticas e uma um esmalte azul claro com decoração em azul escuro

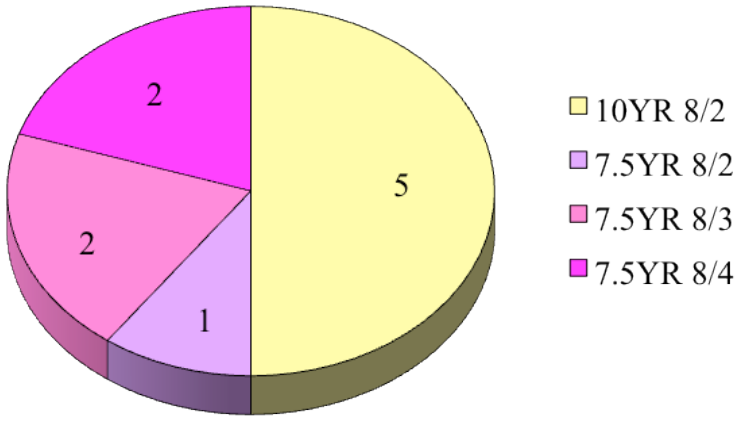


Gráfico 9 – Tonalidades representadas das peças de Louça Não Identificada e/ou Importada do Depósito 1

Para o Depósito 2 foram consideradas 5 peças de louça malageira a incluir no catálogo. Estas, além de apresentarem formas facilmente identificáveis, encontram-se decoradas com simples pinceladas a azul. Foram identificadas 4 cores distintas de pastas. Três peças apresentam tons rosados, dos quais duas na escala de 7.5YR 8/3 e um na escala de 7.5YR 8/4. Estas pastas apresentam-se homogéneas, compactas e com ENP`s micáceos e quartzosos de calibre médio a fino. As restantes duas peças são constituídas por cores de pastas mais claras, uma enquadrada no tom 10YR 8/1 (tom quase branco) e outra no tom 10YR 8/2 (em tom bege). A pasta destas peças é homogénea e compacta, com ENP`s quartozosos e micáceos de grão fino a finíssimo. O esmalte deste universo é bastante similar. Caracteriza-se por ser aderente, em tons de pastel e pouco brilhante. A única exceção é a peça com pasta mais escura (7.5YR 8/4) que apresenta uma esmalte, amarelado, embora também aderente e baço.

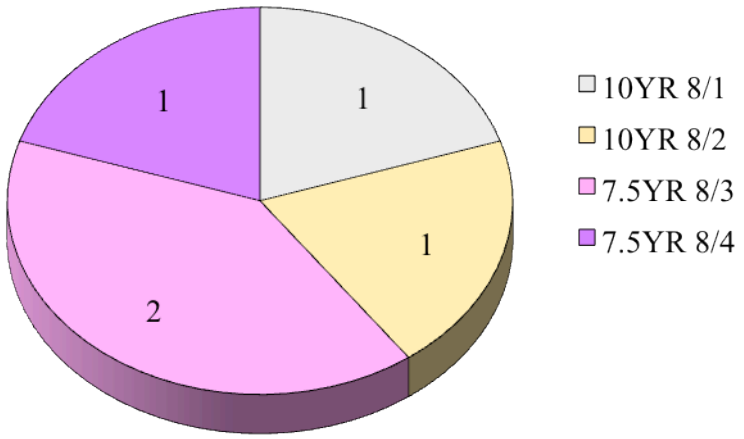


Gráfico 10 – Tonalidades representadas das peças de Louça Malagueira do Depósito 2

As faianças, em número de 27 peças, apresentam uma variedade de 9 tons diferentes, entre branco, bege, amarelo, cor de laranja e rosa. O tom 10YR 8/1 (Branco) está representado por uma peça, enquanto que quatro peças enquadram-se no 10YR 8/2 (Bege), terminado aqui o grupo das pastas claras. Em tons mais amarelados temos seis peças na escala de 10YR 8/3, uma no tom de 10YR 8/4, e um na escala 5YR 8/3 (que corresponde a uma amarelo pálido. Duas peças apresentam uma pasta no tom 10 YR 8/6 (dentro dos tons alaranjados). No grupo das pastas rosadas, divididas em três tons, incluem-se 12 peças, 5 em 7.5YR 8/3, 6 em 7.5YR 8/4, e um em 7.5YR 8/6. Estas pastas caracterizam-se por serem homogéneas e compactas geralmente com ENP`s micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino, existindo no entanto 12 pastas cujo calibre dos seus constituintes é mais notório. Este facto é mais

comum nas pastas mais escuras em que 9 peças apresentam desengordurantes de calibre médio. O esmalte apresenta-se sempre bastante aderente e brilhante ou muito brilhante. As sua cor é normalmente branca, embora em 10 casos o seu tom seja mais baço, passando o branco a um tom pastel. Num caso o esmalte apresenta-se quase acinzentado num tom branco sujo. Os esmaltes mais baços estão associados às cores de pastas mais escuras, embora haja obviamente exceções. Outro dado importante é o facto de 14 das peças em catálogo apresentarem marcas de *craquelé* nos seus esmaltes e 5 apresentarem visíveis marcas de uso de trempes. Mais uma vez a presença de *craquelê* e de trempes é mais comum nas pastas de tom mais escuro.

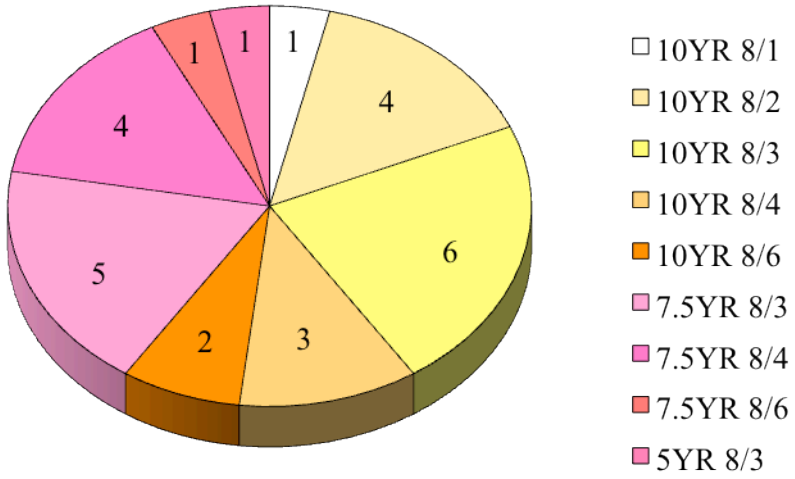


Gráfico 11 – Tonalidades representadas das peças de Faiança do Depósito 2

Para o Depósito 3, as louças malagueiras encontram-se representadas em apenas duas peças, apesar de existirem 1151 fragmentos deste tipo de louça. Estas duas peças são de pasta rosada, mas em dois tons diferentes, 7.5YR 8/3 e 7.5YR 8/4. Caracterizam-se por serem homogéneas e compactas e por incluírem na sua composição ENP`s micáceos e quartzosos de grão médio a fino. Ambas as pastas apresentam um esmalte muito aderente, brilhante e de boa qualidade, cujas características as aproximam nesta fase ao tipo de esmalte que cobre a faiança típica. Outro aspecto destas peças é o facto de ambas apresentarem marcas de trempes. Na peça em tom rosado mais escuro são ainda visível marcas de *craquelê* em ambas as superfícies.

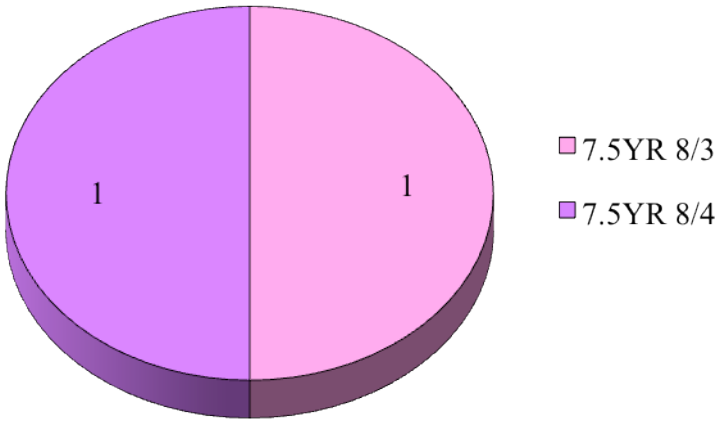


Gráfico 12 – Tonalidades representadas das peças de Louça Malagueira do Depósito 3

O universo de peças de faiança neste Depósito é vasto. Consideramos um total de 139. As peças de pastas que consideramos mais claras, branca e bege, estão representadas num número de 9, sendo que 1 define-se com sendo 10YR 8/1 e 8 10YR 8/2. Dentro das pastas de tom amarelado temos 18 designadas por 10YR 8/3 (amarelo claro) e 50 por 10YR 8/4, existindo ainda uma peça cujo o tom de amarelo se aplica ao 10YR 8/5. Com 69 peças em tom de amarelo, este grupo continua a ser o mais representado. Com um tom alaranjado, 10YR 8/6, temos presentes 8 peças. Dentro das pastas rosadas conseguimos distinguir três diferentes tons que vão do mais claro ao mais escuro. No 7.5YR 8/3 enquadram-se 27 peças, no 7.5YR 8/4, 22 peças e no 7.5YR 8/6, 1 peças. Pastas cuja tonalidade é notoriamente vermelha, 10R 6/6, foram identificadas 3 peças.

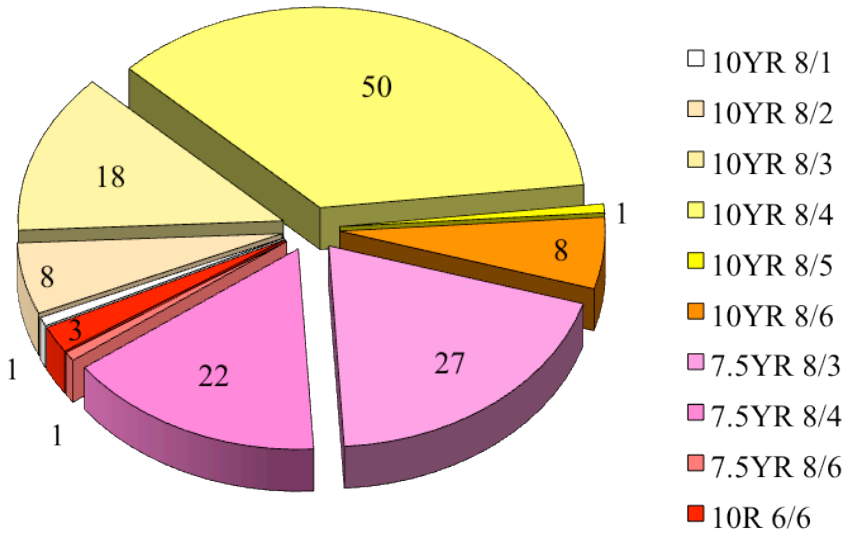


Gráfico 13 – Tonalidades representadas das peças de Faiança do Depósito 3

A constituição física destas pastas caracteriza-se por ser bastante compacta e homogénea, contendo ENP`s micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino na sua constituição em 70 peças, enquanto que 65 apresentam um grão de calibre médio a fino. Em cerca de 4 peças não foi possível analisar a constituição das pastas pois tratam-se de peças restauradas. Mais uma vez as pastas rosadas são aquelas cuja pasta apresenta maioritariamente um calibre de grão médio. O esmalte apresenta-se sempre bastante aderente e brilhante ou muito brilhante. Na sua maioria apresenta um tom branco, embora em 32 peças o branco seja substituído por um tom pastel, sendo que em apenas 10 casos o esmalte pastel esteja associado a pastas de cores claras (10YR 8/3 e 10YR 8/4) sendo os restantes relacionadas a cores de pastas mais escuros. Em 7 peças a cor do esmalte apresentava uma clara tendência para o tom cinzento. Destas, 2 estão associadas a peças de pasta clara e 5 de pastas escuras. Das 139 peças identificadas 69 apresentam marcas de *craquelê*, sendo que 31 em peças de pasta clara (10YR 8/2 a 8/4). Do mesmo total de peças, 52 apresentavam marcas de uso de trempes, 20 das quais em peças de pasta clara (10YR 8/2 a 8/4).

A louça não identificada e/ou importada é constituída por 6 peças, 2 de com uma pasta em tons claros (10YR 8/2 e 10YR8/3), outras 2 com uma pasta cor de laranja (10YR 8/6) e outras 2 com um tom avermelhado ou mesmo vermelho (10YR 8/6 e 10R 6/6). Apresentam um esmalte normalmente branco com exceção de 2 peças. Um tem um esmalte verde baço com pintura a castanho e outro tem um esmalte acinzentado. A inclusão destas peças tem um fim meramente comparativo. Concluímos que as peças de importação podem ter tons de pastas semelhantes à faiança portuguesa.

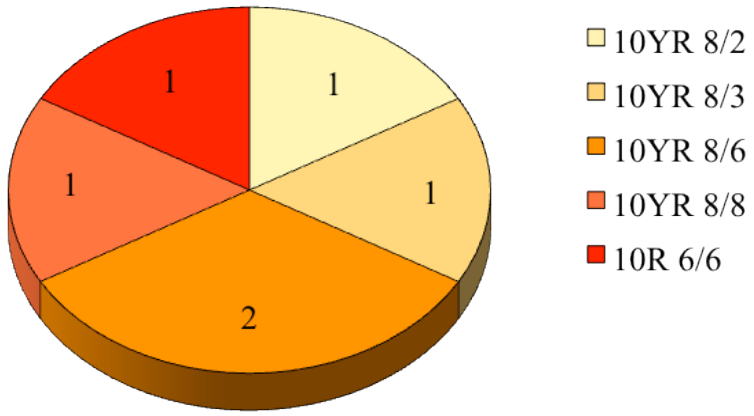


Gráfico 14 – Tonalidades representadas das peças de Louça Não Identificada e/ou Importada do Depósito 3

IV.1.2. Formas

Através da observação e desenho das peças em amostra, foi possível quantificar com exatidão as formas mais comuns para cada um dos depósitos. Com isto traçamos uma evolução tipológica ao longo do século XVII que além das tendências formais, nos indica a necessidade de consumo de louça que este edifício teve.

No Depósito correspondente aos finais do século XVI (D1), a escassa e reduzida dimensão da faiança aí existente não nos permite obter formas completas, ficando apenas espaço para uma possível suposição por comparação com outras peças mais tardias. Os desenhos dos perfis de fragmentos em que tal era possível, permitiram-nos concluir que estamos perante a presença de taças e pratos. Tratando-se de produções elegantes, de paredes finas e esmaltes brilhantes e aderentes, ou seja, dentro do que caracteriza a faiança portuguesa. Somos levados a crer que neste pequeno universo temos 3 pratos, 2 taças, mas infelizmente em 12 fragmentos não foi possível determinar a forma a que pertenciam. A observação realizada aos fragmentos não identificados assegura-nos mesmo assim que não estamos perante nenhuma forma excepcional e muito provavelmente, também por observação das frequências dos outros Depósitos, todas se encaixam nos grupos dos pratos ou das taças.

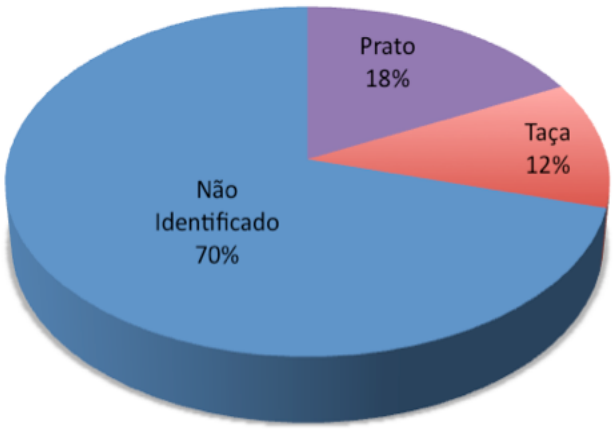


Gráfico 15 – Universo das formas de Faiança do D1

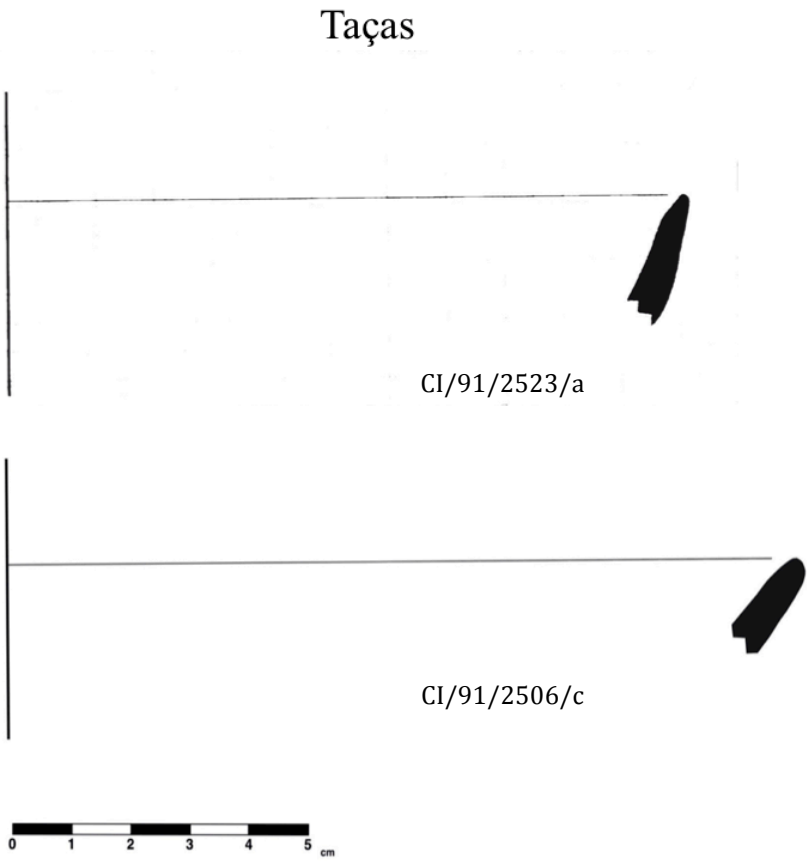


Fig. 8 – Quadro de formas da Faiança do Depósito 1
(Fonte: Rudi Martins, José Miguel Oliveira)

No entanto, o grupo de fabrico das malagueiras oferece-nos peças, que embora não sendo completas, nos permitem reconstituir as suas formas. Das 19 peças, 8 correspondem a pratos, todos ao estilo europeu, de perfil troncocónico, paredes grossas e com um fundo com ônfalo. Em suma, similares às produções andaluzas do mesmo período, razão pela qual é impossível determinar um centro de fabrico sem o recurso a

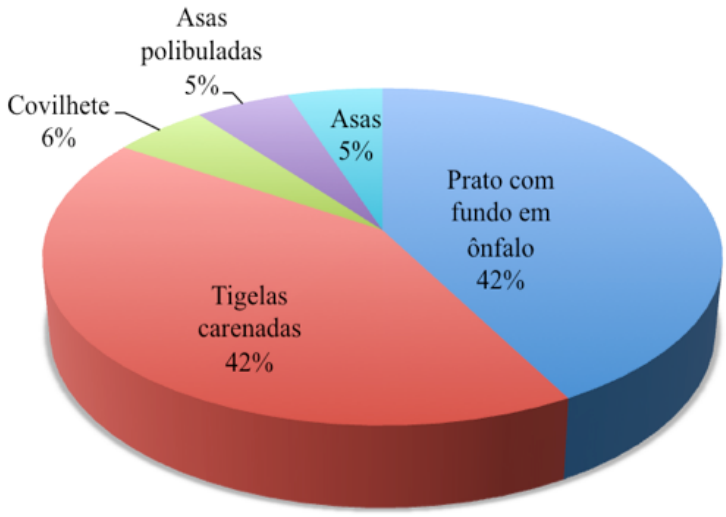


Gráfico 16 – Universo das formas da louça Malagueira do D1

análises químicas da pasta. Do mesmo modo surgem as tigelas carenadas, aqui representadas em 8 peças. Assentes em pé anelar, de perfil bi-troncocónico com inflexão acentuada na carena e com paredes grosseiras. No entanto, dentro das taças, foi identificada uma peça mais delicada e pequena. Com apenas 0,070m de abertura de bordo, paredes finas, esmalte mais brilhante, apresenta um perfil em calote, assemelhando-se a um covilhete. Das duas asas presentes neste grupo, uma, polibulada, assemelha-se a uma asa de escudela, enquanto que a segunda, de perfil cilíndrico não foi possível determinar a sua origem formal.

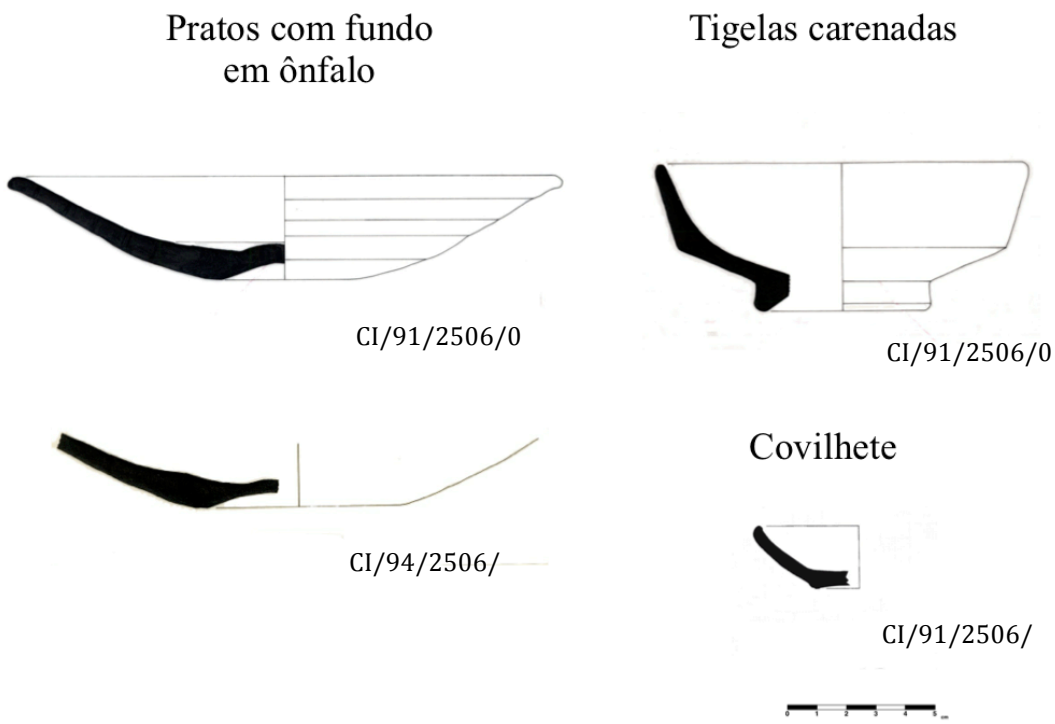


Fig. 9 – Quadro de formas da louça malegueira do Depósito 1
(Fonte: DMAH/CMP; Rudi Martins, José Miguel Oliveira)

Para o grupo tecnológico das faianças do Depósito 2, é possível desde já, obter fragmentos de peças com tamanho suficiente para se identificar as formas

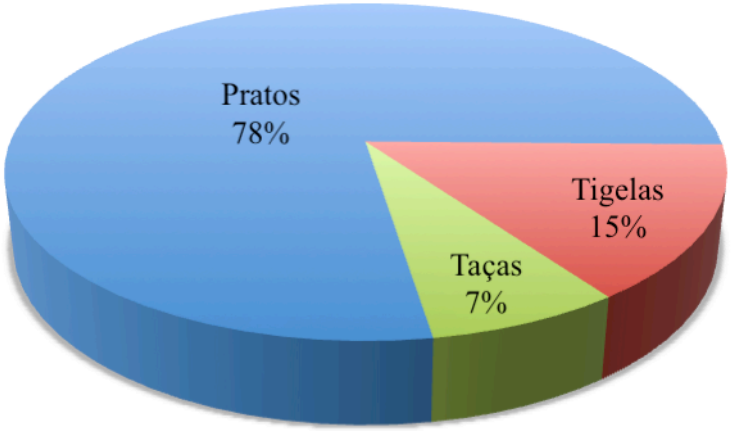


Gráfico 17 – Universo das formas de Faiança do D2

presentes. Das peças selecionadas para o catálogo contabilizamos 21 pratos, 4 tigelas e 2 taças. Para o mesmo depósito, mas não representados em catálogo, por não constituírem fabrico de formas com um fim específico, podemos referir ainda a existência de três peças de jogo fabricadas a partir de reutilização de faiança. Dentro do grupo dos pratos temos dois grupos identificados, os pratos com perfil subtroncocónico de fundo raso e os de perfil troncocónico que podem ter um fundo raso ou fundo alto. Das peças em que pudemos retirar o perfil completo podemos afirmar com toda clareza que pelo menos 5 pratos têm perfil subtroncocónico todos com fundo raso, enquanto que nos pratos com perfil troncocónico em número de 3, 2 têm uma base funda e apenas 1 é raso. Quanto às peças identificadas como tigelas, 2 têm um perfil hemisférico achatado, 1 um perfil hemisférico alto e na peça que falta só foi possível determinar que tem um perfil hemisférico. As peças identificadas como taças, muitas vezes semelhantes e facilmente confundíveis com as tigelas, têm perfis hemisféricos e normalmente um lábio extrovertido.

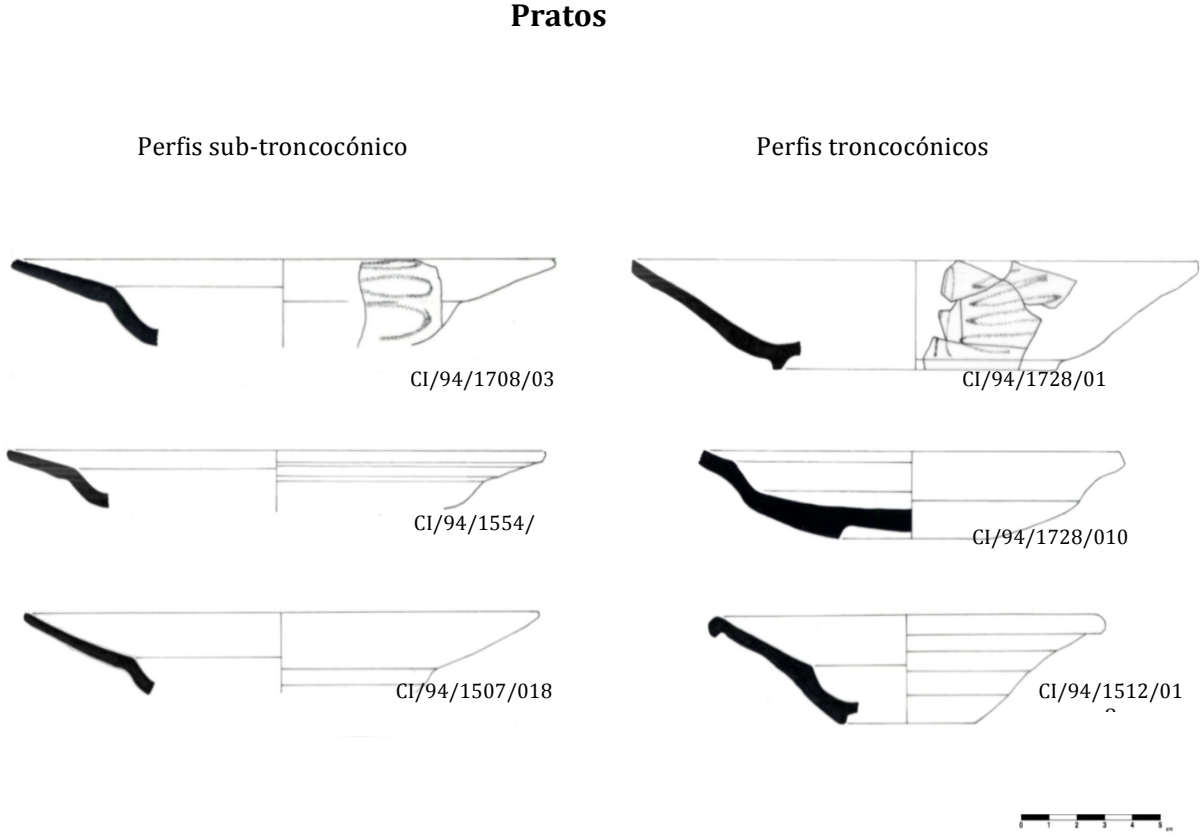


Fig. 10 – Quadro de formas de pratos da louça pintada-Faiança do Depósito 2
(Fonte: DMAH/CMP)

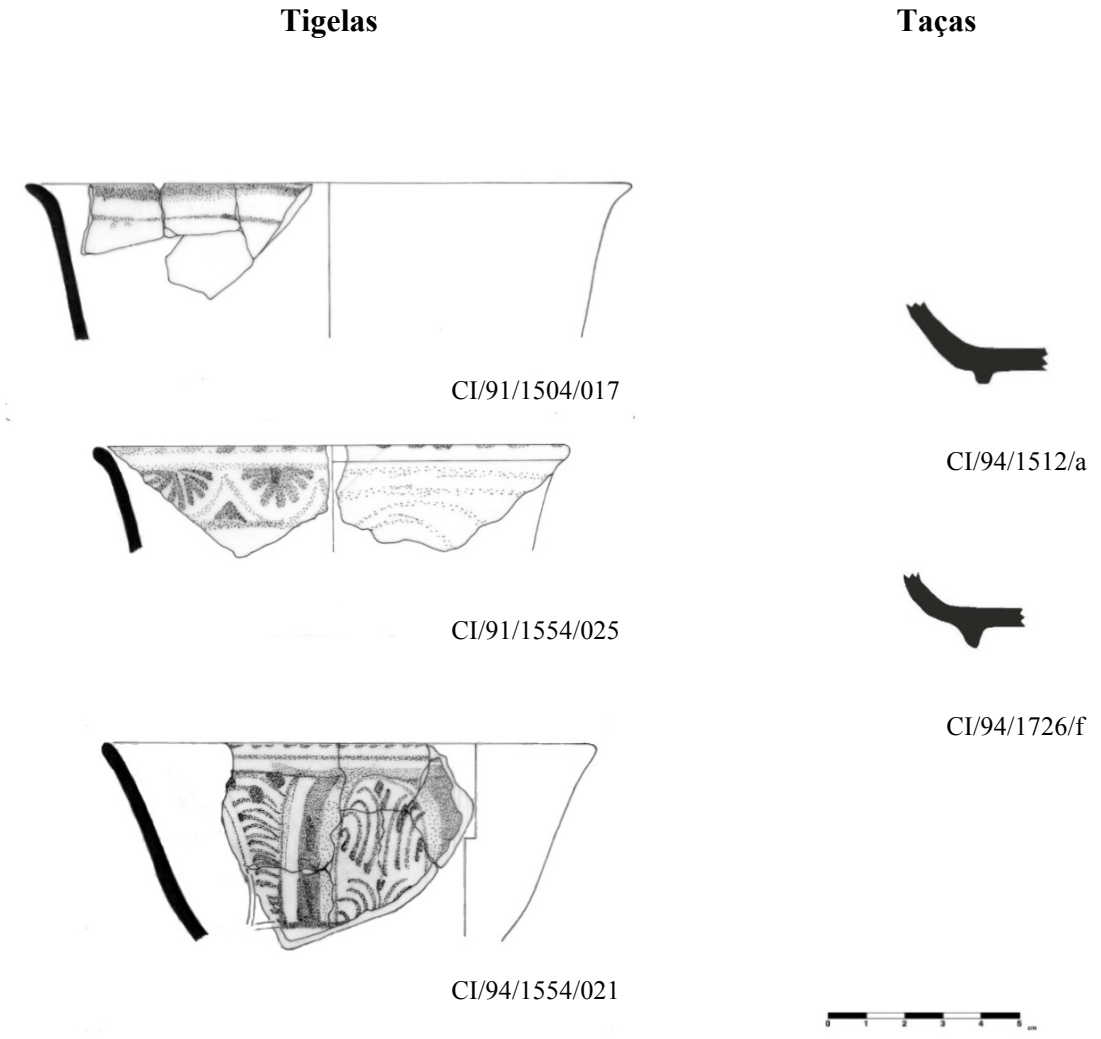


Fig. 11 – Quadro de formas de taças e tigelas de louça pintada-Faiança do Depósito 2 (Fonte: DMAH/CMP; Rudi Martins, José Miguel Oliveira)

As louças malagueiras do Depósito 2 apresentam o mesmo tipo de formas presentes no período que as precede. As peças recolhidas para amostra incluem 2 pratos troncocónicos que poderão ter um fundo em ônfalo (embora o fundo esteja em falta) e 3 tigelas incompletas hemisféricas. No caso das tigelas, de perfil troncocónico e fundo raso em pé anelar baixo, não podemos afirmar se alguma delas é carenada ou mesmo se estamos perante escudelas (algo que não podemos afirmar por ausência de asas). O conjunto das peças escolhidas apresenta uma decoração a azul simples. Duas linhas paralelas concêntricas a demarcar o fundo ou o bordo com exceção de uma peça que apresenta parte de uma marca ou letra.

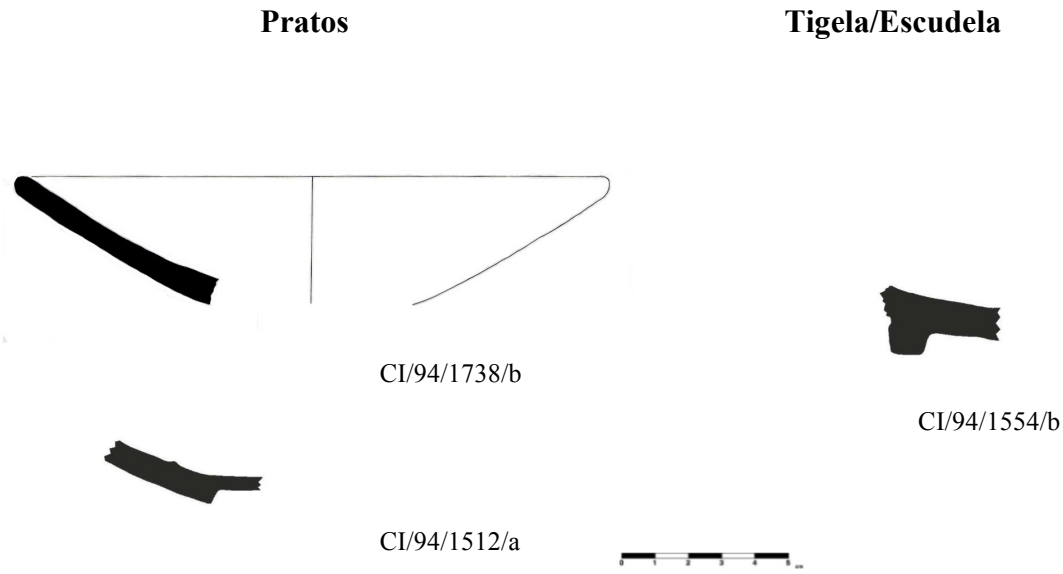


Fig. 12 – Quadro de formas da louça Malagueira do Depósito 2
(Fonte: DMAH/CMP; Rudi Martins, José Miguel Oliveira)

O Depósito 3 oferece-nos o maior número de peças em catálogo, 139, e consequentemente a maior variedade de formas presentes neste trabalho, derivado também da maior maturidade que esta indústria produtiva atingiu no 3º terço do século XVII. É neste contexto que verificamos uma tendência evolutiva nas produções de louça malagueira que tendem a equiparar-se às produções de faiança pintada quer na sua forma, quer nos seus acabamentos finais. Das centenas de fragmentos analisados deste tipo de louça, apenas foram selecionadas duas peças, pelo facto de apenas estas poderem apresentar um bom perfil da sua forma. Os restantes fragmentos são demasiado diminutos para se poder obter alguma informação mais relevante. Assim selecionamos dois pratos de perfil subtroncocónico de paredes finas e esmalte aderente e de boa qualidade, representativas deste tipo de produções para esta época.

As faianças deste Depósito apresentam 6 formas identificadas, o que representa uma maior especialização de usos de peças em faiança a partir da segunda metade do século XVII, além, de obviamente explicar, uma crescente habituação e aceitação de louça de faiança no uso quotidiano da Casa do Infante.

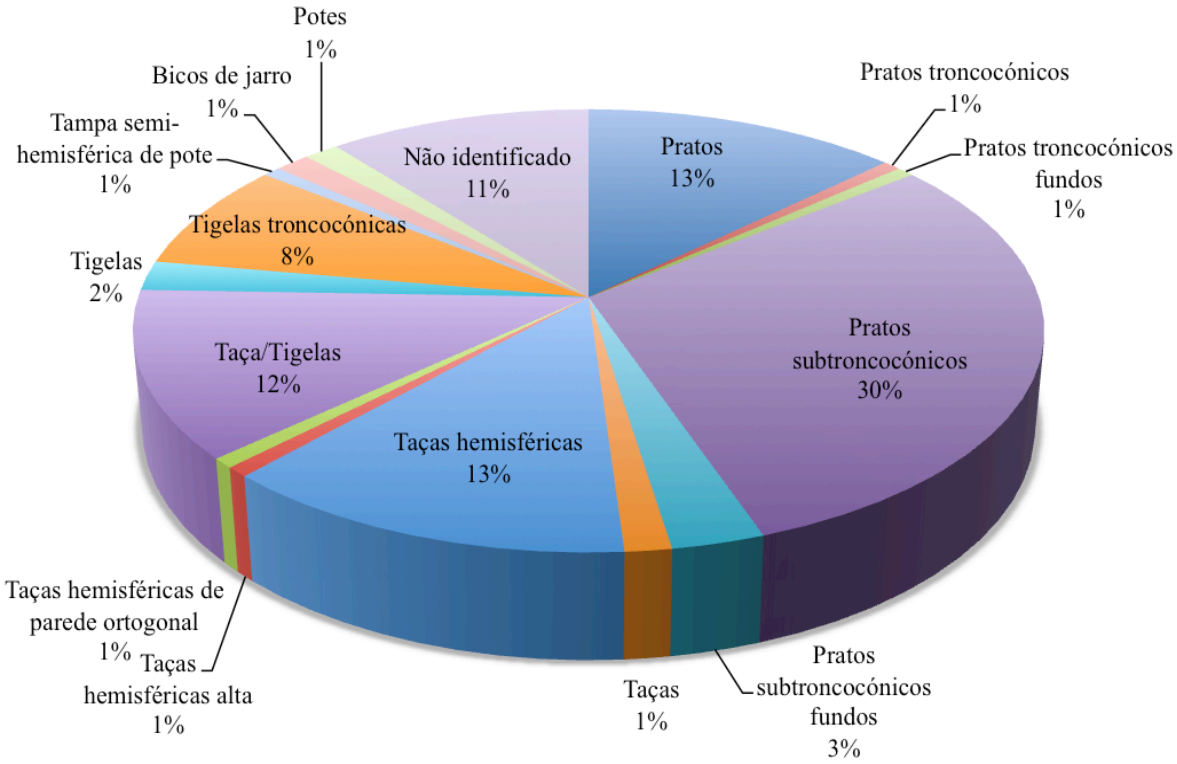


Gráfico 19 – Universo de formas de Faiança do Depósito 3

No total identificamos 2 taças, 18 taças hemisféricas, 1 taça hemisférica alta, 1 taça hemisférica de parede ortogonal, 17 taças/tigelas (fragmentos pequenos difíceis de distinguir), 3 tigelas, 11 tigelas troncocónicas, 1 tampa semi-hemisférica de pote, 2 potes, 2 bicos de jarro, 18 pratos, 1 prato troncocónico, 1 prato troncocónico fundo, 42 pratos subtroncocónicos e 4 pratos subtroncocónicos fundos. Em cerca de 15 peças não foi possível chegar a uma conclusão concreta quanto à sua forma.

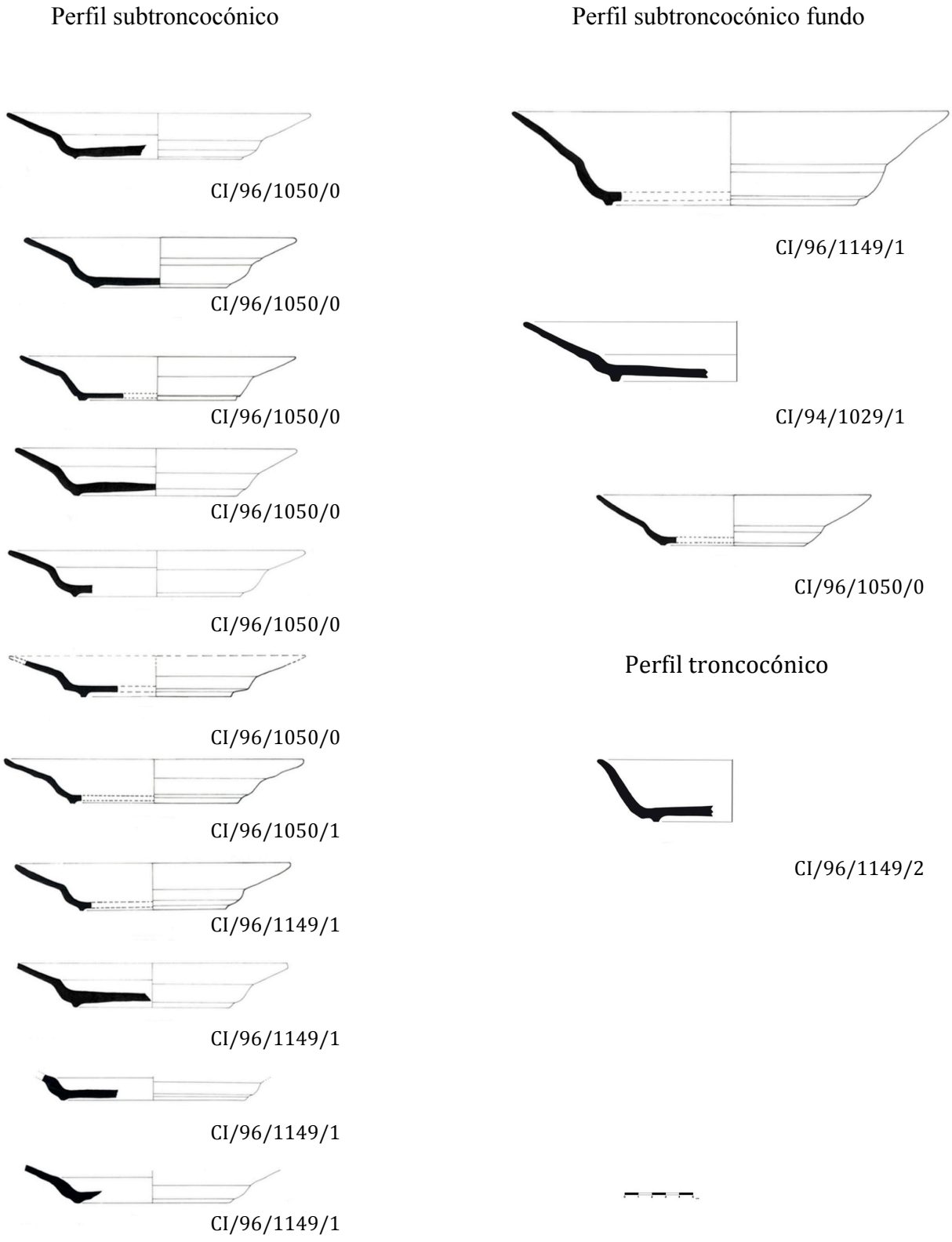


Fig. 13 – Quadro de formas de pratos de louça pintada-Faiança do Depósito 3

(Fonte: DMAH/CMP; Rudi Martins, José Miguel Oliveira)

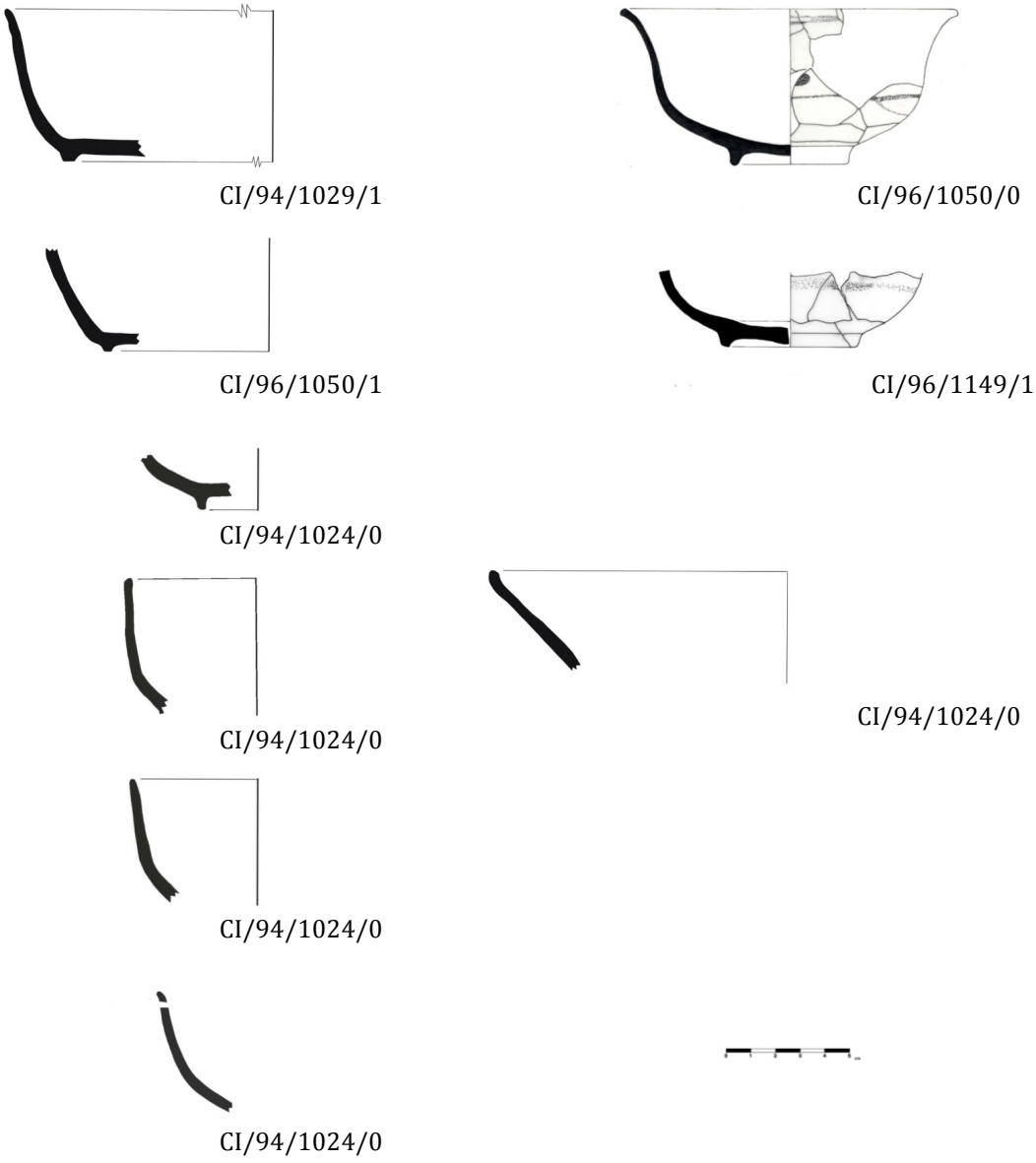


Fig. 14 – Quadro de formas de taças de louça pintada-Faiança do Depósito 3
(Fonte: DMAH/CMP; Rudi Martins, José Miguel Oliveira)

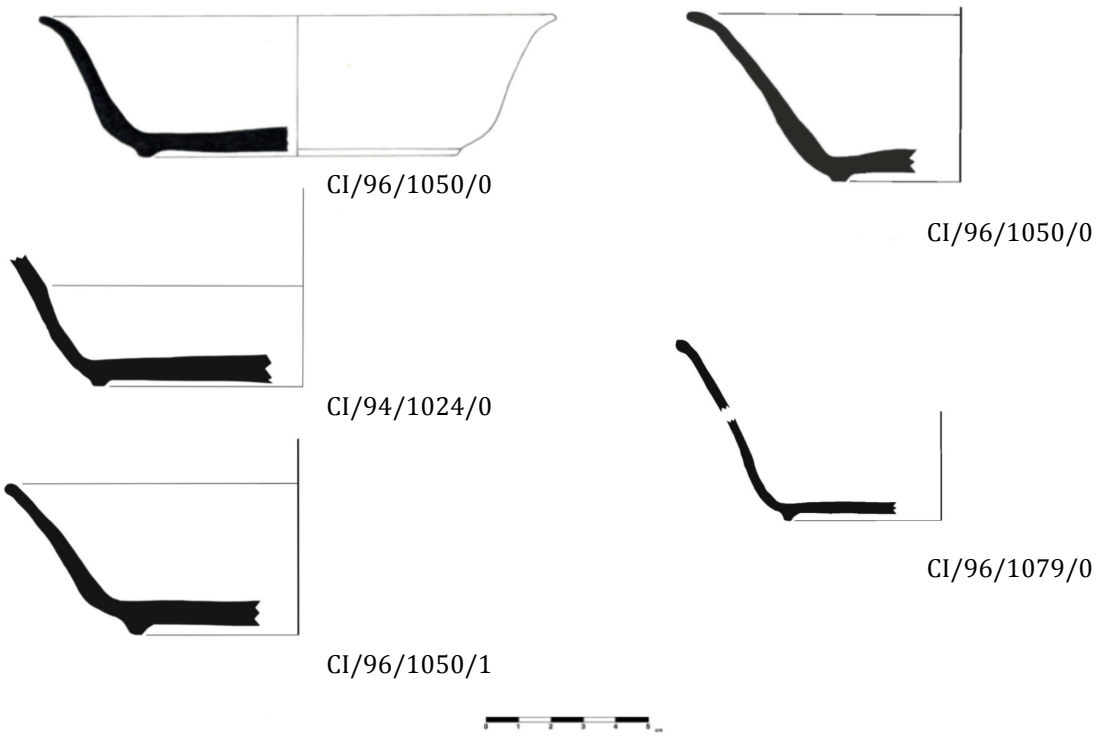


Fig. 15 – Quadro de formas de tigelas troncocónicas de louça pintada-Faiança do Depósito 3
(Fonte: DMAH/CMP; Rudi Martins, José Miguel Oliveira)

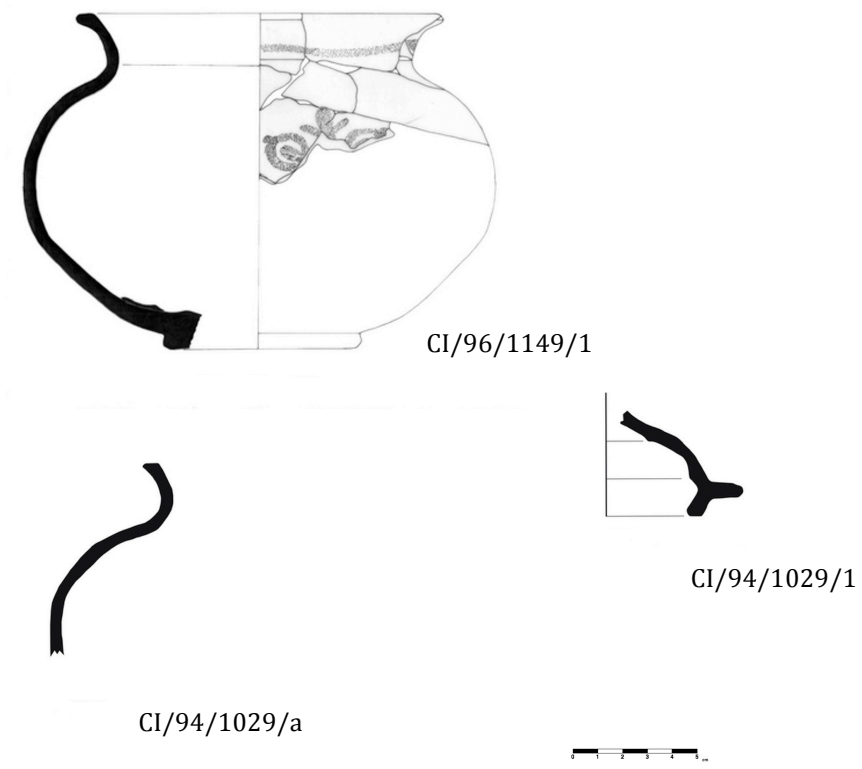


Fig. 16 – Quadro de formas de potes e tampas de louça pintada-Faiança do Depósito 3
(Fonte: DMAH/CMP; Rudi Martins, José Miguel Oliveira)

Ao analisarmos o conjunto evolutivo das tipologias de formas da louça estanífera, desde finais do Quinhentos, até ao terceiro terço de Seiscentos, verificamos uma tendência para o fabrico de louças mais finas, equilibradas e com valor estético mais valorizado. As paredes vão gradualmente tornando-se mais finas, as feições mais elegantes e a especialização de funções mais abrangente.

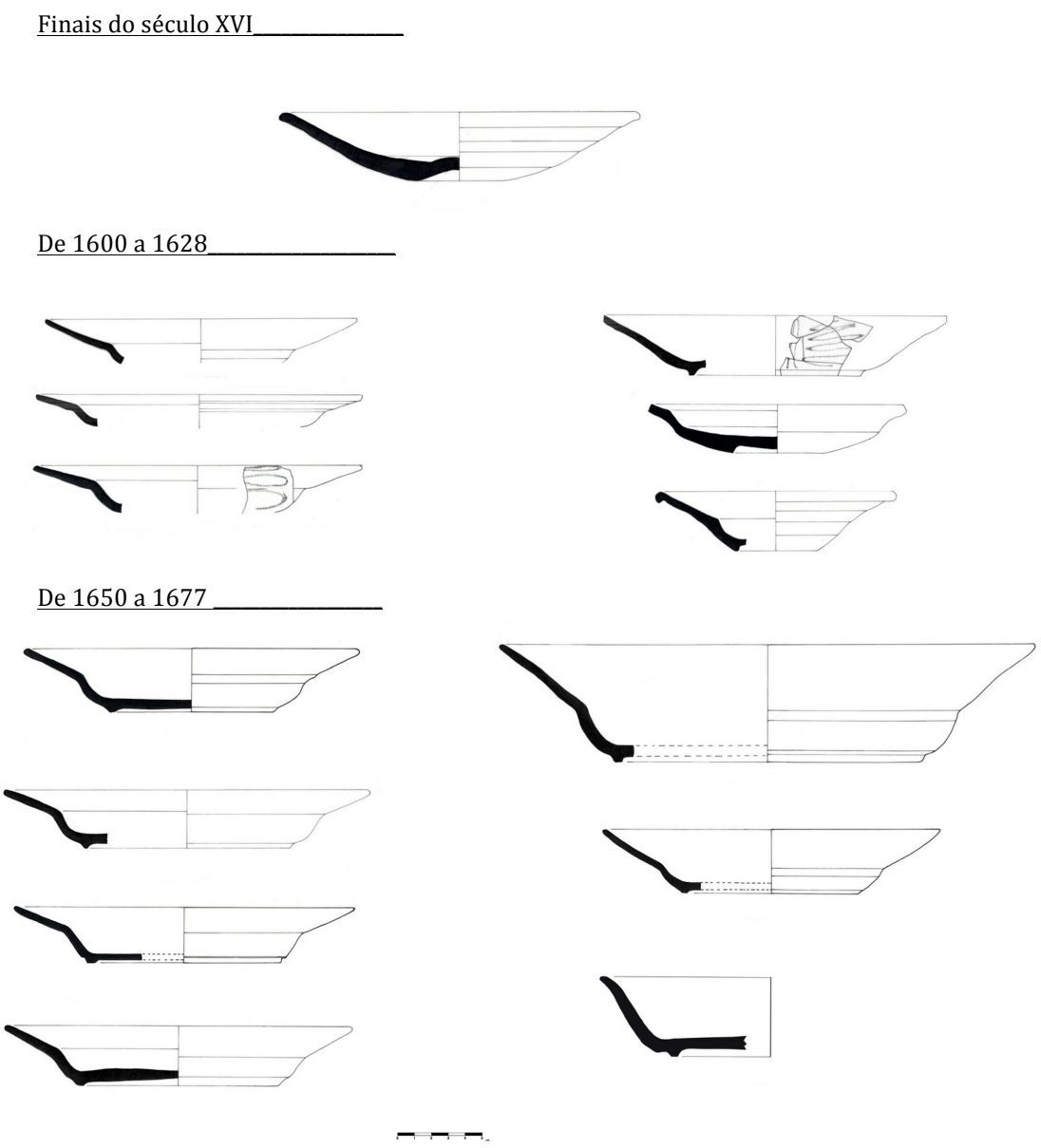


Fig. 17– Quadro evolutivo das formas de pratos nos 3 depósitos
(Fonte: DMAH/CMP; Rudi Martins, José Miguel Oliveira)

Finais do século XVI_____



De 1600 a 1628_____



De 1650 a 1677 _____

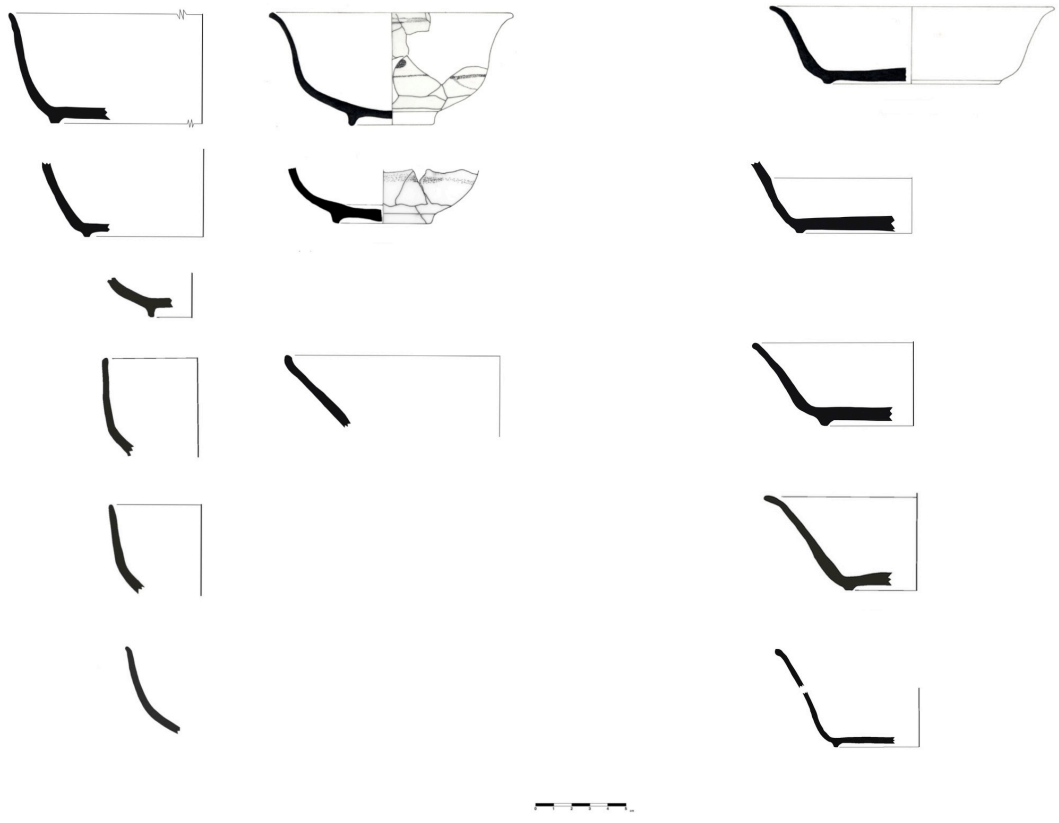


Fig. 18– Quadro evolutivo das taças e tigelas dos 3 depósitos
(Fonte: DMAH/CMP; Rudi Martins, José Miguel Oliveira)

IV.1.3. Motivos decorativos

As técnicas e estilos decorativos são, sem qualquer dúvida, o elemento mais original, característico e diferenciador das produções nacionais de faiança de finais do século XVI e de todo o século XVII, em relação às demais produções europeias. São também o elemento mais estudado e discutido por parte dos investigadores que se debruçaram e debruçam sobre esta temática. Este fascínio não existe por acaso. A grande quantidade de temáticas originais criadas a partir de influência externas como, primeiro pelas louças espanholas e italianas mas principalmente pela cultura chinesa, são um marco aos primeiros passos da globalização. A quantidade de temas e suas variantes é enorme, o que só demonstra que a sociedade de consumo da época apreciava não só uma louça ricamente decorada mas também original. Prova disso é a existência de muitas peças de exceção, cujos temas eram expressamente encomendados, de modo a que o comprador possua um conjunto de louça único em relação aos demais temas recorrentes já estandardizados. Ao longo de finais do século XVI e todo o século XVII os temas empregues nas louças vão aparecendo e desaparecendo, evoluindo ou tornando-se mais simples, chegando inclusive a introduzir-se gradualmente a partir de meados de Seiscentos uma maior palete de cores ao contrário do que se fazia até então do uso exclusivo do azul cobalto. A própria utilização temática por parte dos oleiros poderia variar dependendo do seu centro produtor, quer se fosse de Lisboa, Coimbra ou Vila Nova, embora tal não seja certo. As próprias técnicas de pintura, além das de cozedura, são diferentes dependendo do centro produtor. Lisboa optava por traços mais finos e com mais tonalidade de azuis. Vila Nova por traços mais grosseiros o que podia resultar num certo relevo na superfície da peça, enquanto Coimbra usava poucos tons de azul e as suas temáticas decorativas eram em geral mais simples (SEBASTIAN 2011, p. 490 a 496; CASIMIRO 2010, p. 552 a 572). Todos estes factores tornam os elementos decorativos das peças em excelentes marcadores temporais. O conhecimento profundo da evolução estética e técnica da pintura empregue na louça estanífera poderá indicar-nos quando se iniciou a produção de um estilo, quando é que esta terminou e até mesmo que centro produtor a fabricou. Isto tudo com alguma precisão. Foi com este objectivo que muitos investigadores se debruçaram sobre esta temática e que muito contribuíram para o conhecimento da mesma. No entanto se autores como Queirós, Reynaldo e Monteiro estudaram coleções de museus, normalmente excepcionais e

raras, outros como Baart, Pendery, Albuquerque, Casimiro e Sá, usaram como base peças de contextos arqueológicos estudados. Com este estudo, foi possível pegar em peças de uso quotidiano e estabelecer uma periodização mais geral e completa, aliando a Arqueologia à História da Arte.

No início do século XX, José Queiroz faz uma primeira distinção cronológica da faiança tendo em conta os estilos decorativos. Na sua obra distingue as produções desde meados do século XVI e todo o XVII dos séculos anteriores e do século XVIII. Caracteriza este período como de "carácter oriental", identificando Lisboa como centro produtor e introduzindo os primeiros nomes a estilos decorativos classificando-os em dois grupos: *desenho miúdo* e *aranhões* (QUEIROZ, 1907).

No início da segunda metade do século XX, Reynaldo dos Santos, aperfeiçoa a problemática da classificação cronológico-estilística da faiança do século XVII, pois considera que "na faiança portuguesa não é só pelos símbolos que pudemos fundar uma evolução cronológica" (SANTOS, 1970, p. 18). Deste modo agrupa cronologicamente a faiança em quatro períodos distintos que se sucederem. O primeiro período compreende as faianças inspiradas em temas chineses a partir dos anos 20 do século XVII. O segundo período abrange peças de inspiração mista, portuguesa e chinesa. O terceiro inclui temas chineses bastante simplificados, e o quarto período, de transição para o século XVIII, a influência chinesa desaparece, sendo a temática decorativa de cariz nacional (SANTOS, 1970). Esta periodização tornou-se a base de todos os trabalhos posteriores, pois, pela primeira vez, foi possível catalogar peças tendo em conta a sua evolução crono-estilística, ou seja distinguir as produções mais tardias, das mais recentes. Mais tarde, com o desenvolvimento da Arqueologia Moderna, foi possível melhorar este quadro evolutivo através do estudo de faiança de uso comum exumado de sítios arqueológicos ao invés de apenas se estudar as peças de museus de cariz mais raro e excepcional.

No entanto o grande impulso dado para uma periodização estilistíco-cronológica da faiança portuguesa de Seiscentos foi feita aquando das escavações do bairro português de Amesterdão. O "Vlooyenburch" abrange uma área de 8 quarteirões, datados do início do século XVII, onde se instalaram diversas famílias de judeus portuguesas (BAART, 1988, p. 18). As escavações arqueológicas aqui realizadas entre 1981 e 1982 permitiram reunir um enorme e magnífico espólio dos

quais se destacam as faianças portuguesas. A investigação arqueológica juntamente com a História da Arte, principalmente por comparação das faianças exumadas com as datadas dos museus nacionais, permitiu criar uma periodização balizadas em datas. Deste modo, Baart data o primeiro período da produção da faiança entre 1600 e 1625, caracterizando-a como sendo principalmente de influência italiana e espanhola, embora já com algumas, poucas, influências chinesas. O segundo período, entre 1625 e 1650, é claramente de influência chinesas. Passa a existir maioritariamente uma imitação dos motivos da porcelana chinesa nas abas das peças enquanto que os motivos centrais se inspiravam em motivos europeus. Ainda para esta fase identifica-se uma influência islâmica demonstrada nos motivos geométricos organizados a partir do centro da peça e expandindo-se para os lados. O terceiro e último período começa em 1650 e termina em 1660 (pois inicia-se neste país a produção da louça de Delft que tomou todo o mercado de louça local) caracterizando-se principalmente pelos contornos das figuras em cor vinoso, sendo que as principais imagens temáticas são paisagens de inspiração da porcelana chinesa, motivos fitomórficos e geométricos como espirais e reticulados e zoomórficas ou vegetais (BAART, 1988).

José Pedro Monteiro publica em 1994 um artigo no qual analisa a influência chinesa nas decorações pintadas na faiança portuguesa de seiscentos. Com este estudo pretendeu traçar uma evolução decorativa tendo em conta as alterações temáticas observáveis nas peças, salvaguardando no entanto, que o pressuposto dessas alterações como tendo apenas como base uma evolução cronológica pode ser um erro, pois essa mudança pode ser apenas uma opção de um centro produtor. Baseado principalmente no modelo de Reynaldo dos Santos, Monteiro descreve sete períodos de evolução estilística para o século XVII baseado em peças de museus, muitas delas datadas. O primeiro, distingue-se pelo facto de todas as peças estarem decorados por imitações de motivos exclusivamente chineses, mais concretamente do período "*Wanli*". Um segundo período pode ser designado como de influência chinesa com motivos estilizados no qual podem surgir além dos tradicionais motivos vegetalistas, motivos geométricos. O terceiro período, segundo Monteiro, diz respeito a produções cuja temática decorativa, principalmente na aba, se baseavam em motivos geométricos como, pentágonos, quadrados e triângulos concêntricos, espirais e linhas verticais serpenteadas. Esta temática não é influenciada por decorações de porcelana chinesa da época, podendo encontrar raízes num revivalismo de modelos islâmicos e

de outras influências orientais. O quarto período identificado é qualificado como sendo uma mescla de temas europeus com temas orientais. As principais características são o facto de temas europeus (sendo paradigmático a pintura de fidalgos de traje e feições europeias) estarem representadas em destaque na peça, rodeadas por temas de inspiração chinesa. Também neste período iniciam-se as produções cujos principais contornos são delineados a vinoso. O quinto período é marcado por um factor histórico importante, a restauração da independência nacional em 1640, provocando uma onda patriótica em que os símbolos nacionais são postos em evidência. Diversas produções deste período representam símbolos heráldicos como as armas reais portuguesas, assim como de brasões de famílias nobres, de ordens religiosas ou divisas pessoais. É igualmente um período onde o *desenho miúdo*, assim designado por Reynaldo Santos, ganha relevo. Várias figuras de inspiração chinesa bem delineadas misturadas com figuras ocidentais ou heráldica. As *três contas* a decorar as abas, de inspiração portuguesa, surgem neste momento, mantendo-se sempre em muitas das temáticas decorativas das décadas seguintes. Um sexto período, que coincide com o terceiro quartel do século XVII, pode ser designado como o período dos *aranhões*, uma representação de um símbolo chinês. Este tipo de decorações estava normalmente confinada às abas ou a emoldurar uma figura central, que mais uma vez eram de cariz europeus (heráldica, figuras vegetalistas ou zoomórficas etc.). O sétimo e último período é caracterizado pela ausência de influências chinesas na temática decorativa, estando balizadas cronologicamente no último quartel do século XVII. Neste período nota-se uma decadência tecnológica e artística que é compensada pela inclusão original de símbolos portugueses, normalmente em *desenho miúdo*, de figuras zoomórficas e vegetalistas (MONTEIRO, 1994).

O crescente interesse e reconhecimento da faiança portuguesa como produções únicas e altamente exportáveis levou a que vários investigadores em todo mundo dessem uma maior atenção a este tipo de produções, tomando-as como peças de cariz cultural importante e constituindo um excelente marcador cronológico nos contextos arqueológicos locais. Foi com este intuito que o investigador norte-americano Steven Pendery faz um trabalho de periodização original com as faianças de origem portuguesas descobertas em escavações arqueológicas da Nova Inglaterra. Baseado nos trabalhos de Reynaldo dos Santos, Calado, Baart, Monteiro e Bracante (1981 – *O*

Brasil e a Cerâmica Antiga. São Paulo: s.n.), Pendery esquematiza vários tipos decorativos conhecidos de faiança portuguesa periodizando-os cronologicamente desde finais do século XVI a inícios do século XVII. Este esquema encontra-se organizado cronologicamente e cada estilo decorativo apresenta uma possível data inicial de princípio de produção assim como do seu término. O primeiro período, "a", balizado aproximadamente entre 1600 e 1625 é designado por estilo europeu com limitada influência chinesa. O período "b", correspondente ao mesmo espaço temporal, pode ser designado como período "*Wanli*". O período "c" e "d" acompanham toda a primeira metade de seiscentos sendo que o primeiro diz respeito a uma temática de motivos chineses estilizados, e o segundo a motivos geométricos. O estilo "e", balizado no segundo quartel de XVII, descreve um período "Wanli" europeizado. O período "f" que abarca o segundo quartel de XVII e metade do terceiro, caracteriza-se pela utilização de motivos heráldicos e pela introdução de contornos a vinoso a partir de 1650. O período "g", limitado ao terceiro quartel, assinala o surgimento dos chamados *aranhões* e à pintura de frutos nas abas, mais uma vez com a utilização de cor vinoso nos contornos. O período "h", segundo Pendery, situa-se entre 1650 e 1680/85, e a sua principal característica é a introdução de peças com decoração com "rendas". O estilo "i" e "j" perduram durante toda a segunda metade do século XVII, sendo que principal característica do primeiro é a transição de motivos chineses para motivos europeus, e o segundo é pintura de motivos florais e geométricos. O período "k", o último identificado e caracterizado por Pendery, diz apenas respeito ao último quartel do século XVII, entrando no entanto dentro do século XVIII. A sua principal característica é o abandono de motivos chineses, sendo toda a temática de cariz europeu (PENDERY, 1999).

Ainda no continente americano, mas desta vez mais a sul, no Brasil, Paulo Tadeu Albuquerque desenvolve um estudo sobre a faiança portuguesa como demarcador cronológico na arqueologia brasileira. Neste estudo, o investigador faz dois levantamentos de formas e estilos decorativos da faiança portuguesa distintos, balizando-os desde os fins do século XVI até ao início do século XIX. Numa primeira parte distingue a faiança para exportação, e numa segunda parte a faiança destinada ao consumo interno do Reino e suas colónias, empregando como exemplo o sítio arqueológico de Vila Flor (Rio Grande do Norte). Como resultado deste estudo foram criadas cinco unidades cronológicas estilísticas para a faiança de exportação sendo

descritas aproximadamente como: "1º Período - Faiança com decoração inspirada em motivos regionais e temas chineses simples. Desenvolve-se a partir do terceiro quartel do século XVI até o primeiro quartel do século XVII. 2º Período - Faiança com decoração mista de padrões portugueses e chineses deu caráter mais elaborado. Inicia-se a partir do segundo quartel do século XVII e vai até o terceiro quartel. 3º Período - Faiança com decoração chinesa e portuguesa com características populares na sua confecção. Define-se aproximadamente a partir do último quartel do século XVII até o primeiro quartel do século XVIII. 4º Período - Faiança com decoração inspirada em motivos portugueses e europeus, surgimento de uma grande diversidade de motivos e início do fabrico de peças policromáticas. É balizado entre o segundo quartel até o terceiro quartel do século XVIII. 5º Período – Faiança decorada com motivos essencialmente portugueses e europeus, fazendo grande uso de uma maior palete de cores. Desenvolve-se no terceiro quartel do século XVIII e termina no primeiro quartel do século XIX" (ALBUQUERQUE, 2008, p. 32, 33). Para a faiança de consumo interno foram criados quatro grupos estilísticos, sem no entanto ser possível fazer uma correspondência cronológica: "GRUPO 1 - apresenta motivos decorativos na cor azul escuro, sem subtons, sobre um esmalte branco, caracterizado por linhas isoladas ou compostas nos bordos e nos fundos, com ocorrência de pinceladas estilizadas em conjuntos ou esparsas, assim como arabescos e semicírculos concêntricos nas abas e arabescos, caracóis e círculos concêntricos nos fundos. Estes motivos também apresentam, raramente, a cor vinoso. GRUPO 2 - Faiança com vitrificado incolor, em pasta bege e com decoração simples na cor castanho que algumas vezes aparece intercalada com uma linha ondulada. GRUPO 3 - Motivo caracterizado por duas linhas paralelas, intercaladas por linha ondulada, apresentando-se nas cores azul escuro, azul claro e vinoso. Esta faiança tem um acabamento em vitrificação branca. GRUPO 4 - Caracteriza-se pela decoração de inspiração hispano árabe nas cores azul escuro e vinoso ou castanho, sobre uma faiança de tonalidade bege, com vitrificado imperfeito e com grande número de variantes." (ALBUQUERQUE, 1999, p. 91). Para cada período e grupo foi feito um catálogo para as formas e um outro para os tipos decorativos mais comuns, considerados como integrantes nessa classificação (ALBUQUERQUE, 2008).

Tânia Casimiro, na sua tese de doutoramento "Faiança Portuguesa nas Ilhas Britânicas", faz uma proposta de periodização baseada no seu próprio trabalho de investigação mas também a partir de outros trabalhos relativos a intervenções

arqueológicas de Época Moderna. O estudo e comparação de faianças retiradas de contextos modernos em território nacional e estrangeiro foram fundamentais para a investigadora poder identificar seis grupos estilísticos cronologicamente distintos balizado entre o século XVI e o XVIII. Existe no entanto a ressalva, de não tornar a data de início e de fim de cada grupo bastante restritivo, pois uma produção do início de um período pode manter características do período anterior. O primeiro grupo identificado situa-se entre 1520 e 1570, início da produção estanífera em Portugal. Tratam-se de peças semelhantes, quer formalmente quer tecnicamente às louças espanholas que o pais tanto apreciava, facto pelo qual não tardaram em produzi-las localmente. São reconhecidos para este período os pratos com fundo em ônfalo e as tigelas carenadas (CASIMIRO, 2010, p. 652 a 653). O Segundo período, de 1570 a 1610, marca o início de produção de louça esmaltada pintada a azul cobalto inspirados em temáticas decorativas espanholas, italianas e de porcelanas chinesas, que desde o século XVI eram trazidas para Portugal. As pinturas mais recorrentes são de influência chinesa, com imagens vegetalistas bem delineadas e com motivos divididos em cartelas nas abas, mas também de influências europeias. Surgem assim as primeiras imitações de penas de pavão, comuns na louça italiana, e também os motivos geométricos, estilo fundamental das produções andaluzas. A nível formal, os pratos e taças perdem o seu aspecto espanhol passando a ser mais leves e elegantes à imagem de peças italianas, mas principalmente orientais (CASIMIRO, 2010, p. 654 a 656). O terceiro período, qualificado como áureo, ocupa um espaço de 25 anos, entre 1610 e 1635. Representa a consolidação da produção de faiança portuguesa, surgindo peças de grande qualidade decorativa provavelmente destinadas à elite e à exportação. Os estilos decorativos copiam fielmente os modelos orientais. Os centros das peças, principalmente dos pratos, apresentam cenas bucólicas campestres, animais e figuras humanas. As abas, divididas em cartelas, representam os primeiros "aranhões", elementos florais e zoomorfos. Algumas peças mantêm uma certa inspiração europeia, baseada em elementos heráldicos e em motivos geométricos. Apesar da maioria das peças serem pratos e taças/tigelas, é neste período que surgem as primeiras garrafas e jarros de grandes dimensões (CASIMIRO, 2010, p. 657 a 659). O designado período quatro, 1635 a 1660, marca o momento de maior criação artística portuguesa ao mesmo tempo que se nota um menor refinamento nos acabamentos decorativos. A produção desta época já não é feitas apenas para os mais abastados, a ideia de consumo de bens democratizou-se existindo agora uma classe com menos posses que

procura este tipo de louças a um preço mais reduzido. Como resultado a qualidade de pastas, esmaltes e cuidados finais na pintura decresce ao mesmo tempo que produção dos três centros produtores (Lisboa, Coimbra, Vila Nova) aumenta. Em termos de temática decorativa atinge-se o apogeu, novos e uma maior variedade de temas dão resposta a uma crescente demanda. É nesta fase que surgem os *semi-círculos concêntricos* e as *riscas verticais*, as representações vegetalistas generalizam-se, surgem as primeiras *rendas* e as representações de símbolos orientais, como os *aranhões* estilizam-se, tornando-os quase irreconhecíveis. Mas se por um lado os temas orientais perdem qualidade e vão-se uniformizando, por outro lado surge o chamado *desenho miúdo.* Este novo estilo, de representações de temas exclusivamente orientais, com muitas figurações antropomórficas e zoomórficas, é pintado com um pincel muito fino dando um grande rigor e qualidade ao acabamento final da peça. São produções destinadas a uma classe mais abastada, que queria qualidade e rigor temático ao invés das peças mais comuns de inspiração oriental estilizadas. A maioria das cenas em *desenho miúdo* é delimitada a violeta (vinoso), opção estilística que se generalizou a partir de 1645. No geral, os temas centrais, principalmente dos pratos, tende a representar cada vez menos imagens de origem oriental. Por outro lado surge uma maior opção por temas europeus, como cenas de caça, representações de fidalgos ou damas, ou cenas da mitologia grega e romana. A restauração da independência nacional em 1640, deu o mote para a representação do brasão da família real portuguesa em diversas peças assim como de diversas famílias nobres (CASIMIRO, 2010, p. 660 a 666). O período V, de 1660 a 1700, marca o declínio deste tipo de produções, quer ao nível da temática e técnica decorativa, quer ao nível das qualidades de pastas e esmaltes. As peças destinadas ao consumo de massas no mercado interno mantêm os mesmos estilos decorativos do período anterior, embora cada vez mais simples e estilizados. Os contornos em manganês sobre o azul torna-se predominante. Nas abas dos pratos surge um novo motivo decorativo, as *contas*, que se crê serem influência da faiança holandesa que por sua vez imitava rigorosamente a porcelana chinesa. A partir de 1660, Portugal diminui drasticamente a exportação de faiança para os países com o qual mantinha relações comerciais o que se fez notar na diminuição de produção, mas principalmente na sua qualidade. Apesar de tudo a produção de peças de qualidade ainda existe, principalmente destinada a famílias abastadas do Reino, mas também para alguma exportação. As peças em *desenho miúdo* do período anterior têm uma continuidade nesta fase, designada como *Monte*

Sinai por José Queiroz (CASIMIRO, 2010, p. 667-670). O último período, VI, inicia-se em 1700 e acompanha todo o século XVIII até ao aparecimento das primeiras fábricas em 1766. A principal característica desta fase é a limitada decoração das peças. Apresentam-se normalmente brancas com linhas concêntricas a azul ou manganês a delimitar as bordas e às vezes apresentam um pequeno elemento decorativo no centro da peça (CASIMIRO, 2010, p. 671 a 673).

Para último deixamos a periodização de estilos decorativos concebidos por Anabela Sá (SÁ, 2011) e Paulo Dórdio (SÁ, DÓRDIO, 2002), feita exclusivamente com as peças dos depósitos 2 e 3 (1º terço do século XVII), e 5 e 6 (2º metade do século XVII) da Casa do Infante. Esta tipologia cronológica teve como base a experiência feita por Steven Pendery nos anos 90 do século XX, sendo que objectivo principal deste trabalho é o aperfeiçoamento de uma periodização que funcione como impulso para uma tipologia que se quer abrangente para toda a realidade nacional (SÁ, 2011, p. 3). Como já foi referido, a base para este estudo centra-se no trabalho de Pendery, que identificou onze tipos diferentes de tipologias estilísticas, expostos com identificação alfabética e dispostos por ordem cronológica. Ao longo destes trabalhos foram consideradas três novas tipologias, além de se terem criado novos subtipos (mantém a letra original, mas são seguidos por um número) por se considerarem variantes distintas ou por apresentarem variantes cromáticas. Assim para o tipo "*a"*, decoração europeia com limitada influência chinesa, os motivos são maioritariamente geométricos. No entanto, dentro desses motivos foram identificadas quatro variações dentro do mesmo padrão, *semicírculos*, *semicírculos contrapostos*, *volutas* ou *arabescos enrolados* e *óvulos* (SÁ, DÓRDIO, 2002, p. 5 a 6). Para o tipo "*d"* de Pendery, banda geométrica a azul, foram identificados dois subtipos nos fragmentos da Casa do Infante. O subtipo "*d1"* caracteriza-se por ter bandas geométricas exclusivamente a azul, enquanto que o "*d2"* apresenta bandas geométricas a azul contornadas a manganês (SÁ, 2011, p. 6). Para o tipo "*e"*, *Wanli* europeizado, foi também feita uma organização por dois subtipos tendo em conta as variantes cromáticas. O "*e1"* caracteriza-se por ser exclusivamente a azul, enquanto que o "*e2"* é pintado a azul e manganês (SÁ, 2011, p. 6). O tipo "*f"*, elementos heráldicos a azul e manganês, apresenta o mesmo tipo de organização em subtipos. O subtipo "*f1"* é exclusivamente a azul, e o subtipo "*f2"* é a azul e manganês (SÁ, 2011, p. 7). O tipo "*h"*, *rendas*, foi por sua vez dividido em quatro subtipos. No "*h1"* estão representadas apenas as rendas pintadas a azul, o "*h2"* engloba as rendas a azul e manganês, no

"*h3"* são apenas consideradas as rendas pintadas exclusivamente a manganês, e por último, o "*h4"*, que apresenta uma maior variedade cromática, com rendas pintadas a azul, manganês e amarelo (SÁ, 2011, p. 7 a 8). Por fim, por se considerarem que certos motivos presentes em peças da Casa do Infante, não se enquadravam em nenhum dos 11 tipos decorativos de Pendery, foram criados três novos seguindo a ordem alfabética já estabelecida, "*l"*, "*m"* , "*n"*, não tendo estes obviamente uma ordem cronológica. O tipo "*l"*, nomeado como *gomos*, apresenta-se como um padrão de linhas ovaladas preenchidas quase totalmente por uma linha espessa, que pode ser simples ou ondulada. São rematadas no topo por triângulos que podem ser concêntricos totalmente preenchidos ou apresentar apenas um ponto. Os *gomos* encontram-se separados entre si por pontas em flecha apontadas para a parte interior ou por linhas verticais orientadas para o topo terminado em grinaldas ou em pequenos traços horizontais. Este tipo decorativo está presente em peças dos Depósitos 2 e 5, 1º terço do século XVII, embora também se tenha encontrado em peças dos depósitos da 2º metade do mesmo século (SÁ, 2011, p. 9). O tipo "*m"*, *encanastrados em reservas a azul*, tem como principal elemento definidor a alternância de motivos geométricos com motivos vegetalistas ou florais estilizados separados por cartelas. O desenho do fundo da peça tem normalmente o mesmo tipo de flor representada, algo que invoca ainda uma influência oriental. Mais uma vez não se encontrou um delimitador cronológico para este tipo de opção decorativa. Todos os depósitos apresentam fragmentos em que este tipo de decoração se encaixa (SÁ, 2011, p. 10). Por último, temos o tipo "*n"*, *rendas alternadas com motivos vegetalistas a azul*, este é distinguível do tipo "h" de Pendery pelo facto de alternar o motivo comum, a renda, com outro motivo de carácter fitomórfico. O fundo da peça apresenta normalmente um motivo vegetalista. Aparenta ser uma opção decorativa rara, pois não se conhecem outros exemplares de intervenções arqueológicas ou museus que empreguem a mesma opção. As cronologias apontam para a 2ª metade do século XVII, visto que só foram identificados exemplares nos Depósitos 3 e 6 (SÁ, 2011, p. 10).

Os estudos acima referidos são a base para a nossa própria análise dos motivos decorativos presentes nas peças aqui estudadas. Não temos como objectivo criar uma nova periodização, mas sim, com base nas que já existem, enquadrar os motivos decorativos nos tipos e grupos das tipologias acima descritas. Usamos sim, como base, a própria separação cronológica que os depósitos bem datados nos possibilitaram, não descurando o facto de os depósitos mais recentes poderem ainda

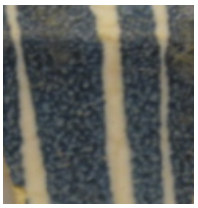
conter peças pertencentes a um período cronológico anterior. As descrições dos motivos em evidência são feitas tendo em conta os conceitos gerais e aceites por todos os investigadores, embora, caso se justifique, utilizaremos os nossos próprios conceitos para descrever um motivo pouco recorrente. A fragmentação de muitas peças impossibilita, em muitos casos, a descrição como um todo, pelo que existem, por exemplo, pratos em que apenas na aba ou no fundo é possível identificar o motivo decorativo. Este factor pode prejudicar o agrupamento correto de um estilo, pois sabemos que as decorações das abas são muito recorrentes em vários grupos ou tipos. Por outro lado não quisemos separar as peças por partes, fundos, abas, bordos, paredes externas, etc., e analisar separadamente cada elemento constituinte, pois consideramos que as peças, como um todo, podem ser mais facilmente agrupadas ao invés de se criar um sem número de divisões e subdivisões. Os motivos decorativos foram assim agrupados cronologicamente por cada um dos três depósitos em estudo e posteriormente foi feita uma contagem dos mais recorrentes.

No Depósito 1 foi feita uma separação tecnológica entre a louça malagueira e a faiança. No entanto em alguns fragmentos da louça identificada como malagueira encontramos uma decoração simples de linhas concêntricas pintadas a azul, comum também no grupo tecnológico da faiança. Tratando-se de um Depósito datado de finais do século XVI, primeiros anos do XVII, julgamos ser normal existirem estas similitudes entre os dois grupos tecnológicos, pois trata-se sem dúvida de uma fase de transformação e evolução das produções estaníferas em Portugal. Apenas aplicados à faiança encontramos motivos geométricos já complexos constituídos por um padrão de traços paralelos alguns deles rematados por linhas semicirculares mas também com vestígios de uma certa decoração vegetalista. Encontramos paralelos deste tipo de decoração nas peças encontradas no Largo de Jesus em Lisboa (SANTOS, 2007, p. 394 a 397), também datadas para este período em questão. Os motivos decorativos deste Depósito estão estilisticamente enquadrados no 2º período delineado por Tânia Casimiro (CASIMIRO, 2010, p. 654 a 656) e no 1º período de Albuquerque (ALBUQUERQUE, 2008, p. 32, 33). Temos motivos decorativos simples (imagens 1 e 2 na figura 15) assim como elementos de influência hispânica como pinturas geométricas e fitomórficas (imagens 4, 5 e 6). Na imagem nº 3 conseguimos identificar o surgimento de motivos mais complexos numa pintura que preenche bem a peça. Além de motivos geométricos parece já surgir motivos vegetalistas. Das 17 peças, 9 apresentam motivos geométricos de simples linhas paralelas, 6 aparentam

incluir motivos fitomórficos e/ou geométricos e 2 aparentam já incluir motivos vegetalistas.



1 - Duas linhas paralelas concêntricas
CI/2506/c



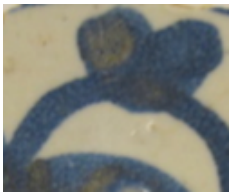
2 - Linhas simples paralelas
CI/95/2545/e



3 - Motivos geométricos e vegetalistas
CI/2545/a



4 - Motivos geométrico
CI/2506/a



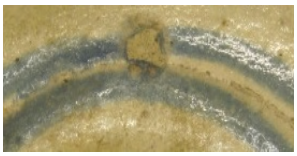
5 – Motivo fitomórfico
CI/95/2545/h



6 - Motivo fitomórfico ondulado
CI/2506/d

Fig.19 – Motivos decorativos do Depósito 1

O Depósito 2, selado em 1628, apresenta uma maior variedade de estilos decorativos. No entanto as louças malagueiras, em número de 5 peças, continuam a apresentar os mesmos motivos, simples pinceladas a azul, em alguns casos com duas linhas paralelas concêntricas como podemos ver nos números 1 e 2 da fig. 20. O número 3 da mesma figura apresenta um motivo indefinido, sendo provável que se trate de uma marca ou letra de louça conventual.



1 - Duas linhas paralelas concêntricas
CI/1512/a



2 - Simples linha concêntrica
CI/94/1554/b

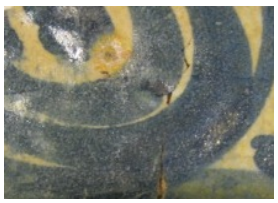


3 – Motivo indefinido
CI/93/1723/a

Fig. 20 – Motivos decorativos do Depósito 2 da louça Malagueira

O grupo tecnológico das faianças, por seu turno, já recorre a uma grande variedade de motivos. De um total de 27 peças, 21 pratos, 4 tigelas e 2 taças, identificamos uma maioria de peças, 17, com representações vegetalistas. Estas podem ser no entanto divididas num grupo de representações em banda, fig. 21, em gomos, fig. 22 ou de representações livres, fig. 24. Em 6 peças foram identificadas motivos geométricos de clara inspiração europeia. Em 4 peças, devido ao seu estado de fragmentação, não foi possível distinguir com clareza o motivo representado. Este conjunto pode ser enquadrado nos períodos 1 (1600-1625) e 2 (1625-1650) da periodização de Baart (BAART, 1988), na fase a), b) e c) de Pendery (PENDERY, 1999), no 2º e 3º período de Casimiro (CASMIRO, 2010) e nas fases, a), b), c) e l) da Anabela Sá (SÁ, 2011).


1 – semicírculos de
CI/91/1504/017


2 – semicírculos
CI/91/1554/a


3 – semicírculos
CI/91/1722/004


4 – óvulos
CI/91/1512/018.92


5 – óvulos
CI/93/1507/1504/018

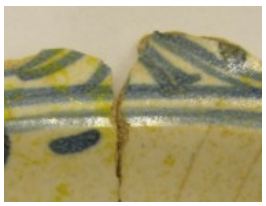

6 – volutas
CI/93/1554/025

Fig. 21 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 2 – Vegetalista, bandas de semicírculos, volutas e óvulos


1 – gomos
CI/91/1512/018.90


2 – gomos
CI/91/1504/021

Fig. 22 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 2 – Vegetalista, bandas de gomos representado grandes pétalas divididos por motivos geométricos



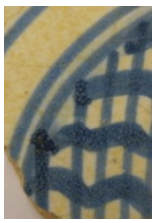
1 – ondulados
CI/94/1708/038



2 – reticulado
CI/94/1509/a



3 – espirais
CI/94/1708/a



3 – reticulado
CI/94/1710/a



5 – reticulado
CI/94/1554/c

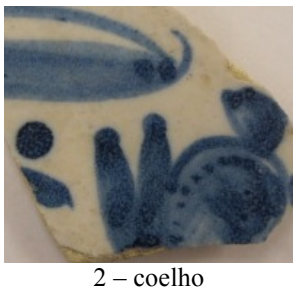


6 – reticulado e linhas paralelas
CI/91/1728/014

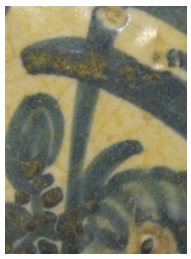
Fig. 23 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 2 – Geométrica, representações de espirais, reticulados e outros motivos geométricos de influência europeia



1 – ave
CI/91/1728/010



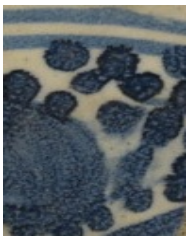
2 – coelho
CI/91/1726/a



3 – flores
CI/91/1530/a



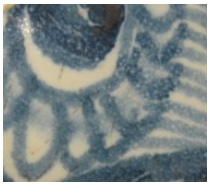
4 – flores
CI/91/1554/b



5 – flores
CI/91/1726/b



6 – flores
CI/91/1726/c



7 – flores
CI/91/1726/d



8 – flores
CI/91/1726/f



9 – pétalas
CI/91/1554/d

Fig. 24 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 2 – Vegetalista, influência oriental e europeia

O Depósito 3 é aquele que contem o maior número de peças e é ao mesmo tempo o Depósito que temporalmente se enquadra no período de maior produção e variedade estética da faiança portuguesa. Sabemos que este Depósito foi selado algures entre as grande obras de 1656 e 1677, ou seja estamos perante peças que não estão limitadas a apenas um momento de produção, razão pela qual identificámos temáticas decorativas que acompanham todo a 1º metade e 3º terço do século XVII.

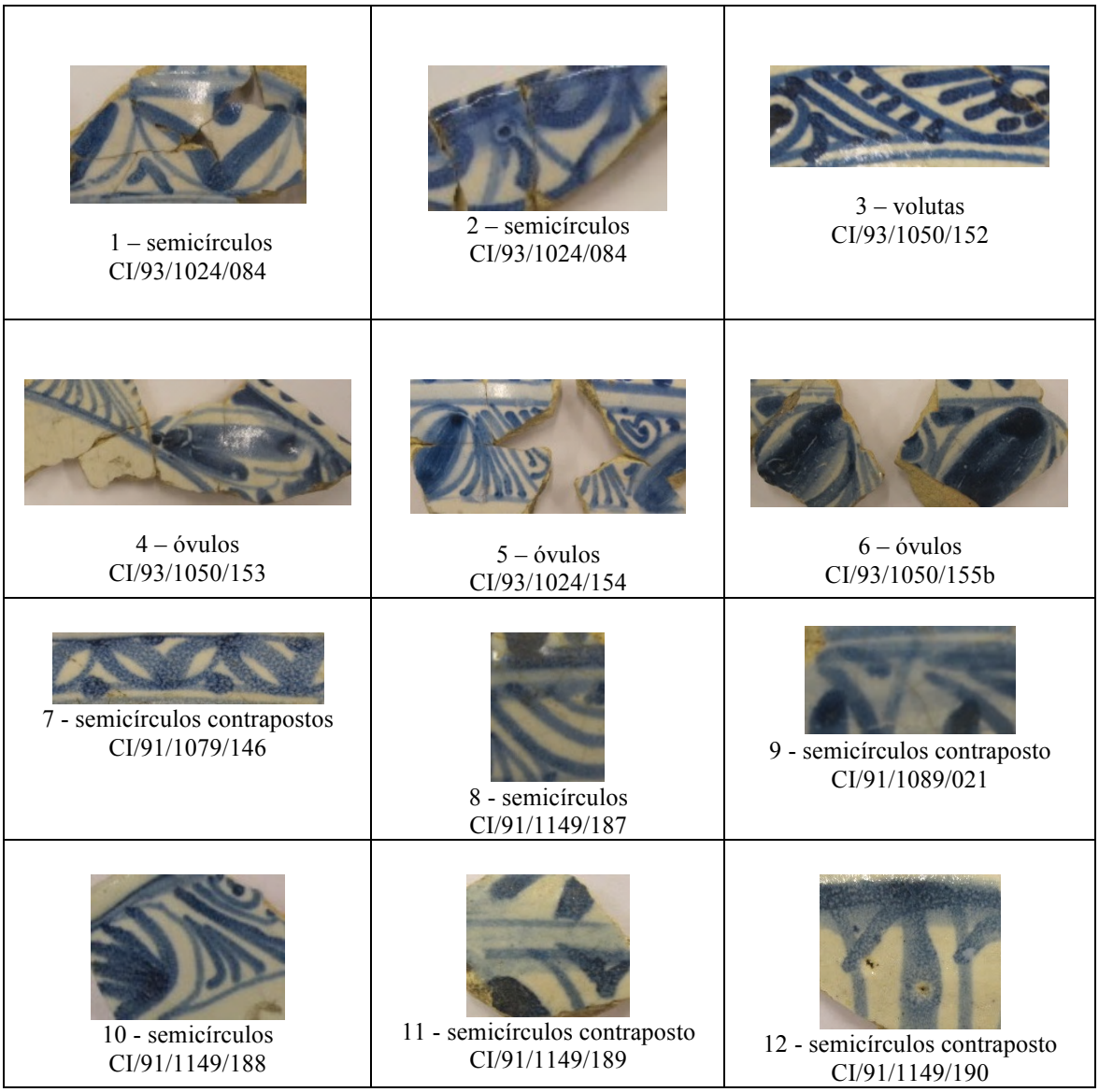


Fig. 25 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 3: vegetalista bandas de semicírculos

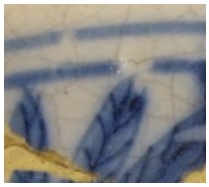
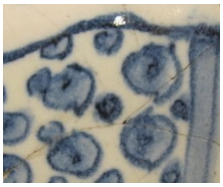
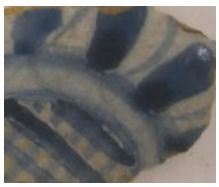
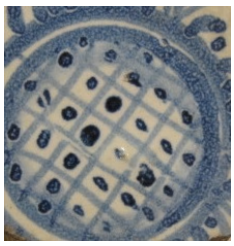
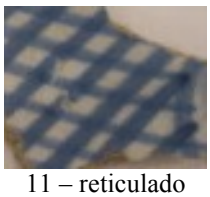
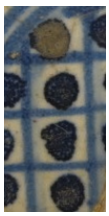
 1 - motivos vegetalistas CI/91/1079/050	 2 - motivos vegetalistas CI/91/1079/052	 3 - motivos vegetalistas CI/91/1149/131

Fig. 26 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 3: vegetalista, influência *wanli*

 1 – semicírculos e reticulado CI/93/1029/138b	 2 – semicírculos e tridentes CI/93/1029/140	 3 – semicírculos preenchidos com um ponto CI/1029/146
 4 – reticulado CI/93/1029/148	 5 – semicírculos concêntricos CI/93/1029/150	 6 – espirais CI/93/1029/151
 7 – reticulado com pontos CI/93/1029/157	 8 – semicírculos CI/93/1050/096	 9 – reticulado e linhas onduladas paralelas CI/93/1050/158
 10 – linhas paralelas e semicírculos CI/93/1050/159 aba (fundo vegetalista)	 11 – reticulado CI/93/1050/160a	 12 – duas linhas perpendiculares CI/93/1050/160b



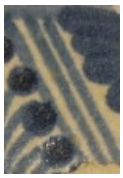
13 – linhas paralelas
CI/93/1050/161



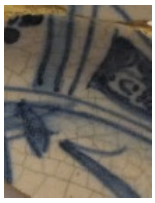
14 – reticulado com pontos
CI/93/1050/167



15 – linhas paralelas com ondulado
CI/93/1050/174



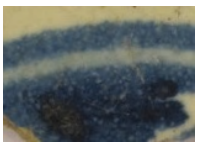
16 – linhas paralelas
CI/91/1079/047



17 – pequenas espirais
CI/91/1142/068



18 – reticulado e linhas paralelas
CI/91/1142/077

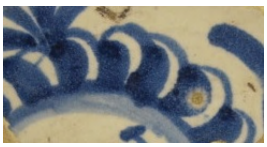


19 – linhas paralelas
CI/91/1142//080

Fig. 27 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 3: geométricos, reticulados, espirais e círculos e semicírculos



1 – gomos encimados em tridente
CI/93/1029/141



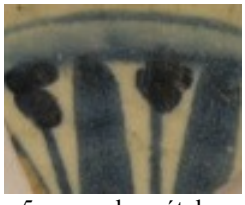
2 – gomos
CI/93/1029/142



3 – gomos encimados em tridente
CI/93/1029/147



4 – grande pétalas
CI/93/1029/155



5 – grandes pétalas
CI/93/1029/156



6 – gomos encimados por tridentes
CI/93/1029/160

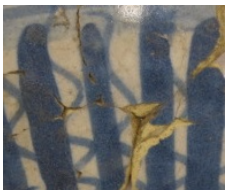
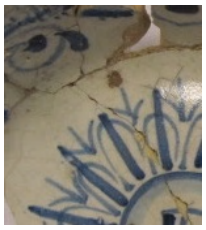
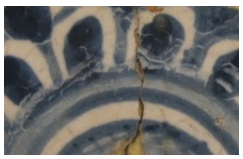
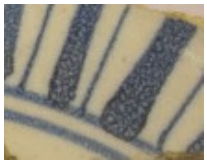
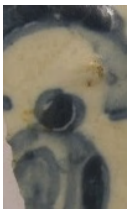
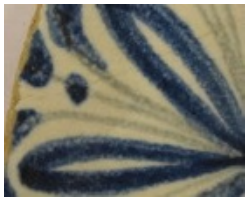
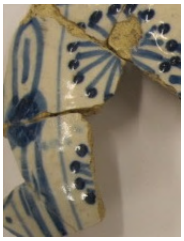
 7 – grandes pétalas CI/93/1050/079	 8 – gomos ondulados CI/93/1050/098	 9 – gomos CI/93/1050/156a
 10 – grandes pétalas CI/91/1050/171	 11 – gomos encimados em tridente CI/91/1079/051	 12 - gomos com reticulado no centro CI/91/1090/029
 13 - gomos CI/91/1097/019	 14 - gomos CI/91/1142/076	 15 – gomo encimado com um ponto CI/91/1142/128
 16 – grandes pétalas CI/91/1149/212	 17 – grandes pétalas CI/91/1149/214	

Fig. 28 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 3: vegetalista, representações de grande pétalas em gomos

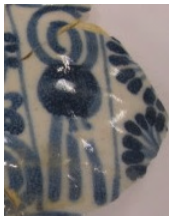
 1 – laço e crisântemo CI/93/1024/a	 2 – crisântemo CI/93/1024/076	 3 – flor a sair de banda geométrica CI/93/1024/077



4 – laço crisântemo
CI/93/1024/078



5 – Aranhão, e crisântemo em cartelas divididas por laço
CI/93/1029/138a



6 – laço crisântemo
CI/93/1029/143



7 – crisântemo e aranhão
CI/93/1050/083a



8 – crisântemo
CI/93/1050/083b



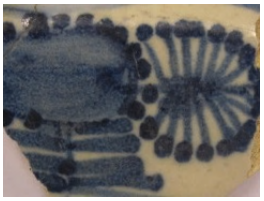
9 – flor
CI/93/1050/083a



10 – crisântemo
CI/93/1050/173



11 – crisântemo
CI/93/1050/170



12 – crisântemo
CI/93/1050/c



13 – laço e crisântemo
CI/91/1142/099



14 – crisântemo
CI/91/1142/102

Fig. 29 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 3: vegetalista, crisântemos e aranhões



1 – coração
CI/91/1024/080



2 – heráldica
CI/91/1029/153



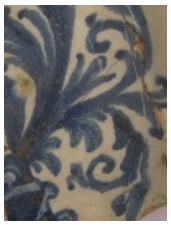
3 - heráldica
CI/91/1050/091



4 - heráldica
CI/91/1050/156b



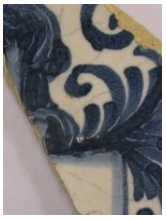
5 - heráldica
CI/91/1050/165



6 - heráldica
CI/91/1050/c



7 - heráldica
CI/91/1149/077



8 - heráldica
CI/91/1149/128

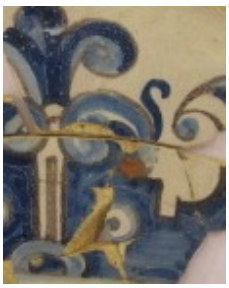


9 - anjo
CI/91/1149/a

Fig. 30 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 3: heráldica e representações simbólicas a azul



1 – heráldica a azul e manganês
CI/91/1050/080



2 - heráldica
CI/91/1149/127 fundo (aba com rendas a azul e manganês)

Fig. 31 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 3: heráldica e representações simbólicas a azul e manganês



1 – letras
CI/93/1029/c



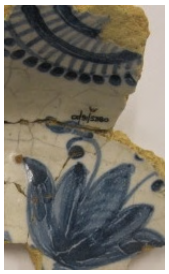
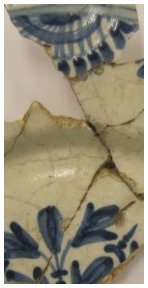
2 – letras
CI/93/1050/168



3- letras
CI/91/1149/123

 4 - letras CI/91/1149/215	 5 - letras CI/91/1149/b

Fig. 32 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 3: leteriformes

 1 - rendas CI/93/1024/079	 2 - rendas CI/93/1024/085	 3 - rendas CI/93/1024/086 aba (fundo vegetalista)
 4 - rendas CI/93/1050/0859	 5 - rendas CI/93/1050/090	 6 - rendas CI/93/1050/093 aba (fitomórfico no fundo)
 7 - rendas CI/93/1050/094 aba (vegetalista no fundo)	 8 - rendas CI/93/1050/095 aba (vegetalista em gomos no fundo)	 9 - rendas CI/93/1050/101 aba (vegetalista no fundo)



10 - rendas
CI/93/1050/155a



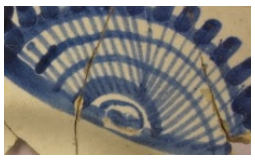
11 - rendas
CI/91/1142/075



12- rendas alternadas com volutas
CI/91/1142/079



13 - rendas
CI/91/1142/100



14 - rendas
CI/91/1149/124



15 - rendas
CI/91/1149/126



16 - rendas
CI/91/1149/133



17 - rendas na aba com motivo vegetalista no centro
CI/91/1149/134



18 - rendas na aba com motivo vegetalista no centro
CI/91/1149/193

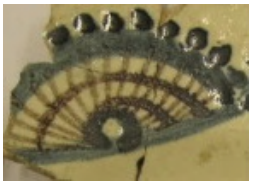


19 - rendas
CI/91/1149/217



20 - rendas na aba com motivo vegetalista no centro
CI/91/1149/218

Fig. 33 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 3: rendas a azul



1 - rendas a azul e vinoso
CI/91/1050/084



2 - rendas a azul e vinoso aba (fundo com motivo heráldico)
CI/91/1149/127



3 - rendas a azul e vinoso aba (fundo com motivo vegetalista)
CI/91/1149/135

Fig. 34 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 3: rendas a azul e vinoso

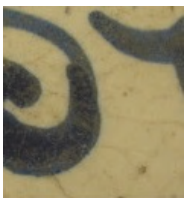
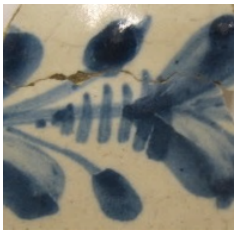
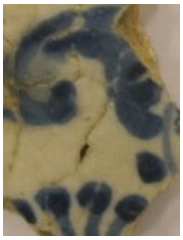
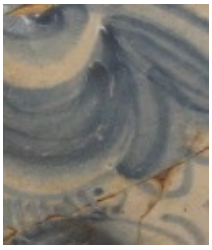
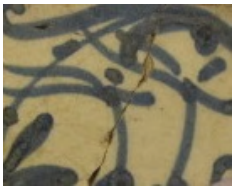
 1 – voluta CI/93/1029/152	 2 – volutas CI/93/1029/158	 3 – losango CI/93/1029/a
 4 – volutas CI/93/1029/b	 5 – volutas e motivos florais CI/93/1050/085	 6 – volutas e motivos florais CI/93/1050/085
 7 – voluta CI/93/1050/147	 8 – voluta sobre uma flor CI/93/150/166	 9 – voluta CI/91/1142/069
 10 – arranque de volutas CI/91/1142/072	 11 – arranque de volutas CI/91/1142/078	 12 – motivo vegetalista com tridentes em seu redor CI/91/1142/126

Fig. 35 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 3: motivos europeus, volutas ou plumas brasonais

 1 – planta CI/93/1024/075	 2 – planta CI/93/1029/132	 3 – planta CI/93/1029/139

 4 – paisagem bucólica CI/93/1029/149	 5 – planta CI/93/1029/159	 6 – planta CI/93/1050/082
 7 – planta CI/93/1050/100	 8 – ave CI/93/1050/104	 9 – planta CI/93/1050/157
 10 – planta CI/93/1050/159 fundo (aba geométrico)	 11 – planta CI/93/1050/162	 12 – planta CI/93/1050/164
 13 – planta CI/93/1050/b	 14 - paisagem bucólica fundo (aba geométrico) CI/91/1091/026	 15 – planta CI/91/1142/073
 16 - paisagem bucólica fundo (aba geométrico) CI/91/1142/081	 17 – planta CI/91/1149/129	 18 – paisagem bucólica CI/91/1149/132



19 – planta fundo (aba rendas)
CI/91/1149/133



20 – planta
CI/91/1149/192



21 – ave
CI/91/1149/213

Fig. 36 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 3: motivos vegetalistas e zoomórficos a azul



1 – Ave
CI/93/1050/097

Fig. 37 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 3: motivos vegetalistas e zoomórficos a azul e manganês



1 – figura humana
CI/93/1050/175



2 – figura humana
CI/91/1149/219

Fig. 38 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 3: motivos antropomórficos



1 – Renda completa
CI/91/1149/218

Fig. 39 – Motivos decorativos de faiança do Depósito 3: motivos distintos

Das 139 peças catalogadas, temos presentes neste conjunto 141 recortes decorativos, sendo que em duas delas foi considerado o fundo e aba em conjuntos diferentes por serem muito distintos. Todas as peças foram agrupadas, de acordo com os seus motivos decorativos, em 15 grupos distintos. De seguida foi feito um quadro em que os 15 grupos foram catalogados de acordo com as periodizações crono-estilísticas feitas por Reynaldo, Baart, Monteiro, Pendery, Casimiro e Sá. Com este exercício foi possível chegar a algumas conclusões. O depósito 3 apresenta assim uma maioria de peças do 2º e 3º quartel do século XVII, sendo que os principais motivos existentes são as *rendas,* com 23 peças, seguida dos motivos vegetalistas e zoomórficos, com 22 exemplares e ainda dos motivos com *aranhões* e *crisântemos,* com 14 casos. É ainda evidente a existência de peças que remontam ao 1º quartel do século XVII, como sejam os motivos vegetalistas em banda , com 12 fragmentos, ou ainda os 3 fragmentos identificados como sendo do período de influência *Wanli*.

Grupos	**Nº de peças**	**Periodizações**					
		Reynaldo	Baart	Monteiro	Pendery	Casimiro	Sá
Fig. 25 - Vegetalista organizada em banda	12		1º período		a)	2º período	a)
Fig. 26 - Vegetalista wanli	3	1º período	2º período	1º período	b)	3º período	b)
Fig.27 - geométricos	19	2º período	2º período	3º período	d)	4º período	d1) ; m)
Fig. 28 - Vegetalista, grandes pétalas em gomo	17					4º período	l)
Fig. 29 - Vegetalista, crisântemos e aranhões	14	3º período	3º período	6º período	g)	4º período	g)
Fig.30 - Heráldica a azul	9	3º período	3º período	5º período	f)	4º período	f1)
Fig. 31 - Heráldica a azul e vinoso	2	3º período	3º período	5º período	f)	4º período	f2)
Fig. 32 - Letiriformes	5					4º período	
Fig. 33 - Rendas a azul	20	3º período	3º período	6º período	h)	4º período	h1)
Fig. 34 - Rendas a azul e vinoso	3	3º período	3º período	6º período	h)	4º período	h2)
Fig. 35 - Volutas	12	3º período	3º período	6º período	i); j)	4º período	i); j)
Fig. 36 - vegetalista e zoomórfico a azul	21	3º período	3º período	4º período	i); j)	4º período	i); j)
Fig. 37 - vegetalista e zoomórfico a azul e vinoso	1	3º período	3º período	4º período	i); j)	4º período	i); j)
Fig. 38 - Antropomórficos	2	3º período	3º período	4º período	i); j)	4º período	i); j)
Fig. 39 - Motivos distintos	1	3º período	3º período	4º período	i); j)	4º período	i); j)

Quadro 4 – Periodização dos motivos decorativos do Depósito 3

IV.1.4. Grupos de fabrico

Ao debruçarmo-nos sobre os grupos de fabrico de faiança da Casa do Infante tivemos que ter em conta as nossas limitações. Esta abordagem poderia pressupor uma grande segurança analítica, uma vez que os diferentes grupos são distinguíveis por uma série de critérios cujo o resultado final é obviamente a identificação de um grupo de centros produtores e de diferentes períodos cronológicos de produção. Infelizmente tal não se sucede, principalmente porque uma identificação segura de uma série de fragmentos correspondentes a um centro produtor durante um certo período cronológico só seria minimamente aceitável após uma confirmação química dos elementos constituintes da sua pasta e esmaltes, comparados com pastas e esmaltes que seriam seguramente desse centro produtor. A óbvia impossibilidade de fazer estas análises limitou-nos a que apenas pudéssemos fazer uma apreciação macroscópica. Nessa análise foi feita uma separação de grupos, tendo em contas tonalidades das pastas, sendo este o primeiro critério para identificação de um centro produtor. O segundo critério, teve também como base a análise macroscópica, mas nesta fase, usamos como elementos indicadores, os defeitos de fabrico ou cozedura facilmente identificáveis, marcas de uso de trempes e qualidades dos esmaltes, mais concretamente o surgimento ou não de *craquelê* e a sua cor. Por último, analisamos a pintura, tentando examinar a intensidade da pincelada colocada na peça. A base destes critérios distintivos assenta nos projetos recentes de Luís Sebastian (SEBASTIAN, 2011) que incide sobre identificação e características dos três centros produtores de faiança do século XVII, assim como de Tânia Casimiro (CASIMIRO, 2010) que também faz uma descrição do funcionamento e características produtivas destes centros produtores. A forma da peça também será incluída, embora ainda não existam conhecimentos suficientes que sustentem que um formato específico de um prato ou de uma taça seja deste ou daquele centro produtor embora Luís Sebastian, por exemplo, sustente que que o prato raso só surgiu em Coimbra a partir de meados de seiscentos, sendo até então produzidos maioritariamente pratos de fundo externo em ônfalo (SEBASTIAN, 2011, p. 508). Á luz dos conhecimentos que agora possuímos, o formato de cada peça específica é muito parecido nos três centro produtores, mas só com uma investigação arqueológica em várias olarias é que melhor se poderia suportar tal asserção.

São três os centros produtores de faiança em Portugal dos séculos XVI e XVII. É geralmente aceite que as olarias de louça estanífera surgiram primeiro em Lisboa, expandindo-se pouco tempo depois para Coimbra "*...considerando o seu início em meados do século XVI..*", se bem que "*...será no século XVII que a produção local de faiança conhece uma acentuado incremento*."(SEBASTIAN, 2011, p. 165), ou, como observa outro autor, que o "*... ofício de louça vidrada era regulamentado desde meados do século XVI e a produção de louça branca devia ser uma realidade desde, pelo menos 1584...*", sendo de crer, segundo a documentação existente, que já "*...em 1603 a produção de faiança era recorrente...*" (CASIMIRO 2010, p 560).

Ao que tudo indica, a produção de faiança em Vila Nova surge com a instalação na margem sul do Douro de oleiros de Lisboa e Coimbra, sendo certo que a "*...indústria encontrava-se em pleno funcionamento em finais do século XVI...*"(CASIMIRO, 2101, p. 572), e parece "*...ser de longe certa a maior especialização do centro oleiro de Vila Nova na produção de faiança, pelo menos a partir da viragem de Quinhentos para Seiscentos...*" (SEBASTIAN, 2011, p. 188 a 189). Tendo em conta que os Depósitos em estudo estão datados desde finais do século XVI até ao 3º quartel do século XVII, há uma grande probabilidade de as peças presentes neste estudo serem precedentes de qualquer um destes três centros produtores.

As tonalidades das pastas dos três centros produtores são distinguíveis. São atribuídas às olarias de Lisboa tonalidades brancas e amareladas, variando na tabela de cores de Munsell de10 YR 8/1 a 8/4 (SEBASTIAN, 2011, p. 486; CASIMIRO, 2010, p. 552). As olarias de Coimbra apresentam tonalidades com várias variações, desde branco sujo, a cor de salmão, rosa e vermelhas, balizadas na tabela de Munsell de 2.5YR 8/2 a 7.5YR 7/6 (SEBASTIAN, 2011, p. 490). As pastas das olarias de Vila Nova, por sua vez, apresentam tons parecidos com os de Lisboa mas menos amareladas e tendencialmente rosadas, devido à mistura de barro vermelho nas margas exportadas de Lisboa, estando enquadradas na tabela de Munsell entre 10YR 8/4 a 7.5YR 8/4 (SEBASTIAN, p. 487).

Os esmaltes também apresentam diferenças, pois a sua produção e aplicação são feitas de forma distinta, dependendo do centro em que são produzidos. O esmaltes de Lisboa são de excelente qualidade, com uma elevada percentagem de estanho e

chumbo, opacas, brilhantes, com grande aderência e com um reduzido ou inexistente marcas de *craquelê* (CASIMIRO, 2010, p. 552), podendo no entanto desfazer-se em lascas, como se constata em contextos arqueológicos (SEBASTIAN, 2011, p. 494). Os esmaltes de Coimbra são menos espessos e brilhantes (CASIMIRO, 2010, p. 559), de aspecto baço devido ao menor dosagem de chumbo e aplicação de mais areia, o que lhes confere um tom creme; apresentam um grande número de *craquelês*, e o banho de vidrado é incompleto, como se nota em algumas parte da peça, normalmente no tardoz (SEBASTIAN, 2011, p. 498). Os esmaltes de Vila Nova são semelhantes aos de Lisboa, no entanto apresentam uma maior dosagem de areia ao invés do chumbo, o que dá um menor brilho no acabamento final, ao contrário dos seus congéneres de Lisboa. São esmaltes que em contextos arqueológicos tendem a ganhar muitos *craquelês* (SEBASTIAN, 2011, 494).

Quanto aos defeitos das peças, nomeadamente os observáveis pela marca de uso de trempes, sabemos que estes não eram muito frequentes nas produções de Lisboa, pois ali usavam como método de cozedura do vidrado os cravilhos ou caixas individuais. O mesmo não se passava nas produções de Vila Nova, em que o uso de trempes na cozedura era recorrente, sendo possível atribuir com segurança a estas oficinas as marcas de uso de trempes feitos em cerâmica vermelha. As produções de Coimbra também eram maioritariamente cozidas com o uso de trempes, mas neste caso os trempes eram da cor da pasta da peça não lhe conferindo o tradicional ponto vermelho que normalmente encontramos nas produções de Vila Nova (SEBASTIAN, 2011, p. 500 a 503).

Por último, usamos como critério diferenciador dos três centros produtores, os tons e espessura de tinta empregue na decoração. As peças de Lisboa têm à partida um azul mais claro e brilhante de pinceladas leves, mas com um número de gradações de azul bastante elevado, ao contrário de Coimbra que apresenta sempre um azul mais escuro e baço, com não mais de dois tons. O azul de Vila Nova, por seu lado é também mais escuro que o de Lisboa, não ultrapassando em três o número de gradações. Nota-se que as pinceladas empregues são precisas mas vão sendo sobrepostas, dando um aspecto final mais duro e com algum relevo (SEBASTIAN, 2011, p. 497 a 499). No entanto a subjetividade que o tom ou a quantidade de tinta empregue no vidrado pode dar levou-nos a não incluir esse critério na análise de dados final. Embora em algumas peças, como poderemos ver nos quadros seguintes,

seja facilmente visível um tom de azul escuro e até mesmo sentir um certo relevo na peça derivado da quantidade de tinta empregue, noutras tal não é possível de todo. Em muitos casos, peças que exibem uma pincelada leve e com um azul claro apresentam marcas de trempes ou de *craquelê*; noutro casos, peças que não apresentam qualquer marca de defeito apresentam um pintura escura e carregada. Fica no entanto a referência deste critério diferenciador como possível elemento a aprofundar para a distinção de centros produtores.

Assim, e de acordo com os critérios de distinção acima descritos, compilámos as peças que apresentavam marcas de *craquelê* e uso de trempes, adicionando também outros elementos que podem ser considerados esclarecedores, como o brilho e a cor do esmalte, o grau de intensidade da pintura e a forma da peça em análise. No entanto, estes últimos, por serem mais incertos, não vão ser analisados nos dados finais. De modo a obtermos melhores resultados, agrupamos as peças em tabelas de acordo com o seu Depósitos e a cor das suas pastas: brancas e amareladas, alaranjadas e rosadas, vermelhas e cor de salmão. Pretendemos com este cruzamento de dados obter uma percentagem média de distribuição das peças de Faiança da Casa do Infante pelos três centros produtores. De um total de 183 peças (17 do D1, 27 do D2 e 139 do D3) estão presentes nestes quadros apenas 98 (1 do D1, 14 do D2 e 86 do D3), tendo sido à partida excluídas 82 por não apresentarem nenhuma das marcas descritas (16 do D1, 13 do D2 e 53 do D3), ou seja 45% de todas as peças.

Pastas Nº de peça	**Formas**	**Brilho do esmalte**	**Cor do esmalte**	**Marcas**		**Pintura**	
				Craquelé	Trempes	leve	carregada
1554/021 10YR 8/3	Prato	Brilhante	Pastel	✔			
1726/c 10YR 8/3	Prato	Muito brilhante	Branco	✔			
1554/c 10YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco	✔	✔		

Quadro 5– Pastas claras (10YR 8/3 a 8/4) com marcas de *craquelê* e ou trempes do **Depósito 2**

Pastas Nº de peça	**Formas**	**Brilho do esmalte**	**Cor do esmalte**	**Marcas**		**Pintura**	
				Craquelé	Trempes	leve	carregada
1029/152 - 10YR 8/2	Prato	Brilhante	Branco	✔			
1142/073 – 10YR 8/2	Prato	Brilhante	Branco	✔	✔		

1024/075 – 10YR 8/3	Taça	Muito brilhante	Branco	✔			✔
1029/138b – 10YR 8/3	Prato	Muito brilhante	Branco	✔			✔
1029/149 – 10YR 8/3	Prato	Brilhante	Pastel	✔		✔	
1050/084 – 10YR 873	Prato	Muito brilhante	Pastel	✔	✔		✔
1090/029 – 10YR 8/3	Pequeno prato	Muito brilhante	Branco	✔	✔		✔
1149/077 – 10YR 8/3	Prato	Brilhante	Pastel	✔	✔		
1024/077 – 10 YR 8/4	Taça	Muito brilhante	Branco	✔		✔	
1024/080 – 10YR 8/4	Taça	Brilhante	Branco		✔	✔	
1024/084 – 10YR 8/4	Taça	Brilhante	Branco	✔			
1029/148 – 10YR 8/4	N/I	Brilhante	Pastel	✔	✔		✔
1050/083 a – 10YR 8/4	Prato	Muito Brilhante	Branco	✔	✔		✔
1050/083 b – 10YR8/4	Prato	Muito Brilhante	Branco	✔	✔		✔
1050/089 – 10YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco		✔		✔
1050/100 – 10YR 8/4	Prato	Brilhante	Pastel	✔		✔	
1050/147 – 10YR 8/4	Prato	Muito brilhante	Branco	✔			✔
1050/152 – 10YR 8/4	Pequeno prato	Muito brilhante	Branco	✔		✔	
1050/156 a – 10YR 8/4	Tigela	Brilhante	Branco	✔			✔
1050/156 b – 10YR 8/4	Tigela	Brilhante	Branco		✔		
1050/164 – 10YR 8/4	Prato	Muito Brilhante	Branco	✔	✔		✔
1050/166 – 10YR 8/4	Prato	Muito Brilhante	Branco				✔
1050/167 – 10YR 8/4	Taça	Muito Brilhante	Branco	✔			✔
1079/046 – 10YR 8/4	Pequeno prato	Muito brilhante	Branco		✔		
1079/050 – 10YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco	✔			
1142/068 – 10YR 8/4	Prato	Brilhante	Cinza	✔			
1142/077 – 10YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco	✔			
1142/078 – 10YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco	✔			
1149/128 a – 10YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco	✔	✔		
1149/128 b – 10YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco	✔			
1149/131 – 10YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco	✔		✔	
1149/134 – 10YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco		✔		✔
1149/135 – 10YR 8/4	Prato	Muito Brilhante	Branco		✔		
1149/188 – 10YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco	✔			
1149/213 – 10YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco	✔	✔		
1149/d– 10YR 8/4	N/I	Brilhante	Pastel	✔			

Quadro 6 – Pastas claras (10YR 8/1 a 8/4) com marcas de *craquelê* e ou trempes do **Depósito 3**

Pastas Nº de peça	Formas	Brilho do esmalte	Cor do esmalte	Marcas		Pintura	
				Craquelé	Trempes	leve	carregada
2545/a – 7.5YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco		✔		

Quadro 7 – Pastas rosadas (7.5YR 8/4) com marcas de *craquelê* e ou trempes do **Depósito 1**

Pastas Nº de peça	Formas	Brilho do esmalte	Cor do esmalte	Marcas		Pintura	
				Craquelé	Trempes	leve	carregada
1554/b - 10YR 8/6	Prato	Brilhante	Branco	✔			
1507/1504/018 7.5YR 8/3	Prato	Brilhante	Pastel	✔			
1554/d 7.5YR 8/3	Prato	Brilhante	Pastel	✔			
1554/021 7.5YR 8/3	Tigela	Brilhante	Pastel	✔			
1728/010 7.5YR 8/3	Prato	Brilhante	Branco		✔		✔
1509/a 7.5YR 8/4	Prato	Brilhante	Pastel	✔			
1530/a 7.5YR 8/4	Prato	Brilhante	Pastel	✔	✔		
1554/a 7.5YR 8/4	Prato	Brilhante	Pastel	✔			
1710/a 7.5YR 8/4	Prato	Brilhante	Pastel	✔	✔		

Quadro 8 – Pastas rosadas e alaranjadas (10YR 8/6 e 7.5YR 8/3 a 8/4) com marcas de *craquelê* e ou trempes do **Depósito 2**

Pastas Nº de peça	Formas	Brilho do esmalte	Cor do esmalte	Marcas		Pintura	
				Craquelé	Trempes	leve	carregada
1050/093 - 10YR 8/6	Prato	Brilhante	Pastel	✔	✔		✔
1050/094 – 10YR 8/6	Tigela	Brilhante	Pastel	✔			✔
1050/104 – 10YR 8/6	Prato	Muito brilhante	Branco	✔	✔	✔	
1050/159 – 10YR 8/6	Tigela	Muito brilhante	Branco	✔	✔		✔
1050/160 a – 10YR 8/6	Tigela	Muito Brilhante	Branca	✔	✔		✔
1149/217 – 10YR 8/6	Prato	Brilhante	Pastel	✔	✔		✔
1148/218 – 10YR 8/6	Prato	Brilhante	Branco	✔	✔		
1024/086 – 7.5YR 8/3	Taça	Muito brilhante	Branca	✔	✔	✔	
1024/a – 7.5 YR 8/3	Taça	Muito brilhante	Pastel	✔		✔	
1029/138a – 7.5YR 8/3	Prato	Brilhante	Branco		✔	✔	
1029/155 – 7.5YR 8/3	Taça	Muito brilhante	Branco	✔	✔		

1029/158 – 7.5YR 8/3	N/I	Muito brilhante	Branco	✔	✔		✔
1029/159 – 7.5YR 8/3	Taça	Brilhante	Pastel		✔		✔
1050/085 – 7.5YR 8/3	Prato	Brilhante	Cinza		✔		
1050/091 – 7.5YR 8/3	Prato	Brilhante	Pastel		✔		✔
1050/095 – 7.5 YR 8/3	Tigela	Brilhante	Branca	✔	✔		
1050/098 – 7.5YR 8/3	Tigela	Brilhante	Cinza	✔			✔
1050/101 – 7.5YR 8/3	Prato	Brilhante	Pastel	✔	✔		✔
1050/153 – 7.5YR 8/3	Tigela	Muito brilhante	Branco	✔		✔	
1050/155 – 7.5YR 8/3	Tigela	Brilhante	Cinza				✔
1050/168 – 7.5YR 8/3	Prato	Brilhante	Branco	✔	✔	✔	
1050/c – 7.5YR 8/3	Prato	Brilhante	Branco		✔		✔
1079/052a – 7.5YR 8/3	Tigela	Brilhante	Pastel	✔	✔		✔
1142/081 – 7.5YR 8/3	Prato	Brilhante	Branco	✔			
1149/127 – 7.5YR 8/3	Prato	Muito Brilhante	Branco		✔		
1149/a – 7.5YR 8/3	Prato	Brilhante	Pastel	✔	✔		
1029/140 – 7.5YR 8/4	Taça	Brilhante	Branco	✔	✔		✔
1029/147 – 7.5YR 8/4	Taça	Brilhante	Pastel	✔	✔		✔
1029/151 – 7.5YR 8/4	Taça	Brilhante	Branco	✔			
1029/153 – 7.5YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco	✔		✔	
1029/156 – 7.5YR 8/4	Taça	Brilhante	Pastel	✔			✔
1029/b – 7.5YR 8/4	Taça	Brilhante	Branco	✔		✔	
1029/c – 7.5YR 8/4	Taça	Brilhante	Pastel	✔	✔	✔	
1050/082 – 7.5YR 8/4	Tigela	Brilhante	Cinza	✔			✔
1050/086 – 7.5 YR 8/4	Prato	Brilhante	Pastel	✔		✔	
1050/161 – 7.5 YR 8/4	Tigela	Brilhante	Branca	✔		✔	
1050/162 – 7.5 YR 8/4	Pequeno prato	Muito brilhante	Branca		✔		✔
1050/173 – 7.5 YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco				✔
1091/026 – 7.5YR 8/4	Pequeno prato	Muito brilhante	Branco	✔	✔		✔
1097/019 – 7.5 YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco		✔		✔
1142/100 – 7.5 YR 8/4	Tigela	Brilhante	Pastel	✔			✔
1149/126 – 7.5 YR 8/4	Prato	Muito brilhante	Pastel		✔		✔
1149/129 – 7.5 YR 8/4	Tigela	Brilhante	Pastel	✔			✔
1149/193 – 7.5 YR 8/4	Prato	Brilhante	Pastel	✔	✔		✔
1149/212 – 7.5 YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco		✔		
1149/215 – 7.5 YR 8/4	Prato	Brilhante	Branco		✔		

Quadro 9 – Pastas rosadas e alaranjadas (10YR 8/6 e 7.5YR 8/3 a 8/4) com marcas de *craquelê* e ou trempes do **Depósito 3**

Pastas Nº de peça	Formas	Brilho do esmalte	Cor do esmalte	Marcas		Pintura	
				Craquelé	Trempes	leve	carregada
1507/a – 7.5YR 8/6	Tigela	Brilhante	Pastel	✔	✔		
1726/e – 5YR 8/3	Prato	Brilhante	Pastel	✔			

Quadro 10 – Pastas salmão e vermelhas (7.5YR 8/6 e 5YR 8/3) com marcas de *craquelê* e ou trempes do **Depósito 2**

Pastas Nº de peça	Formas	Brilho do esmalte	Cor do esmalte	Marcas		Pintura	
				Craquelé	Trempes	leve	carregada
1050/165 – 7.5YR 8/6	Prato	Muito brilhante	Pastel	✔	✔		
1029/160 – 10R 6/6	Prato	Brilhante	Pastel	✔	✔		✔
1149/132 – 10R 6/6	Tigela	Brilhante	Pastel	✔			
1149/133 – 10R 6/6	Prato	Brilhante	Pastel	✔	✔		

Quadro 11 – Pastas salmão e vermelhas (7.5YR 8/6 e 10R 6/6) com marcas de *craquelê* e ou trempes do **Depósito 3**

Pela análise destas tabelas podemos chegar a alguns dados. O Depósito 1, está representado por 17 peças , das quais apenas 5 (29%) apresentam pastas rosadas que podem ser atribuídas às olarias de Vila Nova. Dentro de uma dessas peças de pasta rosada foi identificada uma marca de trempe de tom rosado. Ou seja, estamos seguros que pelo menos 6% das peças do Depósito 1 são das olarias de Vila Nova.

D1	Marcas			Pintura	
	Só *Craquelê*	**Só Trempes**	**Ambos**	**Leve**	**Carregada**
Pastas Rosas		1			

Quadro 12 – Contagem de elementos distinguíveis para atribuição de grupos de fabrico às faianças do **Depósito 1**

No Depósito 2, com 27 peças, apenas 3 de pasta clara (de um total de 14) apresentam *craquelê* ou trempes, reunindo uma delas ambos os elementos. Tendo em

conta que as pastas de Vila Nova e Lisboa podiam ser similares e que as características das peças que apresentam *craquelê* e trempes só podem ser atribuídas a Vila Nova, incluímos estas três peças neste grupo de fabrico. No grupo da pastas rosadas ou laranjadas o número sobe: das 11 peças totais, nove apresentam um ou ambos os critérios. Seis apresentam marcas de *craquelê*, uma, a marca de trempes e duas peças ambas as marcas. Estas podem ser atribuídas sem dúvida às olarias de Vila Nova. As pastas vermelhas ou cor de salmão são atribuídas às olarias de Coimbra que tendencialmente também apresentam marcas de *craquelês* e de trempes. Para este depósito temos 2 peças, ou seja 7% do total de peças. Feitas as contas, podemos dizer que o Depósito 2 é composto por 12 peças das olarias do Porto, 44% do total. 11, peças, 41% podem ser atribuídas às olarias de Lisboa e 2 peças, 7%, ás olarias de Coimbra. As 2 peças de pasta rosada, 7%, que não apresentam marcas de *craquelês* ou trempes não são podem ser contabilizadas com toda a certeza, mas tudo indica que também devam pertencer às olarias de Vila Nova.

D2	**Marcas**			**Pintura**	
	Só *Craquelê*	**Só Trempes**	**Ambos**	**Leve**	**Carregada**
Pastas claras	2		1		
Pastas rosas e alaranjadas	6	1	2		1
Pastas vermelhas e salmão	1		1		

Quadro 13 – Contagem de elementos distinguíveis para atribuição de grupos de fabrico às faianças do **Depósito** 2

Seguindo o mesmo raciocínio, no Depósito 3, das 139 peças em estudo, apenas 84[6] se encontram aqui representadas. Dentro das pastas claras, 36 peças apresentam marcas de *craquelê*, trempes ou ambos de um total de 78. As pastas alaranjadas ou rosadas estão representadas em número de 44, num total de 57 enquanto que as pastas vermelhas e cor do salmão, que são 4 apresentam todas algum tipo de marcas. Fazendo

[6] Nos quadros 7, 10 e 12 estão presentes 86 peças. no entanto, duas só têm como referência à pintura carregada, critério considerado válido mas pouco seguro pelo que optamos por não as comtemplar nos resultados finais.

as contas, somando as 36 peças claras com as 44 peças alaranjadas ou rosadas podemos concluir que 58% do total das peças poderão ser atribuídas a Vila Nova. Se subtrairmos as 36 peças com marcas as 78 de pastas claras podemos afirmar que 30% das peças estudadas são atribuídas a Lisboa. Para as pastas vermelhas ou cor de salmão atribuídas a Coimbra, em número de 4, podemos afirmar que 3% das peças se associam às produções de Coimbra. Mais uma vez falta colocar as 13 peças de pastas alaranjadas ou rosadas (8%), sem marcas de *craquelê* ou de usos de trempes num grupo de fabrico, mas pelo conjunto das pasta podemos atribuí-las a Vila Nova.

D3	**Marcas**			**Pintura**	
	Só *Craquelê*	**Só Trempes**	**Ambos**	**Leve**	**Carregada**
Pastas claras	19	6	10	6	14
Pastas rosas e alaranjadas	14	11	19	11	25
Pastas vermelhas e salmão	1		3		1

Quadro 14 – Contagem de elementos distinguíveis para atribuição de grupos de fabrico às faianças do **Depósito 3**

Os dados obtidos permitem-nos concluir que em finais do século XVI, o centro oleiro de Vila Nova terá sido responsável pelo abastecimento de 29% de produção de louça estanífera à Casa do Infante, subindo no 1º quartel do século XVII para cerca de 44% e culminando para 66% no 3º quartel de XVII.

Para finalizarmos este capítulo devemos fazer uma ressalva. Os dados aqui apresentados não devem naturalmente ser interpretados como absolutos. A distribuição por grupos de fabrico foi feita a partir de análises rigorosas e esses dados devem ser levados em conta, mas, como toda a avaliação empírica, existe sempre uma margem de erro. Em meados do século XVII a qualidade nas produções de faianças decaiu, o que levou a uma aproximação das faianças produzidas em Lisboa às produzidas em Vila Nova, quer ao nível da pasta, que se tornou um pouco rosada, quer ao nível do esmalte,

que se tornou mais pobre em estanho e chumbo e assim perceptível a ganhar mais *craquelé* (SEBASTIAN, 2011, p. 488). Os próprios *craquelês*, que normalmente surgem durante o processo de arrefecimento da peça, quando o vidrado não tem a percentagem suficiente de chumbo ou estanho, pode também ser provocado por processos de degradação (MANTUA, *et al*, 2007, p. 126), pelo que um fragmento enterrado durante séculos e sujeito a vários tipos de pressões e condições químicas particulares pode sofrer alterações similares ao nível do seu esmalte. Também o facto de limitarmos as produções de Coimbra a pastas de tom avermelhado ou cor de salmão é bastante redutor, visto que as pastas atribuídas a este centro produtor apresentam uma grande variedade, podendo até ser bastante claras. Deste modo os dados aqui apresentados devem ser visto como médias aproximadas e considerados de acordo com todas as ressalvas acima descritas.

Conclusão

Esta dissertação teve como objectivo identificar e classificar as produções de Faiança Portuguesa, de finais do século XVI e os primeiros três terços do século XVII, do arqueossítio da Casa do Infante. Foram analisados um total de 8425 fragmentos provenientes de três depósitos bem datados, 203 do Depósito 1, de finais do século XVI, 523 do Depósito 2, 1º terço do século XVII e 7692 do Depósito 3, 3º terço do século XVII. Todo o processo de investigação teve como norma a análise das cerâmicas dentro de cada depósito cronológico, tendo sido feito, no final de cada capítulo, uma avaliação de conjunto com o objectivo de se determinar correspondências que nos fornecessem dados para a evolução deste tipo de produções. A metodologia utilizada teve como procedimento comum a separação de todos os fragmentos por grupos cada vez mais restritos. Deste modo, foi-nos possível conjugar e contabilizar dados semelhantes, e com isso obter uma visão de conjunto que nos oferecesse as opção produtivas, formas, e motivos decorativos mais comuns.

O primeiro critério de diferenciação implicou a distribuição por três grupos tecnológicos distintos e facilmente identificáveis, louça Malagueira, Faiança portuguesa e Faiança de importação.

Os segundo passo foi o de fazer um estudo das pastas que incluísse a sua coloração e seus constituintes. Usamos como método de análise de pastas uma observação macroscópica cuidada cujos resultados indicaram uma clara tendência para a utilização de pastas amarelas. Logo em seguida aparecem as produções cujas pastas apresentam tonalidades rosas, e em menor número, mas mesmos assim significativo, surgem as pastas beges. Foram consideradas outras cinco tonalidades diferentes de pastas, pois segundo o nosso critério não eram uma variante de um tom já assinalado, mas sim uma cor distinta facilmente observável. Estas, no entanto, não chegam no seu conjunto aos 2% dos tipos de pasta analisadas e estão praticamente confinadas ao Depósito 3. Ao observarmos cada depósito individualmente verificamos que as faianças de pastas de coloração amarela representam sempre a pluralidade da composição tecnológica das pastas (D1 – 47% ; D2 – 69% ; D3 – 55%). As faianças de pastas com tonalidades rosas são também o segundo grupo de

composição tecnológica mais representativa dos três depósitos alcançando sempre cerca de um terço do total (D1 – 29% ; D2 – 26% ; D3 – 33%). As faianças de pastas beges, terceiro grupo tecnológico mais representado do conjunto, tem uma maior variação dentro de cada Depósito (D1 – 24%; D2 – 2% ; D3 – 10%), não se podendo identificar uma constante esclarecedora deste tipo de composição tecnológica. As restantes tonalidades identificadas, como já foi dito, são minoritárias, não ultrapassando 2% do total estudado. No conjunto geral, representado em gráfico, 56% da totalidade das faianças apresenta um tom pasta amarela, 33% um tom rosa e 9% uma tonalidade bege.

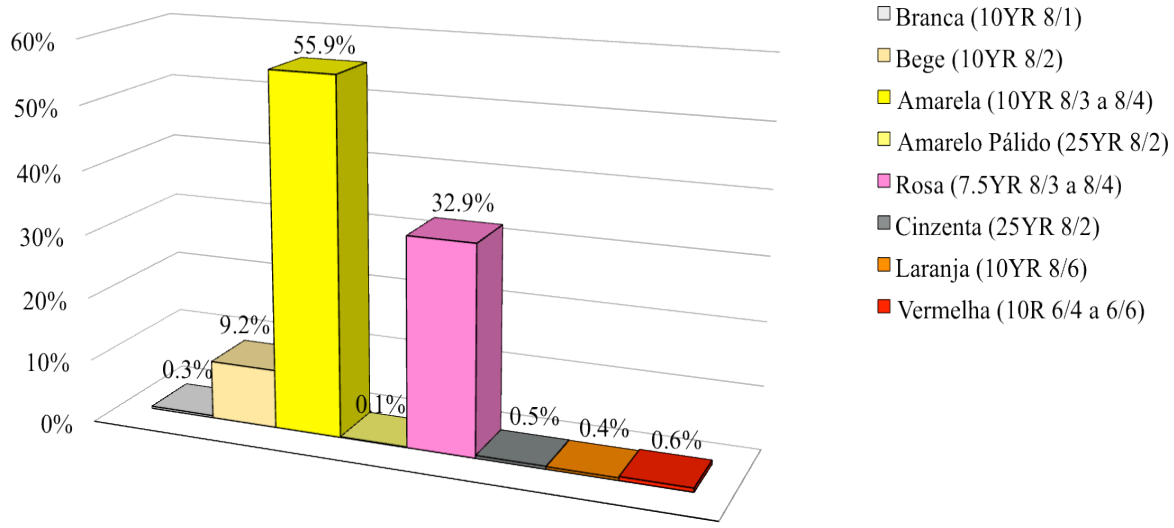


Gráfico 19 – Frequências de tonalidades de Pastas representadas nos fragmentos de faiança dos três depósitos em estudo

A observação individual de cada fragmento, feita durante a análise macroscópica, foi fundamental para uma contagem sistemática de bordos e fundos. Este exercício permitiu-nos estimar uma média de peças por Depósito, usando o número de bordos como valor máximo e o número de fundos como valor mínimo. Deste modo calculamos que a média de peças de louça malagueira para o Depósito 1 seria de 18,5, enquanto que para o Depósito 2 seria de 14,5 e para o Depósito 3, 170,4. No caso da faiança não foi possível calcular um número de peças para o Depósito 1 devido ao seu reduzido número, 17, e ausência de fundos. Para o Depósito 2 foram estimadas uma média de 24,5 peças e para o Depósito 3, 817,5. Com esta observação atrevemo-nos também a concluir que a globalidade da louça de faiança consumida na Casa do Infante se destinava a serviço de mesa. A maior parte

das formas dos três depósitos dizem respeito a pratos, taças e tigelas, tendo no entanto sido identificados no Depósito 2, peças de jogo e no Depósito 3 bicos de jarro, potes e tampas.

Após esta primeira fase de análise dos fragmentos foi feita uma seleção para amostra de peças dos três depósitos. A escolha de peças teve três critérios principais, a colagem de fragmentos que permitiram criar um perfil semi-completo, ou fragmentos soltos mas representativos de uma forma específica ou cujo motivo decorativo era distinto ou figurativo do seu estilo. Com a criação e estudo desta amostra tivemos como objectivo fazer a análise das suas pastas, identificar e contabilizar as formas mais comuns, reconhecer os motivos decorativos existentes em cada período cronológico e por fim conjugar todos os dados para uma possível identificação dos seus centros de produção. Para o depósito 1, selecionamos 19 peças de louça Malagueira e 17 de faiança portuguesa. Para o depósito 2, 5 peças de louça Malagueira e 27 de Faiança e para o Depósito 3, 2 de louça Malagueira e 139 de Faiança.

A coloração das pastas manteve a coerência da análise de conjunto dos fragmentos. Nos três depósitos é visível a clara tendência para o uso de pastas amarelas, logo seguida das rosadas surgindo em terceiro, mas em muito menor número, as pastas beges. Os tons vermelhos, alaranjados, branco e cor de salmão foram também identificados em algumas peças. Estas informações permitem-nos enquadrar de uma forma relativa, isto porque existe sempre uma margem de erro, as tonalidades das pastas aos três centros de fabrico da época, descortinando qual seria o maior fornecedor de faiança da Casa do Infante. O investigador Luís Sebastian afirma que os diferentes centros de produção de faiança apresentavam técnicas e fórmulas algo distintas na preparação do barro. Se de um modo geral as olarias de Lisboa do século XVII apresentam pastas de tonalidades amarelas (10YR 8/4) devido a maior quantidade de margas utilizadas na sua composição, as olarias de Vila Nova, às mesmas margas, tendiam a adicionar barro vermelho, por carência das mesmas ou para baixar os preço de produção (SEBASTIAN, 2011, p. 484). Vila Nova tinha de importar as margas da cidade de Lisboa por ausência das mesmas na sua região, enquanto que os seus congéneres da capital a teriam em abundância e a um preço mais acessível. Deste modo, as tonalidades das pastas de Vila Nova apresentam colorações um pouco menos amareladas e mais rosadas (10YR 8/4 a 7.5YR 8/4),

embora em alguns casos muitas pastas podem apresentar os tons amarelos similares às de Lisboa. Ambos os centros produziam peças de qualidade embora as de Lisboa fossem um pouco superiores (SEBASTIAN, 2011, p. 488). No caso das olarias de Coimbra a opção era diferente. O problema de abastecimento de barro branco não existia já que nesta região existiam pontos de extração do mesmo. As tonalidades das pastas das produções de Coimbra apresentam diversas variações que iam desde o branco sujo, creme, salmão, rosa até à cor vermelha (2.5YR 8/2 a 7.5YR 7/6). Este facto deve-se à escolha destas olarias optarem por fabricar peças a um custo mais reduzido para um consumidor final com menos poder de compra. Tal não implica que todas as peças aqui fabricadas seja de qualidade inferior, tal facto era apenas uma opção de mercado, e se um cliente encomendasse peças de melhor qualidade tais produções poderiam ser feitas nas oficinas desta cidade (SEBASTIAN, 2011, p. 490).

A observação e o desenho de perfis permitiu-nos identificar corretamente as formas das peças, algo que só tinha sido feita de forma experimental na análise de conjunto. Os resultados obtidos não causaram surpresa, a maioria das peças dizem respeito a pratos seguido das taças e das tigelas. A existência de dois bicos de jarro, uma tampa e dois potes nesta extensa amostra, apenas nos informa que havia espaço para outro tipo de peças mas que se destinavam certamente às mesmas funções, preparação e serviço à mesa de alimentos. A evolução formal deste tipo de produções ao longo do século XVII apresenta uma propensão para o fabrico de louças mais finas e de curvas elegantes ao estilo oriental.

Os motivos decorativos acompanharam a evolução estilística do século XVII, não existindo nenhuma peça que se destaque pela sua concepção artística. Todas as representações enquadram-se no seu espaço cronológico. O Depósito 1 só tem presente representações geométricas ao estilo europeu, e em apenas um fragmento é possível identificar uma representação vegetalista. O mesmo se aplica na louça Malagueira, em que apenas uma peça se encontrava decorada com duas linhas paralelas concêntricas, típicas neste tipo de produções, algo que ainda podemos encontrar nas peças do Depósito 2. As faianças do 1º terço do século XVII apresentam na sua totalidade motivos decorativos vegetalistas, quer organizados em bandas ou gomos, quer ainda representando plantas e animais ao estilo oriental. Ainda para este período existe um número de peças que mantêm o cariz geométrico europeu com a representação de linhas paralelas, reticulados e espirais. O Depósito 3 tem

presente uma temática decorativa vasta, típica para este período. Os motivos mais representados são sem dúvida os motivos vegetalistas e zoomórficos a azul com 21 peças seguidas das *rendas* a azul, com 20 peças, e da representação de crisântemos e *aranhões* com 14. Em nenhum dos motivos presentes nesta amostra foi possível determinar se este estaria relacionado com uma opção estilística de algum centro produtor específico.

O último passo desta investigação teve como objectivo determinar qual seria o centro oleiro que em maior número de peças abasteceu a Casa do Infante ao longo de finais de Quinhentos até ao 3º terço de Seiscentos. Para atingirmos esta meta cruzamos os dados das análises de pastas com a identificação de defeitos de produção visíveis no esmalte. Foram contabilizadas todas as peças com marcas de uso de trempes, de *craquelê* ou ambos, e verificamos que estas ou apresentavam pastas amarelas ou rosadas, e em seis casos tons avermelhados, de salmão ou amarelos pálidos. Não obstante o facto de algumas pastas rosadas e a maior parte das amarelas não apresentarem nenhuma das marcas, chegamos à conclusão que, as peças que apresentavam um destes dois tons e uma ou ambas as marcas estariam relacionadas com os oleiros de Vila Nova. As peças de pasta de tom avermelhado, salmão ou amarelo pálido, todas com marcas, seriam pertencentes aos oleiros de Coimbra. As pastas beges ou amarelas que não apresentavam nenhum defeito estariam indicadas como referentes aos oleiros de Lisboa. A conclusão a que chegamos foi a de que mais de 50% do total das peças estudadas foram fabricadas em Vila Nova seguidas das de Lisboa, e em menor número as de Coimbra.

Concluímos que a Casa do Infante, durante o período em análise, abasteceu-se principalmente de peças para servir à mesa, como pratos e taças. As suas decorações eram comuns para a época, havendo mesmo repetição de motivos em mais de uma peça. Não existem neste conjunto peças de exceção ou aparato conhecidas. A maioria das louças adquirida pelos funcionários régios, da alfândega e casa da moeda, para seu próprio uso, seria feita aos seus vizinhos oleiros de Vila Nova, havendo no entanto espaço para compra de louças de Lisboa e de Coimbra.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu (2008) – A Faiança Portuguesa – demarcador cronológico na arqueologia brasileira, *in*: *Actas das 4as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós- Medieval, Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 221-270;

ALMEIDA, Mariana Brito (2012) – *Convento de Jesus (Setúbal), Arqueologia e História: Faiança decorada*; Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Lisboa [texto policopiado];

ALMEIDA, Miguel; NEVES, Maria João; CAVACO, Sandra (2001) – Uma Oficina de Produção de Faiança em Gaia nos séculos XVII e XVIII. *In Itinerário da Faiança de Porto e de Gaia.* Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis, pp. 144-145;

ARCELIN, Patrice; TUFFREAU-LIBRE, Marie, dir. (1998) – *La quantification des céramiques. Conditions et protocole. Actes de la table-ronde (...) du Mont Beuvray.* Glux-en-Glenne: CAE (Bibracte, 2)

BAART, Ian (1987) – Faiança Portuguesa Escavada no Solo de Amesterdão, *In Faiança Portuguesa 1600-1660*. Amesterdão

BAART, Ian (1988) – Faiança Portuguesa, 1600-1660. Um estudo sobre achados e colecções de museus, in: *Portugueses em Amesterdão 1600-1680*. Amesterdão: De Bataafsche Leeuw

BARREIRA, Paula; DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo (1997) – A presença da louça preta no mercado do Porto (sécs. XVI a XVIII): uma amostragem a partir do estudo das cerâmicas arqueológicas da Casa do Infante. *In: A Louça preta em Portugal: olhares cruzados*, Porto: CRAT, p.87-93.

BARREIRA, Paula; DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo (1998) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII, *in Actas das 2ªas Jornadas de Cerâmica Medieval e pós-medieval (Tondela, 1995)*, Tondela: C. M. Tondela.

CALADO, Rafael Salinas (1992) – *Faiança portuguesa. Sua evolução até ao início do séc. XX*, Lisboa, Correios de Portugal;

CALADO, Rafael Salinas (2001) – Breve história da faiança em Portugal, In *Itinerário da Faiança em Porto e Gaia*. Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis, pp. 13-26.

CALADO, Rafael Salinas (2003) – *Faiança portuguesa da Casa-Museu Guerra Junqueiro. Século XVII-XVIII*. Porto, Câmara Municipal;

CARREIRA, Carlos (2005) – Cerâmicas modernas do Palácio de Mogo de Melo de Torres Novas; Colecção estudos e documentos; Câmara Municipal de Torres Vedras;

CASIMIRO, Tânia (2008) – *A faiança portuguesa nas ilhas Britânicas – Um projecto de investigação*; Al-madan on-line adenda electrónica; IIª série (16), Centro de Arqueologia de Almada;

CASIMIRO, Tânia (2010) – *A faiança portuguesa nas ilhas Britanicas*; Dissertação de doutoramento em história com especialidade de Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade nova de Lisboa; Lisboa;

CASTRO, Fernando (2001) – Caracterização química e micro-estrutural de faianças portuguesas. In *Itinerário da Faiança de Porto e de Gaia*. Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis, pp. 167-178.

CASTRO, Fernando; DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo (2003) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante - Porto (séc. XVI a meados do séc. XVIII): identificação visual e química dos fabricos, *in Actas das 3as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela: C. M. Tondela, p. 223-230

CORREIA, Margarida Rebelo (2001) – Colecções de faiança do Porto e Gaia I*tinerário da Faiança do Porto e Gaia*. Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis, pp.183-240.

CRUZ, Maria das Dores. CORREIA, Vírgilio Hipólito (2007) – *Normas de Inventário –cerâmica utilitária – arqueologia*, Instituto dos Museus e da Conservação;

DORDIO, Paulo (1999) – Louça de cozinha de época moderna descoberta em escavações arqueológicas no Porto, *in Actas do IV Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos (1998),* Matosinhos: C.M.Matosinhos, p. 46-51.

DÓRDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo; SÁ, Anabela (2001) – Faianças do Porto e Gaia: o recente contributo da arqueologia. *In Itinerário da Faiança do Porto e Gaia*. Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis, pp. 117-166.

Faiança Portuguesa, Roteiro Museu Nacional de Arte Antiga (2005); Lisboa; Museu Nacional de Arte Antiga;

FERNANDES, Isabel Cristina F.; CARVALHO, A. Rafael (1998) – Conjuntos Cerâmicos Pós-Medievais de Palmela. *in Actas das 2as. Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval*, Tondela: C. M. Tondela, p. 211-255;

FERNANDES, Maria Isabel (2001) – Formas e funções da Faiança portuense oitocentista. *In Itinerário da Faiança do Porto e Gaia*. Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis, pp. 29-51.

GOMES, Mário Varela, GOMES, Rosa M. Mendonça (1996) – "Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos seculos XIV, XV e XVI, do Poco-cisterna de Silves". *in, Xelb, nº3*, Silves, Câmara Municipal. pp.143-205;

GOMES, Mário Varela; Gomes, Rosa Varela (1998) – *Cerâmicas, dos séculos XV a XVII, da Praça Cristóvão Colombo no Funchal*. *in Actas das 2as. Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval*, Tondela: C. M. Tondela, p. 315-348;

GOMES, Mário Varela; Gomes, Rosa Varela (1998) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV XV e XVI, do Poço-cisterna de Silves. *in XELB,* Silves, Câmara Municipal, 1996*;*

GOMES, Mário Varela; CASIMIRO, Tânia; GONÇALVES, Joana (2012) – *Espólio do naufrágio do Porto do Leme Velho (Ilha do Sal, Cabo Verde). Contributo para a arqueologia da expansão*; Instituto de Arqueologia e Paleociências, Universidade Nova de Lisboa; Lisboa

GOMES, Paulo D.; TEIXEIRA, Ricardo (1998) – *Relatório dos trabalhos arqueológicos na Casa do Infante. Porto: 1996-1997.* Porto: Câmara Municipal (DMA/AHMP). Texto dactilog;

GOMES, Paulo D.; TEIXEIRA, Ricardo (1998) – *Relatório dos trabalhos arqueológicos na Casa do Infante (Porto). 1998.* Porto: Câmara Municipal (DMA/AHMP). Texto dactilog;

GOMES, Paulo D.; TEIXEIRA, Ricardo (1999) – *Relatório dos trabalhos arqueológicos na Casa do Infante (Porto). 1999.* Porto: Câmara Municipal (DMA/AHMP). Texto dactilog;

GOMES, Paulo D.; TEIXEIRA, Ricardo (2000) – *Relatório dos trabalhos arqueológicos na Casa do Infante (Porto). 2000.* Porto: Câmara Municipal (DMA/AHMP). Texto dactilog;

GOMES, Paulo D.; TEIXEIRA, Ricardo J.; MELO, Maria R. (1994) – O contributo da arqueologia para o estudo da Casa do Infante. In: *Henrique, o Navegador*. Porto: Câmara Municipal, p. 151-159

GOMES, Paulo Dordio; MELO, Mª Rosário; OSÓRIO, Mª Isabel P.; SILVA, António Manuel; TEIXEIRA, Ricardo J. (2004), Cerâmicas tardo-medievais e modernas de importação na cidade do Porto: primeira notícia. *Olaria. Estudos arqueológicos, históricos e etnológicos*, 3, Barcelos, Museu da Olaria/CMB, p. 89-96

GRADIM, Alexandra (2005) – *Um conjunto de faianças da Vila Alcoutim*, Revista Portugália, Nova série Vol. XXVI, Porto, pp 175-205;

GUIMARÃES, Joaquim Gonçalves, (2006) – Porcelanas chinesas encontradas em contexto arqueológico na região do Porto. *In* Amaro, Ana M.; Martins, Dora; Engenheiro, Raquel (coord.) – *Estudos sobre a China. 8*. Vol. 2. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, p. 639-70;

Harris, E. C. (1979) – *Principles of Archaeological Stratigraphy*. London

MANGUCCI, Celso (2006) – "Da louça ordinária e não tão ordinária que se fazia em Lisboa em 1767"; *in Cenáculo. Boletim on-line do Museu de Évora*, p.1-8;

MANTUA, *et al* (2007) - *Normas de Inventário –cerâmica – artes plásticas e decorativas*, Instituto dos Museus e da Conservação;

MONTEIRO, J. (1994) – *A influência oriental na cerâmica portuguesa do século XVII*, Lisboa, ELECTA Museu Nacional do Azulejo;

MUNSELL, (1975) – Standard Soil color charts

ORTON, Clive; TYERS, Paul; VINCE, Alan (1993) – *Pottery in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press

OSÓRIO, Maria Isabel N. A. Pinto; SILVA, António Manuel S. P. (1998) – Cerâmicas vidradas da época moderna no Porto, *in Actas das 2as. Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval*, Tondela: C. M. Tondela, p. 283-314;

PENDERY, Steven R. (1999) – *Portuguese Tin-glazed Earthenware in Seventeenth-Century New England: a preliminary study*, "The journal of the society for historical archaeology, Vol. 33 (4)", p. 58-77;

QUEIROZ, José (1907) – *Cerâmica Portuguesa*; Lisboa; Typografia do Anuário Commercial;

REAL, Manuel L.; GOMES, Paulo D.; TEIXEIRA, Ricardo J. (1992) – *Relatório da Intervenção Arqueológica na Casa do Infante (Alfândega Velha)*. Porto: Câmara Municipal (DMA/AHMP). Texto dactilog;

REAL, Manuel L. *et al.* (1993) – A cidade do rei: o outro lado do rio da Vila. A Casa do Infante. *In* OSÓRIO, Maria Isabel P. (coord.) - *O Porto das Mil Idades. Arqueologia na Cidade*. Porto: Câmara Municipal, 35-42;

REAL, Manuel L. - Coord. (1994) – *Henrique o Navegador. Exposição Comemorativa do 6º Centenário do Nascimento do Infante D. Henrique*. [Catálogo]. Porto: Câmara Municipal;

REAL, Manuel L.; DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo; MELO, Rosário (1995) – Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica da Casa do Infante, Porto: elementos para uma sequência longa (Sécs. IV-XIX*), in Actas das 1as. Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval*, Tondela: C. M. Tondela, p. 171-186

REAL, Manuel L.; REIMÃO, Rute (1996) – As origens da produção de faiança na cidade do Porto. *Olaria. Estudos arqueológicos, históricos e etnológicos*, Barcelos, Nº 1 (1996), p. 79-85;

SÁ, Anabela; DORDIO, Paulo (em preparação) – *A Faiança Portuguesa do Século XVII da Intervenção Arqueológica na Casa do Infante: elementos para a sua caracterização*. [texto policopiado];

SÁ, Anabela (no prelo 2011) – "Elementos para a caracterização da Faiança Portuguesa do século XVII: a tipologia de Pendery aplicada à realidade da Casa do Infante (Porto)" *in Actas do Congresso Velhos e Novos Mundos: Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*, CHAM (Centro de História de Além-Mar) e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa;

SANTOS, Reynaldo dos (1960) – *Faiança portuguesa, Séculos XVI e XVII*; Galaica; Porto;

SANTOS, Reynaldo dos (1970) – *Oito séculos de arte portuguesa*; Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa;

SANTOS, Maria João (2007) – *Largo de Jesus: Contributo para a história incógnita de Lisboa antiga*. "Revista Portuguesa de Arqueologia", Volume 10, nº 1, p. 381-389, Lisboa

SEBASTIAN, Luís; CASTRO, Ana Sampaio (2008) – *A faiança portuguesa no mosteiro de S. João de Tarouca: Metodologia e resultados preliminares*; ; Al-madan on-line adenda electrónica; IIª série (16), Centro de Arqueologia de Almada;

SEBASTIAN, Luís (2011) – *A produção de faiança em Portugal (séculos XVI - XVIII)*; Dissertação de Doutoramento em história com especialidade de Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade nova de Lisboa; Lisboa;

SOUSA, Élvio (2011) – *Ilhas de Arqueologia. O quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores (séculos XV-XVIII)*; Dissertação de Doutoramento em História. Especialização em História local e Regional, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Lisboa;

STODDART, Eleanor (2000) – *Picking up the pieces: seventeeth century tin glaze earthenware from Ferryland, Newfoundland*. *In A Collection of Papers presented in the 33rd annual meeting of the Canadian Archaeological Association.* Ontario: Ontario Archaeological Society, pp. 1-7;

TAVARES, Rui (1990) – *Do armazém régio à alfandega nova: Evolução de um tipo de arquitectura portuária*. *In* REAL, Manuel Luís – Coord. (1990) - A Alfandega do Porto e o despacho aduaneiro. Exposição organizada pelo Arquivo Histórico Municipal do Porto. Porto. Câmara Municipal;

TEIXEIRA, Ricardo; DORDIO, Paulo (1998) – *Como pôr ordem em 500 000 fragmentos de cerâmica? Ou Discussão da metodologia de estudo da cerâmica na intervenção arqueológica da casa do Infante (Porto)*, *Olaria*, 2, Barcelos: C. M. Barcelos, p. 115-124;

TEIXEIRA, Ricardo; DORDIO, Paulo (2000) – I*ntervenção arqueológica na Casa do Infante: dezassete séculos de História na zona ribeirinha do Porto*. *Al-Madan.* Almada, 2ª Série. 9, p. 132-134;

WILCOXEN, Charlotte (1999) – *Seventeenth- Century Portuguese Faiança and its presence in colonial América*, "The journal of the society for historical archaeology, Vol. 28", p. 1-20;

Anexo - Catálogos de peças

Faiança Portuguesa

Depósito 1 – Armazém Norte (Alteamento da Casa da Moeda Norte)

Século XVI

Não Identificado (CI/94/2506/a). Fragmento correspondente a porção de parede. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é amarelada (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta vestígios de decoração vegetalista. O fragmento mostra uma espessura de 0,003m na parede e cerca de 0,021m de cumprimento e 0,019m de largura.



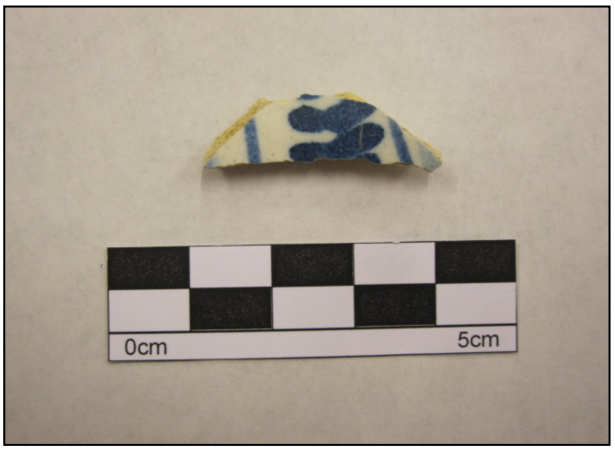
Não Identificado (CI/94/2506/b). Fragmento correspondente a porção de parede. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta vestígios de decoração com três pinceladas circulares paralelas. O fragmento tem uma espessura de 0,004m na parede e cerca de 0,029m de cumprimento e 0,018m de largura.



Taça/Tigela (CI/94/2506/c). Fragmento correspondente a porção do bordo. Apresentaria forma troncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta e um pouco porosa, contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarelada (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta vestígios de decoração com duas linhas circulares paralelas. O fragmento apresenta uma espessura de 0,006m na parede e cerca de 0,026m de cumprimento e 0,021m de largura.



Não Identificado (CI/94/2506/d). Fragmento correspondente a porção de parede. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta e um pouco porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte, aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta vestígios de uma decoração provavelmente vegetalista. O fragmento mostra uma espessura de 0,003m na parede e cerca de 0,027m de cumprimento e 0,008m de largura.



Não Identificado (CI/94/2506/e). Fragmento correspondente a porção do bordo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta e um pouco porosa contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas as superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto. Apresenta vestígios de decoração em ambas as superfícies não se distinguindo no entanto os motivos. O fragmento mostra uma espessura de 0,004m na parede e cerca de 0,016m de cumprimento e 0,020m de largura.



Taça/Tigela (CI/96/2523/a). Fragmento correspondente a porção do bordo. Apresentaria forma troncocónica hemisférica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e um pouco porosa contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarelada (10YR 8/3) e apenas a superfície externa oferece esmalte, aderente e brilhante, de cor rosada e com decoração na cor de azul cobalto. A superfície externa perdeu o esmalte. Apresenta vestígios de decoração com uma linha azul sobre o bordo e um arranque de uma pintura na face interna. O fragmento apresenta uma espessura de 0,006 na parede e cerca de 0,027m de cumprimento e 0,020m de largura.



Prato (CI/95/2545/a). Fragmento correspondente a porção de parede. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Expõe vestígios de decoração vegetalista. O fragmento mostra uma espessura de 0,005m na parede e cerca de 0,051m de cumprimento e 0,033m de largura.



Não Identificado (CI/95/2545/b). Fragmento correspondente a porção de parede. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é bege (10 YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície externa. Apresenta vestígios de decoração vegetalista. O fragmento tem uma espessura de 0,003m na parede e cerca de 0,021m de cumprimento e 0,014m de largura.



Não Identificado (CI/95/2545/c). Fragmento correspondente a porção do fundo em pé anelar. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarelada (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto. Exibe vestígios de decoração vegetalista no fundo. O fragmento apresenta uma espessura de 0,007m na parede e cerca de 0,032m de cumprimento e 0,010m de largura.



Não Identificado (CI/95/2545/d). Fragmento correspondente a porção de parede. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto. Apresenta vestígios de decoração não identificada em ambas as superfícies. O fragmento tem uma espessura de 0,003m na parede e cerca de 0,020m de cumprimento e 0,010m de largura.



Prato (CI/95/2545/e). Fragmento correspondente a porção da aba. Apresenta forma subtroncocónica com aba oblíqua. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e um pouco porosa contendo elementos não plásticos, micáceos e quartzosos, de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. O interior do fundo e a aba exibem uma decoração provavelmente vegetalista, com quatro linhas paralelas no sentido centro/bordo. O fragmento tem uma espessura de 0,004 na parede e cerca de 0,023m de cumprimento e 0,025m de largura.



Não Identificado (CI/95/2545/f). Fragmento correspondente a porção de parede. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarelada (10YR 8/3) restando apenas uma pequeno vestígio de esmalte na superfície externa, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto. O fragmento apresenta uma espessura de 0,002m na parede e cerca de 0,040m de cumprimento e 0,016m de largura.



Não Identificado (CI/95/2545/g). Fragmento correspondente a porção de parede. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarelada (10YR 8/3) e ambas as superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto. A superfície exterior mostra uma pintura constituída por três linhas grossas paralelas sendo que uma das linhas é emoldurada por duas linhas menores. A superfície externa possui um pequeno traço em azul cobalto O fragmento apresenta uma espessura de 0,004m na parede e cerca de 0,028m de cumprimento e 0,026m de largura.



Não Identificado (CI/95/2545/h). Fragmento correspondente a porção de parede. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e um pouco porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto. Exibe vestígios de decoração vegetalista em ambas as superfícies O fragmento apresenta uma espessura de 0,004m na parede e cerca de 0,015m de cumprimento e 0,018m de largura.



Não Identificado (CI/95/2545/i). Fragmento correspondente a porção do fundo contendo parte do pé em anel. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto. Apresenta vestígios de decoração vegetalista no fundo. O fragmento possui uma espessura de 0,005m na parede e cerca de 0,010m de cumprimento e 0,023m de largura



Não Identificado (CI/96/2582/a). Fragmento correspondente a porção do bordo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e um pouco porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarelada (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Mostra vestígios de decoração com duas linhas circulares paralelas. O fragmento apresenta uma espessura de 0,007m na parede e cerca de 0,028m de cumprimento e 0,038m de largura.



Não Identificado (CI/96/2582/b). Fragmento correspondente a porção de parede. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarelada (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície externa. Apresenta vestígios de decoração com duas linhas circulares paralelas. O fragmento tem uma espessura de 0,007m na parede e cerca de 0,031m de cumprimento e 0,024m de largura.



Depósito 2 – Salão Sul Alteamento da Casa da Moeda Sul)

1º terço do século XVII (1600/1630)

Tigela (CI/91/1504/017). Peça correspondente à porção do bordo e corpo constituída por oito fragmentos (4– 1504; 2– 1512; 2– 1543). O bordo é extrovertido com lábio em secção semicircular e o corpo aparenta ter uma forma hemisférica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. A decoração aparenta ser de cariz geométrico com a representação de semicírculos. Apresenta um diâmetro de cerca de 0,140m e uma espessura média das paredes de 0,003m.



Prato (CI/93/1507/1504/018). Peça correspondente a porção do bordo e do corpo constituída por sete fragmentos (4 – 1507; 3– 1504). O bordo é extrovertido com lábio em secção semicircular e o corpo apresenta forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branco sujo e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Observa-se em ambas superfícies *craquelés*. O interior do bordo está delimitado por duas linhas azuis concêntricas paralelas estando a superfície da aba preenchida com vestígios de decoração vegetalista em semicírculos e espirais. O diâmetro do bordo teria à volta de 0,220m e a espessura das parede teria uma média de cerca de 0,003m



Prato (CI/93/1504/021). Peça correspondente à porção do bordo com lábio ligeiramente introvertido em secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a finíssimo. A cor do núcleo da parede é branca (10YR 8/1) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta vestígios de decoração vegetalista em forma de "gomos" ovalados na superfície interna. A espessura das paredes é de cerca de 0,003m.



Tigela (CI/93/1507/a). Peça constituída por dois fragmentos (1– 1507; 1– 1512) que correspondem a uma porção do fundo. Teria uma forma hemisférica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é em tom salmão (7.5YR 8/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente, brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* e de trempes em ambas as superfícies. Apresenta vestígios de uma decoração vegetalista e fitomórfica. Oferece uma diâmetro de fundo de 0,060m e uma espessura média da parede de 0,005m.



Prato (CI/94/1509/a). Peça constituída por três fragmentos que corresponde à porção do fundo, raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente, brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis *craquelés* em ambas as superfícies. Apresenta decoração geométrica de inspiração europeia ou hispano árabe formada por uma matriz de linhas marcadas com um X no ponto em que se cruzam. Este motivo encontra-se delimitado por duas linhas paralelas concêntricas na separação do fundo com a parede. O diâmetro do fundo é de 0,160m e a espessura da parede é de 0,006m.

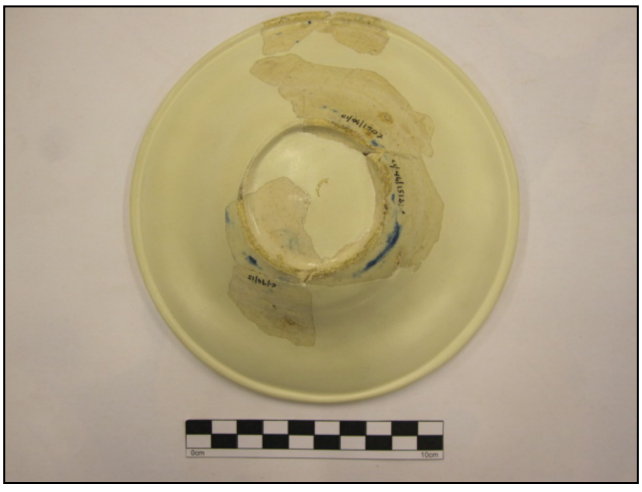


Prato (CI/91/1512/018.90). Peça restaurada constituída por nove fragmentos correspondentes a uma porção do fundo, raso em pé anelar baixo, corpo, de forma subtroncocónica de aba oblíqua, e bordo, recto com lábio biselado para o interior. A cor do núcleo da parede aparenta ser amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente, brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. O fundo interior encontra-se decorado com um tema vegetalista, emoldurado por duas linhas paralelas concêntricas, e a aba mostra padrão geométrico constituído por gomos ovaloides divididos em cartelas encimados por duas linhas semicirculares paralelas. Junto ao bordo é visível uma linha mais grossa a delimitar o padrão seguida de uma linha mais fina junto ao lábio. A parede exterior apresenta duas linhas verticais paralelas. Provavelmente existiram mais conjuntos em torno de toda a peça. A peça tem uma altura de 0,029m, um diâmetro de bordo de 0,210m, um diâmetro de fundo de 0,125m e uma espessura média das paredes de 0,004m.



Pequeno Prato (CI/91/1512/018.92). Peça restaurada constituída por seis fragmentos correspondentes a uma porção do fundo, raso em pé anelar baixo, corpo, de forma subtroncocónica de aba oblíqua, e bordo, recto com lábio evasado e espessado para o exterior. A cor do núcleo da parede aparenta ser amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente, brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. O fundo interior encontra-se decorado com um tema vegetalista emoldurado por duas linhas paralelas concêntricas cujo espaço interior está preenchido a azul claro. O tema decorativo da aba está decorada com um padrão geométrico constituído por grandes círculos preenchidos por uma forma ovalóide totalmente a azul. No espaço exterior dos círculos podemos ver um conjunto de linhas semicirculares. Esta decoração está também ela emoldurada por duas linhas paralelas concêntricas junto à inflexão interior da aba e outras duas junto ao bordo. O lábio encontra-se decorado por um padrão de pontos a azul. A peça tem uma altura de 0,032m, um diâmetro de bordo de 0,151m, um diâmetro de fundo de 0,047m e uma espessura média das paredes de 0,004m.





Taça (CI/94/1512/a). Fragmento correspondente à porção do fundo raso em pé anelar baixo. Teria forma hemisférica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente, brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração apresenta motivos fitomórficos sendo que pintura é um pouco desbotada. O diâmetro do fundo é de 0,150m enquanto que a espessura meia da parede é de 0,005m.



Prato (CI/93/1530/a). Fragmento que corresponde a porção do fundo raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente, pouco brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Ambas as superfícies apresentam marcas de *craquelés* e de trempes. A superfície interna tem uma decoração vegetalista com a pintura bastante carregada. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,145m enquanto que a espessura média da parede é de cerca de 0,004m.



Prato (CI/91/1554/a). Peça correspondente à porção de parede da aba e início do fundo constituída por dois fragmentos. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis vestígios de decoração geométrica vegetalista. Apresenta uma espessura média da parede de 0,004m



Prato (CI/94/1554/b). Peça correspondente a porção do fundo, raso em pé anelar baixo constituída por dois fragmentos. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela alaranjada (10YR 8/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Exibe marcas de *craquelés* na superfície externa. Apresenta decoração vegetalista. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,120m enquanto que a espessura média da parede é de cerca de 0,005m



Prato (CI/94/1554/c). Fragmento que corresponde a porção do fundo raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis *craquelés* em ambas superfícies e uma marca de trempe na superfície interna. A decoração aparenta ser geométrica europeia ou hispano-árabe constituído por um cruzamento de linhas paralelas formando um quadriculado. Este motivo principal está delimitado por linhas paralelas concêntricas na separação do fundo com a parede da aba. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,140m enquanto que a espessura média das paredes é de 0,006m.



Prato (CI/94/1554/d). Dois fragmentos correspondentes a porção de fundo raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosa claro (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A decoração do fundo interno é vegetalista, enquanto que a parede exibe três linhas paralelas concêntricas. O vestígio do pé anelar está muito danificado não dando para calcular o diâmetro da peça. A espessura média das paredes é de cerca de 0,004m.



Tigela (CI/94/1554/021). Fragmento correspondente à porção do bordo, ligeiramente extrovertido de lábio em secção semicircular, e do corpo, de forma hemisférica. É constituído por cerca de cinco fragmentos. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. É visível na superfície externa marcas de *craquelés*. A decoração da superfície interna está dividida em cartelas ovaloides com decoração vegetalista no seu interior. A decoração na superfície externa caracteriza-se por duas linhas paralelas concêntricas seguidas de linhas em espiral. O diâmetro desta peça é de cerca de 0,140m e a espessura das paredes tem uma média de 0,004m



Prato (CI/91/1554/025). Dois fragmentos correspondentes a uma porção da parede e aba. Apresentava uma forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas as superfícies. É visível o arranque de um tipo de decoração em "volutas" na aba. A espessura média da parede é de 0,004m.



Prato (CI/91/1708/038). Dois fragmentos correspondentes a porção de parede. A parte inferior sofre uma inflexão apresentando uma forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarelada (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. Apresenta vestígios de decoração geométrica na interior constituída por três molduras em que a última contêm um desenho de linhas verticais espessas atravessado por linhas onduladas mais finas. A parede exterior apresenta vestígios de linhas ovaloídes. A espessura da parede tem uma média de 0,005m.



Prato (CI/94/1708/a). Fragmento correspondente à porção do bordo. O bordo é ligeiramente introvertido junto ao lábio. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas as superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. A decoração na parede interna é feita com azul ténue apresentando motivos fitomórficos com espirais emolduradas em cartelas. O perfil exterior apresenta linhas onduladas e rectas. A abertura do bordo terá cerca de 0,220m de diâmetro e a espessura média das paredes será cerca de 0,005m.



Prato (CI/94/1710/a). Fragmento que corresponde a porção do fundo raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é rosa (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A superfície externa e interna apresentam ligeiras marcas de *craquelés* enquanto que a superfície interna contem uma marca de trempe. A decoração sugere motivos europeus ou hispano-árabes. È visível um motivo geométrico constituído por linhas rectas paralelas atravessadas por linhas onduladas também paralelas. Um modo decorativo muito comum nas louças douradas de Paterna-Manisses (Valência). O diâmetro do fundo é de cerca de 0,160m enquanto que a média da espessura das paredes é de cerca de 0,006m.



Tigela (CI/91/1722/004). Dois fragmentos correspondentes a porção de bordo, extrovertido. Apresenta um lábio em secção semicircular e uma forma do corpo hemisférica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a finíssimo. A cor do núcleo da parede é amarelada (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e pouco brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. Apresenta, na superfície interna, uma decoração em banda de cariz vegetalista, em que pétalas estão delimitadas por duas linhas concêntricas paralelas junto ao bordo, e semicírculos na sua extremidade inferior. A superfície externa exibe vestígios de linhas paralelas e linhas em espiral. Esta peça tem um diâmetro de 0,120m e uma média de 0,003m de espessura de parede.



Prato (CI/94/1726/a). Fragmento que corresponde a porção do fundo raso em pé baixo anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A superfície externa apresenta marcas de craquelés. A superfície interna ostenta uma decoração vegetalista bucólica onde é possível ver a representação de um coelho. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,130m enquanto que a média da espessura das paredes é de cerca de 0,007m.



Prato (CI/94/1726/b). Fragmento que corresponde a porção do fundo raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta, no entanto, algumas falhas de esmalte. A decoração é vegetalista, parecendo existir uma separação de motivos em cartelas delineadas por linhas paralelas concêntricas. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,165m enquanto que a espessura médias das paredes é de cerca de 0,005m.



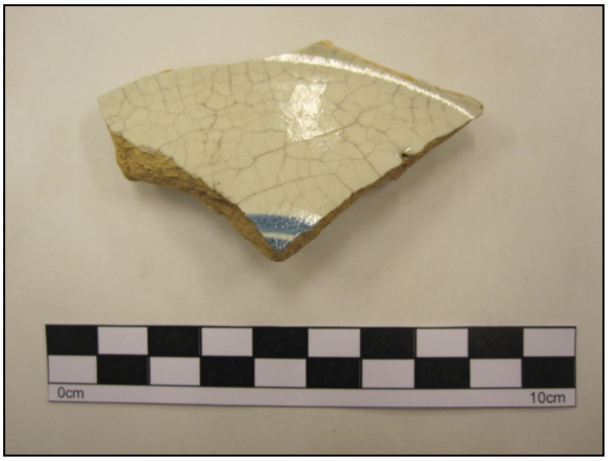
Prato (CI/94/1726/c). Fragmento que corresponde a porção do fundo raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A pintura é no entanto um pouco esbatida. É de notar a presença de *craquelés* em ambas as superfícies. A decoração é vegetalista. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,130m enquanto que a espessura médias das paredes é de cerca de 0,004m.



Prato (CI/94/1726/d). Fragmento correspondente a porção do fundo, raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é amarela alaranjada (10YR 8/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta decoração vegetalista e fitomórfica com pintura carregada. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,100m enquanto que a espessura média da parede é de cerca de 0,005m



Prato (CI/94/1726/e). Fragmento correspondente a porção do fundo, raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é rosa pálido (5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Exibe marcas de *craquelés* quer na superfície interna quer na externa. A decoração resume-se a vestígios de duas linhas paralelas. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,110m enquanto que a espessura média da parede é de cerca de 0,006m.



Taça (CI/94/1726/f). Fragmento correspondente a porção do fundo, raso em pé anelar baixo. Tem uma forma hemisférica ondulada. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas superfícies e a pintura é um pouco esbatida. Apresenta uma decoração vegetalista no fundo. Uma linha azul concêntrica separa-a da parede, na qual deveria existir uma decoração em cartelas. A separação entre motivos encontra-se exactamente sobre o ondulado. No lado externo da peça encontramos uma linha azul concêntrica na parede junto ao pé. Tem um diâmetro de fundo de 0,120m e uma espessura média de parede de 0,005m.



Prato (CI/91/1728/010). Prato constituído por três fragmentos que correspondem à totalidade do fundo e metade da aba. Apresenta forma subtroncocónica com tardoz ovalado que termina num fundo em ônfalo de paredes bem delimitadas. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a finíssimo. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente ligeiramente baço, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. O interior do fundo possui uma representação zoomórfica com uma ave, provavelmente uma cegonha, ladeada por dois fetos. A imagem está emoldurada por duas linhas paralelas concêntricas que fazem a transição do fundo para a aba. O bordo estaria decorado com representações vegetalistas. O diâmetro do fundo ônfalo teria cerca de 0.053m de diâmetro enquanto que o diâmetro do bordo teria aproximadamente cerca de 0,160m. A espessura média das paredes é de cerca de 0,008m.



Prato (CI/94/1728/014). Constituído por cinco fragmentos que correspondem a porção da aba, de forma subtroncocónica, e fundo em pé baixo e anelar. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarelada (10YR 8/3) e ambas as superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. A superfície interna possui uma decoração geométrica com um reticulado e linhas finas paralelas delimitadas por uma parede ovaloíde espessa. A superfície externa apresenta linhas onduladas. O diâmetro do fundo tem cerca de 0,120m e a espessura média das paredes é de cerca de 0,006m.



Depósito 3 (U.E: 1024) – Salão Norte (saibreira).

3º quartel do século XVII (1640/1675)

Taça (CI/93/1024/075). Peça constituída por dois fragmentos (1-1024; 1- 1097) que correspondem a uma porção do bordo e corpo. Teria uma forma hemisférica. O bordo é extrovertido com lábio em secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Observam-se algumas marcas de *craquelés* em ambas superfícies e a parede externa exibe algumas falhas de esmalte. A decoração na parede interior representa uma cena vegetalista, com uma planta de grandes folhas desenhada em azula cobalto carregado. O bordo encontra-se pintado com pequenos traços paralelos. O diâmetro da abertura do bordo teria, aparentemente, 0,160m enquanto que a espessura média das paredes se situa nos 0,004m.



Taça (93/1024/076). Peça constituída por dez fragmentos (1– 1024; 7– 1029; 1– 1149; 1– 5360) que corresponde a porção do bordo e corpo. Teria uma forma hemisférica O bordo é recto com lábio em secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. A superfície externa exibe uma decoração vegetalista onde o motivo principal são crisântemos divididos em cartelas. No meio da cartela estão representados laços. Junto ao bordo uma linha emoldura todo o motivo. A superfície interna tem uma decoração mais simples de cariz geométrica. Junto ao bordo foram desenhadas espirais que aparentam preencher a totalidade da peça. O diâmetro da abertura do bordo terá cerca de 0,120m e a espessura média das paredes é de 0,003m.



Taça (CI/93/1024/077). Peça com nove fragmentos (1– 1024; 4– 1029; 2 –1050; 2 – 1149) que correspondem à porção do bordo e do fundo. Teria uma forma hemisférica com um fundo raso em pé anelar baixo e um bordo ligeiramente extrovertido com um lábio biselado no interior. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. São visíveis marcas de *craquelés* na face interior. A parede externa expõe um motivo vegetalista com elementos fitomórficos sendo que as extremidades junto ao bordo e fundo ostentam uma padrão geométrico quadrangular. O fundo interior indica a um motivo geométrico de traço fino. O diâmetro do fundo teria cerca de 0,050m enquanto que a abertura do bordo teria cerca de 0,120m. A espessura média das paredes seria cerca de 0,003m.



Taça (93/1024/078). Peça constituída por doze fragmentos (1– 1024; 10– 1050; 1– 5438) que corresponde a porção do bordo e corpo. Teria uma forma hemisférica. O bordo é recto com lábio em secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. A superfície externa exibe uma decoração vegetalista, onde são representados crisântemos, e um motivo de inspiração oriental, que julgamos ser uma folha de artemísia, motivo mais conhecido como "aranhão", divididos em cartelas, e no meio de cada cartela estão representados laços. Junto ao bordo uma linha emoldura todo o motivo. A superfície interna tem uma decoração mais simples de cariz geométrica. Junto ao bordo foram desenhadas espirais que aparentam preencher a totalidade da peça. O diâmetro da abertura do bordo terá cerca de 0,120m e a espessura média das paredes é de 0,003m.



Taça (CI/93/1024/079). Peça com catorze fragmentos (2– 1024; 2– 1050; 1– 1079; 2– 1142; 7– 1149) que corresponde a porção do bordo e corpo. Teria uma forma hemisférica. O bordo é recto com lábio ligeiramente biselado para o exterior. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. A superfície externa exibe uma decoração de motivos semicirculares constituída por duas linhas concêntricas atravessadas por linhas radiais que culminam em pontos na suas extremidades. Este tipo de decoração é conhecida por "rendas" A superfície interna tem uma decoração mais simples de cariz geométrica. Junto ao bordo foi desenhado uma linha ondulada que aparenta preencher a totalidade da peça. O diâmetro da abertura do bordo terá cerca de 0,130m e a espessura média das paredes é de 0,004m.



Taça/Tigela (CI/93/1024/080. Peça constituída por quatro fragmentos (1– 1024; 1– 1029; 1–1086; 1– 1149) que correspondem a um fundo raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração do fundo interior tem representado um coração com asas, sendo legível no seu centro a palavra "Amor". É também visível uma marca de um trempe à asa, algo integrado no desenho. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,035m e a espessura média das paredes é de 0,003m.



Tigela (CI/93/1024/084). Peça constituída por dezoito fragmentos (1– 1024; 2– 1050; 8–5376; 3– 5379; 1– 5380; 3– 5381) que correspondem a uma porção de bordo e parede. Apresenta uma forma troncocónica e o bordo é extrovertido com o lábio em secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas as superfícies. A decoração do interior tem representado junto ao bordo um motivo padronizado geométrico em semicírculos preenchidos com um "V" e pontos no seu interior. Este padrão está bem delimitado nas suas extremidades por uma linha azul. O lábio está também decorado por umas pinceladas padronizadas. O diâmetro de abertura do bordo é de cerca de 0,160m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Prato (CI/94/1024/085). Peça constituída por seis fragmentos (4– 1024; 2– 5384) que correspondem a uma porção do bordo, aba, parede e fundo. O prato tinha uma forma subtroncocónica com aba oblíqua, o lábio tinha uma secção semicircular e o fundo é raso. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. É notável o tom de azul usado nesta peça, apresenta-se como algo baço. A superfície interna exibe uma decoração em "rendas", motivos semicirculares constituída por duas linhas concêntricas atravessadas por linhas radiais que culminam em pontos na suas extremidades. Estas encontram-se repetidas em padrão quer na aba, quer no fundo. Tem cerca de 0,160m de abertura de bordo e uma espessura média das paredes de 0,004m.



Tigela (CI/93/1024/086). Peça com dez fragmentos (2 – 1024; 1 – 1029; 1 – 1050; 1 – 1149; 2 – 5380; 1 – 5381; 2 – 5384) correspondentes a uma porção da parede e fundo raso em pé anelar baixo. Tinha forma troncocónica com parede ligeiramente oblíqua. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca acinzentado e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de craquelés em ambas as superfícies, assim como marcas de trempes. A decoração da aba é constituída por um padrão de "rendas" enquanto que o fundo tem um motivo vegetalista parecendo representar tulipas. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,110m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Tigela (CI/91/1024/a). Peça constituída por quinze fragmentos (1– 1024; 2– 1029; 7– 1050; 2– 1142; 3– 1149) correspondentes a uma porção do bordo, extrovertido com lábio em secção semicircular, e parede. Tinha forma troncocónica com parede oblíqua. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração da aba encontra-se divididas em cartelas nas quais é possível identificar um tipo de "aranhão" alternada pelos chamados "laços". O bordo encontra-se decorado com um padrão de pontos que corre ao longo de toda a sua superfície. O diâmetro do bordo é de cerca de 0,160m e a espessura média das paredes é de 0,004m.



Depósito 3 (U.E: 1029) – Salão Norte (saibreira)

3º quartel do século XVII (1640/1675)

Tigela (CI/93/1029/131). Peça constituída por dezasseis fragmentos (3-1029; 1-5361; 12– 5380) que correspondem a uma porção do bordo e corpo. O bordo é extrovertido com lábio biselado para o exterior. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é amarela clara (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração na parede interior representa motivos fitomórficos com linhas semicirculares. O bordo encontra-se pintado com pequenos traços paralelos. O diâmetro da abertura do bordo teria, aparentemente, 0,160m enquanto que a espessura média das paredes se situa nos 0,004m.



Não identificado (CI/93/1029/132). Peça constituída por cinco fragmentos que correspondem a porção do corpo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração interior é de cariz vegetalistas onde se destacam o desenho de várias pétalas. A espessura média das paredes é de cerca de 0,004m.



Prato (CI/93/1029/138a). Peça constituída por vinte e quatro fragmentos (3 – 1029; 1 – 1050; 1 – 1079; 1 – 5380; 4 – 5381; 14 – 5384) que correspondem à porção do bordo , aba , corpo e fundo. Tinha forma subtroncocónica com aba oblíqua. Assenta num fundo raso com pé anelar baixo e o bordo apresenta um lábio sem secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. É visível uma marca de trempe na composição interior. O interior do fundo foi preenchido com decoração vegetalista bucólica onde se destacam uma paisagem. O interior da aba aparenta ter sido dividido em seis cartelas embora só possamos reconhecer com clareza duas. Nestas podemos identificar duas composições distintas, o rolo de papel de simbolismo chinês, designado de "aranhão", e uma representação de uma planta central ladeada de mais quatro flores identificáveis como crisântemos. Cada cartela está delimitada por uma linha azul e a separar as composições foram desenhados laços. No lado exterior do prato estão desenhado traços rectos verticais e círculos incompletos com um elemento vegetalista no centro. Mede 0,046m de altura, 0,160m de diâmetro de fundo e 0,300m de diâmetro de bordo. A espessura média das paredes é de cerca de 0,006m.



Prato (CI/93/1029/138b). Peça constituída por doze fragmentos (1– 1029; 3– 5380; 7– 5381; 1– 5384) que correspondem a porção do bordo e fundo. Tinha uma forma troncocónica, com aba oblíqua, bordo ligeiramente extrovertido de lábio biselado para o exterior e um fundo raso. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é amarelada (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. Apresenta marcas de *craquelés* em ambas as superfícies. Não é possível identificar o motivo decorativo do fundo interior, mas a aba apresenta vestígios de decoração dividida em cartela com laços na divisão de cada espaço. Nelas conseguimos distinguir o rolo de papel, "aranhão" e o arranjo de crisântemos. A superfície exterior sugere linhas rectas e em semicírculo bastante comum neste tipo de peças. O diâmetro do fundo teria cerca de 0,190m, o diâmetro do bordo cerca de 0,250m e a espessura média das paredes cerca de 0,005m.



Não identificado (CI/93/1029/139). Peça constituída por três fragmentos que devem corresponder a uma porção do fundo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. O esmalte apresenta-se um pouco rugoso ao toque e a pintura em azul cobalto é um pouco esbatida. Os elementos decorativos presentes aparentam ser de cariz vegetalista. A espessura das paredes é de cerca de 0,006m.



Tigela (CI/93/1029/140). Peça constituída por quatro fragmentos (2– 1029; 2– 5380) que correspondem a uma porção do fundo. O fundo é raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A pintura a azul parece em alguns pontos muito carregada, ganhando relevo. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas as superfícies. A superfície externa apresenta falhas em forma de bolha no esmalte assim como marcas de trempes. A decoração do fundo interior é de cariz vegetalista e geométrico. Uma imagem pouco clara com falhas é desenhado no círculo interior existindo depois o desenho de plantas apoiadas em semicírculos no círculo exterior. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,110m e a espessura média das parede é de cerca de 0,005m.



Taça/Tigela (CI/93/1029/141). Peça constituída por quatro fragmentos (1– 1029; 1– 1140; 1– 5380; 1– 5394) que correspondem a uma porção do fundo. O fundo é raso em pé anelar baixo. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta, porosa, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração do fundo interior é de cariz vegetalista e geométrico. Uma imagem pouco clara com falhas é desenhado no círculo interior existindo depois o desenho de plantas apoiadas em semicírculos e linhas rectas no círculo exterior. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,100m e a espessura média das parede é de cerca de 0,006m.



Taça/Tigela (CI/93/1029/142). Peça constituída por dois fragmentos (1– 1029; 1– 5376) que correspondem à porção do fundo, raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Existe uma marca de trempe na superfície interna. A decoração do fundo interior é de cariz vegetalista e geométrico. Apenas é visível dois pequenos traços no interior de um círculo, existindo depois, na parte exterior do círculo, o desenho de pétalas e outros elementos florais. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,081m e a espessura média das parede é de cerca de 0,005m.



Taça (CI/93/1029/143). Peça constituída por seis fragmentos (1– 1029; 5– 5383) que correspondem à porção do bordo, corpo e fundo. Tem uma forma hemisférica, de bordo ligeiramente extrovertido com o lábio em secção semicircular e fundo raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. A decoração da parede exterior apresenta-se separada por cartelas, nas quais são visíveis dois temas diferentes, um "aranhão" e um arranjo de crisântemos. O espaço entre as cartelas é preenchida por laços. As pinturas encontram-se emolduradas por linhas azuis. O interior é apenas decorada por uma linha recta concêntrica junto ao bordo. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,120m e a espessura média das parede é de cerca de 0,005m.



Taça/Tigela (CI/93/1029/146). Peça constituída por seis fragmentos (1– 1029; 1– 1079; 1– 1091; 1– 1097; 1– 1142; 1– 1149) que correspondem à porção do bordo e corpo. O bordo é extrovertido e tem um lábio em secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino (visível um pedaço de barro). A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Na decoração da parede exterior o elemento mais facilmente identificável são as chamadas "escamas", que incluem um ponto carregado a azul em cada uma. O bordo é decorado por um padrão de pequenos traços a toda a volta. O bordo é curto e danificado pelo que não foi possível calcular o seu diâmetro. A espessura média das parede é de cerca de 0,004m.



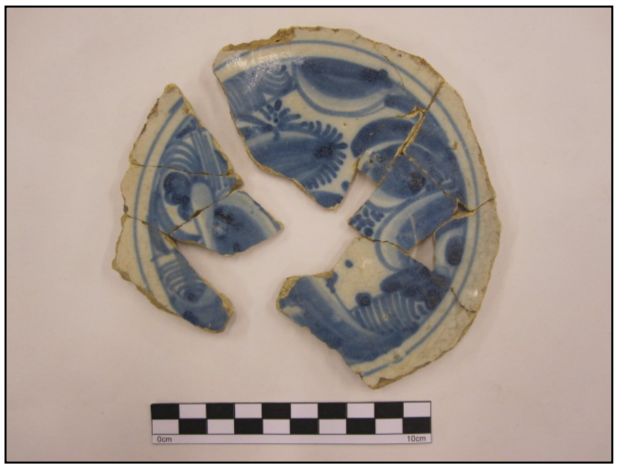
Taça/Tigela (CI/93/1029/147). Três fragmentos (1– 1029; 1– 1050; 1– 1149) que correspondem a uma porção do fundo. Este é raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca a pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas superfícies e uma marca de um trempe na superfície externa. A decoração do fundo interior é de cariz vegetalista e geométrico. Um círculo interior no centro da peça contem uma imagem não identificada. Um círculo exterior é a base de apoio para um padrão de decoração em "gomos", com semicírculos preenchidos com pintura mais carregada coroados com uma espécie de tridente. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,080m e a espessura média das parede é de cerca de 0,004m.



Não identificado (CI/93/1029/148). Sete fragmentos (2– 1029; 2– 5380; 3– 5381) que correspondem a porção da parede e do fundo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca a pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta marcas de *craquelés* em ambas superfícies e uma marca de trempe na superfície interna. Apesar de muito fragmentada são visíveis decorações de cariz geométrico e vegetalista. Um dos fragmentos apresenta um reticulado emoldurado numa linha circular a partir da qual, do lado exterior, são representados "gomos". Linhas ovaloídes preenchidas por pinceladas carregadas coroadas por outras pinceladas da mesma intensidade. A espessura média das paredes é de cerca de 0,006m.



Prato (CI/93/1029/149). Peça constituída por onze fragmentos (1– 1029; 5– 1050; 1– 5379; 3– 5381; 1– 5384) que corresponde quase à totalidade do fundo. Este é raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca a pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta algumas marcas de *craquelés* em ambas superfícies. O interior do fundo esta emoldurado por uma linha concêntrica a partir da qual estão representados elementos vegetalistas e fitomórficos sendo possível distinguir algumas folhas, não sendo no entanto representado algo concreto. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,118m e a espessura média das paredes é de cerca de 0,005m.



Tampa de jarro (CI/93/1029/150). Quatro fragmentos (1– 1029; 2– 5367 ; 1– 5373) que corresponde a uma porção de uma tampa. Este tem uma forma semiesférica da qual se sobressai um disco para encaixe da peça. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca a pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração a azul é feita com a técnica do esponjado, que abarca a totalidade da superfície. Apenas são visíveis umas partes não pintadas que surgem a branco. Estas são ovaloídes imperfeitas parte semicircular e linhas concêntricas na parte em disco. O diâmetro da boca da tampa é de cerca de 0,088m enquanto que a espessura média das paredes é de cerca de 0,005m.



Tigela (CI/93/1029/151). Peça constituída por doze fragmentos (1– 1029; 4– 1050; 1– 1149; 1– 5380; 2– 5381; 1– 5382; 2– 5384) correspondentes a porção do corpo, bordo e fundo. O bordo é evasado e extrovertido com lábio em secção semicircular. O fundo é raso com pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. Apresenta marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A decoração é totalmente de cariz geométrico. Nestes pequenos fragmentos identificamos espirais , semicírculos e círculos preenchidos com linhas radiais. O bordo é também pintado com um padrão de pontos azuis. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,120m e a espessura média das paredes é de 0,004m.



Prato (CI/93/1029/152). Peça constituída por nove fragmentos (4– 1029; 1– 1024; 2– 1050; 1– 1142; 1– 1149) que corresponde a porção do bordo, aba, parede e fundo. Tem uma forma subtroncocónica com aba obliqua, bordo recto com lábio em secção semicircular. O fundo é raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a finíssimo. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta marcas de *craquelés* em ambas superfícies. Curiosamente a decoração não preenche a totalidade da superfície. São visíveis flores com grandes pétalas e uma forma fitomórfica constituída por bolas e espirais, podendo estar a representar também algo vegetalista. A fragmentação da peça não nos permite descortinar o que estará realmente representado. Junto ao bordo foi pintada uma linha fina concêntrica. O diâmetro do fundo teria cerca de 0,120m enquanto que o do bordo teria cerca de 0,220m. A espessura média das paredes é de cerca de 0,005m.



Prato (CI/93/1029/153). Peça constituída por dezasseis fragmentos (2– 1029; 1– 1050; 1– 1079; 2– 1086; 1– 1091; 1– 1149; 2– 1150; 2– 5380; 1– 5381; 3 – 5430) que correspondem a porção do fundo. O fundo é raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta marcas de *craquelés* em ambas as superfícies. A pintura é bastante carregada criando relevo na peça. A decoração é de cariz vegetalista identificando-se flores. Estas estão a ornamentar uma moldura quadrangular onde estão inscritas as letras "M", "A" e outra não identificada. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,130m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Taça/Tigela (CI/93/1029/155). Peça constituída por seis fragmentos (1– 1029; 1– 1050; 1– 5384; 3– 5388) correspondente a porção do fundo. O fundo é raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. O esmalte na superfície externa é acinzentada. Apresenta marcas de *craquelés* e de trempes em ambas superfície. A decoração é composta por um elemento redondo central, talvez em espiral do qual saem radialmente vários "gomos". Estes representam provavelmente pétalas, que encontram-se emolduradas por linhas ovaloídes ornamentadas com traços em "V". O diâmetro do fundo é de cerca de 0,110m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Taça/Tigela (CI/93/1029/156). Peça constituída por sete fragmentos (2– 1029; 3– 1142; 1– 5361; 1– 1554) que correspondem a porção do fundo e parede. O fundo é raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A decoração é vegetalista sendo identificado um conjunto de pétalas em gomos num círculo central. As paredes da aba aparentam oferecer o mesmo tipo de decoração de gomos emolduradas com linhas ovaloídes. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,100m e a espessura média das paredes é de cerca de 0,005m.



Taça (CI/93/1029/157). Fundo de uma pequena taça com ligeiro ônfalo e pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração é disposta dentro de dois círculos paralelos que abarca a totalidade do fundo. É de cariz geométrico estando representado um reticulado cujos espaços quadrados estão preenchidos com pontos. Na parte exterior do círculo, já na parede da peça sobressaem-se uns elementos fitomórficos constituídos por linhas de diferentes formas e comprimentos. O diâmetro do fundo tem cerca de 0,045m e a espessura média das paredes é de cerca de 0,007m.



Não identificado (CI/93/1029/158). Peça constituída por seis fragmentos (4– 1029; 1– 1024; 1– 5370) que correspondem a uma porção do fundo raso, em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é ligeiramente rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Ambas superfícies apresentam marcas de trempes e alguns *craquelés*. A decoração é de caris fitomórfica, notando-se o surgimento a partir do centro de várias linhas onduladas cobertas por uma linha semicircular. A espessura média das parede é de cerca de 0,006m.



Taça/Tigela (CI/93/1029/159). Peça constituída por oito fragmentos (5– 1029; 1– 1142; 2– 1149) que correspondem quase à totalidade do fundo. Este é raso em pé anelar baixo apresentando uma ligeira inflexão no intervalo entre o pé e o início da parede. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é ligeiramente rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A cor azul é bastante escura e carregada. São visíveis em ambas superfícies as marcas de trempes. A decoração é vegetalista centrando-se numa flor e suas pétalas. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,150m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Prato (CI/93/1029/160). Peça constituída por dezoito fragmentos (2– 1029; 1– 5325; 9– 5381; 6 – 5384) correspondente a porção do fundo e aba. Teria forma subtroncocónico com aba oblíqua e fundo raso com pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é vermelha (10R 6/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A cor azul é bastante escura e carregada criando relevo. São visíveis em ambas superfícies as marcas de trempes e *craquelés*. A decoração é bastante original e trabalhada com cuidado passando de traços grossos a traços finos. O centro encontra-se emoldurado com um círculo no interior da qual se encontra um ponto grosso e bastante carregado juntamente com uma forma ondulada com tonalidades de azul diferentes. O lado exterior do círculo é o ponto de partida para a colocação de um padrão de semicírculos preenchidos, mais uma vez por um ponto relevado e bastante carregado. Entre cada semicírculo foram desenhadas uma espécie de setas com a ponta a apontar para dentro. A decoração da aba é pouco esclarecedora mas parece tratar-se de flores com pétalas. O diâmetro do fundo tem cerca de 0,097m e a espessura média das paredes é de cerca de 0,005m.



Pote (CI/93/1029/a). Peça constituída por dezassete fragmentos (10– 1029; 1– 1079; 1– 1086; 2– 1142; 2– 1149; 1 – 2000) correspondente a porção do bordo, bastante extrovertido, evasado com lábio recto. Teria uma forma ovalóide. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela alaranjada (10YR 8/6) e a superfície externa oferece um esmalte espesso aderente e muito brilhante, de cor branca com decoração na cor de azul cobalto. A superfície interna não oferece qualquer tipo de esmalte ou vidrado. A decoração não é muito rica nem nítida. Junto ao bordo, mesmo antes de este começar a sua curva para o exterior temos uma linha que corre por todo o seu diâmetro. Na parte da pança são visíveis uma forma com semicírculos e um elemento fitomórfico a fazer lembrar uma estrela. O diâmetro de abertura do bordo tem cerca de 0,150m e a espessura média das paredes é de cerca de 0,006m.



Taça/Tigela (CI/93/1029/b). Peça constituída por dois fragmentos que correspondem quase à totalidade do fundo. Este é ligeiramente em ônfalo com pé anelar baixo um pouco espesso. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis em ambas superfícies as marcas de trempes. A decoração é de cariz vegetalista centrando-se em grandes fetos. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,053m e a espessura média das paredes é de 0,007m.

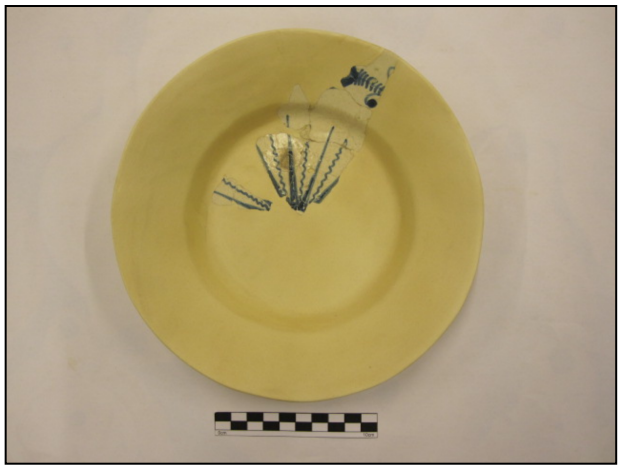


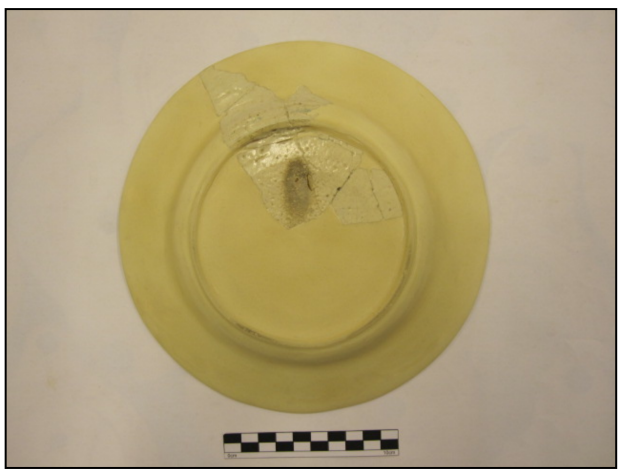
Taça/Tigela (CI/93/1029/c). Peça constituída por quatro fragmentos (3– 1029; 1–1050) que correspondem a uma porção do fundo. Este é raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis em ambas superfícies as marcas de *craquelés* e de trempes. A decoração é constituído por uma legenda das quais conseguimos distinguir as letras "MA..S" sobre as quais encontramos um elemento fitomórfico. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,054m e a espessura média das paredes é de 0,004m.



Depósito 3 (U.E: 1050) – Salão Norte (saibreira).
3º quartel do século XVII (1640/1675)

Prato (CI/91/1050/079). Peça restaurada constituída por sete fragmentos correspondentes a uma porção do fundo, raso em pé anelar baixo, corpo, de forma subtroncocónica de aba oblíqua, e bordo, recto com lábio em secção semicircular. A cor do núcleo da parede aparenta ser amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente, brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de craquelés e de trempes em ambas superfícies. O fundo interior encontra-se decorado com um tema fitomórfico, em que aparentemente a partir de um elemento central expandem-se, de forma radial, um conjunto de linhas alternadas entre rectas e onduladas. A aba está decorada com um tema vegetalista sendo facilmente identificados grandes fetos. A peça tem uma altura de 0,032m, um diâmetro de bordo de 0,210m, um diâmetro de fundo de 0,115m e uma espessura média das paredes de 0,005m.





Prato (CI/91/1050/080). Peça restaurada constituída por vinte e seis fragmentos. O fundo é raso, assente em pé baixo anelar. O bordo é recto com o lábio em secção semicircular. Tinha forma subtroncocónica com aba oblíqua. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca a pastel e com decoração na cor de azul cobalto e vinoso na superfície interna. O interior do fundo exibe um brasão heráldico com vestígios de um leão rompante pintado a azul e vinoso. Esta imagem é encimada por uma armadura rodeada de volutas pintadas com as mesmas cores já referidas. Este prato tem uma altura de 0,045m um diâmetro de fundo de 0,107m, um diâmetro de bordo de 0,207m e uma espessura média das paredes de 0,005m.



Taça (CI/91/1050/082). Peça constituída por doze fragmentos (3– 1029; 6– 1050; 2– 1079; 1– 1150) correspondentes a uma porção do corpo, hemisférico alto e extrovertido, e fundo. Este é raso e em pé anelar. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas as superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor acinzentada e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. O fundo interior exibe uma decoração vegetalista com uma flor central rodeada por grandes pétalas a fazer lembrar volutas. A parede exterior apresenta um vislumbre de decoração em azul cobalto, mas difícil de identificar. O diâmetro do fundo tem cerca de 0,048m e a espessura média das paredes é de cerca de 0,004m.



Prato (CI/91/1050/083/a). Peça constituída por treze fragmentos (5– 1029; 2– 1079; 1– 1142; 4– 1149; 1– 5379) que correspondem a uma porção do bordo, aba, parede e fundo. Apresenta uma forma subtroncocónica, com aba oblíqua, bordo recto e lábio em secção semicircular. O fundo e apoia-se num pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas as superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. São visíveis marcas de craquelés e de trempes em ambas as superfícies. A tinta azul foi muito carregada, dando um certo relevo à peça. A decoração do fundo interior é de cariz vegetalista, exibindo flores e plantas. A decoração da parede e da aba está dividida em cartelas emolduradas por uma linha azul por todos os lados. Os motivos das cartelas são dois, crisântemos e "aranhões", encontrando-se alternados. A parede exterior oferece-nos um conjunto de linhas onduladas e verticais. Apresenta uma diâmetro de fundo de 0,126m e um diâmetro de bordo de 0,24m. A espessura média das paredes é de 0,005m.



Prato (CI/91/1050/083/b). Estes fragmentos de prato têm exactamente as mesmas características da peça descrita anteriormente. Apesar de realmente não colarem parecem ser a peça ou devem ter sido feitas pelo mesmo oleiro ao mesmo tempo. Deste modo consideramos este o número de peça 083b. Peça constituída por oito fragmentos que correspondem a uma porção do bordo, aba, parede e fundo. Apresenta uma forma subtroncocónica, com aba oblíqua, bordo recto e lábio em secção semicircular. O fundo e apoia-se num pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas as superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. São visíveis marcas de craquelés e de trempes em ambas as superfícies. A cor azul encontra-se bastante carregada, dando relevo aos desenhos. A decoração do fundo interior é de cariz vegetalista, exibindo flores e plantas. A decoração da parede e da aba está dividida em cartelas emolduradas por uma linha azul por todos os lados. Os motivos das cartelas são dois, crisântemos e "aranhões", encontrando-se alternados. A parede exterior oferece-nos um conjunto de linhas onduladas e verticais. Tem um diâmetro de fundo de 0,126m e um diâmetro de bordo de 0,24m. A espessura média das paredes é de 0,005m.

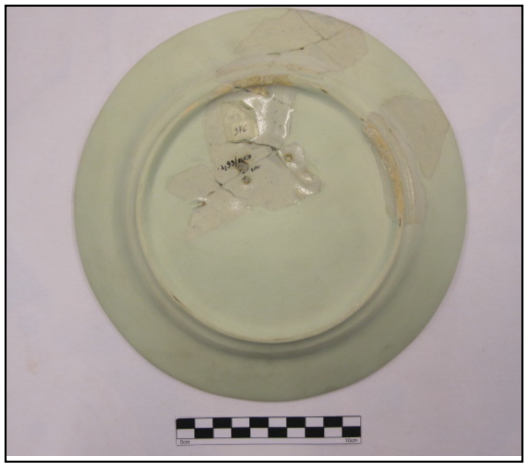


Prato (CI/91/1050/084). Dezassete fragmentos (1– 1029; 15– 1050; 1– 5384) correspondentes a uma porção do bordo, parede e fundo. Indica ter uma forma subtroncocónica. O fundo é raso e assenta num pé anelar baixo. O bordo é recto com lábio em secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarelada (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor bege sujo e com decoração na cor de azul cobalto e vinoso na superfície interna. Apresenta marcas de craquelés e trempes em ambas superfícies. A decoração no interior do fundo não surge muito clara, mas são visíveis traços ondulados azuis alternados por traços rectos em vinoso dispostas de forma radial. A aba exibe um padrão de "rendas" em que as linhas internas estão pintadas a vinoso. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,115m, o diâmetro do bordo é de cerca de 0,22m e a espessura média das paredes é de cerca de 0,005m.



Prato (CI/91/1050/085). Peça restaurada constituída por treze fragmentos correspondentes a uma porção do fundo, raso em pé anelar baixo, corpo, de forma subtroncocónica de aba oblíqua, e bordo, recto com lábio em secção semicircular. A cor do núcleo da parede aparenta ser ligeiramente rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente, brilhante, de cor esverdeada e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de trempes em ambas superfícies. O fundo interior encontra-se decorado com um tema vegetalista. A aba apresenta uma decoração com representações vegetalistas e fitomórficas, limitadas por uma linha concêntrica junto ao bordo. A peça tem uma altura de 0,034m, um diâmetro de bordo de 0,216m, um diâmetro de fundo de 0,127m e uma espessura média das paredes de 0,005m.





Prato (CI/91/1050/086). Peça constituída por dois fragmentos correspondentes a uma porção do corpo e fundo, raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas superfícies. O fundo interior e aba exibem pinturas de cariz vegetalista. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,120m e a espessura média das paredes é de 0,006m.



Prato (CI/91/1050/089). Peça constituída por vinte e três fragmentos (12 – 1029; 9– 1050; 1– 5373; 1– 5429) correspondente a uma porção bordo, aba e fundo. Apresenta uma forma subtroncocónica com aba oblíqua. O bordo é recto com lábio em secção semicircular. O fundo é raso assente em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor azulada e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Existem marcas de trempes em ambas superfícies. O fundo interior está decorado com motivos vegetalistas, mais concretamente grandes pétalas, rodeada por quatro motivos fitomórficos. A aba encontra-se decorada com as chamadas "rendas. O diâmetro do fundo é de 0,110m e a abertura do bordo é de 0,230m. A parede tem uma espessura média de 0,005m.



Prato (CI/91/1050/090). Peça constituída por dezasseis fragmentos (5 – 1029; 8 – 1050; 1 – 1079; 1 – 1086; 1 – 5380) correspondente a uma porção bordo, aba e fundo. Apresenta uma forma subtroncocónica com aba oblíqua. O bordo é recto com lábio em secção semicircular. O fundo é raso assente em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. O fundo interior está decorado com "rendas" de três semicírculos. A aba é parede exibem o mesmo padrão decorativo. O diâmetro do bordo é de 0,140m e a abertura do bordo é de 0,200m. A parede tem uma espessura média de 0,004m.



Prato (CI/91/1050/091). Peça constituída por três fragmentos correspondendo a uma porção do fundo, raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A decoração é zoomórfica sendo representado uma ave com uma coroa sobre a cabeça aparentando ter um simbologia heráldica. O diâmetro da abertura do fundo teria cerca de 0,120m enquanto que a espessura média das paredes se situa nos 0,004m.



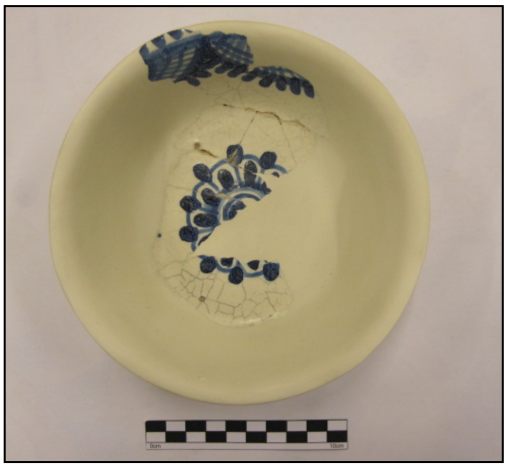
Prato (CI/91/1050/093). Peça constituída por quatro fragmentos correspondentes a uma porção do corpo e fundo. Este é raso e assenta num pé anelar baixo. Tem uma forma subtroncocónica com aba oblíqua. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é alaranjada (10YR 8/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* e de trempes em ambas superfícies. A decoração do interior do fundo é vegetalista não se identificando com clareza o motivo específico. A aba apresenta uma padrão decorativo de "rendas" com duas linhas internas. O diâmetro do fundo é de 0,110m e a espessura média das paredes é de 0,006m.

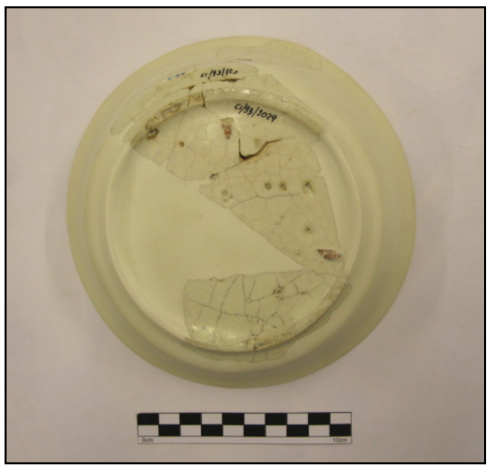


Tigela (CI/91/1050/094). Peça constituída por treze fragmentos (1– 1029; 12– 1050) correspondentes a porção do corpo, bordo e fundo. Apresenta uma forma hemisférica troncocónica. O bordo é extrovertido e o lábio tem secção semicircular. O fundo é raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é alaranjada (10YR 8/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta marcas de *craquelés* em ambas superfícies. O interior do fundo é decorado com motivos vegetalistas. A parede interna é decorada com um padrão de "rendas" com três semicírculos internos. O lábio contem pinceladas padronizadas a todo o seu redor. O diâmetro do fundo é de 0,100m e a abertura do lábio é de 0,140m. A espessura media das paredes é de 0,004m.



Tigela (CI/91/1050/095). Peça restaurada constituída por seis fragmentos correspondentes a uma porção do fundo, raso em pé anelar baixo, corpo, de forma troncocónica, e bordo, extrovertido com lábio biselado. A cor do núcleo da parede aparenta ser ligeiramente rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente, pouco brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* e trempes em ambas superfícies. O fundo interior encontra-se decorado com um tema vegetalista geométrico. A aba está decorada com "rendas" de duas linhas que culmina no bordo, cujo o lábio tem um padrão de traços. A peça tem uma altura de 0,043m, um diâmetro de bordo de 0,161m, um diâmetro de fundo de 0,096m e uma espessura média das paredes de 0,005m.





Taça (CI/91/1050/096). Peça constituída por onze fragmentos (1– 1029; 6– 1050; 1– 1096; 1– 5430; 2– 5384) correspondentes a porção do corpo, bordo e fundo. Teria forma hemisférica, com bordo extrovertido e um fundo raso que assenta em pé anelar. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas as superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. A decoração do fundo interior aparenta ser de cariz fitomórfico. O bordo é totalmente pintado em dois tons de azul em ambas as superfícies. A parede externa apresenta uma decoração geométrica onde se destacam pequenas espirais, traços paralelos ou semicirculares. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,050m e a abertura do bordo de 0,120m e a espessura média das paredes é de 0,003m.



Prato (CI/91/1050/097). Peça constituída por vinte e cinco fragmentos (1– 1024; 1– 1029; 20– 1050; 2– 1079; 1– 5384) correspondentes a uma porção do corpo, fundo e bordo. Apresenta uma forma subtroncocónica. O fundo é raso com pé anelar baixo. O bordo é recto com lábio em secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela clara (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto e vinoso na superfície interna e só de azul cobalto na superfície externa. O fundo interno encontra-se emoldurado por duas linhas concêntricas paralelas de cor azul, delineadas por um traço mais pequeno de vinoso. O desenho interior é de aspecto vegetalista e zoomórfico. É visível uma ave centrada em perfil rodeada por

grandes pétalas e frutos pintados a azul e delineados a vinoso. A aba encontra-se também limitada por linhas azuis delineadas a vinoso. O desenho que apresenta é de cariz vegetalista, estando representado plantas com grandes pétalas e frutos. A parede exterior ostenta vestígios de linhas grossas azuis, não sendo possível distinguir o que estará representado. O diâmetro do fundo é de 0,105m, a abertura do bordo é de 0,200m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Taça (CI/91/1050/098). Peça constituída por dezanove fragmentos (1– 1000; 1– 1024; 9– 1029; 1– 1050; 2– 1090; 1– 1149; 3– 1150) correspondentes a uma porção do bordo, corpo e fundo. Tinha uma forma hemisférica com bordo ligeiramente extrovertido com lábio em secção semicircular. O fundo assenta em pé anelar baixo e é raso. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor acinzentada e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. O esmalte encontra-se muito marcado com *craquelés* em ambas superfícies. A decoração apresentada na parede interior possui vários gomos ovaloides cujo interior é preenchido por pinceladas fortes em ziguezague. O bordo e a ligação ao fundo estão pintados com duas linhas concêntricas grossas. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,080m, a abertura do bordo de 0,160m e a espessura média das paredes é de 0,004m.



Prato (CI/91/1050/100). Peça constituída por dois fragmentos que correspondem a porção do fundo. Este é raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, em tons de pastel e com decoração na cor de azul cobalto e vinoso na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A decoração do fundo interior não é muito perceptível pois a pintura encontra-se um pouco desbotada, mas pensamos que estão representados motivos vegetalistas. Esta peça apresenta uma abertura de fundo de cerca de 0,120m e uma espessura média da parede de 0,006m.



Prato (CI/91/1050/101). Peça constituída por doze fragmentos correspondentes a uma porção do bordo, corpo e fundo. Apresenta uma forma subtroncocónica com aba oblíqua. O bordo é recto com lábio em secção semicircular. O fundo é raso e assenta num pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* e de trempes em ambas superfícies. A decoração do interior do fundo é vegetalista exibindo um arranjo de flores bem enquadrado. A aba apresenta um padrão decorativo de "rendas" com duas linhas internas feitas a partir de duas linhas paralelas concêntricas preenchidas com azul mais claro. O diâmetro do fundo é de 0,110m, a abertura do bordo é de 0,220m e a espessura média das paredes é de 0,006m.



Prato (91/1050/104). Peça constituída por doze fragmentos correspondentes quase à totalidade do fundo. Este é raso e assenta num pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela alaranjada (10YR 8/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* e de trempes em ambas superfícies. A pintura é carregada dando um certo relevo à peça. A decoração do interior do fundo é zoomórfica e vegetalista exibindo uma ave de asas abertas rodeada pelo que parecem ser fitas ou grandes fetos com flores. O diâmetro do fundo é de 0,11m, e a espessura média das paredes é de 0,007m.



Prato (CI/91/1050/147). Peça constituída por sete fragmentos (2– 1029; 3– 1050; 1– 1149; 1– 5361) que correspondem a uma parte do bordo corpo e fundo. Tinha forma subtroncocónica com aba oblíqua. O bordo é recto e tem o lábio ligeiramente biselado para o interior. O fundo é raso, assente em pé baixo anelar. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca a pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta marcas de *craquelés* em ambas superfícies e a pintura carregada dá relevo à peça. O interior da aba exibe uma decoração vegetalista com uma flor e suas folhas rodeadas de "volutas" apresentada numa forma equilibrada. O diâmetro de fundo de 0,120m, o diâmetro de bordo de 0,230m e a espessura média das paredes de 0,004m.



Pequeno prato (CI/91/1050/152). Peça constituída por dois fragmentos correspondentes a uma porção do bordo, recto com lábio em secção semicircular, e corpo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A decoração distribui-se numa banda junto ao bordo, delimitada, na parte mais exterior por uma linha concêntrica e na parte mais interior por duas linhas paralelas. O interior dessa banda apresenta características fitomórficas com "volutas", pontos e traços. O desgaste do bordo não nos permite calcular o seu diâmetro mas aparenta se pequeno. A espessura média das paredes é de 0,005m.



Tigela (CI/91/1050/153). Peça constituída por nove fragmentos (2– 1029; 3– 1050; 3– 1149; 1– 5380) correspondente a uma porção do bordo e corpo. Teria uma forma troncocónica. O bordo é extrovertido e o lábio é em secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A decoração distribui-se numa banda junto ao bordo, delimitada por duas linhas concêntricas. O seu interior é preenchido por motivos geométricos com linhas semicirculares e são visíveis duas espécies de "óvulos" com dois traços grossos a fazer lembrar duas pétalas. O bordo é decorado com um padrão de pontos ao longo da sua superfície. O diâmetro desta tigela aparenta ser 0,140m e a espessura média das suas paredes é de 0,005m.



Taça (CI/91/1050/154). Peça constituída por oito fragmentos (4– 1029; 1– 1050; 1– 1086; 1– 1149) correspondente a uma porção do bordo e corpo. Teria uma forma hemisférica. O bordo é extrovertido e o lábio biselado. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela clara (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração distribui-se numa banda junto ao bordo, delimitada por duas linhas concêntricas preenchidas a azul claro, e uma linha no corpo. O interior da banda é preenchido por motivos geométricos com linhas semicirculares e são visíveis três espécies de "óvulos" com um traço grosso a fazer lembrar uma pétala. O bordo é decorado com um padrão de pontos ao longo da sua superfície. O diâmetro desta tigela aparenta ser 0,150m e a espessura média das suas paredes é de 0,004m.



Taça (CI/91/1050/155/a). Peça constituída por doze fragmentos (8– 1029; 3– 1050; 1– 1144) correspondentes a uma porção do bordo e do corpo. Aparenta ter uma forma hemisférica. O bordo é extrovertido com o lábio biselado para o exterior. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor acinzentada e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. A parede interior é decorada com "rendas". O bordo é decorado com pontos azuis em todo o seu redor. A parede externa tem duas linhas paralelas concêntricas junto ao bordo e no corpo umas pinceladas que tanto podem ser motivos geométricos ou as chamadas "bichas". O diâmetro do bordo é de cerca de 0,120m e a espessura média das paredes é de 0,003m.



Taça/Tigela (CI/91/1050/155/b). Peça constituída por três fragmentos (1– 1086; 1– 5373; 1– 5384) correspondente a uma porção do bordo. O bordo é extrovertido e o lábio biselado. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarelo acinzentada claro (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração distribui-se numa banda junto ao bordo, delimitada por uma linha concêntrica. O interior da banda é preenchido por motivos geométricos com linhas semicirculares e são visíveis duas espécies de "óvulos" com um traço grosso a fazer lembrar uma pétala. O bordo é decorado com um padrão de pontos ao longo da sua superfície. O diâmetro desta tigela aparenta ser 0,120m e a espessura média das suas paredes é de 0,004m.



Tigela (CI/91/1050/156/a). Peça constituída por nove fragmentos (1– 1029; 6– 1050; 1– 1149; 1– 5384) correspondente a poção do corpo e bordo. Aparenta ter uma forma troncocónica. O bordo é extrovertido com lábio biselado para o exterior. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca no interior e acinzentada no exterior, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. O esmalte encontra-se marcado com *craquelés* em ambas superfícies. A decoração apresentada na parede interior é constituída por gomos verticais paralelos cujos os espaços estão preenchidos por linhas em ziguezague. O bordo está pintado com duas linhas concêntricas grossas e um padrão de pontos ao longo da sua superfície. A abertura do bordo de 0,150m e a espessura média das paredes é de 0,003m.



Taça (CI/91/1050/156/b). Peça constituída por três fragmentos que correspondem à totalidade do fundo, raso em pé anelar, e uma pequena porção da parede, de forma hemisférica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta uma pequena marca de trempe na superfície interna. A decoração do fundo interior é de aspecto heráldico. Identificamos uma armadura ladeada por volutas que encimam uma moldura com a inscrição "..AMOS ; ..AMA..". O diâmetro do fundo é de cerca de 0,050m e a espessura média das paredes de 0,004m.



Taça/Tigela (CI/91/1050/157). Peça constituída por cinco fragmentos (1– 1029; 2– 1050; 2– 1149) que correspondem a uma porção do bordo, extrovertido com lábio em secção semicircular, e parede. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. A parede interior tem uma decoração de aspecto geométrico, onde facilmente se distinguem semicírculos e um gomo ovaloíde. Junto ao bordo estão desenhadas duas linhas paralelas concêntricas preenchidas com um tom de azul mais claro. A parede exterior é decorada com uma linha concêntrica junto ao bordo. A abertura do bordo tem cerca de 0,090m e a espessura média das paredes é de 0,004m.



Taça (CI/91/1050/158). Peça constituída por dezasseis fragmentos (1– 1024; 1– 1029; 14– 1050) que correspondem a uma porção do corpo, de forma hemisférica, e do fundo, raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A parede interior tem uma decoração geométrica, de cariz europeia e islâmica, dividida em cartelas. Estão identificados dois conjuntos linhas em ziguezague verticais, um reticulado e um conjunto de linhas perpendiculares a sair de um linha vertical central que faz lembrar um feto. A decoração da parede e fundo estão emoldurados numa linha concêntrica. A abertura do fundo tem cerca de 0,110m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Tigela (CI/91/1050/159). Vinte e quatro fragmentos (3– 1029; 14– 1050; 3– 1149; 1– 5381; 3– 5384) que correspondem a uma porção do corpo, de forma troncocónica, do fundo, raso em pé anelar baixo, e do bordo, extrovertido com lábio em secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela alaranjada (10YR 8/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Observam-se marcas de *craquelés* e trempes em ambas superfícies. A decoração do fundo é constituída por grandes folhas e fetos emolduradas em duas linhas circulares paralelas. A parede interior tem uma decoração geométrica, de cariz europeia. Identificam-se grandes pétalas em gomos totalmente pintadas ou um conjunto de traços horizontais paralelos com um gomo sobreposto. O bordo está decorado com o típico padrão de pontos distribuídos uniformemente por toda a sua superfície. A abertura do fundo tem cerca de 0,090m, o diâmetro do bordo é de 0,150m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Taça (CI/91/1050/160/a). Peça constituída por dezoito fragmentos (1– 1029; 17– 1050) que correspondem a uma porção do corpo e do bordo, extrovertido com lábio biselado para o exterior. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela alaranjada (10YR 8/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna externa. Observam-se marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A decoração da parede interna é de tendência geométrica e vegetalista. Identificam-se grandes pétalas em gomos e decoração reticulada. A parede externa está decorada

com linhas semicirculares. O bordo apresenta o típico padrão de pontos distribuídos uniformemente por toda a sua superfície. O diâmetro do bordo é de 0,140m e a espessura média das paredes é de 0,004m.



Taça (CI/91/1050/160/b). Peça que correspondem à totalidade do fundo, raso em pé anelar. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela clara (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração visível são simplesmente duas linhas perpendiculares que se cruzam perto do centro da peça. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,050m e a espessura média das paredes de 0,004m.



Taça (CI/91/1050/161). Trinta e quatro fragmentos (9– 1029; 9– 1050; 1– 1090; 4– 1149; 1– 5361; 1– 5376; 4– 5380; 2– 5381; 3– 5384) que correspondem a uma porção do corpo, hemisférico, do bordo, extrovertido com lábio semicircular e do fundo, em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna externa. Observam-se marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A decoração do fundo interior é em reticulado. A parede interna tem uma decoração dividida em cartelas constituídas por grandes fetos, provavelmente alternada com linhas horizontais paralelas preenchidas com semicírculos. A parede externa está decorada com linhas semicirculares, conhecidas como "bichas". O bordo apresenta o típico padrão de pontos distribuídos uniformemente por toda a sua superfície. O diâmetro do bordo é de 0,120m e a espessura média das paredes é de 0,003m.



Pequeno prato (CI/91/1050/162). Três fragmentos (1– 1029; 1– 1050; 1– 1142), correspondentes a uma porção de parede, de forma subtroncocónica, e de fundo raso assente num pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de trempes na superfície interna. A decoração do interior do fundo é vegetalista exibindo fetos e flores rodeados por uma moldura de duas linhas circulares paralelas preenchidas num tom de azul mais claro. O diâmetro do fundo é de 0,045m, e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Prato (CI/91/1050/164). Peça constituída por dez fragmentos (9– 1050; 1– 1097), correspondentes a uma porção de bordo, com lábio biselado para o exterior, parede, e fundo, raso assente num pé anelar baixo. Tinha uma forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de trempes e craquelés em ambas superfícies. A decoração do interior do fundo é vegetalista. Uma linha concêntrica foi pintada junto ao bordo. O diâmetro do fundo é de 0,120m, a abertura do bordo é de 0,240 e a espessura média das paredes é de 0,006m.



Prato (CI/91/1050/165). Peça constituída por doze fragmentos (2– 1050; 1– 1149; 1– 5408; 2– 5380; 6- 5384), correspondentes a uma porção de parede e fundo, raso assente num pé anelar baixo. Tinha uma forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosa alaranjado (7.5YR 8/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas superfícies e de trempes na superfície externa. A decoração do fundo interior do fundo é heráldica. Sobre uma moldura rectangular central rodeada de volutas estão representados quatro cães. Após as volutas estão também representados elementos vegetalistas. O diâmetro do fundo é de 0,120m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Não identificado (CI/91/1050/166). Peça correspondente a uma porção de parede. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarelo (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A pintura carregada deu algum relevo à peça. A decoração é vegetalista estando representadas flores e volutas. A espessura da parede é de cerca de 0,005m.



Taça/Tigela (CI/91/1050/167). Peça correspondente a uma porção do fundo. Este é raso, em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarelo (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresentas marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A decoração é geométrica estando representado um reticulado em que cada espaço é preenchido por círculos pintados. Duas linhas paralelas concêntricas delimitam a decoração do fundo para a passagem para o corpo da peça. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,080m e a espessura da parede é de cerca de 0,006m.



Prato (CI/91/1050/168). Peça constituída por sete fragmentos (5– 1050; 1– 1149; 1 – 5384), correspondentes a uma porção do fundo, raso assente num pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosa claro (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas superfícies e de trempes na superfície externa. O interior do fundo foi preenchido com a letra "A" ao que parece rodeado por elementos fitomórficos. Este encontra-se emoldurado numa linha concêntrica. Um outro elemento decorativo, também apoiado numa linha concêntrica paralela à anterior, é constituído por semicírculos com bolas no seu interior coroado com elementos fitomórficos. O diâmetro do fundo é de 0,140m e a espessura média das paredes é de 0,004m.



Taça (CI/91/1050/170). Peça constituída por dezasseis fragmentos que correspondem a uma porção do fundo, raso em pé anelar, e parede. Apresenta uma forma hemisférica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície externa e interna. A decoração exterior encontra-se dividida em cartelas, quatro ao que tudo indica, cujos espaços são preenchidos por laços. São identificáveis dois tipos de motivos, pelo menos um "aranhão" e um arranjo de crisântemos. A decoração da parede interior é constituída por pequenos semicírculos apenas junto ao bordo. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,053m e a espessura média das paredes de 0,004m.



Prato (CI/91/1050/171). Peça constituída por doze fragmentos (1– 1050; 1– 1149; 1– 5382; 5– 5385; 1– 5388; 2– 5394; 1– 5432), correspondentes a uma porção do bordo, recto com lábio biselado para o interior e fundo, raso assente num pé anelar baixo. Apresentava uma forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosa claro (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. A decoração do fundo interior está emoldurado por duas linhas concêntricas, mas não se consegue perceber o motivo que o preenche. A parede e aba estão decorados com um padrão de "gomos" ovalóides com um traço vertical pintado no seu interior. Este motivo também se encontra emoldurado com uma linha grossa junto ao bordo e uma mais fina junto ao fundo. Parede exterior parece decorada com as chamadas "bichas". O diâmetro do fundo é de 0,130m, a abertura do bordo de 0,220m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Prato (CI/91/1050/172). Peça constituída por vinte e cinco fragmentos (22– 1050; 1– 2050 ; 2– 5384), correspondentes a uma porção do fundo, raso assente num pé anelar, e parede. Apresentava uma forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. A decoração do fundo interior é vegetalista e zoomorfa, sendo visível a representação de grandes fetos e a cabeça de uma figura canina. A decoração da aba encontra-se divida em cartelas cujos espaços são preenchidos pelos chamados laços. A decoração das cartelas vai sendo dividida entre a representação de "aranhões" e de "crisântemos". A parede exterior encontra-se decorado com elementos fitomórficos mais concretamente com as chamadas "bichas". O diâmetro do fundo é de 0,120m, e a espessura média das paredes é de 0,006m.



Prato (CI/91/1050/173). Peça constituída por vinte fragmentos (2– 1029; 15– 1050; 1– 1091 ; 2– 1149), correspondentes a uma porção do bordo, com lábio em secção semicircular, fundo, raso, e parede. Apresentava uma forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração do fundo interior é vegetalista com a representação de crisântemos. A aba é decorada com elemento fitomórficos e vegetalistas, onde se encontram representados mais uma vez crisântemos. O bordo apresenta uma linha azul concêntrica. O diâmetro do bordo é de 0,210m, e a espessura média das paredes é de 0,004m.



Tigela (CI/91/1050/174). Peça constituída por vinte fragmentos (1– 1050; 4– 5381; 15– 5384), correspondentes a uma porção do fundo, raso com pé anelar baixo, bordo, com lábio espessado para o exterior e parede. Apresentava uma forma troncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor acinzentada e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração do fundo interior é vegetalista talvez desenho miúdo. A aba é decorada com elementos geométricos constituídos por linhas paralelas e semicírculos divididos em cartelas. O bordo é decorado com um padrão de pontos em toda a sua superfície. O diâmetro do fundo é de 0,010m, do bordo é de 0,013m e a espessura média das paredes é de 0,003m.



Bico de jarro (CI/91/1050/175). Peça constituída por dois fragmentos (1– 1050; 1–5381). Apresenta uma abertura do bico em triângulo e a face externa é arredondada. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/5) e ambas superfícies oferecem um esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto. A decoração é constituído pelo desenho de uma figura humana que se desenvolve e aproveita a sua forma. Este bico tem cerca de 0,045m de altura e 0,027m de largura máxima.



Não identificado (CI/91/1050/a). Peça constituída por dois fragmentos que parecem corresponder a um bordo. Este é bastante espesso e ondulado no seu topo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e a sua superfície oferece um esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. A decoração da superfície que julgamos ser a externa é constituída por uma arranjo vegetalista de crisântemos. O lábio deste bordo encontra-se pintado a azul cobalto com variações de tonalidades. A superfície externa apresenta elementos fitomórficos conhecidos como "bichas". A espessura média da parede desta peça é de 0,008m



Prato (CI/91/1050/b). Peça constituída por cinco fragmentos que correspondem a uma porção do fundo, raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, em tons de pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração do fundo interior apresenta elementos geométricos na periferia do prato e um motivo vegetalista no centro emoldurada por uma linha concêntrica. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,135m e a espessura média da parede é de 0,005m.



Prato (CI/91/1050/c). Peça constituída por quinze fragmentos (7– 1050; 1– 5358; 5– 5376; 2– 5384) que correspondem a uma porção do fundo, raso em pé anelar baixo, e parede. Aparenta ter uma forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosa claro (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de trempes em ambas superfícies. A decoração do fundo interior é de cariz heráldico. Em alguns fragmentos são visíveis a moldura central no interior da qual conseguimos ver vestígios de um animal representado. O espaço exterior da moldura está decorado com uma grande variedade de "volutas" e elementos fitomórficos. O diâmetro de abertura do fundo é de cerca de 0,210m e a espessura média das paredes é de 0,007m.



Depósito 3 (U.E: 1079 ; 1086; 1090; 1091; 1097) – Salão Norte (saibreira).

3º quartel do século XVII (1640/1675)

Prato (Pequeno prato) (CI/91/1079/046). Peça correspondente a uma porção do bordo, recto com lábio biselado para interior, e arranque da aba. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Exibe marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A superfície externa apresenta o que aparenta ser o arranque de uma asa ou de um relevo decorativo. A decoração distribui-se numa banda junto ao bordo, delimitada, na parte mais exterior por uma linha concêntrica e na parte mais interior por duas linhas paralelas. O interior dessa banda apresenta características fitomórficas e geométricas com "volutas", semicírculos e pontos. O bordo, apesar da pequena dimensão e desgaste aparenta ter um diâmetro de 0,170m. A espessura média das paredes é de 0,003m.



Prato (CI/91/1079/047). Peça constituída por quatro fragmentos (2– 1029; 2– 1079) correspondente a uma porção do bordo e corpo. Teria uma forma subtroncocónica. O bordo é recto e o lábio apresenta-se biselado para o interior. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é branca (10YR 8/1) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Ostenta pequeníssimas marcas de *craquelés* em ambas superfícies o esmalte é tão fino que se descola da pasta. A decoração é feita com motivos geométricos e vegetalistas. A pintura encontra-se em alguns pontos carregada o que dá um certo relevo à peça. O diâmetro desta tigela aparenta ser 0,130m e a espessura média das suas paredes é de 0,005m.



Prato (CI/91/1079/050). Peça constituída por três fragmentos (2– 1079; 1– 1149) correspondentes a uma porção do bordo, recto com lábio em secção semicircular, e do corpo. Aparenta ter uma forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Ambas superfícies apresentam marcas de *craquelés*. A decoração visível aparece dividida por bandas constituídas por duas linhas paralelas na vertical e na horizontal junto ao bordo. Os motivos decorativos são vegetalistas estando representadas grandes pétalas em formação solar com grande pormenor representativo. O diâmetro do bordo é de cerca de 0,170m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Tigela (CI/91/1079/052/a). Peça constituída por vinte fragmentos (1– 1079; 3– 1149; 16– 5381) correspondente a porção do bordo, corpo e fundo. Teria forma troncocónica com aba ligeiramente oblíqua, um fundo raso com pé anelar baixo e um bordo extrovertido com lábio em secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é ligeiramente rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis em ambas superfícies as marcas de trempes e *craquelés*. A decoração do fundo interior é constituída por uma linha circular no centro onde poderia estar representado uma inicial ou símbolo. A partir desse círculo são lançadas de forma radial um padrão geométrico e fitomórfico de ovaloides, linhas rectas e tridentes. A parede interna é decorada com uma série de "volutas". O bordo encontra-se pintado com um padrão de pontos que abrange muito provavelmente todo o seu diâmetro. O diâmetro do fundo tem cerca de 0,100m, o diâmetro do bordo é de 0,150 e a espessura média das paredes é de cerca de 0,004m.



Taça (CI/91/1079/052/b). Peça constituída por quatro fragmentos (1– 1079; 1– 1142; 2– 1149) correspondente a uma porção do bordo, extrovertido e com lábio biselado para exterior, e corpo, de forma hemisférica. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. A decoração interna distribui-se numa banda. Junto ao bordo esta apresenta-se numa linha azul ondulada. Na horizontal, de modo a separar as cartelas, é constituída por duas linhas paralelas cujo o espaço é preenchido a azul. O motivo decorativo da cartela visível é constituído por motivos fitomórfico, um preenchimento de formas indefinidas fechadas pintadas a azul com diversos tamanhos e formas. No exterior encontra-se também representada a linha azul ondulada junto ao bordo e a parede exibe o que parece ser um motivo vegetalista. Um círculo central da qual estão dispostas em forma radial, ovais com pontos azuis nos espaços por elas deixados. O bordo apresenta um diâmetro de 0,140m. A espessura média das paredes é de 0,003m.





Taça/Tigela (CI/91/1086/021). Peça que corresponde a uma porção do bordo, ligeiramente extrovertido com lábio em secção semicircular. Aparenta ser o fragmentos de uma tigela embora a sua reduzida dimensão não nos permita entender a sua forma. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração é de cariz geométrico. Estando representados óvalos preenchidos com um traço. O lábio encontra-se decorado com um padrão de tracejados. A espessura média da parede é de 0,003m.



Taça/Tigela (CI/91/1090/029). Peça constituída por dois fragmentos (1– 1090; 1– 5373) correspondente a uma porção do fundo, raso em pé anelar baixo. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta marcas de *craquelés* e trempes em ambas superfícies. A pintura é alguns pontos carregada dando um certo relevo à peça. A decoração do fundo interior é constituída por um círculo preenchido com um reticulado. Ao seu redor desenvolvem-se mais dois círculos concêntricos preenchido a azul dos quais se expandem para o exterior de forma radial vários óvalos envoltos em linhas também ovaloides cujos os espaços são preenchidos por pontos. O fundo apresenta um diâmetro de 0,058m. A espessura média das paredes é de 0,007m.



Prato (CI/91/1091/026). Peça correspondente a uma porção do fundo, raso em pé anelar baixo, e corpo. Teria uma forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a muito fino. A cor do núcleo da parede é rosa (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta marcas de *craquelés* e trempes em ambas superfícies. A decoração do fundo interior, emoldurada em duas linhas paralelas concêntricas, é vegetalista e zoomorfa, das quais é possível distinguir a pintura de um coelho. A decoração do corpo está dividida em cartelas, das quais são possíveis distinguir motivos geométricos e fitomórficos. A pintura encontra-se em alguns pontos carregada o que dá um certo relevo à peça. O diâmetro do fundo deste prato aparenta ser 0,110m e a espessura média das suas paredes é de 0,004m.



Prato (CI/91/1097/019). Peça constituída por seis fragmentos (2– 1029; 2– 1049; 2– 1097) correspondentes a uma porção do bordo, recto com lábio biselado para o interior, e do corpo. Aparenta ter uma forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosa (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Ambas superfícies apresentam marcas de *craquelés*. A decoração visível mostra-nos a inclusão de motivos geométricos e fitomórficos com predominância para elementos ovaloídes. O diâmetro do bordo é de cerca de 0,160m e a espessura média das paredes é de 0,004m.



Depósito 3 (U.E: 1142) – Salão Norte (saibreira – depósitos superiores).

3º quartel do século XVII (1640/1675)

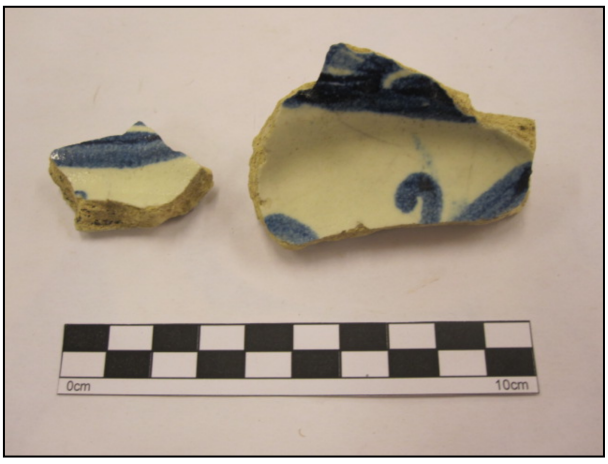
Prato (CI/91/1142/068). Peça constituída por 4 fragmentos (1– 1142; 1– 1149; 1– 5418; 1– 5376) correspondentes à porção do fundo, raso em pé anelar baixo, e corpo. Teria uma forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor acinzentada e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. Apresentam marcas de craquelés em ambas superfícies. A cor do fundo interior, emoldurada em duas linhas concêntricas paralelas , é vegetalista. Estão representadas grandes pétalas e fetos. A parede da aba tem uma decoração dividida em cartelas não quais estão presentes motivos geométricos. Estão identificados pequenas inspirais no interior de triângulos. A superfície externa é decorada com pequenos sarrabiscos em zigue zague. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,130m e a espessura média das paredes é de 0,003m.



Não Identificado (CI/91/1142/069). Peça constituída por dois fragmentos (1– 1024; 1– 1142) correspondentes a uma porção do fundo. Este é raso e em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. O fundo interior exibe uma decoração fitomórficos onde estão representadas "volutas". O diâmetro do fundo tem cerca de 0,100m e a espessura média das paredes é de cerca de 0,007m.



Prato (CI/91/1142/072). Dois fragmentos (1– 1029; 1– 1142) correspondentes a uma porção do fundo, é raso e em pé anelar baixo, e corpo aparentemente subtroncocónico. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta uma decoração vegetalista no fundo, não transparecendo com clareza a decoração do corpo. Teria um diâmetro de fundo de cerca de 0,130m e uma espessura média de parede de 0,006m.



Prato (CI/91/1142/073). Peça constituída por quatro fragmentos (1– 1024; 1– 1142; 1– 5361; 1– 5381) correspondentes a uma porção do fundo. Este é raso e em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* e trempes em ambas superfícies. Apresenta uma decoração vegetalista e fitomórfico no fundo. O seu diâmetro é de cerca de 0,160m e a espessura média das paredes de 0,005m.



Prato (CI/91/1142/075). Peça constituída por vinte e oito fragmentos (7 – 1029; 11– 1050; 1– 1142; 2– 1149; 1– 5379; 1– 5381; 4– 5384; 1– 5430) correspondente a uma porção do bordo, recto com lábio em secção semicircular, fundo, raso e em pé anelar baixo e corpo, com forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração do fundo é representada com "volutas" e outros motivos fitomórficos enquanto que é aba se encontra decorada com "rendas" de três linhas. O diâmetro do bordo é difícil de obter visto que está peça apenas apresenta um pequeno pedaço. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,120m e a espessura da parede é de cerca de 0,005m.



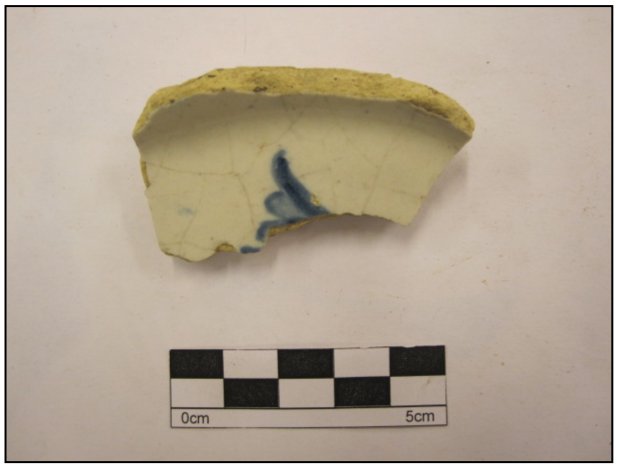
Prato (CI/91/1142/076). Peça constituída por cinco fragmentos (1 – 1142; 2– 1149; 1– 5360; 1– 5384) correspondente a uma porção do fundo, raso e em pé anelar baixo, e arranque do corpo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. O fundo interior apresenta uma decoração vegetalista emoldurada por duas linhas concêntricas paralelas. A decoração do corpo arranca também a partir de duas linhas concêntricas das quais são visíveis um alternar de uma linha grossa com uma linha fina. Provavelmente tratam-se de "gomos". O diâmetro do fundo é de cerca de 0,120m e a espessura média das paredes é de 0,004m.



Prato (CI/91/1142/077). Peça correspondente a uma porção do fundo, raso e em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas superfícies. O fundo interior apresenta uma decoração geométrica em que a pintura ocupa a totalidade da peça. A decoração exterior é constituída por uma linha concêntrica junto ao pé no arranque do corpo. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,140m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Prato (CI/91/1142/078). Peça correspondente a uma porção do fundo, raso e em pé anelar baixo, e arranque do corpo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A decoração do fundo interior aparenta ser de cariz vegetalista. O diâmetro do fundo é de 0,120m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Prato (CI/91/1142/079). Peça constituída por seis fragmentos (2 – 1029; 1– 1050; 2– 1142; 1– 5366) correspondente a uma porção do bordo, recto com lábio em secção semicircular, e corpo, com forma subtroncocónica de aba oblíqua. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração desenvolve-se a partir de uma linha concêntrica junto ao bordo, a partir da qual, e de forma alternada, se encontram representadas "rendas" de quatro linhas e um motivo fitomórfico designado como "volutas". O diâmetro do bordo é de 0,220m e a espessura da parede é de cerca de 0,005m.



Não Identificado (CI/91/1142/080). Porção do fundo, raso e em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. O fundo interior apresenta uma moldura de duas linhas paralelas concêntricas no interior da qual está representado um tipo de decoração não identificado. A espessura média das paredes é de 0,005m e o diâmetro do fundo, devido ao seu desgaste é impossível de determinar.



Prato (CI/91/1142/081). Peça constituída por catorze fragmentos (4– 1142; 1– 5376; 6– 5381; 2– 5384; 1– 5387) correspondente a uma porção do fundo, raso e em pé anelar baixo, e corpo, com forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* e formações de bolhas no esmalte, assim como marcas de trempes em ambas superfícies. A decoração do fundo encontra-se emoldurada em duas linhas paralelas concêntricas, e apresenta representações vegetalistas. A decoração do corpo aparenta estar dividida em cartelas com representações geométricas. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,095m e a espessura da parede é de cerca de 0,004m.



Prato (CI/91/1142/099). Peça constituída por catorze fragmentos (1 – 1024; 1– 1142; 1– 5373; 5– 5381; 6– 5384) correspondente a uma porção do bordo, recto com lábio em secção semicircular, corpo, de forma subtroncocónica com aba oblíqua e fundo, raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. A decoração da aba desenvolve-se a partir de uma linha concêntrica junto ao bordo, e outra imperfeita no fundo. Encontra-se dividida em cartelas em cujos espaços estão desenhados "laços". Identifica-se perfeitamente numa cartela um arranjo vegetalista de crisântemos enquanto que noutra cartela é visível o arranque de um motivo de "aranhões". No interior do fundo são visíveis o desenvolvimento de grandes pétalas assim como uma parte de uma moldura quadrangular onde estaria centrado um coração alado (de acordo com o que podemos vislumbrar nos pequenos fragmentos). O diâmetro do bordo é de 0,300m, o diâmetro do fundo é de 0,180m e a espessura da parede é de cerca de 0,006m.



Taça (CI/91/1142/100). Peça constituída por doze fragmentos (3– 1050; 3– 1097; 1– 1142; 4– 1149; 1– 5379) correspondentes a uma porção do bordo, extrovertido com lábio em secção semicircular, e corpo em forma hemisférica. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosa (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A pintura encontra-se bastante carregada, dando um certo relevo na superfície da peça. A decoração exterior é constituída por padrão de "rendas" de três linhas que se devia estender ao longo do perímetro da peça. A decoração interior resume-se a uma linha concêntrica junto ao bordo. O diâmetro de abertura do bordo é de 0,130m e a espessura média das paredes é de 0,004m.



Taça (CI/91/1142/102). Peça constituída por vinte e três fragmentos (1– 1142; 1– 5361; 7– 5380; 14– 5384) correspondentes a uma porção do bordo, extrovertido com lábio em bisel, corpo em forma troncocónica de paredes ortogonais, e fundo, raso em pé anelar baixo. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é amarelo claro (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. São visíveis algumas marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A pintura tem um traço muito fino. A decoração exterior encontra-se dividida em cartelas delimitadas por linhas finas. Aparenta ter sido uma peça com quatro cartelas com um motivo vegetalista de crisântemos alternado com um motivo de "aranhões". O fundo interior estaria pintado com um motivo vegetalista onde se evidenciam grandes pétalas e pequenos fetos. A decoração interior, de cariz geométrico, resume-se a um conjunto de espirais que corre todo o perímetro interior da peça junto ao bordo. O diâmetro de abertura do bordo seria cerca de 0,090m, a abertura do fundo de 0,060m e a espessura média das paredes é de 0,003m.

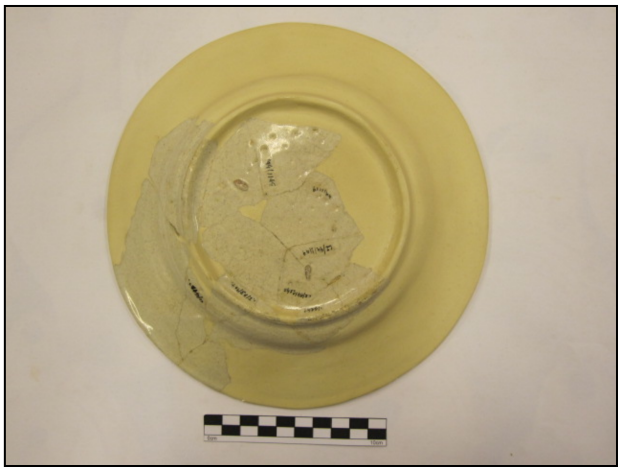


Depósito 3 (U.E: 1149) – Salão Norte (saibreira).

3º quartel do século XVII (1640/1675)

Prato (CI/91/1149/077). Peça restaurada constituída por catorze fragmentos correspondentes a uma porção do bordo, recto com lábio biselado para o exterior, fundo, raso em pé anelar baixo e corpo, de forma subtroncocónica de aba oblíqua. A cor do núcleo da parede aparenta ser amarela (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente, brilhante, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de *craquelés* e de trempes em ambas superfícies. O fundo interior encontra-se decorado com um tema heráldico, estando representado um pássaro coroado comummente conhecido como "passarinho de Castela". A peça tem uma altura de 0,034m, um diâmetro de bordo de 0,210m, um diâmetro de fundo de 0,114m e uma espessura média das paredes de 0,005m.





Pote (CI/91/1149/123). Peça constituída por vinte e quatro fragmentos (11– 1029; 1– 1050; 3– 1079; 3– 1149; 4– 1150; 2 – 2000) correspondentes a uma grande porção do bordo, extrovertido com lábio achatado em cima, e corpo ovalado. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e a superfície externa oferece um esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto. É visível uma fractura onde anteriormente deveria ter existido uma asa. A decoração junto ao bordo é constituída por um alinha concêntrica. No corpo conseguimos identificar uma inscrição com três letras [“?NTº”]. No lado oposto dessa inscrição podemos também distinguir parte do que seria uma decoração com “volutas”. O bordo tem um diâmetro de abertura de 0,145m. A espessura média das paredes é de 0,006m.



Prato (CI/91/1149/124). Peça constituída por seis fragmentos (4– 1024; 1– 1091; 1– 1149) correspondente a uma porção do bordo, recto com lábio em secção semicircular, e corpo, de forma subtroncocónica com aba oblíqua. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração da aba é constituída por um padrão de “rendas” de quatro linhas que deve ocupar todo o perímetro da aba. O fundo interior também se encontra decorado mas devido à pequena extensão de fundo que esta peça não podemos desvendar de que tipo seria. O diâmetro da abertura do bordo teria, 0,220m, o diâmetro do fundo teria 0,11m, enquanto que a espessura média das paredes se situa nos 0,005m.



Prato (CI/91/1149/126). Peça constituída por dezoito fragmentos (2– 1029; 1– 1079; 1– 1142; 13– 1149; 1– 5371) correspondente a uma porção do fundo, raso de pé anelar baixo, e corpo, de forma subtroncocónica com aba oblíqua. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosa (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor pastel, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de trempes em ambas superfícies. A pintura na aba encontra-se muito carregada dando um certo relevo na superfície da peça. A decoração da aba é constituída por um padrão de "rendas" de quatro linhas que deve ocupar todo o seu perímetro. A ornamentação do fundo interior é vegetalista, estando representadas grandes fetos, talvez em forma de cruz de Malta, e fitomórfica, visto que o espaço deixada pelos fetos é preenchido por "tridentes". O diâmetro do fundo teria 0,115m, enquanto que a espessura média das paredes se situa nos 0,006m.



Prato (CI/91/1149/127). Peça constituída por quarenta e dois fragmentos (6– 1024; 6– 1029; 15– 1142; 8– 1149; 1– 2000; 1– 5370; 2– 5373; 3 - 5376) correspondente a uma porção bordo, recto com lábio em secção semicircular, fundo, raso de pé anelar baixo e corpo, de forma subtroncocónica com aba oblíqua. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto e vinoso na superfície interna e azul cobalto na superfície externa. São visíveis marcas de trempes em ambas superfícies. A decoração da aba é constituída por um padrão de "rendas". Esta é desenhada de uma forma diferente. Junto ao fundo está assente numa moldura três linhas. Sendo que a linha do meio é mais grossa e azul enquanto que as outras duas são mais finos e de cor vinoso. As rendas têm no seu interior uma linha azul sendo o restante preenchimento a vinoso. Os pontos exteriores deste estilo decorativo estão sublinhados também a vinoso. O interior do fundo aparenta ter uma moldura central com alguma inicial ou símbolo estando a parte exterior decorada com ricas "volutas" pintadas a azul e delineadas a vinoso. O tardoz encontra-se decorado com as chamadas "bichas", linhas em ziguezague do bordo para o fundo alternando por duas linhas paralelas também no mesmo sentido. O diâmetro do bordo teria cerca de 0,320m, fundo teria 0,210m, enquanto que a espessura média das paredes se situa nos 0,007m.



Prato (CI/91/1149/128/a). Três fragmentos (1– 1000; 1– 1029; 1– 1149) que correspondem a uma parte de um fundo, raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e as superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta marcas de trempes e *craquelés* em ambas superfícies. A decoração do fundo interior tem aspecto heráldico. Identificamos parte de uma armadura ladeada por "volutas" que encimam uma moldura. O diâmetro do fundo é de 0,105m e a espessura média das paredes de 0,006m.



Prato (CI/91/1149/128/b). Peça que corresponde a uma parte de um fundo, raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A decoração do fundo interior não é identificável. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,110m e a espessura média das paredes de 0,005m.



Taça (CI/91/1149/129). Peça constituída por seis fragmentos (2– 1029; 2– 1142; 1– 1149; 1– 2000) que correspondem à totalidade de um fundo, raso em pé anelar baixo e corpo, de forma hemisférica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosa (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. Apresenta algumas marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A decoração do fundo interior é de cariz vegetalista, identificando-se grandes fetos. A decoração da parede exterior resume-se a uma linha horizontal no centro do corpo. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,054m e a espessura média das paredes de 0,004m.



Prato (CI/91/1149/131). Peça constituída por quinze fragmentos (1 – 1029; 3– 1050; 1– 1090; 4– 1149; 1– 5376; 3– 5380; 2 – 5384) que correspondem a parte do bordo, recto com lábio em secção semicircular, fundo, raso em pé anelar e corpo, de forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. Apresenta algumas marcas de *craquelés* em ambas superfícies. É de notar a delicadeza e o tom de azul utilizado nesta pintura. Os fragmentos são pequenos e dispersos não sendo fácil identificar o padrão decorativo. No entanto parece tratar-se de uma decoração dividida em cartelas separadas pelos chamados "laços" no interior de cada cartela

parece ter-se optado por cenas vegetalistas. A decoração do fundo interior não foi identificada. A decoração da parede exterior mostra elementos vegetalistas não se conseguindo perceber, no entanto, a sua disposição. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,160m e a espessura média das paredes de 0,008m.



Tigela (CI/91/1149/132). Peça constituída por dez fragmentos (3 – 1029; 6– 1149; 1– 5376) que correspondem a uma parte do bordo, extrovertido com lábio em secção semicircular, fundo, raso em pé anelar baixo e corpo, de forma ligeiramente troncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é vermelha (10R 6/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta algumas marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A decoração do fundo interior encontra-se delineada numa linha concêntrica contendo uma cena um pouco abstracta, identificando-se elementos vegetalistas, fitomórficos e geométricos. A parede interior encontra-se decorada com um padrão geométrico de linhas ovaladas e tracejados horizontais, emoldurados, quer junto ao bordo quer junto ao fundo por uma linha concêntrica. O bordo encontra-se decorado com uma padrão pontilhado. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,095m. Abertura do bordo tem cerca de 0,120m e a espessura média das paredes é de 0,004m.



Prato (CI/91/1149/133). Peça constituída por sete fragmentos (1– 1024; 2– 1029; 1– 1091; 1– 1097; 2– 1149) que correspondem a uma porção do fundo, raso em pé anelar baixo, corpo, de forma subtroncocónica, e bordo, recto com lábio em secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é vermelha (10R 6/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta algumas marcas de *craquelés* e de trempes em ambas superfícies. A decoração do fundo interior é essencialmente de cariz vegetalista, enquanto que a parede interior encontra-se decorada com um padrão de "rendas" de duas linhas. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,140m. Abertura do bordo tem cerca de 0,230m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



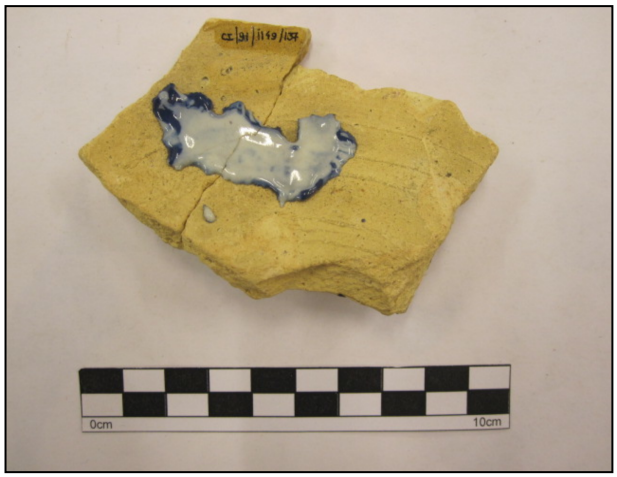
Prato (CI/91/1149/134). Peça constituída por oito fragmentos (1– 1029; 1– 1079; 6– 1149) que correspondem a uma porção do fundo, raso em pé anelar baixo, e corpo, de forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta marcas de trempes em ambas superfícies. A decoração do fundo interior é de cariz vegetalista, enquanto que a parede interior encontra-se decorada com um padrão de "rendas" de quatro linhas. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,115m, e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Prato (CI/91/1149/135). Vinte e um fragmentos (6– 1029; 1– 1050; 1– 1090; 6– 1142; 1– 1144; 4– 1149; 1– 5358; 1– 5384) correspondente a uma porção do bordo, recto com lábio em secção semicircular, fundo, raso de pé anelar baixo, e corpo, de forma subtroncocónica com aba oblíqua. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto e vinoso na superfície interna e azul cobalto na superfície externa. São visíveis marcas de trempes em ambas as superfícies. A decoração da aba é constituída por um padrão de "rendas" cujas linhas interiores e sua base são pintadas a vinoso. O interior do fundo apresenta um tipo de decoração não identificável, parecendo estar representado "volutas". O tardoz encontra-se decorado com as chamadas "bichas", linhas em zigue zague do bordo para o fundo. O diâmetro do fundo teria 0,220m, enquanto que a espessura média das paredes se situa nos 0,007m.



Não Identificado (CI/91/1149/137). Peça constituída por dois fragmentos (1– 1149; 1– 2000) que correspondem a uma porção do fundo, este é raso com pé anelar grosso. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4). A característica principal desta peça é o facto de não ter ambas superfícies cobertas por esmalte. Tem sim algo que se pode chamar de defeito, uma massa de esmalte branco com tinta em azul cobalto que a aparentemente pingou para cima desta peça criando uma espécie de borrão. Esta peça teria cerca de 0.080m de abertura de fundo e uma espessura média das paredes de 0,007m



Taça/Tigela (CI/91/1149/187). Parte do bordo, extrovertido com lábio em secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração da parede é de cariz fitomórfico, encimado com duas linhas paralelas cujo espaço é preenchido a azul. O lábio é decorado com um pontilhado. A espessura média da parede de 0,004m.



Prato (CI/91/1149/188). Cinco fragmentos (1– 1142; 4– 1149) que corresponde a uma parte do bordo, recto com lábio em secção semicircular, e aba. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta marcas de *craquelés* em ambas as superfícies A decoração da parede é de cariz fitomórfico, com duas linhas a definir o seu espaço. A espessura média da parede de 0,004m.



Não Identificado (CI/91/1149/189). Peça que corresponde a uma parte do bordo, recto com lábio em secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração da parede é de cariz fitomórfico, encimado com duas linhas paralelas cujo espaço é preenchido a azul. O lábio é decorado com um pontilhado. A espessura média da parede de 0,004m.



Não Identificado (CI/91/1149/190). Peça que corresponde a uma parte do bordo, recto com lábio em secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração da parede é de cariz geométrico, com um padrão de formas ovaladas com uma linha vertical no seu centro. A delinear junto ao bordo esta peça temos uma linha azul. A espessura média da parede de 0,004m.



Prato (CI/91/1149/192). Peça constituída por três fragmentos (1– 1029; 2– 1149) que correspondem a uma parte do fundo, raso em pé anelar baixo, e corpo, de forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Do que podemos observar do fundo é que a decoração se encontrava emoldurada em duas linhas concêntricas paralelas. A decoração da parede é de cariz geométrico e fitomórfico, das quais se destacam um conjunto de linhas paralelas verticais em direcção semiradial. O diâmetro do fundo seria de cerca de 0,115m, enquanto que a espessura média da parede seria de 0,005m.



Prato (CI/91/1149/193). Peça constituída por vinte e seis fragmentos (5– 1029; 7– 1142; 11– 1149; 1– 5373; 1– 5380) que correspondem a uma porção do bordo, recto com lábio em secção semicircular, fundo, raso em pé anelar baixo e corpo, de forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosa (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta algumas marcas de *craquelés* e de trempes em ambas superfícies. A pintura a azul é alguns pontos carregada dando um certo relevo à peça. A decoração do fundo interior é essencialmente de cariz vegetalista, enquanto que a parede interior encontra-se decorada com um padrão de "rendas" de três linhas. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,120m. Abertura do bordo tem cerca de 0,220m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Não Identificado (CI/91/1149/212). Peça constituída por dois fragmentos (1– 1142; 1– 1149) que correspondem a uma porção do fundo, raso. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão grosso a fino. A cor do núcleo da parede é rosa (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta algumas marcas de trempes em ambas as superfícies. Alguns dos traços da pintura são muito claros, quase cinzentos. A decoração do fundo interior é de cariz vegetalista desenvolvendo-se de forma radial. No espaço das grandes pétalas estão desenhados alguns elementos fitomórficos. A espessura média das paredes é de 0,008m.



Prato (CI/91/1149/213). Peça constituída por três fragmentos (1– 1142; 1– 1149; 1– 5195) que correspondem a uma porção do fundo, raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta algumas marcas e *craquelés* e de trempes em ambas superfícies. A decoração encontra-se emoldurada por uma duas linhas concêntricas paralelas que servem também de apoio ao arranque de um padrão de semicírculos duplos com três espirais em cada um do seu interior. Alguns motivos fitomórficos desenvolvem-se a partir destas linhas para o centro na qual temos em primeiro plano um elemento zoomórfico, presumivelmente um pato. O diâmetro do fundo é de 0,115m e a espessura média das paredes é de 0,003m.



Não Identificado (CI/91/1149/214). Peça constituída por três fragmentos (1– 1079; 1– 1142; 1– 1149) que correspondem a uma porção do fundo, raso. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração desenvolve-se a partir de um círculo central preenchida com um reticulado. A partir deste círculo expande-se de forma radial um padrão de formas ovaloídes preenchida com um linha vertical no seu interior. No intervalo de cada ovalo temos uma linha curta também horizontal. A espessura média das paredes é de 0,005m.



Prato (CI/91/1149/215). Peça constituída por dez fragmentos (3– 1024; 1– 1029; 6– 1149) que correspondem a uma porção do fundo, raso em pé anelar baixo, e corpo, de forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosa (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta marcas de trempes em ambas superfícies. Na decoração do fundo interior conseguimos identificar a letra "L", presumivelmente existiriam outras duas. Em cima da suposta letra central encontramos uma "voluta". Na parede interior encontramos vestígios do que seria um padrão de "rendas". O diâmetro do fundo é de cerca de 0,140m, e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Prato (CI/91/1149/216). Peça constituída por dezasseis fragmentos (8– 1029; 6– 1050; 1– 1149; 1– 5380) que correspondem a uma porção do bordo, recto com lábio biselado para o interior, fundo, raso em pé anelar baixo, e corpo, de forma subtroncocónica, e. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração do fundo interior e da parede são iguais. Aparenta-se com um renda completa, ou talvez roda de Stª Catarina. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,120m, o diâmetro do bordo de 0,190m e a espessura média das paredes é de 0,004m



Prato (CI/91/1149/217). Peça constituída por seis fragmentos (2– 1029; 4– 1149) que correspondem a uma porção do fundo, raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é amarela alaranjada (10YR 8/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de trempes em ambas superfícies. A decoração do fundo interior é constituída por um arranjo de "rendas" de três linhas. São visíveis duas, mas seriam provavelmente quatro. Estas estariam a criar uma moldura quadrangular no interior da qual ainda é possível ver duas linhas. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,120m e a espessura média das paredes é de 0,006m.



Prato (CI/91/1149/218). Peça constituída por vinte e dois fragmentos (1– 1149; 9– 5358; 3– 5360; 7– 5361; 2– 5362) que correspondem a uma porção do bordo, extrovertido com lábio em secção semicircular, fundo, raso em pé anelar baixo e corpo, de forma troncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela alaranjada (10YR 8/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. São visíveis marcas de trempes e de *craquelés* em ambas superfícies. A decoração do fundo interior é vegetalista, constituída por uma flor com cale no plano central rodeada por pequenos arranjos de fetos. A parede interior encontra-se pintada com um padrão de "rendas" de quatro linhas, delimitada por linhas semicirculares. A parede exterior encontra-se decorada com linhas em zigue zague dispostas na vertical alternadas com um conjunto de três linhas também dispostas na vertical. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,140m, a abertura do bordo é de 0,210m e a espessura média das paredes é de 0,007m.



Bico de jarro (CI/91/1149/219). Peça constituída por três fragmentos (1– 1149; 2– 1150) correspondentes à quase totalidade de um bico de jarro. Apresenta uma forma triangular, atingindo uma maior amplitude na sua abertura até quase desaperecer na sua base. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração é constituída peça representação de uma figura humana. Estando representada a cabeça e tronco. A figura encontra-se delimitada por uma moldura a azul nos limites da peça. Tem uma envergadura máxima de 0,090m.



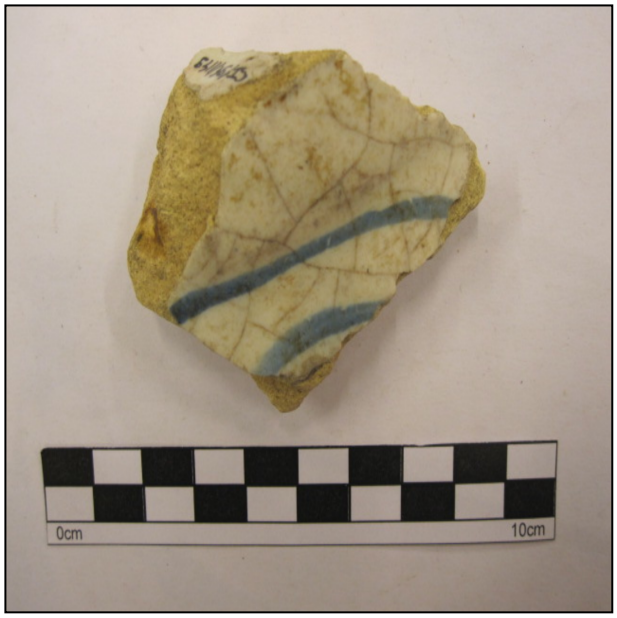
Não Identificado (CI/91/1149/a). Peça constituída por três fragmentos (1– 1029; 2– 1149) que correspondem a uma porção do fundo, raso. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, em tons de pastel, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. São visíveis marcas de trempes e *craquelés* em ambas superfícies. A decoração do fundo interior aparenta representar uma asa de anjo. A espessura média da parede é de cerca de 0,006m.



Taça/Tigela (CI/91/1149/b). Peça constituída por quatro fragmentos (3 – 1149; 1 – 5376) que correspondem a uma porção do fundo, raso em pé anelar baixo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor acinzentada, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração representada é uma legenda da qual conseguimos distinguir as letras "PIM..NTE.." provavelmente poderá estar inscrito o nome Pimentel. O diâmetro do fundo teria cerca de 0,063m enquanto que espessura média das paredes teria cerca de 0,006m.



Não Identificado (CI/91/1149/d). Peça com forma desconhecida. Este fragmento é mais espesso que o normal e tem cerca de três frentes preenchidas com esmalte. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela (10YR 8/4) e as três superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, em tons de pastel, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna e externa. São visíveis muitas marcas de *craquelés*. É visível na decoração a pintura de grandes pétalas. A espessura média das paredes é de 0.014m





Louça Malagueira

Depósito 1 – Armazém Norte (Alteamento da Casa da Moeda Norte)

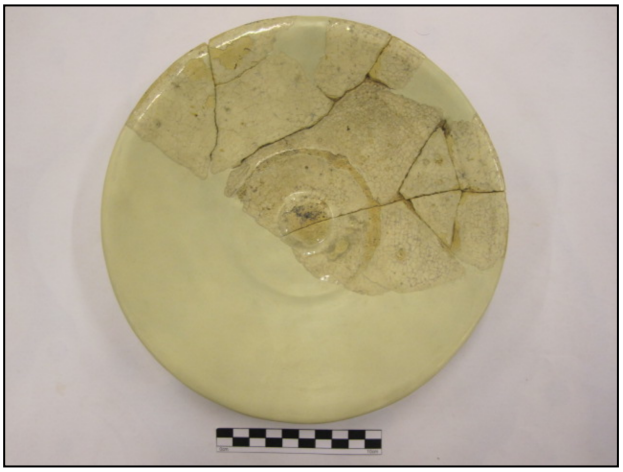
Século XVI

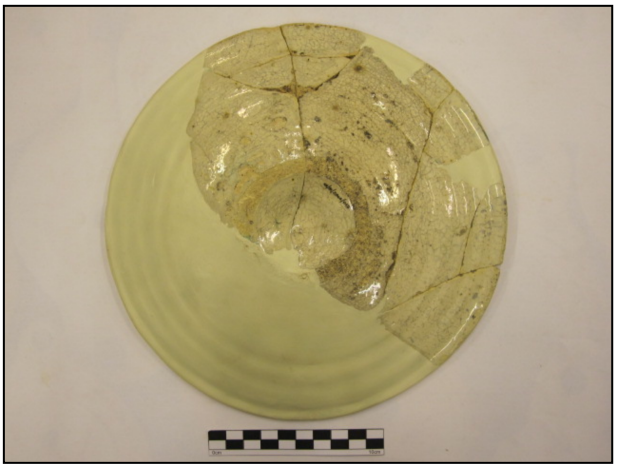
Tigela carenada (CI/91/2506/047). Peça restaurada constituída por dois fragmentos correspondentes a uma porção do fundo, em pé em pedestal anelar ligeiramente ônfalo, corpo, de forma subtroncocónica com carena acentuada, e bordo, recto com lábio em secção semicircular. A cor do núcleo da parede aparenta ser rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente, brilhante, e com uma coloração em tons pastel. São visíveis marcas de trempes e de *craquelés* em ambas superfícies. A peça tem uma altura de 0,058m, um diâmetro de bordo de 0,140m, um diâmetro de fundo de 0,063m e uma espessura média das paredes de 0,006m.



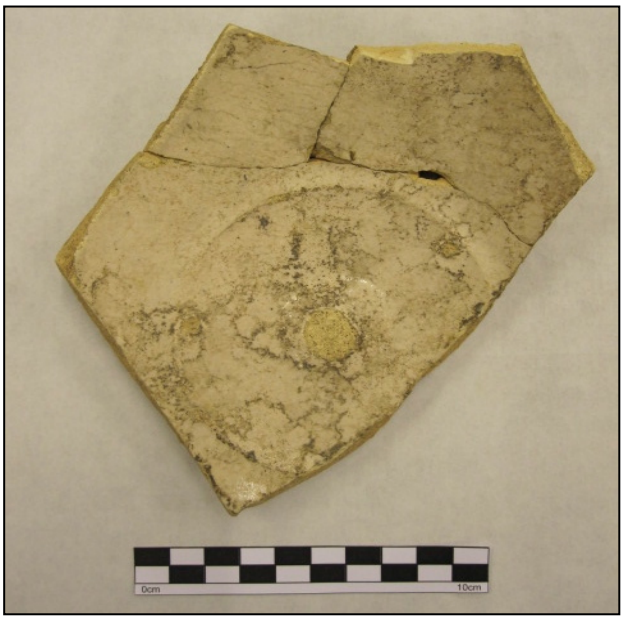


Prato (CI/91/2506/048). Peça restaurada constituída por onze fragmentos correspondentes a uma porção do fundo, em ônfalo, corpo, de forma em calote de aba oblíqua, e bordo, recto com lábio biselado para exterior. A cor do núcleo da parede aparenta ser amarelo escuro (10YR 8/5) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente, brilhante, e com uma coloração em tons pastel. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A peça tem uma altura de 0,038m, um diâmetro de bordo de 0,220m, um diâmetro de fundo de 0,050m e uma espessura média das paredes de 0,007m.





Prato (CI/91/2506/081). Fragmento correspondente a porção do fundo constituída por três fragmentos. Tinha forma subtroncocónica com aba oblíqua e base côncava com fundo em ônfalo. Apresenta uma pequena carena concêntrica a delimitar a aba do fundo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas as superfícies oferecem esmalte aderente opaco, de cor branca. Não apresenta vestígios de decoração. O fragmento apresenta uma espessura de 0,010m na parede, e cerca de 0,060m de diâmetro do fundo.



Prato (CI/94/2506/a). Fragmento correspondente a porção do fundo. Tinha forma subtroncocónica com aba oblíqua e base côncava com fundo em ônfalo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e um pouco porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino e cerâmica moída. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente opaco, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na parte interior. Apresenta vestígios de decoração simples, dois filetes paralelos concêntricos na aba junto ao fundo. O fragmento possui uma espessura de 0,011m na parede, e aproximadamente cerca de 0,040m a 0,050m de diâmetro de fundo.



Prato (CI/94/2506/b). Peça correspondente a porção do bordo constituída por dois fragmentos. Tinha forma subtroncocónica com aba oblíqua e muito provavelmente a base côncava com fundo em ônfalo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio e cerâmica moída. A cor do núcleo da parede é alaranjada (10YR 8/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente opaco, de cor branca. Não mostra vestígios de decoração. O fragmento apresenta uma espessura de 0,009m na parede, e aproximadamente cerca de 0,210m de diâmetro de abertura do bordo.



Prato (CI/94/2506/c). Peça correspondente a porção do bordo constituída por dois fragmentos. Tinha forma subtroncocónica com aba oblíqua e muito provavelmente a base côncava com fundo em ônfalo. O lábio é ligeiramente extrovertido. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio e cerâmica moída. A cor do núcleo da parede é amarelada (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente opaco, de cor branca. Não apresenta vestígios de decoração. Tem uma espessura de 0,007m na parede, e aproximadamente cerca de 0,210m de diâmetro de abertura do bordo.



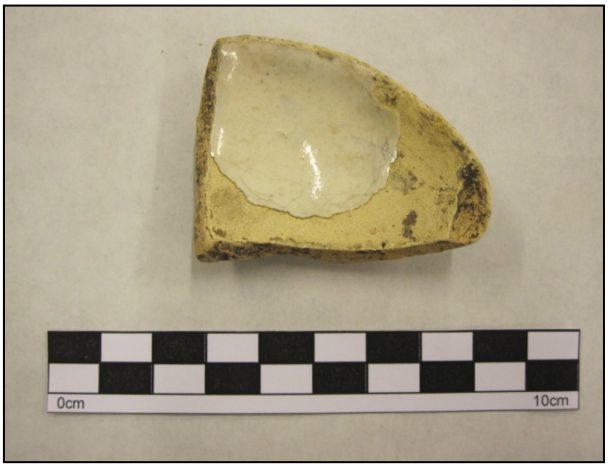
Prato (CI/94/2506/d). Peça correspondente a porção do fundo constituída por dois fragmentos. Tinha forma subtroncocónica com aba oblíqua, base côncava e muito provavelmente com fundo em ônfalo. Contém uma pequena carena concêntrica a delimitar a aba do fundo Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio e cerâmica moída. A cor do núcleo da parede é alaranjada (10YR 8/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente opaco, de cor esverdeado. Não apresenta vestígios de decoração. O fragmento tem uma espessura de 0,009m na parede, e aproximadamente cerca de 0,050m de diâmetro do fundo.



Prato (CI/94/2506/e). Peça correspondente a porção do fundo. Tinha forma subtroncocónica com aba oblíqua, base côncava e muito provavelmente com fundo em ônfalo. Apresenta uma pequena carena concêntrica a delimitar a aba do fundo Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio e cerâmica moída. A cor do núcleo da parede é ligeiramente rosado (7.5YR 8/3) e ambas as superfícies oferecem esmalte aderente opaco, de cor branca com a azulado. Não possui vestígios. O fragmento apresenta uma espessura de 0,010m na parede.



Taça/Covilhete (CI/94/2506/f). Peça correspondente à porção de bordo e fundo. Tinha forma de calote com bordo reentrante, de lábio biselado, e fundo raso. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem vestígios de esmalte aderente brilhante, de cor branca. Não apresenta vestígios de decoração. O fragmento tem uma espessura de 0,005m na parede, e cerca de 0,070m de diâmetro de abertura do bordo.



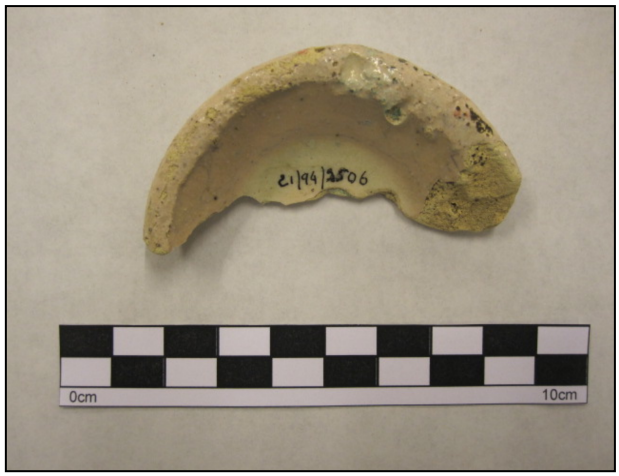
Tijela carenada (CI/94/2506/g). Peça correspondente a porção do fundo. Assenta num pé em anel com um interior em ônfalo e as suas paredes expandem-se para o exterior. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio e barro vermelho. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5R 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente opaco, de cor branca esverdeada. Não apresenta vestígios de decoração. O fragmento tem uma espessura de 0,007m na parede, e aproximadamente cerca de 0,060m de diâmetro do fundo anelar.



Tijela carenada (CI/94/2506/h). Peça correspondente a porção do fundo. Assenta num pé em anel e as suas paredes expandem-se para o exterior. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente opaco, de cor branca. Não apresenta decoração. O fragmento tem uma espessura de 0,008m na parede, e aproximadamente cerca de 0,070m de diâmetro do fundo anelar.



Tijela carenada (CI/94/2506/i). Peça correspondente a porção do fundo. Assenta num pé em anel. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas as superfícies oferecem esmalte aderente opaco, de cor branca ligeiramente rosada. Não exibe vestígios de decoração. O fragmento apresenta um diâmetro do fundo anelar de aproximadamente 0,070m.



Tijela carenada (CI/94/2506/j). Peça correspondente a porção do fundo. Assenta num pé em anel com um interior em ônfalo e as suas paredes expandem-se para o exterior. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente opaco, de cor branca. Não tem de decoração. O fragmento apresenta uma espessura de 0,009m na parede, e aproximadamente cerca de 0,060m de diâmetro do fundo anelar.



Tijela carenada (CI/94/2506/k). Fragmento correspondente a porção do bordo. Apresentava forma bi-troncocónica com uma inflexão acentuada da carena a meia altura para parte exterior terminando, muito provavelmente, num pé anelar ligeiramente oblíqua para o exterior da carena até ao bordo. O lábio é de secção semi-circular. Foi fabricado com pasta homogénea, espessa, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente opaco, de cor branca não muito brilhante e com marcas de *craquelés*. Não apresenta vestígios de decoração. O fragmento tem uma espessura de 0,005m na parede, e aproximadamente cerca de 0,140m de diâmetro da abertura do bordo.



Pega (CI/94/2506/l). Pega horizontal polilobulada provavelmente pertencente a uma escudela. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente opaco, de cor branca. Não exibe de decoração. O fragmento tem uma espessura máxima de 0,015m no sítio de ligação à restante peça, e cerca de 0,005m na sua extremidade.



Pega (CI/94/2506/m). Pega vertical cilíndrica. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio. A cor do núcleo da parede é vermelha alaranjada (5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente opaco, de cor branca. Não tem decoração. O fragmento apresenta uma espessura máxima de 0,017m.



Prato (CI/91/2523/033). Fragmento correspondente a porção do bordo e do fundo. Tinha forma subtroncocónica com aba oblíqua e base côncava com fundo em ônfalo. Apresenta uma pequena carena concêntrica a delimitar a aba do fundo. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio e cerâmica moída. A cor do núcleo da parede é alaranjada (10YR 8/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente opaco, de cor branca com tendência a esverdeado. Não exibe vestígios de decoração. O fragmento tem uma espessura de 0,010m na parede, e cerca de 0,190m de diâmetro do bordo.



Tijela carenada (CI/96/2582/a). Fragmento correspondente a porção do fundo. Assenta num pé em anel e as suas paredes expandem-se para o exterior. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente opaco, de cor branca. Não apresenta vestígios de decoração. O fragmento exemplar apresenta uma espessura de 0,008m na parede, e aproximadamente cerca de 0,060m de diâmetro do fundo anelar.



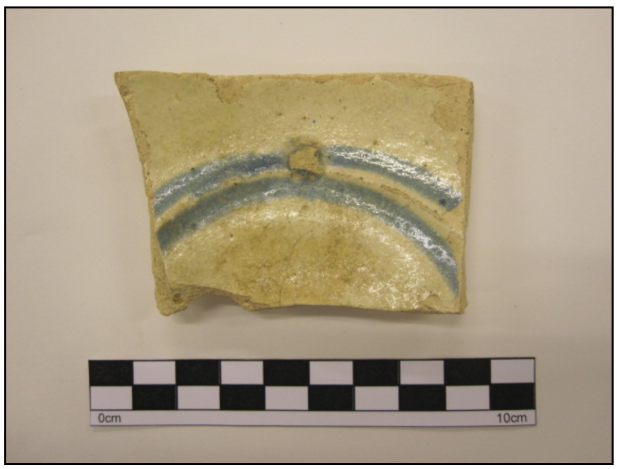
Tijela carenada (CI/96/2582/b). Fragmento correspondente a porção do fundo. Assenta num pé em anel e as suas paredes expandem-se para o exterior. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio. A cor do núcleo da parede é cor de laranja (10YR 8/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente opaco, de cor branca esverdeada. Não exibe vestígios de decoração. O fragmento apresenta uma espessura de 0,008m na parede, e aproximadamente cerca de 0,060m de diâmetro do fundo anelar.



Depósito 2 – Salão Sul Alteamento da Casa da Moeda Sul)

1º terço do século XVII (1600/1630)

Prato (CI/94/1512/a). Fragmento que corresponde à parte do fundo, em ônfalo, e parte da aba. Tem um perfil troncocónico. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a finíssimo. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente ligeiramente baço, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração é constituída por duas linhas paralelas concêntricas no fim da aba. O diâmetro do fundo em ônfalo teria cerca de 0.050m de diâmetro enquanto que a espessura média das paredes é de cerca de 0,006m.



Tigela;/escudela (CI/94/1554/b). Fragmento que corresponde à parte do fundo, raso em pé anelar baixo, e parte da parede. Tem um perfil troncocónico. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é branca e porosa (10YR 8/1) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente ligeiramente baço, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração é constituída por uma linha concêntrica na passagem do fundo para o corpo. O diâmetro do fundo teria cerca de 0.070m de diâmetro enquanto que a espessura média das paredes é de cerca de 0,007m.



Tigela/Escudela (CI/93/1723/a). Fragmento que corresponde à parte do fundo, raso em pé anelar, e parte da parede. Tem um perfil troncocónico. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosa claro (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente ligeiramente baço, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração aparenta ser uma marca ou letra centrada no fundo interior. O diâmetro do fundo teria cerca de 0.070m de diâmetro enquanto que a espessura média das paredes é de cerca de 0,007m.



Tigela/Escudela (CI/94/1738/a). Peça constituída por quatro fragmentos que correspondem à parte do fundo, raso em pé anelar, e parte da parede. Tem um perfil troncocónico. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosa claro (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente ligeiramente baço, de cor pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração é constituída por duas linhas paralelas concêntricas no fundo e outras duas na parede do corpo. A espessura média das paredes é de cerca de 0,007m.



Prato (CI/94/1738/b). Quatro fragmentos que correspondem à parte do fundo, parede, de perfil troncocónico, e bordo, recto com lábio em secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosa (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente ligeiramente baço, de cor amarelada e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração é constituída por duas linhas paralelas concêntricas no fundo e outras duas junto ao bordo. O diâmetro da abertura do bordo é de 0,220m e a espessura média das paredes é de cerca de 0,006m.



Depósito 3 – Salão Norte (saibreira).

3º quartel do século XVII (1640/1675)

Prato (CI/91/1050/092). Três fragmentos (1– 1050; 2– 1079) correspondentes as uma porção do bordo, recto com lábio biselado para o exterior, fundo raso, em pé anelar baixo. Apresenta forma subtroncocónica com aba oblíqua. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel. São visíveis, em ambas superfícies, marcas de *craquelés*. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,120m, a abertura do bordo de 0,220m e tem uma espessura média na parede de 0,005m.



Prato (CI/91/1142/074). Porção do fundo. Este é raso e em pé anelar baixo. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é rosa (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor pastel. São visíveis marcas de *craquelés* e trempes em ambas as superfícies. O diâmetro do fundo é de cerca de 0,110m e a espessura da parede é de cerca de 0,005m.



Faiança de Importação

Depósito 1 – Armazém Norte (Alteamento da Casa da Moeda Norte)

Século XVI

Não identificado (CI/94/2506/a). Fragmento correspondente a porção de parede. Não se conseguiu identificar a sua possível origem. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos, quartzosos e cerâmica vermelha moída de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é ligeiramente rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície externa. Apresenta vestígios de decoração vegetalista. O fragmento tem uma espessura de 0,005 na parede e cerca de 0,023m de cumprimento e 0,026m de largura.



Não identificado (CI/94/2506/b). Fragmento correspondente a porção de parede. Não se conseguiu identificar a sua possível origem. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos, quartzosos e cerâmica vermelha moída de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é ligeiramente rosada (7.5YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto na superfície externa. Apresenta vestígios de decoração vegetalista. O fragmento possui uma espessura de 0,005 na parede e cerca de 0,020m de cumprimento e 0,019m de largura.



Não identificado (CI/94/2506/c). Fragmento correspondente a porção de parede. Não se conseguiu identificar a sua possível origem. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos, quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto castanho e verde na superfície externa. Apresenta vestígios de decoração vegetalista. Pode ser italiana. O fragmento tem uma espessura de 0,006m na parede e cerca de 0,040m de cumprimento e 0,022m de largura.



Não identificado (CI/94/2506/d). Fragmento correspondente a porção de parede. Apresentava forma bitroncocónica delimitando a orientação da peça com uma carena Não se conseguiu identificar a sua possível origem. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos, quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração restrita a duas pinceladas de verde claro na superfície externa. Pode ser espanhola. O fragmento apresenta uma espessura de 0,005m na parede e cerca de 0,048m de cumprimento e 0,032m de largura.



Não identificado (CI/94/2506/e). Fragmento correspondente a porção de pega ondulada. É uma peça de importação não se conhecendo a sua origem. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e um pouco porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino e cerâmica moída. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor azul e com decoração na cor de azul cobalto. Exibe vestígios de decoração não identificada em ambas as superfícies. Pode ser italiana O fragmento apresenta uma espessura de 0,004m na parede e cerca de 0,015m de cumprimento e 0,013m de largura.



Não identificado (CI/94/2506/f). Fragmento correspondente a porção de parede. É uma peça de importação não se conhecendo a sua origem. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta e um pouco porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino e cerâmica moída. A cor do núcleo da parede é branca (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto e amarelo na parte exterior. Apresenta vestígios de decoração não identificada na superfície externa. O fragmento tem uma espessura de 0,005m na parede e cerca de 0,020m de cumprimento e 0,011m de largura.



Tigela (CI/94/2506/g). Peça correspondente a porção do fundo constituída por dois fragmentos. Assenta num pé em anel com um interior em ônfalo e as suas paredes expandem-se para o exterior de forma ligeiramente oblíqua. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta e porosa contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino a médio. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem vestígios de esmalte pouco aderente opaco, de cor branca no interior e verde no exterior. Sem decoração. O fragmento tem uma espessura de 0,010m na parede, e aproximadamente cerca de 0,080m de diâmetro do fundo anelar.



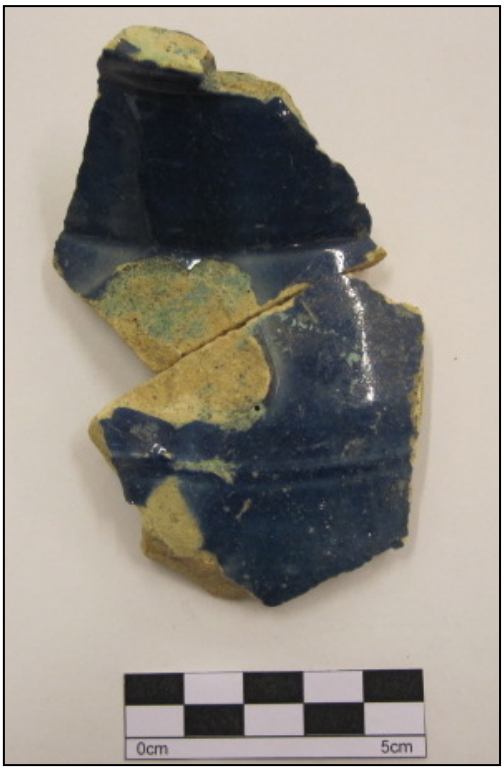
Não identificado (CI/95/2545/a). Peça correspondente à porção de bordo. Forma aberta, bordo plano com lábio ligeiramente introvertido. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta contendo elementos não plásticos micaceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é rosada (7.5YR 8/4) e ambas superfícies oferecem vestígios de esmalte fino e pouco aderente de cor esbranquiçada com um ligeiro tom verde restrita a uma pequena parte da parede exterior. Não apresenta vestígios de decoração. O fragmento tem uma espessura de 0,011m na parede, e aproximadamente cerca de 0,220m de diâmetro de abertura de bordo.



Prato (CI/96/2582/a). Fragmento correspondente a porção de parede e fundo. Tinha forma subtroncocónica com aba oblíqua e fundo em pé anelar. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão muito fino. A cor do núcleo da parede é bege acinzentada (7.5YR 8/2) e ambas as superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor branca. Apresenta uma decoração fitomórfica, contendo uma palete de cores como azul (com dois tons), amarelo, verde e vinoso na superfície interna. Majólica italiana. O fragmento tem uma espessura de 0,005m na parede e cerca de 0,051m de cumprimento e 0,033m de largura.



Jarra (CI/96/2582/b) Peça constituída por dois fragmentos correspondendo à porção do corpo. Apresenta uma forma globular. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem vestígios de esmalte aderente e brilhante, de cor azul no interior e exterior. Ostenta algumas falhas de vidrado. A peça tem uma espessura de 0,006m na parede e cerca de 0,088m de comprimento e 0,055m de largura aproximadamente.


0cm
5cm

Depósito 3 – Salão Norte (saibreira).

3º quartel do século XVII (1640/1675)

Prato (CI/91/1024/b). Peça constituída por dez fragmentos (1– 1024; 5– 1029; 2– 1142; 2– 1149) correspondentes a uma porção do bordo, extrovertido com lábio em secção semicircular, e parede. Tinha forma troncocónica com parede oblíqua. Foi fabricada com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela escura (10YR 8/6) e a superfície interna oferece um esmalte aderente e brilhante, de cor branca e com decoração na cor de azul cobalto. Superfície externa oferece um vidrado translúcido. A decoração das paredes internas são de cariz vegetalista. Poderá tratar-se de uma peça espanhola. O diâmetro do bordo é de cerca de 0,220m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Prato (CI/91/1050/148). Peça constituída por quinze fragmentos (2– 1024; 4– 1029; 6– 1050; 1– 1079; 1– 1086; 1– 5376) que correspondem a uma parte do bordo corpo e fundo. Tinha forma subtroncocónica com aba oblíqua. O bordo é extrovertido e tem o lábio biselado para o exterior. O fundo é raso, assente em pé baixo anelar muito grosso com 0,018m de largura. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarela clara (10YR 8/3) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente, fino e muito brilhante, de cor branca a pastel e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. Apresenta marcas de *craquelés* em ambas superfícies. O interior do fundo e a aba exibem uma decoração vegetalista com o desenho de flores e respectivas folhas flor e suas folhas. A passagem do fundo para a aba é delimitada por

duas linhas paralelas concêntricas de pincelada perfeita. O bordo também tem uma linha com as mesmas características. Esta peça tem uma forma, características técnicas e decoração distintas das restantes que estamos a estudar. Poderá ser espanhola. O diâmetro de fundo de 0,100m, o diâmetro de bordo de 0,240m e a espessura média das paredes de 0,006m.



Prato (CI/91/1050/d). Peça constituída por dezoito fragmentos (1– 1024; 10– 1050; 4– 1090; 1– 1149; 1– 5380; 1– 5384) que corresponde quase à totalidade do fundo, raso em pé anelar baixo, e uma porção da parede. Apresenta uma forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é avermelhado (10R 6/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor verde e com decoração em tons de castanho na superfície interna. Trata-se obviamente de um peça importada cuja a decoração é difícil de deslindar, talvez um brasão. Além do círculo central, em que uma metade é preenchido com pinceladas a fazer lembrar uma roda dentada, conseguimos visualizar uma espécie de "volutas" no interior a partir da qual se desenvolve uma linha que culmina numa cruz já no exterior do círculo. A abertura do fundo tem cerca de 0,110m enquanto que a espessura média da parede é de cerca de 0,005m.



Prato (CI/91/1050/e). Peça constituída por três fragmentos que correspondem a uma porção da parede e aba de uma prato. Este teria uma forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é amarelo escuro (10YR 8/6) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor azulada e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração é constituída por um "aranhão" e por uns elementos geométricos constituídos por linhas paralelas ou semicirculares cujo desenho não podemos ver na totalidade. O tipo de pasta, esmalte e elementos decorativos leva-nos a crer que se pode tratar de uma peça de importação holandesa (Delft). A espessura média das paredes é de cerca de 0,004m.



Taça/Tigela (CI/91/1050/f). Peça constituída por sete fragmentos (2– 1050; 2– 5373; 3– 5384) que correspondem a uma porção do bordo com lábio em secção semicircular e parte do corpo. Teria uma forma ovaloíde. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão médio a fino. A cor do núcleo da parede é alaranjada (10YR 8/8) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e brilhante, de cor acinzentada e com decoração em tons de castanho na superfície externa. São visíveis marcas de *craquelés* em ambas superfícies. A decoração é de cariz vegetalista sendo visível a representação de duas flores com grandes pétalas, provavelmente crisântemos. Outros motivos aparentam estar representados não sendo no entanto possível entender quais as suas característica. Junto ao lábio está pintada uma linha concêntrica que deveria estar em torno da totalidade da peça. Talvez de origem espanhola. A abertura do bordo é de 0,200m e a espessura média das paredes é de 0,005m.



Prato (CI/91/1149/c). Peça constituída por dois fragmentos que correspondem a uma porção da aba. Teria uma forma subtroncocónica. Foi fabricado com pasta homogénea, compacta, contendo elementos não plásticos micáceos e quartzosos de grão fino. A cor do núcleo da parede é bege (10YR 8/2) e ambas superfícies oferecem esmalte aderente e muito brilhante, de cor branca, e com decoração na cor de azul cobalto na superfície interna. A decoração encontra-se dividida em cartelas. Nesta peça conseguimos distinguir a representação de um "aranhão" ladeada pelo que parecem ser "laços". O estilo do desenho, assim como a pasta e esmalte levam-nos a crer que esta peça seja holandesa (Delft). A espessura média da parede é de cerca de 0,005m.


0cm
10cm